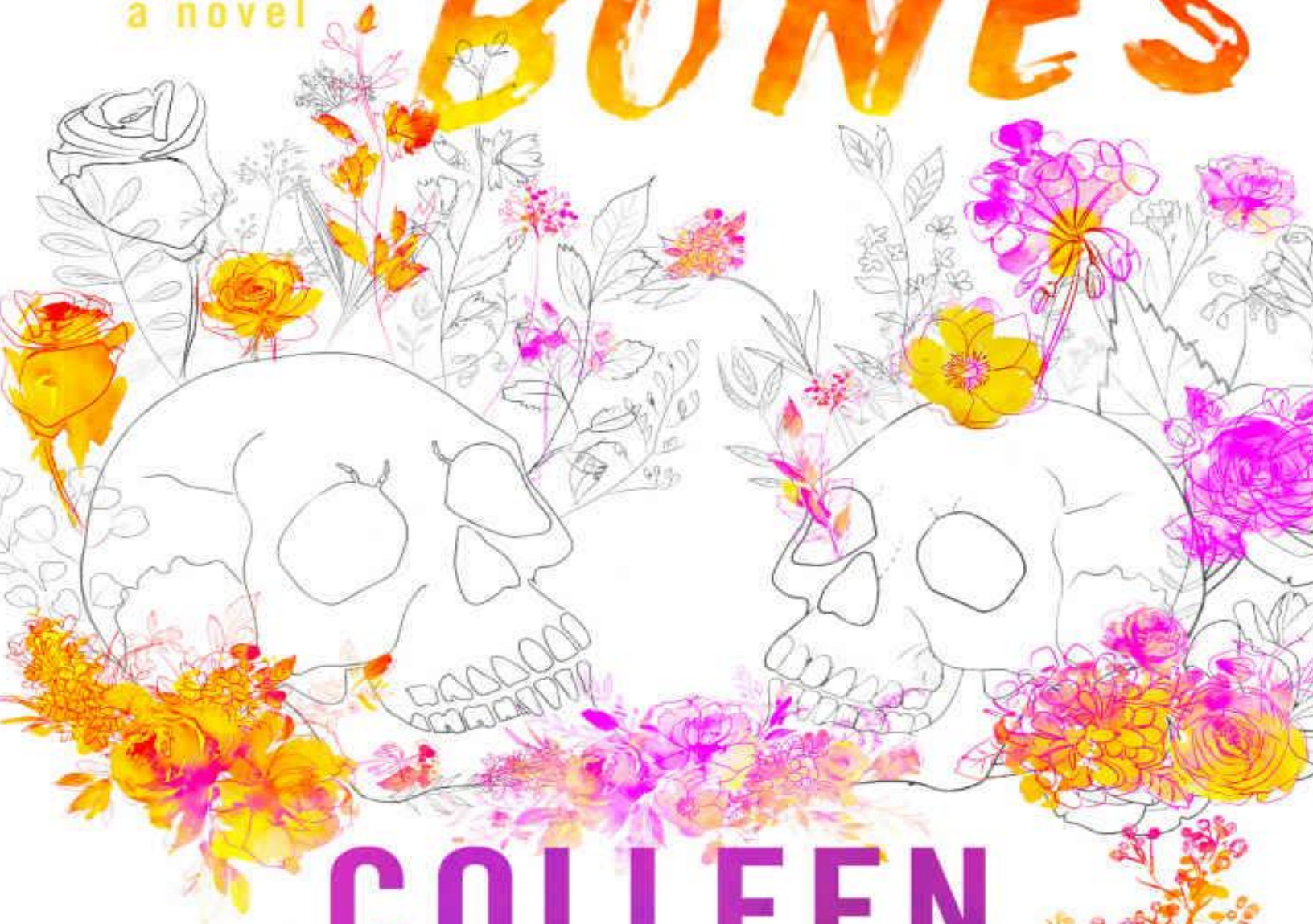
HEART BONES

a novel



COLLEEN HOOVER

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

PARCERIA

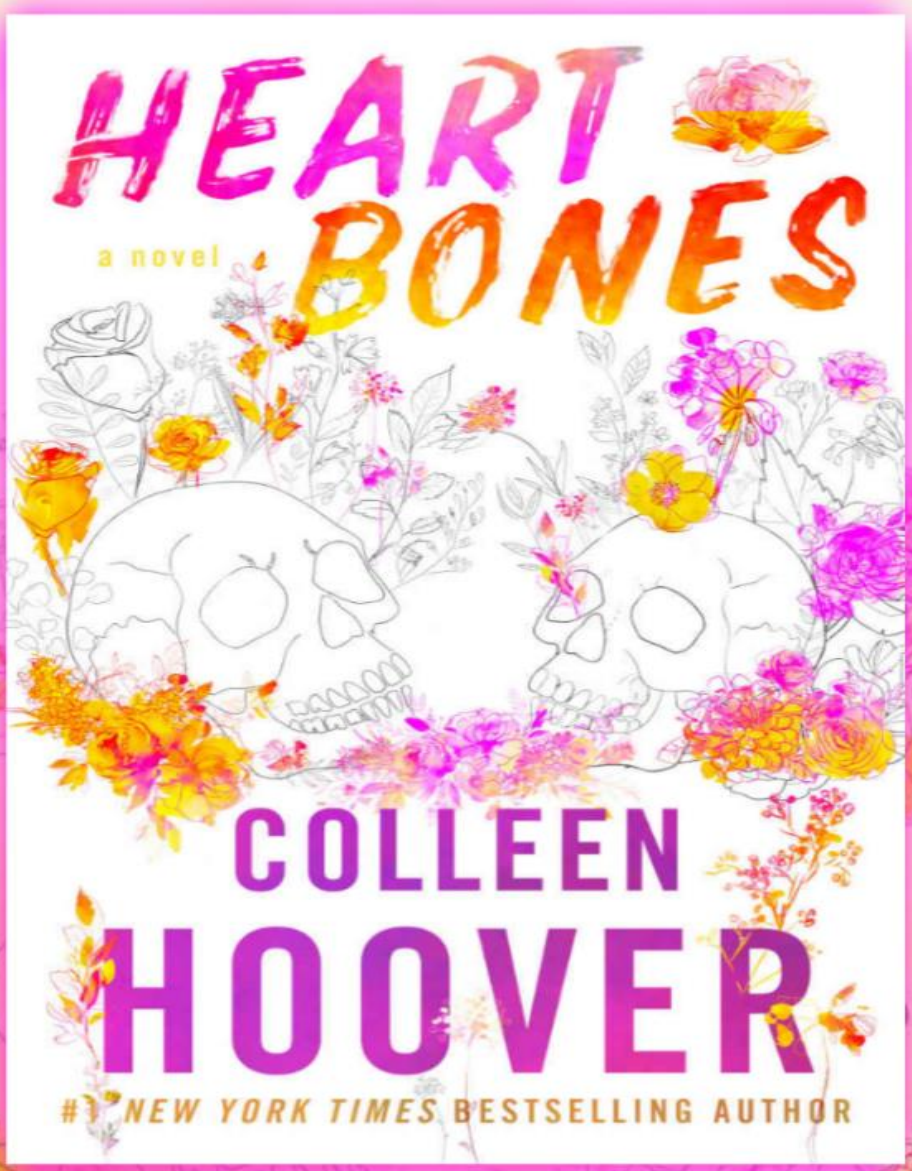


Valkyrias

Traduções

PARCERIA

LANÇAMENTO



SINOPSE

Vida e um sobrenome sombrio são as únicas duas coisas que os pais de Beyah lhe deram. Forçada a trilhar seu próprio caminho sozinha, Beyah está a caminho de coisas maiores e melhores, graças a ninguém além de si mesma.

Com apenas dois curtos meses separando-a do futuro que ela construiu para si mesma e do passado que ela deseja desesperadamente abandonar, uma morte inesperada deixa Beyah sem nenhum lugar para ir durante esse período.

Forçada a chamar seu último recurso, Beyah não tem outra opção a não ser passar o resto de seu verão em uma península no Texas com um pai que ela mal conhece.

O plano de Beyah é manter a cabeça baixa e deixar o verão passar sem problemas, mas seu novo vizinho Samson joga uma chave nesse plano.

Samson e Beyah não têm nada em comum na superfície. Ela vem de uma vida de pobreza e abandono; ele vem de uma família rica e privilegiada.

Mas, uma coisa que eles têm em comum é que ambos são atraídos por coisas tristes.

O que significa que eles são atraídos um pelo outro.

Com uma conexão quase imediata, muito intensa para eles continuarem negando, Beyah e Samson concordam em ficar no final de uma aventura de verão. O que Beyah não percebe é que uma correnteza está chegando e está prestes a arrastar seu coração para o mar.

UM

Verão 2015

Há uma foto de Madre Teresa que está pendurada na parede da nossa sala de estar onde uma televisão estaria se pudéssemos pagar o tipo de televisão que fica pendurada na parede, ou mesmo uma casa com o tipo de paredes que poderiam conter uma televisão.

As paredes de um trailer não são feitas do mesmo material que são feitas as paredes de uma casa normal. Em um trailer, as paredes desmoronam sob suas unhas como giz, se você ao menos coçar.

Uma vez perguntei à minha mãe, Janean, por que ela mantém uma foto de Madre Teresa na parede da nossa sala.

— A vadia era uma fraude, — disse ela.

Suas palavras. Não minhas.

Acho que quando você é a pior das pessoas, descobrir o pior nas outras se torna uma espécie de tática de sobrevivência. Você se concentra fortemente na escuridão das pessoas na esperança de mascarar a verdadeira sombra de sua própria escuridão. Foi

assim que minha mãe passou a vida inteira. Sempre buscando o pior das pessoas. Até sua própria filha.

Até Madre Teresa.

Janean está deitada no sofá na mesma posição em que estava quando saí para o meu turno no McDonald's, há oito horas. Ela está olhando para a foto de Madre Teresa, mas não está realmente *olhando* para ela. É como se seus olhos tivessem parado de funcionar.

Parou de absorver.

Janean é uma viciada. Percebi isso por volta dos nove anos, mas naquela época seus vícios eram limitados a homens, álcool e jogos de azar.

Com o passar dos anos, seus vícios se tornaram mais perceptíveis e muito mais mortais. Acho que foi há cinco anos, quando eu fiz quatorze anos, quando a peguei injetando metanfetamina pela primeira vez. Uma vez que uma pessoa começa a usar metanfetamina regularmente, seu tempo de vida diminui drasticamente. Pesquisei no Google uma vez na biblioteca da escola. *Por quanto tempo uma pessoa pode viver com o vício em metanfetamina?*

Seis a sete anos, é o que diz a Internet.

Descobri que ela não responde várias vezes ao longo dos anos, mas isso é diferente. Isso parece final.

— Janean? — Há uma calma em minha voz que certamente não deveria estar presente agora. Sinto que minha voz deveria estar trêmula ou indisponível. Sinto-me um tanto envergonhada pela minha falta de reação neste momento.

Eu deixo cair minha bolsa aos meus pés enquanto olho intensamente para o rosto dela do outro lado da sala. Está chovendo lá fora e eu nem fechei a porta da frente ainda, então ainda estou me encharcando. Mas, fechar a porta e proteger minhas costas da chuva é a menor das minhas preocupações agora, enquanto olho para Janean enquanto ela olha para Madre Teresa.

Um dos braços de Janean está envolto em sua barriga e o outro está pendurado no sofá, seus dedos descansando suavemente no tapete gasto. Ela está um pouco inchada e isso a faz parecer mais jovem. Não mais jovem do que sua idade -- ela tem apenas 39 anos -- mas mais jovem do que seus vícios a fazem parecer. Suas bochechas são um pouco menos côncavas e as rugas que se formaram ao redor de sua boca nos últimos anos parecem ter sido suavizadas por Botox.

— Janean?

Nada.

Sua boca está ligeiramente aberta, revelando pedaços amarelos de dentes lascados e podres. É como se ela estivesse no meio de uma frase quando a vida escapou dela.

Já faz um tempo que imagino esse momento. Às vezes, quando você odeia alguém o suficiente, você não consegue evitar de ficar acordado na cama à noite, imaginando como seria a vida se essa pessoa estivesse morta.

Eu imaginei isso de forma diferente. Imaginei que seria muito mais dramático.

Fico olhando para Janean por outro momento, esperando para ver se ela está apenas em algum tipo de transe. Dou alguns passos em direção a ela e paro quando vejo seu braço. Há uma agulha pendurada na pele logo abaixo da parte interna do cotovelo.

Assim que vejo, a realidade do momento desliza sobre mim como um filme viscoso e me deixa nauseada. Me viro e corro para fora da casa. Parece que estou prestes a vomitar, então me inclino sobre o corrimão apodrecido, com cuidado para não colocar muita pressão nele para que não se curve sob minhas mãos.

Fico aliviada assim que fico enjoada, porque estava começando a me preocupar com minha falta de reação a este momento de mudança de vida. Posso não estar tão histérica como uma filha deveria estar neste momento, mas pelo menos sinto *algo*.

Limpo minha boca com a manga da minha camisa de trabalho do McDonald's. Sento-me nos degraus, apesar da chuva ainda cair sobre mim desde o céu noturno sem coração.

Meu cabelo e minhas roupas estão encharcados. Meu rosto também, mas nenhum líquido escorrendo pelo meu rosto são lágrimas.

São tudo gotas de chuva.

Olhos molhados e coração seco.

Fecho os olhos e pressiono o rosto contra as mãos, tentando decidir se meu distanciamento é por causa da minha educação, ou se nasci quebrada.

Eu me pergunto que tipo de educação é pior para um humano. Do tipo em que você é protegido e amado a ponto de não saber como o mundo pode ser cruel até que seja tarde demais para adquirir as habilidades de enfrentamento necessárias ou o tipo de casa em que cresci. A versão mais feia de uma família, onde enfrentar é a única coisa que você aprende.

Antes de ter idade suficiente para trabalhar pela comida que comprava, muitas noites eu ficava acordada, sem conseguir dormir porque meu estômago doía de fome. Janean me disse uma vez que o rosnado vindo do meu estômago era um gato faminto que vivia dentro de mim, e o gato rosnaria se eu não o alimentasse o suficiente. Cada vez que ficava com fome depois disso, imaginava aquele gato na minha barriga procurando pela comida que não estava lá. Temia que ele me consumisse se não o alimentasse, então, às vezes comia coisas que não eram comestíveis apenas para satisfazer o gato faminto.

Certa vez, ela me deixou sozinha por tanto tempo que comi cascas de banana velha e cascas de ovo do lixo. Eu até tentei comer alguns pedaços de recheio de dentro da almofada do sofá, mas era muito difícil de engolir. Passei a maior parte da minha infância morrendo de medo de estar sendo lentamente comida por dentro por aquele gato faminto.

Não sei se ela já esteve ausente por mais de um dia por vez, mas quando você é criança, o tempo parece se esgotar quando você está sozinho.

Lembro que ela entrou tropeçando pela porta da frente e caiu no sofá e ficou lá por horas. Adormeci enrolada na outra extremidade do sofá, com muito medo de deixá-la sozinha.

Mas então, nas manhãs após seu retorno bêbada, acordava para encontrá-la preparando o café da manhã na cozinha. Nem sempre era o café da manhã tradicional. Às vezes eram ervilhas, às vezes ovos, às vezes uma lata de canja de galinha.

Por volta dos seis anos, comecei a prestar atenção em como ela mexia no fogão nessas manhãs, porque sabia que precisaria saber como fazê-lo na próxima vez que ela desaparecesse.

Me pergunto quantas crianças de seis anos têm que aprender a usar um fogão porque acreditam que, se não o fizerem, serão comidas vivas por seu gato faminto interior.

É a sorte do sorteio, eu acho. A maioria das crianças tem o tipo de pais que sentirá falta depois de morrer. O resto de nós ganha o tipo de pais que se tornam pais melhores depois que morrem.

A coisa mais legal que minha mãe já fez por mim foi morrer.



Buzz me disse para me sentar em seu carro de polícia para que eu estivesse fora da chuva e fora de casa enquanto eles recuperavam o corpo dela. Observei entorpecida enquanto a carregavam em uma maca, coberta com um lençol branco. Eles a colocaram na traseira de uma van do legista. Nem se incomodou em levá-la de ambulância. Não fazia sentido. Quase todas as pessoas com menos de cinquenta anos que morrem nesta cidade morrem de vício.

Nem importa o tipo -- eles são todos mortais no final.

Pressiono minha bochecha contra a janela do carro e tento olhar para o céu. Não há estrelas esta noite. Não consigo nem ver a lua. De vez em quando, um raio cai, revelando aglomerados de nuvens negras.

Apropriado.

Buzz abre a porta de trás e se abaixa. A chuva diminuiu para uma névoa agora, então seu rosto está molhado, mas só o faz parecer que está pingando suor.

— Você precisa de uma carona para algum lugar? — Ele pergunta.

Eu balancei minha cabeça.

— Precisa ligar para alguém? Você pode usar meu celular.

Balancei minha cabeça novamente. — Eu vou ficar bem. Posso voltar para dentro agora?

Não sei se quero muito voltar para o trailer onde minha mãe deu seu último suspiro, mas não tenho alternativa mais atraente no momento.

Buzz dá um passo para o lado e abre um guarda-chuva, embora a chuva tenha diminuído e eu já esteja encharcada. Ele fica um passo atrás de mim, segurando o guarda-chuva sobre minha cabeça enquanto caminho em direção à casa.

Não conheço Buzz muito bem. Conheço seu filho, Dakota. Eu conheço Dakota de muitas maneiras – todas as maneiras que gostaria de não conhecer.

Me pergunto se Buzz sabe que tipo de filho ele criou. Buzz parece um cara decente. Ele nunca deu a mim ou minha mãe

muita merda. Às vezes, ele para o carro em sua patrulha pelo estacionamento de trailers. Ele sempre pergunta como estou, e tenho a sensação de que quando ele pergunta isso, ele meio que espera que eu implore para me tirar daqui. Mas, não quero. Pessoas como eu são extremamente habilidosas em fingir que estamos bem. Sempre sorrio e digo a ele que estou ótima, e então ele suspira como se estivesse aliviado por eu não ter dado a ele um motivo para ligar para os Serviços de Proteção à Criança.

Assim que volto para a sala de estar, não consigo deixar de olhar para o sofá. Parece diferente agora. *Como se alguém tivesse morrido por causa disso.*

— Você vai ficar bem essa noite? — Buzz pergunta.

Me viro e ele está parado do lado de fora da porta com o guarda-chuva sobre a cabeça. Ele está olhando para mim como se estivesse tentando ser simpático, mas sua mente provavelmente está resolvendo toda a papelada que isso acabou de causar.

— Eu estou bem.

— Você pode ir para a funerária amanhã para planejar os arranjos. Eles disseram que qualquer hora depois das dez está bom.

Eu aceno, mas ele não sai. Ele apenas fica por um momento, arrastando os pés, de um pé inseguro para o outro. Ele fecha o

guarda-chuva do lado de fora da porta como se fosse supersticioso, então dá um passo para dentro da casa. — Você sabe, — diz ele, franzindo o rosto com tanta força que sua cabeça careca espalha rugas sobre a testa. — Se você não aparecer na casa funerária, eles podem declarar que é um enterro de indigente. Você não poderá ter nenhum tipo de serviço para ela, mas, pelo menos eles não podem te apresentar uma conta. — Ele parece envergonhado por ter sugerido isso. Seus olhos disparam para a pintura de Madre Teresa e então ele olha para seus pés como se ela tivesse apenas o repreendido.

— Obrigada. — Duvido que alguém apareça se fizer uma cerimônia, de qualquer maneira.

É triste, mas é verdade. Minha mãe estava sozinha, se alguma coisa. Claro, ela andava com sua turma de sempre no bar que frequenta há quase vinte anos, mas essas pessoas não eram seus amigos. Eles são apenas outras pessoas solitárias, procurando uns aos outros para que possam ser solitários juntos.

Até mesmo essa multidão diminuiu graças ao vício que devastou esta cidade. E o tipo de pessoa com quem ela saía não é o tipo de pessoa que aparece em um funeral. A maioria deles provavelmente mandam pendentes e evitam qualquer tipo de evento organizado na chance de que seja uma manobra da polícia para fazer uma ordem de prisão.

— Você precisa ligar para o seu pai? — Ele pergunta.

Eu fico olhando para ele por um momento, sabendo que é o que vou acabar fazendo, mas me perguntando quanto tempo posso adiar.

— Beyah, — diz ele, pronunciando meu nome de forma longa.

— É pronunciado *Bay*-uh. — Não sei por que o corrijo. Ele fala isso errado desde que o conheço, e nunca me importei o suficiente para corrigi-lo antes deste momento.

— *Beyah,* — ele corrige. — Eu sei que este não é o meu lugar, mas... você precisa sair desta cidade. Você sabe o que acontece com pessoas como... — Ele para de falar, como se o que estava prestes a dizer fosse me insultar.

Termino a frase por ele. — Com pessoas como eu?

Ele parece ainda mais envergonhado agora, embora saiba que ele se refere apenas a *pessoas como eu* em um sentido amplo. Pessoas com mães como a minha. Pobres pessoas sem saída desta cidade. Pessoas que acabam trabalhando em fast food até ficarem dormentes por dentro, e o cozinheiro de fritura oferece a eles um hit de algo que faz o resto do turno sentir que estão em uma discoteca e, antes que percebam, não conseguem sobreviver a um único segundo de seu dia miserável sem golpe após golpe, perseguindo esse sentimento mais rápido do que perseguindo a

segurança de seu próprio filho, até que eles estejam atirando direto em suas veias e olhando para Madre Teresa enquanto morrem acidentalmente, quando o que todos eles sempre queriam realmente era uma fuga da feiura.

Buzz parece desconfortável de pé dentro desta casa. Gostaria que ele simplesmente fosse embora. Sinto mais pena dele do que de mim mesma, e fui eu quem acabou de encontrar a mãe morta no sofá.

— Eu não conheço seu pai, mas sei que ele está pagando o aluguel deste trailer desde que você nasceu. Isso aí me diz que ele é uma opção melhor do que ficar nesta cidade. Se você tem uma saída, você precisa usá-la. Esta vida que você tem vivido aqui não é boa o suficiente para você.

Essa pode ser a coisa mais legal que alguém já me disse. E está vindo do pai de Dakota, de todas as pessoas.

Ele me encara por um momento, como se quisesse dizer outra coisa. Ou talvez ele queira que eu responda. De qualquer forma, a sala permanece em silêncio até que ele acene com a cabeça e depois saia. Finalmente.

Depois que ele fecha a porta da frente, me viro e olho para o sofá. Fico olhando por tanto tempo que me sinto atordoada. É estranho como toda a sua vida pode mudar completamente nas horas entre acordar e ir para a cama.

Por mais que odeie admitir, Buzz está certo. Não posso ficar aqui. Nunca planejei, mas pelo menos penso que ainda tenho o verão para me preparar para minha saída.

Estou trabalhando pra caramba para sair desta cidade e, assim que agosto chegar, estarei em um ônibus para a Pensilvânia.

Recebi uma bolsa de vôlei na Penn State. Em agosto, estarei fora desta vida, e não será por causa de qualquer coisa que minha mãe fez por mim, ou porque meu pai me livrou daqui. Será por *minha* causa.

Eu quero essa vitória.

Eu quero ser a razão de sair do jeito que vou acabar.

Recuso-me a permitir que Janean receba qualquer crédito por qualquer coisa boa que possa acontecer no meu futuro. Nunca contei a ela sobre a bolsa de vôlei que recebi. Não contei a ninguém. Jurei segredo ao meu treinador e não permiti nem mesmo um artigo no jornal, ou uma oportunidade de foto para o anuário.

Também nunca contei a meu pai sobre a bolsa de estudos. Nem tenho certeza se ele sabe que jogo vôlei. Meus treinadores certificaram-se de que eu tinha tudo de que precisava, como suprimentos, equipamentos e um uniforme. Era boa o suficiente

para que eles não permitissem que minha situação financeira me impedisse de fazer parte do time.

Não precisei pedir a meus pais nada relacionado ao vôlei.

É estranho até mesmo se referir a eles como pais. Eles me deram vida, mas foi a única coisa que recebi deles.

Sou o produto de um caso de uma noite. Meu pai morava em Washington e estava no Kentucky a negócios quando conheceu Janean. Eu tinha três meses antes mesmo que ele soubesse que engravidou Janean. Ele descobriu que era pai quando ela lhe entregou papéis de pensão alimentícia.

Ele vinha me ver uma vez por ano até ter quatro anos; então, ele começou a me levar de avião para Washington para visitá-lo.

Ele não sabe nada sobre minha vida em Kentucky. Ele não sabe nada sobre os vícios de minha mãe. Ele não sabe nada sobre mim, exceto o que apresento a ele, e isso é muito pouco.

Sou extremamente reservada sobre todos os aspectos da minha vida. Os segredos são minha única forma de moeda.

Não contei a meu pai sobre minha bolsa de estudos pelo mesmo motivo que nunca contei à minha mãe. Não quero que ele se orgulhe de ter uma filha que realizou algo. Ele não merece sentir orgulho de uma criança na qual não coloca uma fração de seu esforço. Ele acha que uma verificação mensal e telefonemas

intermitentes para o meu trabalho são suficientes para encobrir o fato de que ele mal me conhece.

Ele é um pai de *duas semanas no ano*.

Por estarmos tão distantes no mapa, é conveniente para ele desculpar sua ausência em minha vida. Fiquei com ele catorze dias em cada verão, desde os meus quatro anos, mas nos últimos três anos, nem o vi.

Assim que fiz dezesseis anos e entrei para o time do colégio, o vôlei se tornou uma parte ainda maior da minha rotina diária, então parei de voar para vê-lo. Faz três anos que estou inventando desculpas para explicar por que não posso fazer nossas visitas.

Ele finge estar chateado.

Finjo estar me desculpando e ocupada.

Desculpe, *Brian*, mas um cheque mensal de pensão alimentícia o torna responsável; isso não faz de você um pai.

Há uma batida repentina na porta que me assusta o suficiente para que eu solte um grito. Me viro e vejo o proprietário pela janela da sala. Normalmente, eu não abriria para Gary Shelby, mas não estou realmente em posição de ignorá-lo. Ele sabe que estou acordada. Tive de usar o telefone dele para ligar para a polícia. Além disso, meio que preciso descobrir o que fazer com este sofá. Eu não quero mais isso dentro desta casa.

Quando abro a porta, Gary me entrega um envelope enquanto entra para sair da chuva.

— O que é isso? — Pergunto-lhe.

— Ordem de despejo.

Se fosse qualquer um que não fosse Gary Shelby, ficaria surpresa.

— Ela literalmente morreu. Você não podia esperar uma semana?

— Ela está com três meses de atraso no aluguel e eu não alugo para adolescentes. Vou precisar de um novo contrato de aluguel com alguém com mais de vinte e um anos, ou você vai ter que se mudar.

— Meu pai paga o aluguel dela. Como estamos três meses atrasados?

— Sua mãe disse que ele parou de mandar cheques para ela há alguns meses. O Sr. Renaldo está procurando um lugar maior, então estou pensando em deixá-los mudar para...

— Você é um idiota, Gary Shelby.

Gary encolhe os ombros. — É um negócio. Já enviei dois avisos. Tenho certeza que você tem outro lugar para ir. Você não pode simplesmente ficar aqui sozinha, você tem apenas dezesseis anos.

— Eu fiz dezenove na semana passada.

— De qualquer maneira, você tem que ter vinte e um. Termos do contrato de locação. Isso e realmente pagar o aluguel.

Tenho certeza de que há algum tipo de processo de despejo que precisa passar pelos tribunais antes que ele possa realmente me forçar a sair pela porta, mas é inútil lutar quando nem quero mais morar aqui.

— Quanto tempo eu tenho?

— Vou te dar uma semana.

Uma semana? Tenho vinte e sete dólares em meu nome e absolutamente nenhum lugar para ir.

— Posso ter dois meses? Vou para a faculdade em agosto.

— Talvez, se você já não estivesse três meses atrasada. Mas são três meses em cima de dois meses e não posso dar a *ninguém* quase meio ano de aluguel grátis.

— Você é um idiota, — murmuro baixinho.

— Já cobrimos isso.

Repasso uma lista mental de amigos em potencial com quem eu poderia ficar pelos próximos dois meses, mas Natalie foi para a faculdade um dia depois de nos formarmos para obter uma vantagem nas aulas de verão. O resto dos meus amigos, ou

desistiram e estão a caminho de se tornarem os próximos Janeanos, ou têm famílias que já sei que não permitiriam.

Há Becca, mas ela tem aquele padrasto desprezível. Prefiro morar com Gary em vez de perto daquele homem.

Estou no meu último recurso.

— Preciso usar seu telefone.

— Está ficando tarde, — ele diz. — Você pode usá-lo amanhã.

Empurro passando por ele e desço as escadas. — Você deveria ter esperado até amanhã para me dizer que sou uma sem-teto então, Gary!

Eu caminho na chuva, direto para a casa dele. Gary é o único que sobrou neste parque de trailers que ainda tem telefone fixo e, como a maioria de nós aqui é pobre demais para ter telefones celulares, todo mundo usa o telefone de Gary. Pelo menos eles fazem se eles estão em dia com o aluguel e não estão tentando evitá-lo.

Já se passou quase um ano desde a última vez que liguei para meu pai, mas tenho o número dele memorizado. É o mesmo número de celular que ele tem há oito anos. Ele me liga no trabalho uma vez por mês, mas na maioria das vezes evito sua ligação. Não se pode conversar muito com um homem que mal conheço, então prefiro não falar com ele a vomitar mentiras como:

— Mamãe está bem. A escola é boa. O trabalho é bom. A vida é boa.

Engulo meu orgulho espesso e compacto e disco seu número. Espero ir para o correio de voz, mas meu pai atende no segundo toque.

— Aqui é Brian Grim. — Sua voz está áspera. Eu o acordei.

Limpo minha garganta. — Hum. Olá, pai.

— Beyah? — Ele parece muito mais acordado e preocupado agora que sabe que sou eu. — O que há de errado? Está tudo bem?

Janean morreu está na ponta da minha língua, mas não consigo tirar. Ele mal conhecia minha mãe. Faz tanto tempo que ele esteve em Kentucky, a última vez que ele pôs os olhos nela, ela ainda era meio bonita e não parecia um esqueleto raso e trôpego.

— Sim. Estou bem, — digo.

É muito estranho dizer a ele que ela morreu por telefone. Vou esperar e contar a ele pessoalmente.

— Por que você está ligando tão tarde? O que há de errado?

— Trabalho até tarde e é difícil para mim conseguir um telefone.

— É por isso que te enviei o telefone celular.

Ele me mandou um telefone celular? Nem mesmo me preocupo em perguntar sobre isso. Tenho certeza de que minha mãe o vendeu por algumas das coisas que estão congeladas em suas veias agora.

— Ouça, — digo. — Sei que já faz um tempo, mas eu queria saber se poderia fazer uma visita antes de começar as aulas na faculdade.

— Claro, — ele diz sem hesitação. — Diga o dia e comprarei uma passagem de avião.

Eu olho para Gary. Ele está a apenas alguns metros de distância, olhando para meus seios, então me afasto dele. — Eu esperava poder ir amanhã.

Há uma pausa e ouço um movimento do outro lado da linha, como se ele estivesse se arrastando para fora da cama. — Amanhã? Tem certeza de que está bem, Beyah?

Deixo minha cabeça cair para trás e fecho meus olhos enquanto minto para ele novamente. — Sim. Janean só … preciso de uma pausa. E sinto sua falta.

Eu não sinto falta dele. Eu mal o conheço. Mas o que quer que me faça sair daqui o mais rápido.

Posso ouvir a digitação vinda da extremidade do meu pai, como se ele estivesse em um computador. Ele começa a murmurar horários e nomes de companhias aéreas. — Posso colocá-la em um voo da United para Houston amanhã de manhã. Você precisa estar no aeroporto em cinco horas. Quantos dias você quer ficar?

— Houston? Por que Houston?

— Eu moro no Texas agora. Estou há um ano e meio.

Isso provavelmente é algo que uma filha deveria saber sobre seu pai. Pelo menos ele ainda tem o mesmo número de celular.

— Oh. Sim, esqueci. — Agarro minha nuca. — Você pode comprar uma passagem só de ida por enquanto? Não tenho certeza de quanto tempo quero ficar. Talvez algumas semanas.

— Sim, vou comprá-la agora. Basta encontrar um agente da United no aeroporto pela manhã e eles imprimirão seu cartão de embarque. Encontro você na esteira de bagagens quando você pousar.

— Obrigada. — Termino a ligação antes que ele possa dizer mais alguma coisa. Quando me viro, Gary joga o polegar na direção da porta da frente.

— Posso te dar uma carona até o aeroporto, — diz ele. — Vai te custar, no entanto. — Ele sorri, e a forma como seus lábios se

curvam faz meu estômago revirar. Quando Gary Shelby se oferece para fazer um favor a uma mulher, não é em troca de dinheiro.

E se vou trocar favores com alguém por uma carona até o aeroporto, prefiro que seja Dakota do que Gary Shelby.

Estou acostumada com Dakota. Por mais que eu o despreze, ele tem sido confiável.

Pego o telefone novamente e disco o número de Dakota. Meu pai disse que preciso estar no aeroporto em cinco horas, mas se eu esperar até Dakota dormir, ele pode não atender o telefone. Quero chegar lá enquanto ainda tenho oportunidade.

Fico aliviada quando Dakota atende à ligação. Ele parece meio adormecido quando diz: — Sim?

— Ei. Eu preciso de um favor.

Há um momento de silêncio antes de Dakota dizer: — Sério, Beyah? É o meio da noite.

Ele nem pergunta do que preciso, ou se está tudo bem. Ele fica imediatamente irritado comigo. Eu deveria ter acabado com o que quer que seja isso entre nós assim que começou.

Limpo minha garganta. — Eu preciso de uma carona para o aeroporto.

Posso ouvir Dakota suspirar como se eu fosse um incômodo para ele. Eu sei que não sou. Posso não ser mais do que uma

transação para ele, mas é uma transação da qual ele parece não se cansar.

Ouço o ranger de sua cama como se ele estivesse sentado. — Não tenho nenhum dinheiro.

— Não estou... não estou ligando para isso. Preciso de uma carona para o aeroporto. Por favor.

Dakota geme e diz: — Dê-me meia hora — Ele desliga. Eu também.

Passo por Gary e me certifico de bater sua porta de tela ao sair de sua casa.

Com o passar dos anos, aprendi a não confiar nos homens. A maioria das pessoas com quem interagi são como Gary Shelby. Buzz é bom, mas não posso ignorar que ele criou Dakota. E Dakota é apenas um Gary Shelby mais jovem e mais bonito.

Ouço pessoas falando sobre homens bons, mas estou começando a achar que isso é um mito. Achei que Dakota era um dos bons. A maioria deles apenas parecem ser Dakotas por fora, mas por baixo de todas essas camadas de epiderme e tecido subcutâneo, há uma doença correndo em suas veias.

Quando volto para dentro de minha própria casa, olho ao redor do meu quarto, perguntando-me se há alguma coisa que ainda queira levar comigo. Não tenho muito que valha a pena embalar, então pego algumas mudas de roupa, minha escova de

cabelo e minha escova de dentes. Enfio minhas roupas em sacos plásticos antes de colocá-las na mochila para que não molhem, caso eu fique presa na chuva.

Antes de sair pela porta da frente para esperar por Dakota, tiro o quadro de Madre Teresa da parede. Tento enfiá-lo na minha mochila, mas não cabe. Pego outro saco plástico e coloco o quadro nele, depois o carrego comigo para fora de casa.

DOIS

Uma mãe morta, uma parada em Orlando e várias horas de atrasos no tempo depois, estou aqui.

No *Texas.*

Assim que saio do avião e entro na ponte de saída do avião, posso sentir o calor do fim da tarde derretendo e queimando minha pele como se eu fosse feita de manteiga.

Ando sem vida, sem esperança, seguindo as placas de retirada de bagagem para encontrar o pai de quem sou meio feita, mas de alguma forma totalmente desacostumada.

Não tenho experiências negativas com ele em minhas memórias. Na verdade, os tempos que passei com meu pai no verão são algumas das minhas únicas boas lembranças de infância.

Meus sentimentos negativos em relação a ele vêm de todas as experiências *que não* tive com ele. Quanto mais velha fico, mais claro fica para mim o pouco esforço que ele fez para fazer parte da minha vida. Às vezes me pergunto o quão diferente eu seria se tivesse passado mais tempo com ele do que com Janean.

Ainda seria o mesmo ser humano desconfiado e cético que me tornei se tivesse passado mais momentos bons do que ruins?

Talvez sim. Ou talvez não. Às vezes, acredito que as personalidades são moldadas mais pelo dano do que pela bondade.

A bondade não penetra tão profundamente em sua pele quanto o dano. O dano mancha tanto sua alma que você não pode limpá-lo. Ele fica lá para sempre, e sinto que as pessoas podem ver todos os meus danos apenas olhando para mim.

As coisas poderiam ter sido diferentes para mim se o dano e a bondade tivessem o mesmo peso em meu passado, mas, infelizmente, não têm. Poderia contar a bondade mostrada para mim em ambas as mãos. Eu não poderia contar o dano causado a mim mesmo usando as mãos de todas as pessoas neste aeroporto.

Levei um tempo para ficar imune aos danos. Para construir aquela parede que protege a mim e ao meu coração de pessoas como minha mãe. De caras como Dakota.

Agora sou feita de aço. *Venha para mim, mundo. Você não pode danificar o impermeável.*

Quando viro o corredor e vejo meu pai através do vidro que separa o lado seguro do aeroporto do não seguro, faço uma pausa. Olho para suas pernas.

Ambas.

Me formei no colégio há apenas duas semanas, e embora certamente não esperasse que ele aparecesse na minha formatura, meio que tinha uma pequena esperança de que ele apareceria. Mas uma semana antes de me formar, ele me deixou uma mensagem no trabalho e me disse que quebrou a perna e não poderia pegar o voo para Kentucky.

Nenhuma de suas pernas parece quebrada daqui.

Sou imediatamente grata por ser impermeável, porque essa mentira é provavelmente algo que, de outra forma, teria me prejudicado.

Ele está próximo à esteira de bagagens, sem muletas à vista. Ele está andando para frente e para trás sem mancar ou mesmo dar um passo em falso. Não sou médica, mas acho que uma perna quebrada leva mais do que algumas semanas para sarar. E mesmo que curasse naquele curto período, certamente haveria limitações físicas residuais.

Já me arrependo de ter vindo aqui e ele nem mesmo pôs os olhos em mim ainda.

Tudo aconteceu tão rápido nas últimas vinte e quatro horas que não tive a chance de que tudo me alcançasse. Minha mãe está morta, nunca mais colocarei os pés em Kentucky novamente

e terei que passar as próximas semanas com um homem com quem passei menos de duzentos dias desde que nasci.

Mas vou aguentar.

É o que eu faço.

Ando pela saída e entro na área de retirada de bagagem quando meu pai olha para cima. Ele para de andar, mas suas mãos estão enfiadas nos bolsos da calça jeans e ficam lá por um momento. Há um nervosismo nele e meio que gosto disso. Quero que ele se sinta intimidado por sua falta de envolvimento em minha vida.

Quero a vantagem neste verão. Não consigo me imaginar morando com um homem que pensa que será capaz de compensar o tempo perdido me tratando como um pai. Na verdade, preferiria que apenas coexistíssemos em sua casa e não falássemos até a hora de eu ir para a faculdade em agosto.

Caminhamos em direção um ao outro. Ele deu o primeiro passo, então eu me certifico de dar o último. Não nos abraçamos porque estou segurando minha mochila, minha bolsa e o saco plástico que contém Madre Teresa. Não sou uma abraçadora. Todo aquele toque, aperto e sorriso não está na minha agenda de reunião.

Nós acenamos desajeitadamente um para o outro e é óbvio que somos estranhos que compartilham nada além de um sobrenome sombrio e algum DNA.

— Uau, — ele diz, balançando a cabeça enquanto me observa. — Você está crescida. E bonita. E tão alta... e...

Eu forço um sorriso. — Você parece mais velho.

Seu cabelo preto está salpicado de fios brancos e seu rosto está mais cheio. Ele sempre foi bonito, mas a maioria das meninas acha que seus pais são bonitos. Agora que sou adulta, posso ver que ele é realmente um homem bonito.

Mesmo pais caloteiros podem ser bonitos, eu acho.

Há algo diferente nele que não tem nada a ver com o envelhecimento. Não sei o que é. Não sei se gosto.

Ele aponta para o carrossel de bagagem. — Quantas malas você tem?

— Três.

A mentira sai da minha boca imediatamente. Às vezes me impressiono com a facilidade com que as fabricações chegam até mim. Outro mecanismo de enfrentamento que aprendi vivendo com Janean. — Três grandes malas vermelhas. Achei que poderia ficar mais algumas semanas, então trouxe tudo.

A campainha toca e o carrossel começa a girar. Meu pai caminha até onde a bagagem começa a derramar para fora da esteira. Eu puxo a alça da minha mochila no ombro – a mochila que contém tudo que eu trouxe comigo.

Não tenho nem uma mala, muito menos três vermelhas. Mas talvez se ele achar que o aeroporto perdeu minha bagagem, ele se ofereça para substituir meus pertences inexistentes.

Sei que fingir perder uma bagagem inexistente é enganoso. Mas a perna dele não está quebrada, então isso nos deixa quites.

Mentira por mentira.

Esperamos vários minutos em completo desconforto pela bagagem que sei que não vai chegar.

Digo a ele que preciso me refrescar e passo pelo menos dez minutos no banheiro. Tirei meu uniforme de trabalho antes de entrar no avião. Coloquei um dos vestidos de verão que estava amassado na minha mochila. Ficar sentada o dia todo em aeroportos e em um assento de avião apertado o deixou ainda mais enrugado.

Eu fico olhando para meu reflexo no espelho. Não me pareço muito com meu pai. Tenho os cabelos castanhos opacos e sem vida da minha mãe e os olhos verdes do meu pai. Eu também tenho a boca do meu pai. Minha mãe tinha lábios finos, quase

invisíveis, então pelo menos meu pai me deu algo diferente de seu sobrenome.

Mesmo que pedaços de mim se assemelhem a pedaços deles, nunca me senti como se pertencesse a nenhum deles. É como se eu me adotasse quando era criança e desde então estou sozinha. Esta visita com meu pai parece exatamente assim ... uma visita. Não sinto que estou voltando para casa. Nem sinto que acabei de sair de casa.

O lar ainda parece um lugar mítico que estive procurando por toda a minha vida.

Quando consigo sair do banheiro, todos os outros passageiros já se foram e meu pai está em um balcão preenchendo um formulário para minha bagagem perdida.

— Isso mostra que não havia bagagem despachada com esta passagem, — diz o agente ao meu pai. — Você tem o recibo? Às vezes, eles colam no verso da passagem.

Ele me olha. Encolho os ombros inocentemente. — Estava atrasada, então mamãe os verificou para mim depois que me entregaram minha passagem.

Me afasto do balcão, fingindo estar interessada em uma placa fixada na parede. O agente diz a meu pai que entrarão em contato se encontrarem as malas.

Meu pai se aproxima de mim e aponta para a porta. — O carro é por aqui.



O aeroporto fica a dezesseis quilômetros de nós. Seu GPS diz que sua casa está a sessenta e três milhas à nossa frente. Seu carro cheira a loção pós-barba e sal.

— Depois que você estiver acomodada, Sara pode levá-la até a loja para pegar o que você precisa.

— Quem é Sara?

Meu pai olha para mim como se não tivesse certeza se estou brincando ou não.

— Sara. Filha de Alana.

— Alana?

Ele olha de volta para a estrada e eu vejo uma pequena mudança em sua mandíbula enquanto ela se contrai. — Minha esposa? Enviei-lhe um convite para o casamento no verão passado. Você disse que não podia faltar ao trabalho.

Oh. *Essa* Alana. Não sei nada sobre ela além do que estava impresso no convite.

— Não sabia que ela tinha uma filha.

— Sim, bem. Não falamos muito este ano. — Ele diz isso como se guardasse algum ressentimento próprio.

Espero estar interpretando mal seu tom, porque não tenho certeza de como ele poderia estar ressentido comigo de alguma forma, ou jeito. Ele é o pai. Sou apenas um produto de suas escolhas erradas e da falta de anticoncepcionais.

— Há muito para colocar em dia, — acrescenta.

Oh, ele não tem ideia.

— Sara tem irmãos? — Pergunto. Eu rezo para que ela não tenha. A ideia de passar o verão com mais do que apenas meu pai já é um choque para meu sistema. Não aguento mais voltagem.

— Ela é filha única. Um pouco mais velha que você, uma caloura na faculdade, em casa no verão. Você vai amá-la.

Veremos. Eu li Cinderela.

Ele alcança a ventilação. — Está quente aqui? Muito frio?

— Está bom.

Gostaria que ele tocasse alguma música. Não sei como ter uma conversa confortável com ele ainda.

— Como está sua mãe?

Fico rígida quando ele faz essa pergunta. — Ela está... — faço uma pausa. Eu nem sei como dizer. Sinto que esperei tanto para tocar no assunto, que agora me pareceria estranho ou preocupante não ter contado a ele pelo telefone ontem à noite. Ou quando o vi pela primeira vez no aeroporto. E há a mentira que contei ao agente de passagens – que foi minha mãe quem me deixou no aeroporto.

— Ela está melhor do que há muito tempo. — me inclino para o lado do meu assento para encontrar a alavanca para incliná-lo para trás. Em vez de uma alavanca, encontro um monte de botões. Eu os empurro até que meu assento finalmente começa a reclinar. — Me acorda quando chegarmos lá? — Eu o vejo acenar com a cabeça, e me sinto meio mal, mas não sei quanto tempo isso vai durar e realmente só quero fechar meus olhos e tentar dormir e evitar perguntas que eu não sei quais posso responder.

TRÊS

Minha cabeça é sacudida por um balanço violento. Meus olhos se abrem e todo o meu corpo estremece.

— É uma balsa, — diz meu pai. — Desculpe, é sempre turbulento na rampa.

Olho para meu pai, um pouco desconcertado. Mas então tudo volta para mim.

Minha mãe morreu ontem à noite.

Meu pai ainda não faz ideia.

Eu tenho uma meia-irmã e uma madrasta.

Olho pela minha janela, mas há fileiras de carros bloqueando minha visão em todas as direções. — Por que estamos em uma balsa?

— O GPS disse que havia um tráfego de duas horas na rodovia 87. Provavelmente um acidente. Achei que a balsa para a Península Bolívar seria mais rápida a esta hora do dia.

— Balsa para *onde*?

— É onde fica a casa de verão de Alana. Você vai amar.

— Casa de *verão?* — Eu levanto uma sobrancelha. — Você se casou com alguém que tem casas sazonais?

Meu pai ri levemente, mas não era uma piada.

Quando fiquei com ele pela última vez, ele morava em um apartamento barato de um quarto em Washington e eu dormia no sofá. Agora ele tem uma esposa com mais de uma casa?

Fico olhando para ele por um momento, percebendo porque ele parece diferente. Não é a idade. *É o dinheiro.*

Ele nunca foi um homem rico. Nem mesmo perto. Ele ganhava o suficiente para pagar a pensão alimentícia e comprar um apartamento de um quarto, mas era o tipo de pai que costumava economizar cortando o próprio cabelo e reutilizando copos plásticos.

Mas olhando para ele agora, é aparente que as pequenas mudanças nele são porque ele tem dinheiro. Um corte de cabelo que ele pagou. Roupas de marca. Um carro que tem botões em vez de alavancas.

Olho para seu volante e vejo um gato prateado brilhante saltando no centro dele.

Meu pai dirige um Jaguar.

Posso sentir meu rosto se contorcendo em uma careta, então olho pela janela antes que ele possa ver a repugnância irradiando de mim. — Você está rico agora?

Ele ri novamente. Odeio isso. Eu odeio ouvir as pessoas rirem; é a mais condescendente de todas as risadas. — Consegui uma promoção alguns anos atrás, mas não o tipo de promoção que me permitiria casas sazonais. O divórcio de Alana deixou-a com alguns bens, mas ela também é dentista, então está bem para si mesma.

Uma dentista.

Isso é tão ruim.

Cresci em um trailer com uma mãe viciada em drogas, e agora estou prestes a passar o verão em uma casa de praia com uma madrasta que tem doutorado, o que significa que sua filha é provavelmente uma garota rica e mimada que não terá nada em comum comigo.

Eu deveria ter ficado em Kentucky.

Não conheço bem as pessoas, mas sou ainda pior em me misturar com pessoas que têm dinheiro.

Preciso sair deste carro. Eu preciso de um momento para mim.

Levanto meu assento, tentando dar uma olhada melhor pela janela para ver se outras pessoas estão fora de seus carros. Nunca estive no oceano antes, nem em uma balsa. Meu pai viveu em Spokane a maior parte da minha vida e não é perto da água, então Kentucky e Washington são os únicos dois estados que estive até agora.

— Posso sair do carro?

— Sim, — diz ele. — Há um deck de observação no andar de cima. Temos cerca de quinze minutos.

— Você está saindo?

Ele balança a cabeça e pega seu telefone celular. — Tenho algumas ligações para fazer.

Saio do carro e olho para a parte de trás da balsa, mas há famílias jogando pedaços de pão para gaivotas pairando no ar. Também há uma multidão na frente da balsa e no deck de observação acima de mim, então ando até sair da vista de meu pai. Não há ninguém do outro lado do barco, então faço meu caminho entre os carros.

Quando alcanço a grade, a agarro e me inclino para frente, olhando para o oceano pela primeira vez na minha vida.

Se o claro tivesse cheiro, seria esse.

Estou convencida de que nunca inalei respirações mais puras do que as que estou inalando agora. Fecho meus olhos e respiro tanto quanto posso. Há algo no ar salgado que me perdoa, pois se mistura com o ar viciado do Kentucky ainda grudado nas paredes dos meus pulmões.

A brisa chicoteia meu cabelo, então o agarro em minhas mãos e torço, em seguida, prendo com o elástico que usei no pulso o dia todo.

Olho para o oeste. O sol está prestes a se pôr e todo o céu está redemoinhos de rosa, laranja e vermelho. Já vi o pôr do sol inúmeras vezes, mas nunca vi o sol quando está separado de mim por nada mais do que o oceano e uma pequena faixa de terra. Parece que está balançando acima da terra como uma chama flutuante.

É o primeiro pôr do sol que já senti tão profundo no meu peito. Sinto meus olhos começarem a lacrimejar com a beleza absoluta disso.

O que isso diz sobre mim? Ainda não derramei uma lágrima por minha mãe, mas posso de alguma forma dispensar uma por um ato repetitivo da natureza?

Não posso deixar de ficar um pouco comovida com isso, no entanto. O céu está rodeado de tantas cores, é como se a terra tivesse escrito um poema usando as nuvens, comunicando o seu apreço a todos nós que cuidamos dela.

Eu inalo outra respiração profunda, querendo me lembrar dessa sensação, desse cheiro e do som das gaivotas para sempre. Estou com medo de que o poder de tudo desapareça quanto mais eu experimente isso. Sempre tive curiosidade sobre isso – se as pessoas que moram na praia a apreciam menos do que as pessoas cuja única vista é a varanda dos fundos da casa de merda do senhorio.

Olho em volta, querendo saber se as pessoas nesta balsa estão levando essa visão como certa. Alguns deles estão olhando para o pôr do sol. Muitos deles permanecem em seus carros.

Se estou prestes a passar o verão com vistas como esta, será que começarei a levá-la como garantido?

Alguém do fundo da balsa grita que existem golfinhos e, embora eu adorasse ver um golfinho, gosto ainda mais da ideia de ir na direção oposta da multidão. Todos na frente da balsa são como insetos de junho para a luz da varanda enquanto voam para trás.

Aproveito a oportunidade para ir para a frente da balsa. Está vazio e mais isolado dos carros agora.

Percebo um pedaço de pão Sunbeam pela metade no convés da balsa perto dos meus pés. É o que as crianças têm usado para alimentar as gaivotas. Alguém deve tê-lo deixado cair na pressa de ir ver os golfinhos.

Meu estômago ronca assim que vejo o pão, lembrando-me que quase não comi nas últimas vinte e quatro horas. Além de um saco de pretzels no avião, não comi nada desde a minha pausa para o almoço no trabalho ontem e, mesmo assim, só comi um pequeno pedido de batatas fritas.

Olho em volta para ter certeza de que não há ninguém por perto, então pego o pão. Eu coloco minha mão dentro e retiro uma fatia, em seguida, coloco o pão de volta onde foi descartado.

Eu me inclino contra o parapeito e rasgo o pão em pedaços, lentamente enrolando e colocando na boca.

Sempre comi pão assim. Lentamente.

É um equívoco, pelo menos no meu caso, que as pessoas que vivem na pobreza engolem comida quando a obtêm. Sempre o saboreei porque nunca sabia quando voltaria. Enquanto crescia, quando chegava à base de um pedaço de pão, fazia aquela fatia durar o dia todo.

Isso é algo com que terei que me acostumar neste verão, especialmente se a nova esposa de meu pai cozinha. Eles provavelmente jantam em família juntos.

Isso vai ser tão estranho.

É triste que seja estranho ter acesso regular à comida.

Coloco outro pedaço de pão na boca e me viro para dar uma olhada na balsa. Robert H. Dedman está escrito na lateral do deck superior em grandes letras brancas.

Uma balsa chamada Dedman? Isso não é nada reconfortante.

Várias pessoas voltaram para a frente do convés superior agora. Os golfinhos devem ter desaparecido.

Meus olhos são atraídos para um cara no convés superior que está segurando uma câmera como se ela não significasse nada para ele. A alça nem está enrolada em seu pulso. Só está pendurada, como se ele tivesse câmeras de reposição em casa se deixasse cair as suas.

A câmera está apontada diretamente para mim. Pelo menos parece que é assim.

Olho para trás, mas não há nada lá, então não tenho certeza do que mais ele estaria tirando uma foto.

Quando eu olho para ele, ele ainda está olhando para mim. Mesmo com ele sendo um nível mais alto do que eu nesta balsa, meus mecanismos de defesa entram em ação imediatamente. Sempre fazem isso quando acho alguém atraente.

De certa forma, ele me lembra os caras do Kentucky que voltaram para a escola depois de passar todo o verão na fazenda

sob o sol forte. Sua pele é beijada com um bronzeado, seus cabelos estão cheios de mechas loiras dos raios do sol.

Me pergunto de que cor são seus olhos.

Não. Eu não me pergunto. Não me importo. A atração leva à confiança que leva ao amor, e essas são coisas das quais não quero tomar parte. Me treinei para desligar mais rápido do que posso ser ligada. Como um interruptor, eu o acho desagradável tão instantaneamente quanto o achei atraente.

Não consigo decifrar o que a expressão em seu rosto significa daqui de baixo. Não sei ler muito bem as pessoas da minha idade porque, honestamente, nunca tive muitos amigos, mas definitivamente não sei ler as expressões dos *ricos da* minha idade.

Olho para as minhas roupas. Meu vestido de verão amarrotado e desbotado. Meus chinelos que consegui manter intactos por dois anos. A meia fatia de pão que ficou na minha mão.

Olho de volta para o cara com a câmera que ainda está apontada na minha direção e, de repente, sinto-me envergonhada.

Há quanto tempo ele tira fotos minhas?

Ele tirou uma foto minha roubando a fatia de pão descartada? Ele me fotografou comendo?

Ele está planejando postar as fotos online na esperança de que se tornem virais como aquelas postagens sem coração do *People of Walmart*?

Confiança, amor, atração e decepção são apenas muitas das coisas das quais aprendi a me proteger, mas aparentemente estou trabalhando no constrangimento. Isso me envolve em uma onda de calor da cabeça aos pés.

Eu olho nervosamente ao meu redor, reconhecendo a mistura de pessoas nesta balsa. Os veranistas em seus jipes, usando chinelos e protetor solar. Os executivos ainda estão sentados em seus carros em seus ternos executivos.

E então há eu. A garota que não pode comprar um carro *ou* férias.

Não pertenço a esta balsa, transportando esses carros chiques cheios de pessoas chiques que seguram câmeras como se fossem tão baratas quanto um biscoito.

Olho de volta para o cara com a câmera e ele ainda está olhando para mim, provavelmente se perguntando o que estou fazendo nesta balsa com todo o seu povo enquanto visto minhas roupas desbotadas e ostento minhas pontas duplas e unhas sujas e segredos desagradáveis.

Olho na minha frente e vejo uma porta que leva a uma área fechada da balsa. Corro para a porta e entro. Há um banheiro

imediatamente à minha direita, então me retiro para dentro dele e tranco a porta atrás de mim.

Eu me olho no espelho. Meu rosto está vermelho e não sei se é por causa do constrangimento ou desse calor intenso do Texas.

Puxo o elástico do meu cabelo e tento pentear os fios bagunçados com meus dedos.

Não posso acreditar que estou assim e estou prestes a encontrar a nova família do meu pai pela primeira vez. Provavelmente são o tipo de mulher que vai aos salões para fazer o cabelo e as unhas, e aos médicos para corrigir as imperfeições. Provavelmente falam bem e cheiram a gardênia.

Estou pastosa, suada e cheirando a uma mistura de mofo e gordura de uma fritadeira do McDonald's.

Jogo o resto do meu pão na lata de lixo do banheiro.

Eu fico olhando para o espelho, mas tudo que vejo é a versão mais triste de mim mesma. Talvez perder minha mãe ontem à noite esteja me afetando mais do que quero admitir. Talvez minha decisão de ligar para meu pai tenha sido tomada às pressas, porque não quero estar aqui.

Mas também não quero estar lá.

No momento, é difícil estar em qualquer lugar.

Ponto.

Puxo meu cabelo para cima, suspiro e abro a porta do banheiro. É uma porta pesada feita de aço espesso, então ela bate quando fecha atrás de mim. Não estou nem a dois passos do banheiro quando paro porque alguém empurra a parede do corredor minúsculo e bloqueia meu caminho para a saída.

Me pego olhando nos olhos impenetráveis do cara com a câmera. Ele está olhando para mim como se soubesse que eu estava no banheiro e ele está aqui com um propósito.

Agora que estou muito mais perto dele, acho que me enganei sobre ele ter a minha idade. Ele pode ser alguns anos mais velho do que eu. Ou talvez ser rico apenas faça você parecer mais velho. Há um ar de confiança que o rodeia, e juro que cheira a dinheiro.

Nem conheço esse cara, mas já sei que não gosto dele.

Não gosto dele tanto quanto não gosto do resto deles. Esse cara acha que está tudo bem tirar fotos de uma pobre garota durante um momento ligeiramente vulnerável e constrangedor, o tempo todo segurando sua câmera como um babaca descuidado.

Tento dar um passo em torno dele para chegar à porta de saída, mas ele se esquiva e permanece na minha frente.

Seus olhos (são azuis claros e marcantes, infelizmente) rolam sobre meu rosto e odeio que ele esteja tão perto de mim. Ele olha por cima do ombro como se quisesse garantir nossa

privacidade, então discretamente coloca algo na palma da minha mão. Eu olho para baixo e vejo uma nota de vinte dólares dobrada.

Olho do dinheiro, de volta para ele, percebendo o que ele está oferecendo. Estamos perto de um banheiro. Ele sabe que sou pobre.

Ele supõe que estou desesperada o suficiente para arrastá-lo até o banheiro e ganhar os vinte dólares que ele acabou de colocar na minha mão.

O que há em mim que faz os caras pensarem isso? Que vibe estou emitindo?

Isso me enfurece tanto que juntei o dinheiro e joguei na direção dele. Estava mirando em seu rosto, mas ele é gracioso e se inclina para fora do caminho.

Pego a câmera de sua mão. Eu o viro até encontrar o slot para o cartão de memória. Eu abro e retiro o cartão, em seguida, jogo a câmera de volta para ele. Ele não percebe. Ela cai no chão com estrondo e um pedaço se quebra e voa aos meus pés.

— Que diabos? — diz ele, curvando-se para pegá-lo.

Me viro, preparada para correr para longe dele, mas esbarro em outra pessoa. Como se ficar presa em um corredor minúsculo com um cara que acabou de me oferecer vinte dólares por um boquete não fosse ruim o suficiente, agora estou presa por *dois*

caras. Esse novo cara não é tão alto quanto o cara com a câmera, mas eles têm o mesmo cheiro. Gosta de golfe. *O golfe é um cheiro?* Deveria ser. Eu poderia engarrafar e vender para idiotas como esses.

Esse segundo cara está vestindo uma camisa preta com a palavra Hispânico, mas a palavra *dele(his)* e *pânico* estão em duas fontes diferentes. Paro um pouco para respeitar a camisa porque é realmente inteligente, mas então tento sair do caminho.

— Desculpe, Marcos, — o cara com a câmera diz enquanto tenta remontar.

— O que aconteceu? — Pergunta o cara chamado Marcos.

Por um momento fugaz, pensei que talvez esse cara Marcos pudesse ter visto nossa interação e veio em meu socorro, mas ele parece mais preocupado com a câmera do que comigo. Sinto-me um pouco mal por jogar a câmera agora que sei que não pertencia ao cara que a estava usando.

Eu pressiono minhas costas contra a parede, na esperança de passar por eles sem ser notada.

O cara segurando a câmera acena com a mão irreverente em minha direção. — Eu acidentalmente esbarrei nela e deixei cair.

Marcos olha para mim e depois de volta para o Idiota Olhos Azuis. Há algo na maneira como eles se olham – algo não dito. É

como se estivessem se comunicando em uma linguagem silenciosa que não entendo.

Marcos passa por nós e abre a porta do banheiro. — Te encontro no carro, estamos prestes a atracar.

Eu me encontro sozinha com o cara da câmera novamente, mas tudo que eu quero fazer é fugir e voltar para o carro do meu pai. O cara está focando na câmera de Marcos, tentando recompor as peças quando diz: — Eu não estava te propondo nada. Vi você pegar o pão e achei que precisava de ajuda.

Inclino a cabeça quando ele faz contato visual comigo, estudando sua expressão enquanto procuro a mentira contada. Não sei o que é pior -- ele me fazendo uma proposta ou sentindo pena de mim.

Quero responder com algo inteligente, ou qualquer coisa realmente, mas apenas fico congelada enquanto olhamos um para o outro. Algo sobre esse cara está cavando em mim, como se sua aura tivesse garras.

Há um peso por trás de seus olhos reflexivos que presumi que só pessoas como eu estavam familiarizadas. O que poderia ser tão terrível na vida desse cara que me levaria a acreditar que ele está danificado?

Mas eu posso dizer que ele está. Pessoas danificadas reconhecem outras pessoas danificadas. É como um clube do qual você não quer ser sócio.

— Posso ter meu cartão de memória de volta? — ele pergunta, estendendo a mão.

Não vou devolver todas as fotos que ele tirou de mim sem minha permissão. Me curvo e pego a nota de vinte do chão. Coloquei na mão dele. — Aqui estão vinte dólares. Compre um novo para você.

Com isso, giro e escapo pela porta. Pego o cartão de memória em minha mão enquanto faço meu caminho de volta através das filas de carros, em direção ao meu pai.

Subo no banco do passageiro e fecho a porta silenciosamente porque meu pai está ao telefone. Parece uma ligação de negócios. Chego ao banco de trás e coloco o cartão de memória em minha mochila. Quando olho para frente novamente, os dois caras estão saindo da seção interna da balsa.

Marcos está em seu telefone e o outro cara está olhando para a câmera, ainda tentando montá-la de volta enquanto caminham até um carro perto do nosso. Afundo em meu assento, esperando que eles não me vejam.

Eles entram em um BMW duas fileiras adiante, do lado do carro do meu pai.

Meu pai termina o telefonema e liga o carro, assim que a balsa começa a atracar. Apenas metade do sol permanece balançando no céu. A outra metade é engolida pela terra e pelo mar, e eu meio que gostaria que o mar pudesse fazer o mesmo comigo agora.

— Sara está tão animada em conhecê-la, — diz meu pai, ligando o carro. — Além do namorado dela, não há muitos clientes regulares na península. É principalmente casas de férias. Airbnb, Vrbo, coisas assim. É um monte de gente indo e vindo a cada poucos dias, então é bom que ela tenha uma amiga.

Os carros começam a sair da balsa em fila. Não sei por que, mas olho para além do meu pai, para o BMW que passa por nós. O cara da câmera está olhando pela janela agora.

Endureço quando ele me vê no banco do passageiro.

Nós travamos os olhos, e seu olhar é firme enquanto eles passam. Não gosto que meu corpo esteja respondendo a esse olhar, então desvio o olhar e olho pela janela. — Qual é o nome do namorado de Sara?

Tudo em mim está esperando que não seja Marcos ou seu amigo idiota de olhos bonitos.

— Marcos.

Claro que é.

QUATRO

A casa não é tão extravagante quanto eu temia, mas ainda é a casa mais bonita em que já estive.

É à beira-mar e tem dois andares, construída sobre palafitas como todas as outras casas do bairro. Você tem que subir dois lances de escada antes mesmo de chegar ao primeiro andar.

Faço uma pausa quando chegamos ao topo do segundo conjunto de degraus antes de seguir meu pai para sua casa e conhecer sua nova família.

Aprecio a vista por um momento. É como uma parede de oceano e praia à nossa frente, tanto quanto posso ver. A água parece estar viva. Empurrando. Respirando. É magnífico e assustador.

Eu me pergunto se minha mãe já viu o oceano antes de morrer. Ela nasceu e foi criada em Kentucky, na mesma cidade em que morreu ontem à noite. Não me lembro de ter ouvido histórias de nenhuma viagem que ela fez, ou de ver fotos de férias de infância. Isso me deixa triste por ela. Não sabia o que ver o oceano significaria para mim, mas agora que o vi, quero que todos os humanos na Terra experimentem.

Ver o oceano em pessoa parece quase tão importante quanto ter comida e abrigo. Não parece rebuscado acreditar que uma instituição de caridade deva existir com o único propósito de permitir que as pessoas paguem uma viagem para a praia. Deve ser um direito humano básico. Uma necessidade. É como anos de terapia, reunidos em uma visão.

— Beyah?

Olho para longe da praia e para uma mulher parada na sala de estar. Ela é exatamente como eu a imaginei. Brilhante, como um picolé, com dentes brancos e unhas pintadas de rosa e cabelo loiro que parece bem cuidado.

Eu gemo, mas não era para ser ouvido por ninguém. Acho que talvez tenha saído mais alto do que esperava, porque ela inclina a cabeça. Ela sorri de qualquer maneira.

Vim preparada para evitar abraços, por isso estou segurando meu quadro da Madre Teresa e minha mochila contra o peito como uma barreira.

— Oi. — Entro na casa. Tem cheiro de linho fresco e... *bacon.* Que combinação estranha, mas mesmo uma combinação de linho / bacon é uma boa mudança em relação ao mofo e fumaça de cigarro que nosso trailer sempre cheirou.

Alana parece confusa sobre como me cumprimentar, já que ela não pode realmente me abraçar. Meu pai joga as chaves em um consolo acima da lareira e diz: — Onde está Sara?

— Chegando! — Uma voz estridente e fabricada é acompanhada pelo som de pés saltando nas escadas. Uma versão mais jovem de Alana aparece, sorrindo com dentes um tanto mais brancos que os de sua mãe. Ela faz essa coisa de pular, bater palmas e soltar um grito, e é honestamente assustador.

Ela corre pela sala e diz: — Oh meu Deus, você é tão bonita. — Ela agarra minha mão e diz: — Vamos, vou lhe mostrar seu quarto...

Ela nem mesmo me dá tempo para protestar. Eu sigo atrás dela e seu rabo de cavalo agitado. Ela está vestindo shorts jeans e um top de biquíni preto, mas sem camisa. Ela cheira a óleo de coco.

— O jantar é em meia hora! — Alana grita lá embaixo.

Sara solta minha mão e empurra uma porta quando chegamos ao último andar.

Olho em volta do meu novo quarto. As paredes são pintadas de um azul calmante, quase da mesma cor dos olhos do cara da balsa. A colcha é branca, com um polvo gigante azul nela.

A cama está perfeitamente feita com uma quantidade ofensiva de travesseiros.

Tudo cheira e parece limpo demais para tocar, mas Sara se joga na cama e me observa enquanto eu examino o quarto. É três vezes o tamanho do quarto em que cresci.

— Meu quarto fica do outro lado do corredor, — diz Sara, apontando para a porta que acabamos de passar. Em seguida, ela joga a mão em direção a duas portas que se abrem para uma varanda com uma vista desobstruída da praia. — Este quarto tem a vista mais bonita de toda a casa.

Deve haver algo de errado com ele se tem a vista mais bonita, mas ninguém escolhe ficar neste quarto. Talvez a praia seja muito barulhenta e agitada pela manhã e este quarto sinta o peso disso.

Sara salta da cama e abre uma porta, em seguida, acende a luz de um banheiro. — Sem banheira, mas o chuveiro é bom. — Ela abre outra porta. — Closet. Algumas das minhas merdas estão lá, mas vou retirá-las esta semana. — Ela fecha a porta.

Ela caminha até a cômoda e abre a última gaveta. Está cheio de coisas. — Gaveta de lixo, mas as outras três gavetas estão livres. — Ela fecha e se senta na cama. — Assim? Você gosta disso?

Eu concordo.

— Bom. Não sei em que tipo de casa você mora agora, mas esperava que você não precisasse se rebaixar. — Ela chega até a

mesa de cabeceira ao lado da cama e pega um controle remoto. — Todos os quartos têm de tudo. Netflix, Hulu, Prime. Você pode simplesmente usar nossas contas, elas estão prontas para funcionar.

Ela não tem ideia de que está dizendo isso para uma garota que nunca teve uma televisão. Não me mexi nem falei desde que entramos na sala. Ela está fazendo o suficiente por nós duas, mas consigo murmurar: — Obrigada.

— Por quanto tempo você ficará aqui? — Ela pergunta.

— Não tenho certeza. O verão, talvez.

— Oh, uau. Impressionante.

Pressiono meus lábios e aceno. — Sim. Impressionante.

Sara não entende o sarcasmo. Ela sorri, ou talvez ainda esteja sorrindo. Não tenho certeza se ela parou. — Você pode se mover, você sabe. Coloque suas coisas no chão.

Ando até a cômoda e coloco o saco plástico em cima dela. Jogo minha mochila no chão.

— Onde está o resto das suas coisas? — ela pergunta.

— O aeroporto perdeu minha bagagem.

— Oh, *Deus,* — diz ela, excessivamente empática. — Deixe-me pegar algumas roupas para você até que possamos chegar a uma loja. — Ela pula da cama e sai do quarto.

Não sei dizer se o sorriso em seu rosto é genuíno. Isso me deixou ainda mais nervosa do que antes de conhecê-la. Eu confiaria mais nela se ela fosse distante ou mesmo uma vadia.

Parece um pouco com as meninas da minha escola. Eu as chamo de garotas de vestiário. Elas são legais na quadra, na frente do treinador. Mas no vestiário, a história é diferente.

Não sei dizer se estamos na quadra ou no vestiário agora.

— Qual o seu tamanho? — Ela grita do outro lado do corredor.

Me movo para a minha porta e posso vê-la vasculhando uma cômoda no outro quarto. — Dois, eu acho? Talvez um quatro?

Eu a vejo parar por um momento. Ela olha para mim do outro lado do corredor e balança a cabeça firmemente, como se minha resposta a perturbasse de alguma forma.

Ser tão magra quanto sou não é algo pelo qual me esforço. Tem sido uma batalha constante tentar consumir calorias suficientes para manter a energia de que preciso para o voleibol, ao mesmo tempo que não tenho tanto acesso aos alimentos como a maioria das pessoas. Espero que antes do final do verão eu possa ganhar o peso necessário.

— Bem, eu *não* sou quatro, — Sara diz, voltando para o meu quarto. — Triplique isso, na verdade. Mas aqui estão algumas camisas e dois vestidos de verão. — Ela me entrega a pilha de roupas. — Tenho certeza de que ficarão folgados com você, mas funcionarão até que você pegue suas coisas na companhia aérea.

— Obrigado.

— Você faz dieta? — Ela pergunta, olhando-me de cima a baixo. — Ou você sempre foi tão magra?

Não sei dizer se isso é um comentário indireto. Talvez seja porque ela não tem ideia de *porque* sou tão magra, então parece um insulto. Balanço minha cabeça um pouco, precisando que essa conversa termine. Quero tomar banho, me trocar e ficar sozinha um pouco. Ela não parou de falar desde que a conheci.

Ela não vai embora. Ela caminha até a cama e se senta novamente, desta vez caindo de lado e descansando a cabeça na mão. — Você tem um namorado?

— Não. — Levo as roupas para o armário.

— Oh, bom. Tem um cara que acho que você vai gostar. Samson. Ele mora na casa ao lado.

Quero dizer a ela para não se incomodar, que os homens são uma escória, mas ela provavelmente não teve o mesmo tipo de interação com os caras que eu. Dakota não ofereceria dinheiro

a uma garota como Sara. Ele simplesmente daria em cima dela de graça.

Sara salta da cama novamente e atravessa o quarto até a outra parede de cortinas. Ela abre uma. — Essa é a casa de Samson, bem ali, — diz ela, apontando para fora da janela. — Ele é super rico. Seu pai está no negócio de petróleo ou algo assim. — Ela pressiona a testa contra o vidro. — Oh meu Deus, venha aqui.

Eu ando até onde ela está e olho pela janela. A casa de Samson é ainda maior do que aquela em que estamos. Há uma luz acesa na casa dele, na cozinha. Sara está apontando para aquela parte de sua casa. — Veja. Ele tem uma garota lá.

Tem um cara parado entre as pernas de uma garota que está sentada em sua ilha de cozinha. Eles estão se beijando. Quando eles se separam, respiro fundo.

Samson é o Idiota de olhos azuis. Samson é o mesmo cara que tentou me pagar vinte dólares para ir com ele em um banheiro de balsa.

Idiota.

Mas um pouco impressionante. Ele trabalha rápido. Ele estava na mesma balsa que eu, o que significa que ele chegou em casa há dez minutos. *Eu me pergunto se ele ofereceu vinte dólares àquela garota.*

— Esse é o cara com quem você quer me arrumar? — Pergunto enquanto observamos sua língua explorar o pescoço de outra garota.

— Sim, — Sara diz, com naturalidade.

— Parece que ele está comprometido.

Sara ri. — Não, ele não está. Ela irá embora logo. Samson só fica com as meninas que estão aqui no fim de semana.

— Ele parece terrível.

— Ele é o típico garoto rico mimado.

Olho para ela, confusa. — Mas você quer me arrumar com ele?

— Ele é fofo, — Sara diz com um encolher de ombros. — E ele é amigo do meu namorado. Seria legal se todos nós nos uníssemos. Fizéssemos coisas juntos. Às vezes, Samson parece que está sobrando.

Balanço minha cabeça e me afasto da janela. — Não estou interessada.

— Sim, ele disse a mesma coisa quando disse a ele que você poderia estar aqui no verão. Mas você pode mudar de ideia depois de conhecê-lo.

Eu o conheci. E ainda não estou interessada. — A última coisa de que preciso agora é um namorado.

— Oh Deus. Não, — Sara diz. — Eu não estava dizendo que você deveria sair com ele assim. Só quero dizer... você sabe. Caso de verão, mas tanto faz. Entendi. — Ela suspira, como se isso a entristecesse.

Estou apenas esperando ela sair para que eu possa ter um pouco de privacidade. Ela me encara por um momento, e posso ver sua mente tentando pensar em outra pergunta ou qualquer outra coisa a dizer. — Minha mãe e seu pai não serão muito rígidos desde que saímos do ensino médio. Eles só querem saber onde estamos o tempo todo, que é basicamente no jardim da frente, na praia. Fazemos uma fogueira todas as noites e saímos.

Acaba de me ocorrer que essa garota conhece o estilo parental de meu pai melhor do que eu. Não tinha pensado nisso antes deste momento. Eu sei que o nome dele é Brian, sua perna não está quebrada e ele é um planejador financeiro. É sobre isso.

— Onde você quer comprar coisas novas amanhã? Teremos que ir para Houston, tudo o que eles realmente têm aqui é um Walmart.

— Walmart está bom.

Sara ri, mas quando vê que não estou rindo, ela morde o lábio para conter o sorriso. — Oh. Você estava falando sério. —

Sara limpa a garganta, parecendo muito desconfortável agora, e este pode ser o momento em que ela percebe que não somos nada parecidas.

Não sei como vou aguentar um verão inteiro com uma garota que acha que o Walmart é risível. Fiz compras em brechós e vendas de garagem minha vida inteira. O Walmart é um passo à frente para mim.

Sinto que estou prestes a chorar e não sei por quê.

Posso sentir as lágrimas chegando. De repente, sinto falta da minha velha casa, da minha mãe viciada e da minha geladeira vazia. Tenho até saudades do cheiro de seus cigarros, e nunca pensei que isso fosse acontecer. Pelo menos aquele cheiro era autêntico.

Este quarto tem um cheiro rico, sofisticado e confortável. Cheira a fraudulento.

Aponto em direção ao banheiro. — Acho que vou tomar banho agora.

Sara olha para o banheiro e depois para mim. Ela percebe que é sua deixa para sair. — Tente se apressar porque a mamãe gosta de jantar em *família* nos fins de semana. — Ela revira os olhos quando diz família, então ela fecha a porta do meu quarto.

Estou no centro deste ambiente desconhecido, sentindo-me mais do que um pouco sobrecarregada.

Não tenho certeza se já me senti mais sozinha do que agora. Pelo menos quando estava em casa com minha mãe, parecia que eu cabia ali. Nós pertencíamos lá juntas, não importa o quão incompatíveis éramos. Aprendemos a navegar e a entrelaçar nossas vidas uma com a outra, e nesta casa, não tenho certeza se posso me entrelaçar invisivelmente com qualquer uma dessas pessoas. Eles são como paredes de tijolo contra as quais vou bater a cada curva.

Parece claustrofóbico.

Vou até as portas da varanda, abro uma delas e saio. Assim que a brisa atinge meu rosto, começo a chorar. Não é nem um choro discreto. É um soluço atrasado de quase 24 horas.

Pressiono meus cotovelos no parapeito e cubro meu rosto com as mãos, tentando suprimir antes que Sara decida voltar para o meu quarto. Ou pior, meu pai.

Nada funciona. Eu apenas continuo chorando. Cinco minutos inteiros provavelmente se passam enquanto fico olhando para a água através da visão embaçada e cheia de lágrimas enquanto soluço.

Preciso contar a meu pai o que aconteceu ontem à noite.

Inalo várias respirações e limpo meus olhos, reunindo cada grama de resolução em mim, a fim de recuperar o controle de minhas emoções. Finalmente enxugo lágrimas suficientes dos

meus olhos para que possa realmente apreciar a vista do oceano sob o luar.

A garota que Samson estava beijando em sua cozinha mais cedo acaba de cruzar a duna de areia entre as duas casas. Ela se junta a uma multidão de pessoas reunidas em torno de uma fogueira. Eles são todos jovens, provavelmente no final da adolescência e início dos vinte anos. Provavelmente são todos ricos, despreocupados e confiantes. Isso é provavelmente o que Sara faz todas as noites, e provavelmente são seus amigos.

Mais pessoas com quem não tenho nada em comum.

Não quero que ninguém me veja aqui chorando, então giro para voltar para o meu quarto.

Eu congelo.

Samson está sozinho na varanda ao lado. Ele está olhando para mim com uma expressão ilegível.

Olho para ele por dois segundos, entro no quarto e fecho a porta.

Primeiro, ele me vê comendo pão no convés de uma balsa. Então ele me oferece dinheiro, e ainda não tenho certeza de seus motivos por trás dessa oferta. Então descubro que ele é meu novo vizinho no verão.

E agora ele testemunhou o primeiro colapso que tive em anos.

Ótimo.

Foda-se este verão.

Foda-se essas pessoas.

Foda-se todo o estado atual da minha vida.

CINCO

Dei meu primeiro beijo quando tinha doze anos.

Era uma manhã de sábado. Eu estava perto do fogão para cozinhar ovos mexidos. Não ouvi minha mãe voltar para casa na noite anterior, então presumi que estava sozinha em casa. Tinha acabado de quebrar dois ovos em uma frigideira quando ouvi a porta do quarto de minha mãe se abrir.

Eu olhei para ver um homem desconhecido saindo de seu quarto segurando um par de botas de trabalho. Ele fez uma pausa quando me viu no fogão.

Nunca o tinha visto antes. Minha mãe estava sempre em um novo relacionamento ou em uma nova separação. Eu fiz o meu melhor para ficar fora do caminho dela, quer ela estivesse se apaixonando ou tendo seu coração partido. Ambos eram igualmente dramáticos.

Nunca vou esquecer a maneira como o homem olhou para mim. Foi um olhar lento, da cabeça aos pés, como se ele estivesse com fome e eu fosse uma refeição. Foi a primeira vez que um homem me olhou assim. Imediatamente senti os pelos em meus braços se arrepiarem e imediatamente voltei minha atenção para o fogão.

— Você não vai dizer olá? — O homem perguntou.

Eu o ignorei. Esperava que se ele pensasse que fui rude, ele fosse embora. Mas em vez disso, ele entrou na cozinha e encostou-se no balcão ao lado do fogão. Estava concentrada em mexer os ovos. — Você fez o suficiente para mim?

Eu balancei minha cabeça. — Só comemos dois ovos.

— Parece apenas o suficiente. Estou morrendo de fome.

Ele caminhou até a mesa e começou a calçar as botas de trabalho. Tinha terminado de mexer os ovos quando ele calçou as botas. Não sabia o que fazer. Estava com fome e eles eram nossos únicos dois ovos, mas ele estava sentado à mesa como se esperasse que eu o alimentasse. Nem sabia quem diabos ele era.

Transferi os ovos para um prato, peguei um garfo e tentei sair correndo da cozinha em direção ao meu quarto. Ele me alcançou no corredor, agarrando meu pulso e me empurrando contra a parede.

— É assim que você trata os hóspedes?

Ele me agarrou pelo queixo e me beijou.

Estava lutando para me afastar dele. Sua boca doía. A barba por fazer cravou no meu rosto e ele cheirava a comida estragada. Mantive meus dentes cerrados, mas ele continuou apertando minha mandíbula com mais força, tentando abrir minha boca.

Eu finalmente bati em sua cabeça o mais forte que pude com o prato de ovos.

Ele se afastou e me deu um tapa.

Então ele saiu.

Nunca mais o vi. Nem sabia o nome dele. Minha mãe acordou algumas horas depois e viu o prato quebrado e os ovos não comidos no topo da lata de lixo. Ela gritou comigo por desperdiçar os dois últimos ovos.

Não como ovos desde aquele dia.

Mas dei tapas em muitos namorados da minha mãe desde então.

Digo tudo isso porque, quando saí do chuveiro, alguns minutos atrás, tudo que podia sentir era o cheiro de ovos. O cheiro ainda está persistente.

Isso está me deixando mal do estômago.

Ouço uma batida na minha porta assim que termino de me vestir. Sara enfia a cabeça e diz: — Jantar batismal em cinco minutos.

Não tenho ideia o que isso significa. Eles são super religiosos, ou algo assim?

— O que é um jantar batismal?

— Marcos e Samson jantam conosco todos os domingos à noite. É a nossa forma de comemorar o fim do fluxo de locatários. Comemos juntos e afastamos os turistas de fins de semana. — Ela abre mais a porta e diz: — Esse vestido fica bem em você. Quer que eu faça sua maquiagem?

— Para o jantar?

— Sim. Você está prestes a conhecer *Samson*. — Ela sorri, e isso me faz perceber o quanto odeio ser enganada, embora esta seja minha primeira experiência com isso. Começo a dizer que já conheci Samson, mas guardo isso para mim e guardo junto com todos os outros segredos que guardei na minha vida.

— Realmente não quero maquiagem. Desço em alguns minutos.

Sara parece desapontada, mas ela vai embora. Pelo menos ela aceita bem as dicas.

Alguns segundos depois, ouço vozes no andar de baixo que não pertencem a nenhuma das pessoas que moram nesta casa.

Fico olhando para o vestido de verão amassado que usei o dia todo. Está amassado no chão ao lado da cama. Pego e volto para ele. Não vou descer e tentar impressionar ninguém. Se alguma coisa, gostaria de conseguir o oposto.

Meu pai é o primeiro a me notar quando chego ao pé da escada e entro na cozinha.

— Você parece revigorada, — diz ele. — O quarto é bom?

Aceno com os lábios apertados.

Sara se vira e posso ver a surpresa em seus olhos por ter trocado de volta para meu velho vestido de verão. Ela esconde bem seu choque, no entanto. Marcos está parado ao lado dela, servindo-se de um copo de chá. Quando ele faz contato visual comigo, ele fica surpreso. É óbvio que ele não esperava ver a garota da balsa no jantar esta noite.

Samson não deve ter contado a ele sobre me ver soluçar na varanda antes.

Por falar em Samson, ele é o único que não olha para mim. Ele está vasculhando a geladeira enquanto Sara levanta a mão e acena em minha direção. — Marcos, esta é minha meia-irmã, Beyah. Beyah, este é meu namorado, Marcos. — Ela joga o polegar por cima do ombro. — Aquele é Samson, sobressalente e vizinho do lado.

Samson se vira e me olha por um momento. Ele levanta o queixo em um aceno de cabeça enquanto abre uma lata de refrigerante. Tudo o que consigo pensar enquanto ele pressiona a lata contra os lábios para tomar um gole é como acabei de ver sua boca no pescoço de outra garota.

— Bem-vinda ao Texas, Beyah, — Marcos diz, fingindo que não me encontrou na balsa antes.

Aprecio que os dois não estão fazendo nada disso.

— Obrigada, — murmuro. Entro na cozinha, sem saber o que fazer. Não me sinto confortável o suficiente para pedir uma bebida ou para fazer meu próprio prato de comida. Apenas fico parada e vejo todos os outros se moverem confortavelmente.

Tão faminta quanto estou agora, estou com medo deste jantar. Por alguma razão, as pessoas sentem a necessidade de aliviar o constrangimento com perguntas para as quais ninguém realmente se importa em saber as respostas. Tenho a sensação de que será assim todo este jantar. Provavelmente todos vão me fazer perguntas durante toda a refeição, e realmente só quero fazer um prato de comida, levá-lo para o meu quarto, comê-lo em silêncio e depois dormir.

Por dois meses consecutivos.

— Espero que você goste do café da manhã, Beyah, — diz Alana, levando um prato de biscoitos até a mesa. — Às vezes gostamos de trocar as coisas e comer no jantar.

Meu pai colocou uma frigideira de ovos mexidos na mesa. Já tem bacon e panquecas na mesa. Todos começam a se sentar, então faço o mesmo. Sara pega a cadeira entre Marcos e sua mãe, o que significa que fico com a cadeira ao lado do meu pai. Samson é o último a se sentar e faz uma pausa quando percebe que está sentado ao meu lado. Ele se senta com relutância. Talvez seja só

eu, mas parece que ele está tentando sutilmente desviar sua atenção de mim.

Todo mundo começa a pegar comida. Pulo os ovos, naturalmente, mas o cheiro está dominando todos os outros alimentos. Meu pai começa a fazer perguntas assim que dou minha primeira mordida na panqueca.

— O que você tem feito desde a formatura?

Engulo e digo: — Trabalho, durmo, repito...

— O que você faz? — Sara pergunta. Ela pergunta isso de uma maneira rica. Não, — *Onde você trabalha,* — mas — *O que você faz,* — como se fosse algum tipo de habilidade.

— Sou caixa do McDonald's.

Eu posso dizer que ela está surpresa. — Oh, — ela diz. — Divertido.

— Acho ótimo você ter optado por trabalhar ainda no ensino médio, — diz Alana.

— Não foi uma escolha. Eu tinha que comer.

Alana limpa a garganta e percebo que minha resposta honesta a deixou desconfortável. Se isso a incomoda, me pergunto como ela vai receber a notícia de que minha mãe morreu de overdose?

Meu pai tenta pular o momento e diz: — Acho que você mudou de ideia sobre os cursos de verão. Você está começando no outono agora?

Essa pergunta me confunde. — Não estou matriculada em cursos de verão.

— Oh. Sua mãe disse que você precisava das aulas de verão quando enviei dinheiro para ela para cobrir o outono.

Minha mãe pediu a ele mensalidades?

Ganhei uma viagem completa para Penn State. Eu nem preciso pagar a mensalidade.

Quanto ele deu à minha mãe que eu nunca soube? Obviamente, em algum momento, um telefone celular foi enviado para mim que nunca recebi. E agora descubro que ela pediu a ele o pagamento de uma educação que ela nunca se importou o suficiente para me perguntar.

— Sim, — digo, tentando inventar uma desculpa de porque estou aqui no Texas e não nas aulas de verão que ele pagou. — Me inscrevi tarde demais. As aulas estavam lotadas...

De repente, não tenho mais apetite. Mal consigo terminar a segunda mordida na panqueca que peguei.

Minha mãe nunca me perguntou sobre a faculdade. Mesmo assim, ela pediu a meu pai o dinheiro da mensalidade, que

provavelmente acabou em uma máquina caça-níqueis de um cassino ou correndo pela veia de seu braço. E ele pagou sem questionar. Se ele tivesse me perguntado, eu teria dito que poderia ter feito uma faculdade comunitária de graça. Mas não queria ficar naquela cidade. Eu precisava ficar o mais longe possível da minha mãe.

Acho que esse desejo se tornou realidade.

Eu abaixei meu garfo. Sinto que estou prestes a ficar enjoada.

Sara abaixa o garfo também. Ela toma um gole de chá, observando-me.

— Você sabe em que vai se formar? — Alana pergunta.

Balanço minha cabeça e pego meu garfo, só para fingir que estou interessada em comer. Percebo que Sara pega seu garfo assim que o faço. — Eu não tenho certeza ainda, — digo.

Cutuco pedaços de panqueca, mas não coloco realmente um pedaço na minha boca. Sara faz o mesmo.

Abaixei meu garfo. Sara também.

Mais conversa passa ao redor da mesa, mas ignoro a maior parte dela quando posso. Não consigo parar de me concentrar no fato de que Sara está seguindo cada movimento meu enquanto tenta ser discreta sobre isso.

Vou ter que estar ciente disso durante todo o verão. Acho que a menina pode precisar ser informada de que deve comer quando tiver vontade, e não basear sua ingestão de alimentos no quanto *eu* como.

Certifico-me de dar algumas mordidas, embora esteja enjoada e nervosa e cada mordida seja uma luta.

Felizmente, é uma refeição rápida. Vinte minutos no máximo. Samson não disse nada durante todo o tempo que comeu. Ninguém agiu como se isso fosse anormal. Espero que ele seja sempre tão quieto. Será mais fácil prestar menos atenção a ele.

— Beyah precisa de algumas coisas do Walmart, — diz Sara. — Podemos ir hoje à noite?

Eu não quero ir esta noite. Quero dormir.

Meu pai tira várias notas de cem dólares da carteira e as entrega para mim.

Eu mudei de ideia. Eu quero ir para o Walmart.

— Você deve esperar até amanhã e levá-la para um lugar melhor em Houston, — sugere Alana.

— O Walmart está bom, — digo. — Não preciso de muito.

— Compre um daqueles telefones pré-pagos enquanto estiver lá, — diz meu pai, entregando-me ainda mais dinheiro.

Meus olhos estão arregalados. Nunca segurei tanto dinheiro na minha vida. Provavelmente há seiscentos dólares em minhas mãos agora.

— Você vai dirigir? — Sara diz para Marcos.

— Certo.

De repente, não quero ir de novo, se isso significa que Marcos e Samson vão.

— Eu não vou, — Samson diz enquanto pega seu prato e o leva até a pia. — Estou cansado.

Bem. Agora que Samson não vai, quero ir.

— Não seja rude, — diz Sara. — Você vai.

— Sim, você vem, — acrescenta Marcos.

Posso ver Samson olhar para mim com o canto do olho. Pelo menos ele parece tão desinteressado por mim quanto eu por ele. Sara começa a caminhar em direção à porta.

— Deixe-me pegar alguns sapatos, — murmuro, e volto para cima.

Aparentemente, não há um Walmart na Península de Bolívar, o que significa que você precisa pegar a balsa para a Ilha de Galveston. Isso não faz sentido para mim. Você tem que pegar uma balsa do continente para uma ilha para fazer compras. Este lugar é confuso.

A balsa leva aproximadamente vinte minutos para ir daqui até lá. Assim que Marcos estacionou o carro, todos desceram. Sara percebeu que eu não tinha aberto minha porta, então ela abriu para mim. — Venha, vamos para o convés superior, — disse ela.

Não era realmente um convite, mas um comando.

Estamos aqui há menos de cinco minutos e Sara e Marcos já escaparam, deixando-me sozinha com Samson. Está ficando tarde, provavelmente por volta das nove e meia, o que torna a balsa quase vazia. Nós dois estamos olhando para a água, fingindo que não é nada estranho. Mas é, porque não sei o que dizer. Não tenho nada em comum com esse cara. Ele não tem nada em comum comigo. Já tivemos duas interações nada estelares desde que cheguei há algumas horas. São duas a mais do que gostaria.

— Tenho a sensação de que eles estão tentando nos enganar, — diz Samson.

Olho para ele, mas ele está olhando para a água. — Não é um sentimento. É um fato.

Ele assente, mas não diz nada. Não sei por que ele tocou no assunto. Talvez para limpar o ar. Ou talvez ele esteja tendo a ideia.

— Só para você saber, não estou interessada, — digo. — E não o tipo de desinteresse onde espero que você ainda me persiga porque gosto de jogos. Eu *realmente* não estou interessada. Não apenas em você, mas nas pessoas em geral, na verdade.

Ele sorri, mas ainda não olha para mim. É como se ele fosse bom demais para contato visual. — Não me lembro de expressar meu interesse, — diz ele com frieza.

— Você *não* expressou interesse, então estou divulgando. Só para esclarecermos.

Seus olhos encontram os meus com um giro lento de sua cabeça. — Obrigado por esclarecer algo que nem era confuso para começo de conversa.

Meu Deus, ele é bonito. Mesmo quando ele está sendo um idiota.

Posso sentir minhas bochechas queimando. Eu rapidamente olho para longe, sem ter certeza de como voltar disso. Cada encontro que tive com ele foi humilhante e não tenho certeza se isso é culpa dele ou minha.

Acho que pode ser minha por me permitir *ficar* envergonhada por ele. Você realmente não pode ficar

constrangida na presença de alguém cuja opinião você não dá a mínima. Isso tem que significar que em algum lugar dentro de mim, dou a mínima para o que ele pensa.

Samson empurra o corrimão e se endireita. Sou alta para uma garota. Um e setenta e sete. Mas, mesmo na minha altura, ele se eleva sobre mim. Ele tem que ter pelo menos um e noventa. — Amigos, então, — ele diz, enfiando as mãos nos bolsos.

Eu, sem querer, deixei escapar uma risada seca. — Pessoas como você não são amigas de pessoas como eu.

Ele inclina um pouco a cabeça. — Isso é um pouco presunçoso.

— Diz o cara que presumiu que eu era uma sem-teto.

— Você comeu pão do chão.

— Eu estava com fome. Você é rico, você não entenderia.

Seus olhos se estreitam um pouco, então ele olha para o oceano novamente. Ele olha tão fixamente para ele, é como se estivesse falando com ele. Dando-lhe respostas silenciosas para todas as suas perguntas silenciosas.

Samson finalmente desvia o olhar de mim e da água. — Vou voltar para o carro.

O vejo desaparecer escada abaixo.

Não sei por que estou tão na defensiva perto dele. Afinal, se ele realmente achava que eu era uma sem-teto, ele não ignorou isso. Ele me ofereceu dinheiro. Deve haver uma alma em algum lugar.

Talvez *eu seja* a sem alma nesta situação.

SEIS

Dizer que fiquei aliviada quando Marcos e Samson se separaram de nós quando chegamos na loja é um eufemismo. Só estou no Texas há algumas horas e muito desse tempo foi gasto na presença de Samson.

— O que mais você precisa além de roupas? — Sara me pergunta enquanto caminhamos pela seção de saúde e beleza.

— Quase tudo, — digo. — Shampoo, condicionador, desodorante, escova de dentes, pasta. Todas as coisas que costumava roubar dos carrinhos de empregados todos os sábados.

Sara faz uma pausa e me encara. — Isso é uma piada? Não conheço o seu humor ainda.

Balancei minha cabeça. — Não podíamos pagar as necessidades. — Não sei por que estou sendo tão direta com ela. — Às vezes, quando você é pobre, precisa ser criativo. — Viro no próximo corredor e Sara leva um momento para me alcançar.

— Mas Brian não pagava pensão alimentícia?

— Minha mãe era viciada. Nunca vi um centavo desse dinheiro.

Sara está caminhando ao meu lado agora. Estou tentando não olhar para ela porque sinto que minha verdade está acabando com sua inocência. Mas talvez ela precise de uma dose de realidade.

— Você já disse isso ao seu pai?

— Não. Ele não vê minha mãe desde que eu tinha quatro anos. Ela não era uma viciada naquela época.

— Você deveria ter dito a ele. Ele teria feito algo sobre isso.

Coloco uma lata de desodorante no carrinho. — Nunca senti que era meu dever informá-lo sobre as minhas condições de vida. Um pai deve estar mais ciente do que está acontecendo na vida de seu filho.

Posso dizer que esse comentário incomoda Sara. Ela obviamente tem uma perspectiva diferente de meu pai do que eu, então talvez plantar aquela sementinha seja o suficiente para fazê-la enxergar fora de sua pequena bolha protetora de casa de praia.

— Vamos dar uma olhada nas roupas, — digo, mudando de assunto. Ela está quieta enquanto caminhamos pela seção de roupas. Pego várias coisas, mas honestamente não tenho certeza do que vai caber em mim. Seguimos para os camarins.

— Você também vai precisar de um maiô, — diz Sara. — Um par, na verdade. Passamos quase todos os dias na praia.

A seção de maiôs fica perto dos provadores, então pego um par e vou para uma cabine com o resto das minhas roupas.

— Saia depois que você vestir, quero ver como tudo se encaixa, — diz Sara.

É isso que as garotas fazem quando fazem compras? Posar uma para a outra?

Eu coloquei o biquíni primeiro. A parte de cima é um pouco grande, mas ouvi dizer que os seios são o primeiro lugar onde você ganha peso, e tenho certeza de que vou ganhar neste verão. Saio da cabine e fico na frente do espelho. Sara está sentada em um banco olhando para o telefone. Ela olha para mim e seus olhos se arregalam. — Uau. Você provavelmente poderia até diminuir um tamanho.

Eu balancei minha cabeça. — Não, pretendo ganhar peso neste verão.

— Por quê? Eu mataria para ter um corpo como o seu.

Odeio esse comentário.

Ela está me olhando de um jeito carrancudo. Isso me faz pensar que ela está comparando internamente nossos corpos, apontando coisas sobre si mesma que ela considera falhas.

— Suas coxas nem mesmo se tocam, — ela sussurra, quase melancolicamente. — Sempre quis um espaço entre as coxas.

Eu balancei minha cabeça e voltei para a cabine. Visto o segundo maiô e puxo um short jeans por cima para me certificar de que cabem. Quando saio, Sara geme.

— Meu Deus, você pode conseguir qualquer coisa. — Ela se levanta e se posiciona ao meu lado. Ela encara nossos reflexos no espelho. Ela é apenas cerca de cinco centímetros mais baixa do que eu, ela é alta por ela mesma. Sara se vira para o lado e pousa a mão na camisa, bem sobre o estômago. — Quanto você pesa?

— Não sei. — Eu sei, mas dizer a ela meu peso só daria a ela um objetivo que ela não precisa perseguir.

Ela suspira, parecendo frustrada. Ela se estatela de volta no banco. — Ainda estou a dez quilos de meu objetivo de verão. Só preciso me esforçar mais, — ela diz. — Qual é o seu segredo?

Meu segredo?

Rio enquanto me olho no espelho novamente, passando a mão sobre minha barriga ligeiramente côncava. — Passei a maior parte da minha vida com fome. Nem todo mundo tem comida em casa o tempo todo. — Olho diretamente para Sara e ela está olhando para mim com uma expressão ilegível.

Seus olhos voam para longe antes de pousar na tela do telefone. Ela limpa a garganta. — Isso é verdade?

— Sim.

Ela mastiga a bochecha por um momento e diz: — Então por que você mal comeu esta noite?

— Porque tive as piores vinte e quatro horas da minha vida e estava sentada à mesa de jantar com cinco pessoas que não conheço, em uma casa em que nunca estive, em um estado em que nunca estive. Até mesmo pessoas com fome perdem o apetite às vezes.

Sara não olha para mim. Não sei se a deixo desconfortável com o quão franca sou ou se ela está lutando com o fato de que nossas vidas são tão diferentes. Quero trazer à tona o que percebi no jantar mais cedo -- como ela só comia quando eu comia. Mas não quero. Sinto que já a feri o suficiente esta noite e acabamos de nos conhecer.

— Está com fome? — Pergunto a ela. — Porque estou morrendo de fome.

Ela acena com um pequeno sorriso e, pela primeira vez, sinto que há alguma conexão entre nós. — Estou com tanta fome agora que é surreal.

Rio quando ela diz isso. — Que faz de nós duas.

Entro no provador e coloco minhas roupas novamente. Quando saio, pego a mão de Sara e a puxo para cima. — Vamos. — Jogo as roupas no carrinho e viro em direção à seção de mercearia.

— Onde estamos indo?

— Para a seção de alimentos.

Abrimos caminho até o corredor do pão. Paro o carrinho na frente dos doces embalados. — Qual é seu favorito?

Sara aponta para um saco branco de mini donuts de chocolate. — Esse.

Pego uma sacola da prateleira e abro. Pego um donut, coloco na boca e entrego a ela o saco. — Nós vamos precisar de leite também, — digo com a boca cheia.

Sara me olha como se eu fosse louca, mas ela me segue até a seção de laticínios de qualquer maneira. Pego dois achocolatados individuais e aponto para um ponto próximo aos ovos. Eu movo o carrinho, sento e me encosto no longo refrigerador de chão que contém todos os ovos.

— Sente-se, — digo a ela.

Ela olha ao nosso redor por um momento, então ela se abaixa lentamente no chão ao meu lado. Entrego a ela um dos leites com chocolate.

Abro o meu, tomo um grande gole e pego outro donut.

— Você está louca, — Sara diz baixinho, finalmente pegando um donut para ela.

Encolho os ombros. — Há uma linha tênue entre fome e loucura.

Ela toma um gole de seu leite com chocolate e, em seguida, inclina a cabeça contra o refrigerador. — Meu Deus. Isso é o céu. — Ela estica as pernas na frente dela e ficamos sentadas juntas em silêncio por um tempo, comendo rosquinhas e observando os clientes nos lançando olhares estranhos.

— Sinto muito se alguma coisa que disse sobre o seu peso a ofendeu, — Sara finalmente diz.

— Não foi. Só não gosto de ver você se comparar a mim.

— É difícil não fazer. Não adianta eu passar o verão na praia. Me comparo a qualquer garota de biquíni.

— Você não deveria, — digo. — Mas entendo. É estranho, não é? Por que as pessoas julgam as outras com base na força de aderência de sua pele aos ossos? — Enfio outro donut na boca para me calar.

Sara murmura — *Amém* — antes de tomar outro gole de seu leite com chocolate.

Um funcionário da loja passa e faz uma pausa quando nos vê sentadas no chão comendo comida. — Nós vamos pagar por isso, — digo, acenando uma mão petulante para ele. Ele balança a cabeça e vai embora.

Outro trecho de silêncio se passa entre nós, e então Sara diz: — Estava muito nervosa para conhecê-la. Eu estava com medo de que você me odiasse.

Eu ri. — Nem sabia que você existia até hoje.

Meu comentário parece ferir os sentimentos de Sara. — Seu pai nunca falou sobre mim?

Balancei minha cabeça. — Não porque ele estava tentando esconder o fato de que você existia. Nós apenas... não temos um relacionamento. Em absoluto. Quase não nos falamos desde que ele se casou. Na verdade, esqueci que ele era casado.

Sara parece que está prestes a dizer algo, mas ela é interrompida.

— Vocês duas estão bem? — Marcos pergunta.

Nós dois olhamos para cima para encontrar Samson e Marcos olhando para frente e para trás entre nós.

Sara mostra seu leite com chocolate. — Beyah me disse para parar de ficar obcecada com meu peso e me fez comer besteira.

Marcos ri e enfia a mão no saco para pegar um donut. — Beyah está certa. Você é perfeita.

Samson está olhando para mim. Ele nunca sorri como Marcos. Marcos sempre parece estar sorrindo.

Sara se levanta do chão e me ajuda a levantar. — Vamos lá.

SETE

Colocamos tudo no porta-malas, exceto o telefone pré-pago. Tenho tentado descobrir como configurá-lo, mas está escuro no carro e as instruções são difíceis de ler. Nem sei como ligar o telefone.

Estou lutando com isso quando Samson diz: — Quer que eu ajude?

Olho para ele e ele está estendendo a mão. Entrego o pacote e ele usa seu próprio telefone para iluminar as instruções.

Ele ainda está trabalhando nisso quando Marcos estaciona o carro na balsa. — Chegando? — Sara pergunta, abrindo a porta.

Aponto para o telefone nas mãos de Samson. — Em um segundo. Ele está configurando meu telefone.

Sara sorri antes de fechar a porta, como se Samson configurando meu telefone fosse de alguma forma levar a uma aventura de verão. Odeio que seja um objetivo dela. Realmente não tenho interesse em alguém que tem tão pouco interesse em mim.

Samson tem que discar um número para finalizar a configuração, mas ele diz que haverá um tempo de espera de dois minutos enquanto o telefone é ativado.

Dois minutos não parece muito, mas parece que estou entrando na eternidade. Olho pela minha janela, tentando ignorar a tensão silenciosa que está preenchendo o espaço entre nós.

É tão incrivelmente desconfortável que fico esperando que ele diga algo depois de apenas dez segundos.

Depois de vinte segundos, começo a ficar nervosa, então deixo escapar a única coisa que consigo pensar em dizer. — Por que você estava tirando fotos minhas na balsa hoje?

Olho para ele e ele está apoiando o cotovelo na área onde a porta do carro e a janela se encontram. Ele está arrastando levemente os dedos sobre o lábio inferior, mas os afasta quando me vê olhando para ele. Ele fecha o punho e bate contra a janela. — Por causa de como você estava olhando para o oceano.

Sua resposta envolve como uma fita em volta da minha espinha. — Como eu estava olhando para isso?

— Como se fosse a primeira vez que você o tivesse visto.

Eu me ajeito no assento, de repente desconfortável com a forma como suas palavras caem sobre mim como seda.

— Você já olhou elas? — Ele pergunta.

— Olhou o quê?

— As fotos.

Balancei minha cabeça.

— Bem. Quando o fizer, sinta-se à vontade para excluir o que não quiser, mas eu realmente gostaria do cartão de memória de volta. Há fotos lá que gostaria de ter.

Concordo. — Do que mais você tira fotos? Além de garotas em balsas?

Ele sorri com isso. — Natureza, principalmente. O oceano. Nascer do Sol. Pôr do sol.

Penso no pôr do sol de antes e em como ele pode ter tirado uma foto minha com ele. Vou ver se Sara tem um computador para me emprestar para ver tudo no cartão de memória. Estou curiosa agora. — O pôr do sol estava muito bonito esta noite.

— Espere até ver o nascer do sol da sua varanda.

— Sim, não vou acordar tão cedo, — digo com uma risada.

Samson olha para o meu telefone depois que a chamada nos notifica que a configuração foi concluída. — Você quer que eu digite os números de todos? — Ele está abrindo contatos em seu telefone para o nome de Sara.

— Certo.

Ele digita o número de Sara. Depois o de Marcos. Depois o seu. Ele faz mais algumas coisas com o telefone e, eventualmente, o passa para mim. — Você precisa de um tutorial?

Balancei minha cabeça. — Um amigo de casa tinha um assim. Eu posso descobrir.

— Onde é em casa?

É uma pergunta simples, mas deixa minha pele em chamas. É uma pergunta que você faz a alguém que deseja conhecer melhor.

Limpo minha garganta. — Kentucky, — digo. — E você?

Seus olhos permanecem em mim por um momento de silêncio. Então ele desvia o olhar e agarra a maçaneta da porta, como se abrir uma conversa comigo fosse algo de que se arrependesse imediatamente. — Vou tomar um pouco de ar fresco, — diz ele, abrindo a porta. Ele fecha e se afasta do carro.

Provavelmente deveria estar ofendida por sua reação estranha, mas não estou. Estou aliviada. Quero que ele seja tão desinteressado por mim quanto eu por ele.

Ou, pelo menos, tão desinteressada quanto estou *tentando* ser por ele.

Olho para o meu telefone e adiciono o número de Natalie. Ela foi uma das poucas amigas que tive em casa e estou querendo falar com ela desde a noite passada. Tenho certeza de que ela ouviu de sua mãe que minha mãe faleceu e, se for o caso, provavelmente está muito preocupada por não saber onde estou. Tem sido difícil para nós mantermos contato desde que ela foi para a faculdade, porque não tenho telefone. Esse é um fator que contribui para o motivo de eu não ter muitos amigos. É difícil manter contato com alguém quando você está tecnologicamente fora do circuito.

Saio do carro e vou até um lugar vazio na balsa para fazer a ligação. Fico de frente para a água e disco o número dela, esperando enquanto toca.

— Olá?

Respiro um suspiro de alívio quando ouço sua voz. Finalmente, algo familiar. — Ei.

— Beyah? Puta merda, tenho estado muito preocupada. Ouvi o que aconteceu, sinto muito. — A voz dela está tão alta. Tento descobrir como desligar o viva-voz do telefone, mas a tela é apenas números. Eu olho em volta, mas ninguém está perto de nós, então apenas abafo o telefone com minha mão para evitar que a chamada perturbe alguém nas proximidades.

— Beyah? Olá?

— Estou aqui, desculpe.

— Onde você está?

— Texas.

— Por que diabos você está no Texas?

— Meu pai se mudou para cá. Achei que ficaria com ele durante o verão. Como está Nova York?

— Diferente, — ela diz. — No bom sentido. — Há uma pausa antes de ela dizer: — Deus, ainda não consigo acreditar que Janean está morta. Tem certeza que está bem?

— Sim. Tive uma crise de choro, mas tipo... eu não sei. Talvez eu esteja quebrada.

— Tanto faz. Ela foi a pior mãe que já conheci.

E é por isso que gosto de Natalie. Ela diz o que quer dizer. Poucas pessoas são tão abertas quanto ela.

— E quanto ao seu pai? Não faz um tempo que você não o vê? É estranho?

— Sim. Pode até ser pior agora que sou adulta. Mas ele mora em uma casa de praia, o que é uma grande vantagem. Ele é casado, no entanto. Tem uma nova enteada.

— Uau para a casa de praia, mas oh não. Uma meia-irmã? Ela tem a sua idade?

— Cerca de um ano mais velha. O nome dela é Sara.

— Ela parece loira e bonita.

— Ela é.

— Você gosta dela?

Penso nisso por um momento. — Ainda não tenho certeza do que pensar dela. Sinto que ela pode ser uma garota de vestiário.

— Ugh. Essas são as piores. Algum cara bonito, pelo menos?

Bem quando Natalie faz essa pergunta, algo me chama a atenção pelo canto do olho. Eu viro minha cabeça e Samson está caminhando em minha direção. Ele está olhando, como se ele pudesse ter pego o fim da minha conversa. Aperto minha mandíbula. — Não. Sem caras bonitos. Mas, ei, eu tenho que ir. Salve meu número.

— Ok, peguei você.

Termino a ligação e seguro meu telefone na minha mão. Juro por Deus, ele aparece nos piores momentos.

Ele dá alguns passos mais perto até que está ao meu lado na grade. Ele estreita os olhos em minha direção, olhando para mim com curiosidade. — O que é uma garota de vestiário?

Odeio que ele tenha ouvido isso. Realmente gosto da Sara. Não sei por que disse isso à Natalie.

Suspiro e me viro, descansando minhas costas contra a grade. — É o que chamo de garotas más na minha escola.

Samson acena com a cabeça, como se estivesse processando minha resposta. — Você sabe... quando Sara descobriu que você estava vindo, ela se mudou para o quarto de hóspedes. Ela queria que você ficasse com o melhor quarto. — Com isso, ele se empurra para fora da grade, anda ao meu redor e volta para o carro.

Me viro e pressiono minhas mãos contra meu rosto e gemo.

Nunca fiz tanto papel de idiota na frente de uma pessoa na minha vida e só o conheço há meio dia.

OITO

Já é tarde quando voltamos e coloco todas as minhas coisas novas de lado. Essas últimas vinte e quatro horas foram exaustivas, para dizer o mínimo. Estou exausta. A dor pode até estar me alcançando. E embora Sara e eu dividíssemos um saco inteiro de donuts de chocolate, ainda estou com fome.

Vou para a cozinha e encontro meu pai sentado à mesa, um laptop na frente dele e vários livros espalhados sobre a mesa. Ele ergue os olhos quando me ouve.

— Ei, — diz ele, endireitando-se na cadeira.

— Oi. — Aponto para a despensa. — Apenas pegando um lanche. — Abro a porta da despensa e pego um saco de batatas fritas. Quando eu fecho, pretendo voltar furtivamente para o meu quarto, mas meu pai tem outros planos.

— Beyah, — ele diz assim que chego ao último degrau. — Você tem um segundo?

Aceno com relutância. Eu ando até a mesa e me sento em frente a ele. Puxo meu joelho e tento parecer casual. Ele se inclina para trás na cadeira e esfrega a mão no queixo, como se o que quer que ele esteja prestes a dizer seja um pouco desconfortável.

Ele ouviu sobre minha mãe? Não sei se há outras pessoas que os conectam além de mim, então não sei como ele teria descoberto.

— Lamento não ter ido à sua formatura.

Oh. É sobre ele. Eu fico olhando para ele por um momento, em seguida, abro meu saco de batatas fritas. Encolho os ombros. — Está bem. Longa viagem para alguém com uma perna quebrada.

Ele pressiona os lábios e se inclina para frente, apoiando os cotovelos na mesa. — Sobre isso, — ele diz.

— Não me importo, pai. Realmente. Todos nós mentimos para escapar de coisas que não queremos fazer.

— Não é que eu não quisesse estar lá, — diz ele. — Eu só... pensei que você não me *quisesse* lá.

— Por que eu não iria querer você lá?

— Eu só tenho a impressão de que você tem me evitado nos últimos dois anos. E não culpo você. Não me sinto um pai muito bom para você.

Olho para baixo em meu saco de batatas fritas e os agito. — Você não foi. — Casualmente como outra batata frita, como se não tivesse feito o pior insulto que uma criança poderia fazer a um pai.

A expressão de meu pai se torna uma carranca, e ele abre a boca para responder, mas Sara surge da escada e vai para a cozinha com muita energia para esta hora da noite.

— Beyah, vá colocar seu maiô, vamos para a praia.

Meu pai parece aliviado com a interrupção. Ele dá atenção ao seu computador. Me levanto e coloco outro chip na boca. — O que há na praia?

Sara ri. — A *praia* é na praia. É tudo que você precisa. — Ela está de volta em seu biquíni e shorts novamente.

— Estou muito cansada, — digo.

Ela revira os olhos. — Só por uma hora e depois você pode ir para a cama



Quando passamos pelas dunas, murcho. Esperava que mais pessoas estivessem aqui para que pudesse ficar invisível, mas parece que a multidão que estava aqui antes se dissipou e as únicas duas pessoas restantes são Samson e Marcos. Além de algumas pessoas nadando na água.

Marcos está sentado perto do fogo, mas Samson está sentado sozinho na areia a vários metros de distância, olhando para o oceano escuro. Sei que ele nos ouve nos aproximando, mas ele não se vira para olhar para nós. Ele está perdido em pensamentos ou fazendo um esforço concentrado para me ignorar.

Vou ter que descobrir uma maneira de ficar à vontade na presença dele se é assim que o verão vai ser - ele sempre por perto.

Há seis assentos dispostos ao redor do fogo, mas dois deles têm toalhas e cervejas nos apoios de braços, de modo que parecem ocupados. Sara se senta ao lado de Marcos, então pego uma das duas últimas cadeiras vazias.

Sara olha para a água, para as duas pessoas nadando. — Aquela é Cadence lá fora com Beau?

— Sim, — Marcos diz categoricamente. — Acho que ela vai embora amanhã.

Sara revira os olhos. — Mal posso esperar. Gostaria que ela levasse Beau com ela.

Não sei quem são Beau e Cadence, mas não parece que Sara e Marcos sejam grandes fãs.

Tento não olhar para Samson, mas é difícil. Ele está a cerca de três metros de distância, sentado com os braços em volta dos

joelhos, observando as ondas batendo na areia. Eu odeio estar me perguntando no que ele está pensando, mas ele deve estar pensando em algo. É isso que produz olhar para o oceano. Pensamentos. Muitos deles.

— Vamos nadar, — Sara diz enquanto se levanta e tira o short. Ela olha para mim. — Quer vir?

Balancei minha cabeça. — Eu já tomei banho esta noite.

Sara agarra a mão de Marcos e o puxa para fora da cadeira. Ele a levanta em seus braços e corre em direção à água. O grito de Sara tira Samson de qualquer transe em que ele estava. Ele se levanta e limpa a areia de seu short. Ele se vira para caminhar de volta para o fogo, mas noto a pausa quando ele vê que estou sentada aqui sozinha.

Mantenho meus olhos em Sara e Marcos, até porque não sei mais o que olhar. Certamente não quero olhar para Samson enquanto ele vem até aqui. Ainda me sinto envergonhada com a parte da minha conversa que ele ouviu antes. Não quero que ele pense que odeio Sara porque não odeio. Só não a conheço muito bem. Mas o que ele ouviu provavelmente parecia pior do que realmente era.

Ele calmamente se senta e olha para o fogo, sem fazer nenhum esforço para falar comigo. Olho ao nosso redor, para a quantidade incrível de espaço que existe nesta praia, e me

pergunto como posso me sentir como se estivesse sufocando agora.

Inalo uma respiração lenta, em seguida, solto-a com cuidado antes de falar. — Eu não quis dizer o que disse antes. Sobre Sara.

Samson olha para mim com uma expressão estoica. — Bom.

É tudo o que ele diz.

Balanço minha cabeça e olho para longe, mas não antes que ele me veja revirar os olhos com sua resposta. Não sei porquê, mas mesmo quando está defendendo seus amigos, ele parece um idiota.

— O que há de errado? — Ele pergunta.

— Nada. — Me inclino para trás na minha cadeira e olho para o céu. — *Tudo* —, sussurro para mim mesma.

Samson pega um pedaço de pau que está na areia ao lado de sua cadeira. Ele começa a cutucar o fogo, mas não diz mais nada. Inclino minha cabeça para a direita e olho para as casas que se alinham na praia. A de Samson é, de longe, a mais legal. É mais moderna. É totalmente branca com detalhes em preto profundo, quadrada com muito vidro. Mas parece fria em comparação com a casa de Alana e meu pai.

Também parece solitária, como se ele fosse o único que mora lá.

— Você mora sozinho em sua casa?

— Eu realmente não considero aquela minha casa, mas sim, sou o único que fica lá.

— Onde estão seus pais?

— Não aqui, — ele diz.

Suas respostas curtas não são porque ele é tímido. Ele definitivamente não é tímido. Me pergunto se as conversas dele são assim com todos, ou se é só comigo.

— Está no colégio? — Pergunto.

Ele balança a cabeça. — Tirando um ano sabático.

Rio baixinho. Não é minha intenção, mas essa resposta está totalmente fora de sintonia com a minha realidade.

Ele levanta uma sobrancelha, questionando silenciosamente por que estou rindo de sua resposta.

— Quando você é pobre e tira um ano de folga depois do colégio, está jogando fora seu futuro, — digo. — Mas se você é rico e tira um ano de folga, é considerado sofisticado. Eles até dão um nome chique.

Ele me encara por um momento, mas não diz nada. Gostaria de fazer um buraco em sua cabeça para que seus pensamentos possam vazar. Mas, novamente, posso não gostar deles.

— Qual é o propósito de um ano sabático, afinal? — Pergunto.

— Você deveria passar o ano *se descobrindo*. — Ele diz essa última parte com uma pitada de sarcasmo.

— Você conseguiu? Encontrou-se?

— Eu nunca estive perdido, — diz ele incisivamente. — Não passei meu ano sabático fazendo mochila pela Europa. O gastei cuidando de casas de aluguel para meu pai. Não é muito sofisticado.

Parece que ele está um pouco ressentido com isso, mas daria qualquer coisa para ser paga para viver em uma praia em uma casa bonita. — Quantas casas sua família tem aqui?

— Cinco.

— Você mora em *cinco* casas de praia?

— Nem todas de uma vez.

Acho que ele deve ter apenas sorrido um pouco. Não sei dizer. Pode ter sido uma sombra do fogo.

Nossas vidas são tão incrivelmente diferentes, mas aqui estamos nós, sentados na mesma praia em frente ao mesmo fogo. Tentando ter uma conversa que não prova quantos mundos estamos separados. Mas estamos em tantos mundos separados, nem mesmo estamos no mesmo universo.

Eu gostaria de poder ficar dentro de sua cabeça por um dia. A cabeça de qualquer pessoa rica. Como eles veem o mundo? Como Samson me vê? Com o que os ricos se preocupam se não precisam se preocupar com dinheiro?

— Como é ser rico? — Pergunto-lhe.

— Provavelmente não é muito diferente de ser pobre. Você só tem mais dinheiro.

Isso é tão ridículo, nem mesmo rio. — Só uma pessoa rica diria isso.

Ele deixa o graveto cair na areia e se recosta na cadeira. Ele vira a cabeça e faz contato visual comigo. — Como é ser pobre, então?

Posso sentir meu estômago embrulhar quando ele joga minha própria pergunta de volta para mim com um giro. Suspiro, perguntando-me se devo ser honesta com ele.

Eu deveria. Já contei muitas mentiras nas últimas vinte e quatro horas, o carma com certeza me alcançará. Volto minha atenção para o fogo na nossa frente quando respondo a ele.

— Não recebemos vale-refeição porque minha mãe nunca ficava sóbria o suficiente para marcar uma hora. Também não tínhamos carro. Há crianças que crescem sem se preocupar com comida, há crianças cujas famílias vivem da ajuda do governo por vários motivos, e há crianças como eu. Aqueles que escapam por todas as rachaduras. Aqueles que aprendem a fazer o que for preciso para sobreviver. O tipo que cresce sem pensar duas vezes em comer uma fatia de pão que tirou de um pão descartado no convés de uma balsa, porque isso é normal. Isso é o *jantar.*

A mandíbula de Samson está dura enquanto ele me encara. Vários minutos de silêncio se passam entre nós. Ele quase parece culpado, mas então ele desvia o olhar de mim, dando atenção às chamas. — Lamento ter dito que não era muito diferente. Isso foi uma coisa superficial de se dizer.

— Você não é superficial, — eu digo baixinho. — Pessoas superficiais não olham para o oceano tão profundamente quanto você.

O foco de Samson volta ao meu assim que digo isso. Seus olhos mudaram um pouco - estreitaram-se. Sombrios. Ele passa a mão pelo rosto e murmura: — Foda-se...

Não sei por que ele diz isso, mas sinto arrepios nos braços. Parece que pode ter sido uma percepção sobre mim de alguma forma.

Não posso perguntar a ele sobre isso porque vejo a garota e o cara saindo da água em nossa direção. Cadence e Beau.

Quando eles se aproximam, percebo que ela é a garota que Samson estava beijando em sua cozinha mais cedo. Ela está me olhando enquanto faz seu caminho. Quanto mais perto ela chega, mais bonita ela fica. Ela não se senta em uma cadeira; ela se senta bem no colo de Samson. Ela me encara como se esperasse que eu tivesse uma reação ao fato de agora estar usando Samson como sua cadeira pessoal, mas sou boa em esconder o que estou sentindo.

Por que estou sentindo alguma coisa?

— Quem é você? — Cadence me pergunta.

— Beyah. Sou a meia-irmã de Sara.

Posso dizer pela maneira como seus olhos passam por mim que ela é definitivamente uma garota de vestiário. Ela envolve um braço ao redor de Samson como se ela estivesse reivindicando algo. Samson apenas parece entediado ou perdido em pensamentos. Beau, que estava na água com Cadence, se senta ao meu lado depois de pegar uma cerveja.

Seu olhar começa nos meus pés e lentamente desliza pelo meu corpo até que ele finalmente está me olhando nos olhos. — Eu sou Beau, — ele diz com um sorriso ambicioso, estendendo a mão.

Eu agito, mas quando o faço, Sara reaparece com Marcos do mergulho. Ela geme ao ver Beau me dando atenção. — Beyah está prestes a se casar, — diz Sara. — Não perca seu tempo.

Beau baixa os olhos para minha mão. — Eu não vejo um anel.

— Isso porque o diamante é tão grande que é pesado demais para ela usar o dia todo, — ela retruca.

Beau se inclina na minha direção, olhando para mim com um sorriso malicioso. — Ela está mentindo porque me odeia.

— Eu posso ver isso.

— De onde você é?

— Kentucky.

— Por quanto tempo você está aqui?

— O verão, provavelmente.

Ele sorri. — Agradável. Eu também. Se você ficar entediada, eu moro ... — Ele levanta a mão para apontar para onde quer que esteja sua casa, mas ele para de falar porque Sara está agora parada na nossa frente.

Ela agarra minha mão. — Vamos, Beyah. Vamos para casa.

Estou aliviada. Eu não queria estar aqui para começar.

Me levanto e Beau revira os olhos, levantando uma mão derrotada. — Você está sempre estragando minha diversão, Sara.

Sara se abaixa e dá um beijo de despedida em Marcos. Olho na direção de Samson. Tudo o que consigo me concentrar é na mão que ele pressionou contra a coxa de Cadence. Começo a me virar para caminhar com Sara, mas antes de fazer isso, Samson faz contato visual comigo. Ele me encara com tanta força que sinto um aperto no peito. Olho para longe e não olho para trás enquanto sigo Sara.

— O que há com Beau? — Pergunto enquanto caminhamos de volta para a casa.

— Ele é inapropriado em todos os sentidos imagináveis. Por favor, não dê atenção a ele, é a última coisa que ele merece.

É difícil dar atenção a outra pessoa quando Samson está na minha presença.

Sara e eu passamos pelas dunas e tudo em mim quer dar uma última olhada para ele, mas não o faço.

— E quanto à garota? Cadence?

— Não se preocupe, — diz Sara. — Ela vai embora amanhã e Samson estará livre.

Eu ri. — Não estou esperando naquela fila.

— Provavelmente é o melhor, — Sara diz quando chegamos em sua casa. — Samson está partindo para a Academia da Força Aérea no final do verão. Por mais que esperasse poder armar para vocês dois, também seria uma merda se você se apaixonasse por ele antes de ele ser despachado.

Paro na escada quando ela diz isso, mas ela não percebe porque está na minha frente. Mas isso me pega de surpresa. Ele não mencionou o que faria depois que seu ano sabático acabou. Não sei porquê, mas não esperava que fosse carreira militar.

Quando entramos em casa, todas as luzes estão apagadas. — Quer ficar acordada e assistir a um filme?

— Estou exausta. Talvez amanhã à noite?

Ela se senta no sofá e pega o controle remoto. Ela inclina a cabeça para trás no sofá e me olha de cabeça para baixo. — Estou feliz que você esteja aqui, Beyah. — Ela liga a TV e sua atenção não está mais em mim, mas suas palavras me fazem sorrir.

Eu acredito quando ela diz que está feliz por eu estar aqui. Isso é bom. Não é sempre que sinto que minha presença é apreciada. Ou mesmo notada.

Quando chego ao meu quarto, fecho e tranco a porta.

Ando até as portas da varanda e as abro, querendo ouvir o som do oceano esta noite enquanto durmo. Mas também quero ver o que Samson está fazendo.

Marcos e Beau ainda estão no fogo. Cadence está se afastando do grupo na direção oposta da casa de Samson.

Samson está caminhando sobre a travessia das dunas, indo em direção à sua casa. Sozinho.

Por que isso me deixa feliz?

Não quero que ele me note aqui, então volto para o meu quarto e fecho as portas da varanda.

Antes de rastejar para a cama, tiro Madre Teresa do saco plástico em que ela viajou e coloco o quadro na cômoda. Parece tão fora do lugar neste quarto chique, mas isso me deixa ainda mais feliz por tê-lo trazido comigo. Preciso de um pedaço de casa para me lembrar que este quarto e esta casa e esta cidade não são minha realidade.

NOVE

Que diabos é esse som?

Eu coloquei minha mão sobre meu ouvido, confusa com o barulho que está me forçando a sair de um sono perfeitamente profundo. Está vindo do outro lado da sala. Abro os olhos e levanto a cabeça do travesseiro, e o som fica mais alto. Olho para fora e quase não há luz. O horizonte está cinza, como se o mundo ainda estivesse se preparando para acordar.

Eu gemo e jogo as cobertas de lado para poder localizar a fonte de todo o barulho. Parece que está vindo da cômoda, então eu me arrasto até ele.

É meu novo telefone. Limpo o sono dos meus olhos para poder ler a tela. São apenas 5h59

Um alarme está definido no meu telefone. Diz: *Vá assistir ao nascer do sol.*

Isso é tudo o que o alerta diz.

Cancelo o alarme e o quarto fica em silêncio novamente. Olho para trás, em direção à varanda.

Samson.

É melhor valer a pena.

Pego o edredom da minha cama e me envolvo nele. Saio para a varanda e olho para a varanda de Samson. Está vazia.

Sento-me em uma das cadeiras e puxo as cobertas até o queixo. Eu fico olhando para o horizonte escuro. Ao Leste, há apenas uma pequena porção de sol aparecendo sobre o oceano. Ao Norte, o céu está escuro e ocasionalmente explode com relâmpagos. Parece que uma tempestade está chegando, ameaçando apagar a luz.

Sento-me na varanda e fico olhando para o sol enquanto ele ilumina lentamente a península. Ouço o som das ondas enquanto elas chegam à praia. O trovão ressoa ao longe, enquanto as gaivotas começam a gorjear nas proximidades.

Estou em transe completo por vários minutos enquanto o vento começa a aumentar. Tão claro quanto o nascer do sol começou, ele escurece lentamente conforme a tempestade se aproxima. O céu engole cada tom de cor que estava tentando surgir, e depois de um tempo, tudo é um cinza suave.

É quando começa a chuva. Estou protegida por um telhado sobre a varanda, e o vento não está extremo agora, então fico do lado de fora, observando enquanto tudo que começou esperançoso apenas quinze minutos atrás lentamente se transforma em escuridão.

Eu me pergunto se Samson sabia que haveria uma tempestade rolando com o nascer do sol hoje. Eu olho para a casa dele e ele está parado na porta, encostado no batente, segurando uma xícara de café. Ele não está olhando para a chuva, nem para o oceano, nem para o céu.

Ele está olhando para mim.

Vê-lo me observando mexeu com algo dentro de mim que não quero mexer. Fico olhando para ele por um momento, perguntando-me se ele acorda todas as manhãs para assistir o nascer do sol, ou se ele apenas queria ver o que eu faria com o alarme que ele configurou no meu telefone.

Talvez ele realmente aprecie o nascer do sol. Ele é um dos poucos que não tem essa visão como certa?

Acho que há uma chance de estar errada sobre ele. Posso tê-lo julgado um pouco cedo demais. Mas, novamente, o que importa se estiver errada? As coisas entre nós estão estranhas e não vejo isso mudando, a menos que um de nós tenha um transplante de personalidade.

Eu interrompo nosso olhar e volto para dentro. Rastejo de volta para a cama.

Acho que vou ficar aqui.

DEZ

Passei a maior parte dos últimos três dias no meu quarto. A chuva e a semana que passei me fizeram não querer mais enfrentar o mundo. Além disso, este quarto está se tornando meu lugar favorito porque me sinto segura aqui, envolta por essas quatro paredes. Tenho uma visão desobstruída do oceano, uma televisão que finalmente descobri como usar e meu próprio banheiro.

Eu realmente poderia ficar neste lugar pelo resto do meu tempo aqui e ficar contente.

O problema são todas as *outras* pessoas que moram nesta casa.

Meu pai me verificou várias vezes. Disse a ele que estava com dor de cabeça e minha garganta doía e doía falar, então ele simplesmente aparece de vez em quando e pergunta se estou me sentindo bem.

Sara tem me trazido coisas. Comida, água, remédios de que realmente não preciso. Em um ponto ontem, ela se arrastou para a minha cama e assistiu Netflix comigo por uma hora antes de sair para um encontro com Marcos. Não falamos muito, mas surpreendentemente não me importei com a companhia dela.

Ela tem uma boa energia. Às vezes me sinto como um buraco negro ao redor dela. Como se talvez estivesse sugando toda a vida dela apenas por estar em sua presença inocente.

Acompanhei a rotina de Samson mais do que gostaria de admitir. Não sei por que estou tão curiosa sobre ele. Sua rotina me intriga, no entanto.

Deixei o alarme dele no meu telefone porque o nascer do sol parece ter se tornado uma coisa entre nós. Ele está em sua própria varanda todas as manhãs. Vemos o mundo acordar sozinho, mas juntos. Cada vez que volto para o meu quarto, fazemos um breve contato visual. Ele não fala comigo, no entanto.

Ele não é uma pessoa matutina ou prefere apreciar o nascer do sol em silêncio. De qualquer maneira, parece íntimo de alguma forma. Como se tivéssemos esta reunião diária secreta que ninguém mais sabe, embora nunca falemos durante a referida reunião.

Geralmente volto para a cama depois, mas Samson sempre sai de casa. Não sei aonde ele vai tão cedo todas as manhãs, mas vai quase todos os dias. E quando ele volta à noite, sua casa está sempre às escuras. Ele só acende a luz de qualquer cômodo em que está e apaga a luz assim que sai do cômodo.

Ele parece já viver com precisão militar. A casa está impecável, pelo que posso dizer da minha janela. Faz-me pensar que tipo de pai ele tem. Se ele está indo para o exército, talvez ele

tenha sido criado no exército. Talvez seja por isso que ele parece tão controlado e mantém sua casa tão limpa.

Eu realmente preciso encontrar algo para ocupar meu cérebro se é nisso que passo meu tempo pensando. Talvez deva arrumar um emprego. Não posso ficar neste quarto para sempre.

Poderia comprar uma bola de vôlei e uma rede e praticar, mas isso não parece nada atraente. O treinador já nos atribuiu rotinas e horários de exercícios, mas ainda nem abri o e-mail. Não sei porquê, mas não tenho absolutamente nenhuma vontade de olhar para uma bola de vôlei até estar na Pensilvânia. Eu vivi o vôlei nos últimos cinco anos da minha vida. Estou prestes a vivê-lo pelos próximos quatro.

Eu mereço um mês ou dois sem ter que pensar nisso.

A chuva parou e o sol saiu hoje. Se continuar a fingir que estou doente pelo quarto dia consecutivo, meu pai pode realmente me levar ao médico. Eu realmente não tenho uma desculpa para ficar no meu quarto por muito mais tempo e seria um bom dia para sair e procurar emprego. Talvez pudesse conseguir um emprego de garçonete e economizar minhas gorjetas para quando for para a faculdade.

Daria qualquer coisa por outro dia como os três que vieram antes deste, no entanto. Mas não parece que serei atendida porque alguém está batendo na porta do meu quarto.

— Sou eu, — diz Sara. — Posso entrar?

— Certo. — Já estou sentada na cama, encostada na cabeceira da cama. Sara rasteja para a cama e se senta ao meu lado. Ela cheira à canela.

— Você está se sentindo melhor?

Aceno e forço um pequeno sorriso. — Sim, um pouco.

— Bom. A chuva finalmente parou. Você quer um dia de praia mais tarde?

— Eu não sei. Estava pensando que talvez devesse procurar um emprego de verão. Preciso economizar algum dinheiro para a faculdade.

Ela ri disso. — Não. Aproveite seu último verão antes do início da vida adulta. Aproveite tudo isso, — diz ela, acenando com a mão no ar.

Ela é tão animada. Ainda estou presa no humor de ontem. Há um desequilíbrio óbvio entre nós agora. Ela percebe porque seu sorriso desaparece e ela estreita os olhos para mim.

— Você está bem, Beyah?

Eu sorrio, mas exige muito esforço e meu sorriso vacila com um suspiro. — Eu não sei. Isso tudo é... é meio estranho para mim.

— O quê?

— Estar aqui.

— Você quer voltar para casa?

— Não. — Nem sei onde é minha casa agora, mas não digo isso. Estou no limbo e é uma sensação estranha. Um sentimento deprimente.

— Você está triste? — Ela pergunta.

— Acho que sim.

— Há algo que possa fazer sobre isso?

Eu balancei minha cabeça. — Não.

Ela rola para o lado, segurando a cabeça com a mão. — Nós temos que tirar você dessa depressão. Você acha que parte disso é porque você se sente uma estranha nesta casa?

Concordo. Me sinto deslocada aqui. — Provavelmente contribui.

— Então, só precisamos acelerar nossa amizade. — Ela rola de costas. — Vamos nos conhecer. Faça-me algumas perguntas.

Na verdade, há muito que quero saber sobre ela, então inclino minha cabeça contra a cabeceira da cama e penso em um pouco. — Você tem um bom relacionamento com sua mãe?

— Sim. Eu a amo, ela é minha melhor amiga.

Que sorte. — Onde está seu pai?

— Ele mora em Dallas. Eles se divorciaram há cinco anos.

— Você já o viu?

Sara concorda. — Sim. Ele é um bom pai. Muito parecido com o seu.

De alguma forma, mantenho uma cara séria depois desse comentário.

Ela tem dois bons pais e um padrasto que parece conhecê-la melhor do que conhece a própria filha. Espero que ela não tenha isso como certo.

Sara não passou por muitas dificuldades. Eu posso dizer olhando para ela. Ela ainda está cheia de esperança. — Qual foi a pior coisa que já aconteceu com você? — Pergunto a ela.

— O divórcio dos meus pais foi muito difícil para mim, — diz ela.

— Qual foi a melhor coisa que já aconteceu com você?

Ela sorri. — Marcos.

— Há quanto tempo vocês dois estão juntos?

— Desde as férias de primavera.

— É isso aí?

— Sim, apenas alguns meses. Mas apostaria minha vida que nós vamos nos casar algum dia.

— Não faça isso.

— Não se casar com ele? — Ela pergunta, rolando em seu estômago.

— Não aposte sua vida nisso. Você só o conhece há alguns meses.

Ela sorri. — Oh, não quero dizer tão cedo. Vamos esperar até depois da faculdade. — Ela ainda está sorrindo sonhadora quando diz: — Estou transferindo de escola para ficar mais perto dele...

— Ele está na faculdade também?

— Sim, ele é formado em moda na U of H. Minoring em negócios.

— Ele é formado em moda?

Ela concorda. — Ele quer começar uma linha de roupas chamada *HisPanic*.

— Isso explica as camisas.

— Sim, é muito inteligente. Ele nasceu em Chiapas, então planeja doar parte da renda para ajudar a combater a pobreza lá,

se sua linha de roupas decolar. Ele já tem cinco mil seguidores no Instagram.

— Isso é bom? Não sei muito sobre mídia social.

— É melhor do que *não* ter cinco mil seguidores. — Ela se senta na cama e cruza as pernas. Ela se move muito. Gostaria de ter metade de sua energia. — Posso te fazer uma pergunta?

Concordo. — Eu perguntei a você cerca de dez, então é justo.

— O que te faz feliz? — Sua expressão está cheia de curiosidade genuína.

Tenho que desviar o olhar antes que ela veja essa expressão em meu próprio rosto, porque, honestamente... não sei o que me faz feliz. Estou meio curiosa sobre isso também. Passei minha vida inteira tentando sobreviver; nunca pensei realmente sobre as coisas que estão além disso.

Conseguir uma refeição costumava me fazer feliz. As noites em que minha mãe não trazia estranhos para casa costumavam me deixar feliz. Os dias de pagamento no McDonald's costumavam me deixar feliz.

Não tenho certeza de porque sua pergunta desperta tanto em mim, mas percebi, pela primeira vez desde que cheguei aqui, que as mesmas coisas que costumavam me fazer feliz não são mais problemas na minha vida.

O *que* me deixa feliz?

— Eu não sei. — Olho para a água pela janela e sinto uma sensação de calma tomar conta de mim. — O oceano, eu acho.

— Então você deve aproveitar o oceano enquanto o tem. Não arrume um emprego de verão. Você tem o resto de sua vida para trabalhar. Faça deste verão tudo sobre você. Parece-me que você merece ser um pouco egoísta pela primeira vez.

Aceno em concordância. — Eu mereço isso.

Ela sorri. — Estou feliz que você perceba isso. — Ela se empurra para fora da cama. — Prometi ao Marcos que iria com ele cortar o cabelo e almoçar tarde. Você pode vir conosco se quiser.

— Não, preciso tomar banho. Posso dar um passeio na praia mais tarde.

Sara sai do meu quarto. — OK. Estaremos de volta em algumas horas. Não jante, vamos cozinhar na praia esta noite.



Sara mencionou que uma grande parte da Península de Bolívar é conhecida como Zoo Beach. São permitidos veículos na

areia, assim como carrinhos de golfe, por isso é um trânsito constante e uma festa constante.

A área onde Sara mora ainda recebe um pouco desse tráfego, mas não é tão movimentada como certas partes da península. Mas apenas alguns quilômetros abaixo da casa de Sara começa um mundo totalmente diferente. Não necessariamente melhor. Eu acho que dependeria do seu humor, mas meu humor agora certamente não é música alta e masculinidade tóxica.

Eu me viro para andar de volta antes de chegar muito longe na área lotada. Há alguns caras sentados na carroceria de sua caminhonete, persuadindo um cachorro com um hambúrguer.

A caixa torácica do cachorro é visível através de seu pelo. Observo enquanto o cachorro caminha lentamente em direção aos dois caras na traseira da caminhonete, como se soubesse que há um preço que terá de pagar pela comida que está prestes a receber.

Imediatamente sinto empatia pelo cachorro.

— É isso, — diz um dos rapazes, segurando seu hambúrguer. — Só um pouco mais perto.

Quando o cachorro está ao seu alcance, o cara puxa a comida e o outro rapidamente passa por cima do cachorro e o captura entre os joelhos. Eles estão rindo quando ele puxa uma

bandana sobre os olhos do cachorro e o solta. O cachorro começa a tropeçar, incapaz de ver.

Corro até o cachorro enquanto ele tenta arrancar a bandana com a pata. Eu o removo de sua cabeça e ele olha para mim, assustado, então sai correndo.

— Vamos! — um dos caras diz. — Estamos apenas nos divertindo com ele.

Jogo a bandana para eles. — Fodidos estúpidos. — O cachorro está fugindo agora. Me aproximo, pego o hambúrguer da mão do cara e sigo o cachorro.

— Vadia, — ouço um deles murmurar.

Volto na direção de onde vim, para longe da multidão e em direção ao cachorro. O pobrezinho se encolhe atrás de uma lata de lixo azul e se esconde. Ando devagar em direção a ele até estar a alguns metros de distância e, então, jogo o hambúrguer em sua direção.

O cachorro cheira por um segundo e depois começa a comê-lo. Continuo andando, com raiva agora. Não entendo os humanos às vezes. Eu odeio isso, porque me encontro desejando que a humanidade inteira sofresse apenas um pouquinho mais do que eles. Talvez se todos experimentassem um pouco do que aquele cachorro viveu, ficariam mais hesitantes em ser idiotas.

Estou na metade do caminho para casa quando percebo que o cachorro está me seguindo. Ele deve pensar que tenho mais hambúrgueres.

Paro e o cachorro para.

Nós nos encaramos, avaliando um ao outro.

— Não tenho mais comida.

Começo a andar de novo e o cachorro continua a me seguir. De vez em quando, ele é desviado por alguma coisa, mas depois olha para cima, me encontra e corre para me alcançar. Ele ainda está nos meus calcanhares quando finalmente chego à casa.

Tenho certeza de que não posso levar um cachorro tão imundo assim comigo, mas posso, pelo menos, conseguir um pouco de comida para ele. Quando chego aos degraus inferiores, me viro e aponto para ele. — Fique.

O cachorro senta bem onde aponto. Surpreende-me. Pelo menos ele escuta bem.

Pego algumas fatias de peru da geladeira, preparo uma tigela com água e levo para o cachorro. Sento-me no último degrau e esfrego sua cabeça enquanto ele come. Não sei se alimentá-lo aqui em casa é uma má ideia. Ele provavelmente vai ficar por aqui agora que o alimentei, mas talvez isso não seja uma coisa tão ruim. Poderia usar a companhia de algo que não me julga.

— Beyah!

As orelhas do cachorro se animam ao som do meu nome. Eu olho para cima e ao redor, tentando localizar a pessoa que acabou de gritar, mas não vejo ninguém.

— Aqui em cima!

Eu olho para a casa maliciosa encurralada a esta na segunda fila atrás de um terreno baldio em frente à praia. Tem um cara parado na beira de um telhado extremamente alto. Ele está tão alto que levo alguns segundos antes de perceber que o cara é Samson.

Ele acena para mim e, como uma idiota, olho ao redor para ter certeza de que ele está falando comigo, embora ele tenha dito especificamente meu nome.

— Venha aqui! — Ele brada.

Samson está sem camisa. Sinto-me tão patética e faminta quanto este cachorro quando me levanto imediatamente.

Eu olho para o cachorro. — Eu volto já. Fique aqui.

Assim que começo a atravessar a rua, o cachorro me segue.

Entro no quintal que contém a casa em que Samson está de pé. Ele está perigosamente perto da borda do telhado agora, olhando para baixo. — Pegue as escadas para a porta da frente.

Então pegue a primeira porta à esquerda no corredor. Isso leva ao acesso ao telhado. Eu quero te mostrar algo.

Posso ver o suor brilhando em sua pele daqui de baixo, então olho para os meus pés por um segundo, tentando descobrir o que fazer. Não tive necessariamente as melhores interações com ele. Por que iria me expor a mais disso?

— Tenho medo de altura! — Digo alto, olhando para ele.

Samson ri. — Você não tem medo de nada, venha aqui.

Não gosto de como ele diz isso com tanta confiança, como se me conhecesse. Mas ele está certo. Não tenho medo de muita coisa. Me viro para o cachorro e aponto para perto da escada. — Fique. — O cachorro caminha até o local para o qual apontei e se senta. — Maldito cachorro. Você é tão esperto.

Subo as escadas até a porta da frente. *Devo bater?* Eu faço, mas ninguém responde.

Estou assumindo que Samson é o único aqui ou ele teria descido para me deixar entrar.

Abro a porta e me sinto extremamente estranha por estar em uma casa desconhecida. Rapidamente sigo para a porta à esquerda e abro. É uma escada que leva todo o caminho até uma pequena área de estar circular fechada no topo da escada. Tem a forma do topo de um farol e está situado no centro da casa. Ele está envolto em janelas com uma visão de 360 graus.

É impressionante. Não sei por que toda casa não tem um desses. Eu viria aqui todas as noites e leria um livro.

Uma das janelas se abre para o telhado e Samson está esperando por mim, segurando-a aberta.

— Isso é muito legal, — digo, olhando para fora. Levo um momento para criar coragem antes de subir no telhado. Na verdade, não tenho medo de altura, como disse antes, mas esta casa é sobre palafitas, e há dois andares em cima dessas palafitas.

Samson pega minha mão e me ajuda a sair e subir no telhado antes de fechar a janela.

Inalo uma respiração instável quando me situo, porque não percebi o quão alto estávamos até este momento. Não ouso olhar para baixo.

Tudo parece diferente daqui de cima. Por causa da altura desse telhado, todas as outras casas parecem pequenas em comparação.

Há telhas soltas em uma pilha ao lado de uma caixa de ferramentas aos pés de Samson. — Esta é uma das suas cinco casas de aluguel?

— Não. Só ajudando minha amiga Marjorie. Ela tem um vazamento. — O telhado aqui tem dois níveis, um apenas alguns

metros mais alto que o outro. Samson passa para o segundo nível e coloca as mãos nos quadris. — Venha aqui.

Quando estou ao lado dele, ele aponta na direção oposta do oceano. — Você pode ver o pôr do sol sobre a baía daqui.

Eu olho na direção que ele está apontando e o céu está em chamas do outro lado da península. Vermelhos e roxos e rosas e azuis, todos girando juntos.

— Marjorie tem a casa mais alta do bairro. Você pode ver toda a península.

Eu giro em um círculo lento, admirando a vista. A baía está iluminada com salpicos de cores tão brilhantes que parece um filtro. Posso ver toda a praia até onde meus olhos permitem.

— É lindo.

Samson olha para o pôr do sol por um momento, então salta para a parte inferior do telhado de dois andares. Ele caminha até a caixa de ferramentas, ajoelhando-se ao lado dela. Ele coloca uma telha no telhado e começa a prender.

Testemunhar como ele simplesmente se move neste telhado como se estivesse em um terreno plano me deixa instável sobre meus próprios pés. Eu me sento.

— Era tudo o que eu queria, — diz ele. — Sei que você gosta do nascer do sol, então queria que você visse o pôr do sol daqui de cima.

— O nascer do sol de hoje realmente me deprimiu.

Ele balança a cabeça, como se soubesse exatamente o que quero dizer com isso. — Sim. Às vezes, as coisas são tão bonitas que todo o resto é um pouco menos impressionante.

Eu o observo em silêncio por um tempo. Ele fixa cerca de cinco telhas no lugar enquanto o céu devora a maior parte de sua luz. Ele sabe que estou olhando para ele, mas por algum motivo não é constrangedor olhar para ele neste momento. É como se ele preferisse que estivesse aqui do que não. É o que sentimos de manhã quando nos sentamos em nossas respectivas varandas e não falamos.

Seu cabelo está molhado de suor, então é um louro mais escuro que o normal. Há um colar pendurado em seu pescoço e, de vez em quando, quando ele se move, posso ver o brilho de uma linha de bronzeado abaixo dele. Ele nunca deve tirá-lo. É um pedaço de madeira pendurado em uma corda trançada preta e fina.

— O seu colar tem algum significado?

Ele assente, mas não explica o que significa. Ele simplesmente continua trabalhando.

— Você vai me dizer o que isso significa?

Ele balança a cabeça.

Está bem então.

Eu suspiro. O que estou fazendo ao tentar conversar com ele? Esqueci como é.

— Você comprou um cachorro hoje? — ele pergunta.

— Fui dar uma volta. Ele me seguiu até em casa.

— Eu vi você alimentá-lo. Ele não vai embora agora.

— Não me importo.

Samson me olha por um momento, depois enxuga o suor da testa com o braço. — O que Sara e Marcos farão hoje à noite?

Encolho os ombros. — Ela disse algo sobre um churrasco.

— Boa. Estou faminto. — Ele volta a prender as telhas no telhado.

— Quem é Marjorie? — Pergunto.

— Ela é dona desta casa. O marido dela morreu há alguns anos, então a ajudo de vez em quando.

Me pergunto quantas pessoas ele conhece neste bairro. Ele cresceu no Texas? Onde ele foi para a escola? Por que ele está indo para a Força Aérea? Tenho muitas perguntas.

— Há quanto tempo você tem casas aqui?

— Não tenho casas aqui, — diz ele. — Meu pai tem.

— Há quanto tempo seu *pai* tem casas aqui?

Samson leva um segundo para responder. — Não quero falar sobre as casas do meu pai.

Mastigo meu lábio. Parece que muitas perguntas estão fora dos limites para ele. Eu odeio porque me deixa ainda mais curiosa. Não encontro pessoas que guardam segredos como eu. A maioria das pessoas quer um ouvinte. Alguém para quem eles podem contar tudo. Samson não quer um ouvinte. Nem eu. O que provavelmente explica por que as conversas entre nós são diferentes das conversas que tenho com outras pessoas.

Nossas conversas parecem borradas. Como gotas de tinta e muito espaço em branco.

Samson começa a colocar todas as suas ferramentas de volta em sua caixa de ferramentas. Ainda está claro, mas não demorará muito. Ele se levanta e volta ao nível superior, depois se senta ao meu lado no telhado.

Posso sentir o calor de seu corpo, ele está tão perto.

Ele apoia os cotovelos nos joelhos. Ele realmente é uma pessoa linda. É difícil não olhar para pessoas como ele. Mas acho

que seu carisma vem mais da maneira como ele se comporta do que de sua aparência. Ele pode ter um lado artístico.

Definitivamente, há um aspecto tranquilo nele que o faz parecer introspectivo. Ou talvez ele esteja apenas protegido.

O que quer que seja que o compõe como um todo, me vejo olhando-o como um projeto que desejo assumir. Um desafio. Quero abri-lo e ver o que há dentro dele que o torna a única pessoa no planeta pela qual estou genuinamente curiosa.

Samson passa o polegar pelo lábio inferior, então, naturalmente, já estou olhando para sua boca quando ele começa a falar. — Tinha um pescador que costumava aparecer muito, — diz ele. — O nome dele era Rake. Ele morava em seu barco e subia e descia a costa daqui até South Padre. Às vezes, ele ancorava seu barco ali mesmo, nadava até a praia e se juntava a pessoas aleatórias em seus churrascos. Não me lembro muito dele, mas lembro que ele escrevia poemas em pedaços de papel e os distribuía para as pessoas. Acho que isso é o que mais me fascinou nele. Ele era esse pescador destemido que escrevia poesia. — Ele sorri quando diz isso. — Lembro-me de pensar que ele era algum tipo de criatura mítica intocável. — O sorriso de Samson desaparece e ele faz uma pausa por um momento. — O furacão Ike o atingiu em 2008. Ele destruiu a maior parte da ilha. Eu estava ajudando na limpeza e encontrei o barco de Rake perto do final da península em Gilchrist. Estava em frangalhos. — Ele

toca seu colar, olhando para ele. — Peguei um pedaço do barco e fiz este colar com ele.

Ele mantém os dedos em seu colar e olha para o oceano, deslizando o pedaço de madeira para frente e para trás através do cordão.

— O que aconteceu com Rake?

Samson me encara. — Eu não sei. Ele não era tecnicamente um residente da área, então ele não foi contado entre os desaparecidos ou mortos. Mas ele nunca teria abandonado aquele barco, mesmo durante um furacão. Não sei se as pessoas o procuraram ativamente, para ser honesto. Nem tenho certeza se alguém percebeu que ele sumiu depois do furacão.

— Você percebeu.

A expressão de Samson muda quando digo isso. Há uma tristeza nele e um pouco dela vaza. Não gosto porque, aparentemente, é com tristeza que me conecto. Sinto que ele está puxando minha alma com aquele olhar.

Samson não é quem pensei que era quando o conheci. Não sei como processar isso. Admitir que ele não é nada como eu presumi que fosse me deixa desapontada comigo mesma. Nunca me considerei uma crítica, mas acho que sou. Eu o julguei. Eu julguei Sara.

Desvio o olhar de Samson e me levanto. Eu desço no nível mais baixo do telhado e me viro quando alcanço a janela. Trocamos um olhar que dura cerca de cinco segundos silenciosos. — Eu estava errada sobre você.

Samson acena, segurando meu olhar. — Tudo bem.

Ele diz isso com sinceridade, como se ele não tivesse nada contra mim.

Não encontro muitas vezes pessoas com as quais acho que posso aprender algo, mas ele pode realmente ter me descoberto mais do que eu o tenho descoberto. Eu acho isso atraente.

É por isso que saio do telhado e desço as escadas me sentindo muito mais pesada do que quando as subi.

O cachorro ainda está no mesmo lugar quando volto para fora. Ele está olhando para mim com entusiasmo – seu rabo balançando quando chego ao último degrau. — Olhe para você, sendo todo obediente. — Me curvo e o acaricio. Seu pelo está todo emaranhado. A pobre criatura não amada me lembra muito de mim mesma.

— Esse é seu cachorro?

Sigo a voz até ver uma mulher sentada em uma mesa de piquenique abaixo do primeiro nível da casa. Ela está mexendo em um saco com algo que está em seu colo. Ela é mais velha, talvez na casa dos setenta. Ela deve ser Marjorie.

— Não sei, — digo, olhando para o cachorro. — Acabamos de nos conhecer.

Aproximo-me da mesa de piquenique. O cachorro me segue.

— Você é amiga de Samson? — Ela pergunta.

— Eu não sei, — digo, repetindo-me. — Nós também acabamos de nos conhecer.

Ela ri. — Bem. Se você o desvendar, avise-me. Ele é um mistério, o próprio.

Acho que não sou a única que pensa isso sobre ele.

— Ele queria que eu visse a vista do seu telhado. É lindo. — Agora que estou mais perto, posso ver que ela está quebrando nozes. Eu me inclino contra uma das palafitas que sustentam sua casa. — Há quanto tempo você conhece Samson? — Pergunto a ela.

Ela levanta o queixo pensando. — Desde o início do ano, eu acho. Tive um ataque cardíaco em fevereiro. Não consigo me locomover como costumava fazer, então ele vem de vez em quando e o coloco para trabalhar. Ele não reclama. Ele também não cobra de mim, então não tenho certeza do que ele está ganhando com isso.

Sorrio. Gosto que ele não aceite dinheiro dela. Não que ela não possa pagar alguém para ajudá-la. Ela está sentada na casa

mais alta do que é provavelmente o bairro mais bonito desta península. Não é a mais moderna. Na verdade, é meio antiga, mas tem personalidade. Parece habitada, ao contrário de muitas dessas outras casas que são idênticas e prontas para alugar. — Gosto muito da sua casa, — digo, olhando em volta. — Como você chama este nível?

— O nível de palafitas, — diz ela. Ela aponta acima de sua cabeça. — Consideramos isso o primeiro andar.

Eu olho em volta para as outras casas. Algumas delas fecharam seus níveis de palafitas. Algumas tornaram-nos lugares de estacionamento. Eu gosto de Marjorie. Ela tem um bar tiki, uma mesa de piquenique e um par de redes penduradas entre algumas das palafitas.

— Algumas pessoas gostam de transformar seus níveis de palafitas em quartos extras, — diz ela. — Os novos idiotas da porta ao lado cercaram um quarto de hóspedes inteiro no nível de palafitas. Não muito brilhante, mas eles não queriam minha opinião. Eles vão descobrir isso em breve. Alguns dias o oceano é nosso vizinho, mas alguns dias o oceano é nosso companheiro de quarto. — Ela faz um gesto para que eu me aproxime. — Aqui. Leve estas. — Ela me entrega um saco do tamanho de um galão de nozes com casca.

— Você não tem que me dar isso, — digo, tentando devolvê-los a ela.

Ela acena para mim. — Fique com elas. Eu tenho muitas.

Não tenho ideia do que vou fazer com meio quilo de nozes. Vou dar para Alana, eu acho. — Obrigada.

Marjorie acena com a cabeça para o cachorro. — Você já o nomeou?

— Não.

— Você deveria chamá-lo de Pepper Jack Cheese.

Eu ri. — Por quê?

— Por que não?

Olho para o cachorro. Ele não parece um pedaço de queijo. Não tenho certeza se *algum* cachorro parece queijo. — Pepper Jack, — digo, testando o nome dele. — Você se sente como um Pepper Jack?

— Pepper Jack *Cheese*, — corrige Marjorie. — Ele merece o nome completo.

Eu gosto de Marjorie. Ela é estranha. — Obrigada pelas nozes. — Olho para o cachorro. — Vamos para casa, Pepper Jack Cheese.

ONZE

Eu fui para uma pequena escola primária. Foi onde conheci Natalie. Ficava a apenas alguns quarteirões da minha casa e era pequena o suficiente para que houvesse apenas um professor por série. Seu status era o ano em que você estava. Na escola primária, ninguém se importava com dinheiro porque éramos muito jovens para saber mais sobre o assunto.

O ensino fundamental II e o ensino médio eram diferentes. Eles eram campus muito maiores e, naquela época, o dinheiro definia seu status. A menos que você fosse excepcionalmente bonita. Ou, no caso de Zackary Henderson, famoso no YouTube. Ele não era rico, mas seu status na mídia social o colocou no meio da multidão rica. Seguidores são considerados uma moeda mais valiosa do que dinheiro para muitas pessoas da minha idade.

Eu vim da pior parte da cidade e todos sabiam disso. As crianças da minha vizinhança, que eram tão pobres quanto eu, começaram lentamente a diminuir. Muitos deles seguiram os mesmos passos tristes de seus pais, voltando-se para as drogas. Nunca me senti parte daquela multidão porque fiz tudo o que podia para ser o oposto exato de minha mãe e das pessoas como ela.

Mas não importava na escola. Natalie era minha única amiga até entrar para o time de vôlei como caloura. Algumas garotas do time me aceitaram, especialmente depois que me tornei a melhor do time, mas a maioria delas se ressentia de mim. Elas ainda me tratavam como se eu fosse menos do que elas. E não era necessariamente um bullying típico. Sem xingamentos ou sendo empurrada pelos corredores. Acho que posso ter sido muito intimidante para algumas delas para ser incomodada.

Eu teria lutado e elas sabiam disso.

Era mais por isso que eu era evitada. Ignorada. Nunca fui incluída em nada. Tenho certeza de que muito disso tinha a ver com o fato de que era uma das poucas na minha escola que não tinha telefone celular, laptop ou telefone residencial. Nenhum meio de conexão fora do horário escolar, e isso pode ser socialmente prejudicial para qualquer pessoa hoje em dia. Ou talvez seja apenas minha maneira de desculpar a exclusão durante boa parte dos seis anos.

É difícil não ficar amargurada quando você passa tanto tempo sozinha. É especialmente difícil não ficar amargurada com os sistemas de classes e as pessoas com dinheiro, porque quanto mais ricos eles eram, mais parecia que eu não existia para eles.

É por isso que estar aqui nesta praia com o tipo de pessoa para quem tenho certeza que seria invisível no colégio é difícil para mim. Quero acreditar que Sara teria me tratado da mesma

maneira que agora se a conhecesse no colégio. Quanto mais a conheço, menos a vejo como alguém que seria intencionalmente uma merda com qualquer um.

E Samson. Como ele tratou os azarões?

Nem todo mundo que tinha dinheiro era um idiota na minha escola, mas o suficiente era que acho que poderia ter apenas juntado todos eles. Parte de mim se pergunta se as coisas teriam sido diferentes se tivesse tentado mais. Me aberto mais. Eu teria sido aceita?

Talvez a única razão pela qual não fui aceita é porque não queria ser. Era mais fácil ficar sozinha. Eu tive Natalie quando precisei dela, mas ela tinha um telefone celular e outros amigos que a mantinham ocupada, então não éramos inseparáveis. Não posso nem dizer que éramos melhores amigas.

Só sei que nunca fiz coisas assim. Nunca saí em grupos com pessoas. Quando tinha idade suficiente para conseguir um emprego, trabalhei o máximo que pude. Então fogueiras, churrascos e passar tempo com pessoas da minha idade é algo estranho para mim. Estou tentando encontrar uma maneira de ficar à vontade no meio desta multidão, mas vai demorar. Passei muitos anos me tornando a pessoa que sou. É difícil mudar quem você é em poucos dias.

Há cerca de oito pessoas ao redor da fogueira, mas nenhuma delas é Samson. Ele desceu e pegou um hambúrguer,

mas voltou para sua casa depois de comer. Os únicos dois que conheço são Sara e Marcos, mas eles estão sentados na minha frente, o fogo nos separando. Eu não acho que eles conheçam as outras pessoas aqui tão bem também. Ouvi Marcos perguntar a um dos caras de onde ele é.

Deve ser coisa de praia. Sair com pessoas aleatórias que você mal conhece. Estranhos se reunindo ao redor de uma fogueira, fazendo perguntas superficiais uns aos outros até que estejam bêbados o suficiente para fingir que se conhecem há toda a vida.

Acho que Sara pode dizer que estou dobrando sobre mim mesma. Ela se aproxima e se senta ao meu lado. Pepper Jack Cheese está deitado na areia ao lado da minha cadeira. Sara olha para o cachorro e o coça na cabeça.

— Onde você encontrou essa coisa?

— Ele me seguiu para casa mais cedo.

— Você já o nomeou?

— Pepper Jack Cheese.

Ela olha para mim. — Sério?

Encolho os ombros.

— Até que eu gosto. Devíamos dar um banho nele mais tarde. Temos um chuveiro ao ar livre no nível das palafitas.

— Você acha que sua mãe me deixaria ficar com ele?

— Não em casa, mas poderíamos dar a ele um lugar do lado de fora. Ela provavelmente nem vai notar, honestamente. Eles mal ficam aqui.

Percebi isso. Os dois chegam tarde em casa e tendem a ir para a cama logo depois. Eles saem de manhã cedo. — Por que eles saem tanto?

— Os dois trabalham em Houston. O trânsito está terrível, então eles jantam juntos na cidade durante a semana para que não tenham que lutar contra ele. Mas eles tiram folga nas sextas-feiras durante o verão, então ambos têm fins de semana de três dias.

— Por que eles se incomodam em dirigir até aqui de segunda à quinta? Não é a casa principal deles em Houston?

— Minha mãe se preocuparia muito comigo. Ela não é tão rígida como costumava ser porque tenho quase vinte anos, mas ela ainda quer saber que estou em casa na cama todas as noites. E ela adora o oceano. Acho que ela dorme melhor aqui.

— Alguém mora na sua casa de praia quando não é verão?

— Não, nós a usamos como um aluguel. Viemos aqui para férias ou uma escapadela de fim de semana de vez em quando. — Ela para de acariciar Pepper Jack Cheese e olha para mim. —

Onde você vai ficar quando começar as aulas em agosto? Você vai voltar a morar com sua mãe?

Meu estômago se revira com essa pergunta. Todos eles ainda acham que vou para alguma faculdade comunitária em Kentucky. Sem falar que ainda não contei a ninguém sobre minha mãe.

— Não. Eu estarei...

Marcos aparece e puxa Sara de sua cadeira antes que possa terminar minha frase. Ele a levanta e ela grita e envolve os braços em volta do pescoço dele enquanto ele a leva para a água. Pepper Jack Cheese se levanta e late por causa da comoção.

— Está tudo bem, — digo, colocando minha mão em sua cabeça. — Deite-se.

Ele reassume sua posição na areia. Fico olhando para a casa de Samson, perguntando-me o que ele está fazendo. Ele tem uma garota com ele? Isso explicaria por que ele não está aqui se socializando.

Não gosto de ficar aqui sozinha agora que Sara e Marcos estão na água. Não conheço nenhuma dessas outras pessoas e elas estão realmente começando a ficar turbulentas. Acho que sou a única que não bebe.

Eu me levanto e dou uma caminhada para me afastar do grupo antes que qualquer um deles decida brincar de girar a

garrafa ou outra coisa tão horripilante quanto. Pepper Jack Cheese me segue.

Estou realmente começando a gostar desse cachorro. Sua lealdade é boa, mas seu nome é muito longo. Eu posso apenas chamá-lo de PJ

Há um castelo de areia abandonado a poucos metros do grupo que está meio destruído. PJ corre até ele e começa a farejá-lo. Sento-me ao lado do castelo de areia e começo a reconstruir uma das paredes.

A vida é estranha. Um dia você está olhando para sua mãe morta e alguns dias depois está construindo um castelo de areia na praia sozinha no escuro com um cachorro que leva o nome de um queijo.

— Vai ser levado pela maré em uma hora.

Olho para cima para ver Samson parado ao meu lado. Estou extremamente aliviada em vê-lo aqui e isso me faz sentir estranha. Estou começando a encontrar um estranho conforto em sua presença.

— Então é melhor você me ajudar a construir um muro de contenção.

Samson caminha ao redor do castelo de areia e se senta do outro lado dele. Ele olha para o cachorro. — Ele gosta de você.

— Eu o alimentei. Tenho certeza de que se você desse um hambúrguer a ele, ele o seguiria também.

Samson se inclina para frente e começa a empilhar areia em seu lado do castelo. A visão disso me faz sorrir. Um cara gostoso sem camisa brincando na areia.

Roubo olhares para ele de vez em quando, impressionada com seu foco.

— O nome dele é Pepper Jack Cheese, — digo, quebrando um trecho de silêncio.

Samson sorri. — Você conheceu Marjorie?

— Como você sabia que era ideia dela?

— Ela tem dois gatos. Seus nomes são queijo cheddar e mussarela.

Eu ri. — Ela é interessante.

— Sim, ela é.

A maré se aproxima e parte da água se derrama na área onde estamos trabalhando. Samson para de bater nas paredes com as mãos. — Você já entrou na água?

— Não. Estou meio desconfiada disso.

— Por quê?

— Medusa. Tubarões. Todas as coisas que não consigo ver sob a superfície.

Samson ri. — Hoje estivemos no topo de uma casa de três andares. Você está mais segura no oceano do que naquele telhado. — Ele se levanta e limpa a areia do short. — Vamos.

Ele está entrando na água, sem esperar por mim. Procuro o Marcos e a Sara, mas estão bem à frente.

O oceano é enorme, então não sei por que entrar nele com Samson parece íntimo. Eu me levanto e tiro meu short, em seguida, jogo-o perto de Pepper Jack Cheese.

— Fique de olho nisso, — digo.

Entro na água. Está mais quente do que pensei que estaria. Samson está vários metros à minha frente. Eu continuo andando, surpresa com o quão longe eu tenho que ir antes que a água alcance meus joelhos. Samson mergulha em uma onda, desaparecendo sob a água.

Quando a água finalmente chega ao meu peito, Samson reaparece. Ele está a meio metro de mim quando sai da água. Ele penteia o cabelo para trás e olha para mim.

— Viu? Nada assustador.

Ele se abaixa até que a água chegue ao pescoço. Nossos joelhos se tocam acidentalmente, mas ele age como se não

percebesse. Ele não faz nenhum movimento para recuar, mas me movo um pouco para ter certeza de que isso não aconteça novamente. Não o conheço muito bem, e não tenho certeza se quero dar a ele essa ideia. Ele tinha uma garota diferente em seu colo na outra noite. Não tenho planos de ser outro troféu.

— Marjorie lhe deu nozes hoje? — ele pergunta. Eu aceno e isso o faz rir. — Tenho tantas nozes-pecãs, — diz ele. — Apenas as deixo na varanda de outras pessoas agora.

— É isso que ela faz o dia todo? Quebra pecans?

— Bastante.

— Onde ela consegue? Ela nem mesmo tem árvores.

— Não tenho ideia, — diz ele. — Não a conheço muito bem. Eu só a conheci há alguns meses. Estava passando pela casa dela e ela me parou e perguntou se iria à loja em breve. Perguntei o que ela precisava e ela me disse que precisava de baterias. Perguntei qual era o tamanho e ela disse: '*Surpreenda-me*.'

Eu sorrio, mas não é realmente por causa do que ele disse. É porque gosto da maneira como ele fala. Há algo sobre a forma como seu lábio inferior se move quando ele fala que rouba meu foco.

O olhar de Samson retorna ao meu rosto, mas ele não está olhando nos meus olhos. Percebo que ele olha para minha boca

e depois desvia o olhar novamente. Ele nada um pouco mais longe.

A água já está no meu pescoço. Estou tendo que usar meus braços para me manter em uma área onde posso tocar.

— Sara disse que você esteve doente nos últimos dias, — diz ele.

— Não tenho me sentido bem, mas é mais uma doença emocional do que física.

— Você está com saudades de casa?

Balancei minha cabeça. — Não. Definitivamente, não estou com saudades de casa. — Ele está com um humor estranhamente falador, ao que parece. Aproveito isso. — Aonde você vai todos os dias? O que você faz além de ajudar velhinhas de graça?

— Eu apenas tento ser invisível, — diz ele.

— O que isso significa?

Samson desvia o olhar de mim, para a lua cheia se equilibrando bem acima da beira da água. — É uma longa explicação. Eu realmente não quero explicações longas agora.

Não é surpreendente. Ele parece querer ficar na parte rasa quando se trata de conversas.

— Eu não consigo entender você, — digo.

Sua expressão não muda em nada, mas sua voz tem um tom de diversão quando ele diz: — Não pensei que você queria.

— Isso é porque pensei que tinha descoberto você. Mas já disse que estava errada. Você está em camadas.

— Em camadas? — Ele repete. — Como uma cebola ou um bolo?

— Definitivamente uma cebola. Suas camadas são do tipo que uma pessoa precisa descascar.

— É isso que você está tentando fazer?

Encolho os ombros. — Não tenho mais nada para fazer. Talvez passe meu verão removendo todas as suas camadas até que você finalmente responda a uma pergunta.

— Eu respondi uma. Eu te contei sobre o meu colar.

Eu concordo. — É verdade, você me deu isso.

— Você se acha fácil de ler? — ele pergunta.

— Eu não sei.

— Você não é.

— Você está tentando?

Ele segura meu olhar por um momento. — Se você estiver.

Essa resposta faz meus joelhos parecerem âncoras. — Tenho a sensação de que não iremos longe um com o outro, — digo. — Eu gosto de guardar meus segredos. Tenho a sensação de que você também.

Ele concorda. — Você não vai passar da minha primeira camada, posso prometer isso.

Algo me diz que vou. — Por que você é tão reservado? Sua família é famosa ou algo assim?

— Ou algo assim, — ele diz.

Ele continua se aproximando de mim. Isso me faz pensar que essa atração pode ser mútua. É difícil para mim compreender. Que um cara tão bonito e rico como ele me acharia interessante de qualquer maneira.

Isso me lembra de como me senti na primeira vez que Dakota me beijou. É por isso que me afasto de Samson. Eu não quero que ele diga ou faça nada que possa me fazer sentir do jeito que Dakota me fez sentir logo *após o* nosso primeiro beijo.

Nunca mais quero sentir isso, mas não posso deixar de me perguntar se as coisas seriam diferentes com Samson. O que ele diria depois de nos beijarmos? Ele seria tão sem coração quanto Dakota era?

De alguma forma, agora demos meia-volta e estou de costas para a praia. É como se estivéssemos nos movendo, mas tão

lentamente que não é perceptível. Há gotas de água no lábio inferior de Samson e não consigo parar de olhar para elas.

Nossos joelhos se roçam novamente. Desta vez, não me afasto, mas a conexão dura apenas um segundo. Sinto-me um pouco desanimada quando passa.

Eu me pergunto o que ele sente. Provavelmente não tão confuso sobre o que ele quer quanto eu.

— Qual é a sua razão para ser reservada? — ele pergunta.

Penso nisso por um momento. — Acho que nunca tive ninguém a quem quisesse contar alguma coisa.

Há uma compreensão em seus olhos. Ele diz: — O *mesmo* — , mas é quase um sussurro. Ele afunda na água e desaparece. Eu o ouço subir para respirar atrás de mim alguns segundos depois. Giro e ele está ainda mais perto de mim agora. Nossas pernas estão definitivamente se tocando, mas nenhum de nós se afasta.

Não tenho certeza se já senti isso – como se meu sangue estivesse correndo em minhas veias. Minhas interações com os caras sempre me deixaram querendo mais espaço entre o cara e eu. Não estou acostumada a desejar que não *houvesse* espaço entre mim e outra pessoa.

— Faça-me algumas perguntas, — diz ele. — Provavelmente não vou responder a maioria delas, mas quero saber o que você quer saber sobre mim.

— Provavelmente mais do que você vai me dar.

— Teste-me.

— Você é filho único?

Ele concorda.

— Quantos anos você tem?

— Vinte.

— Onde você cresceu?

Ele balança a cabeça, recusando-se a responder.

— Essa não foi nem mesmo uma pergunta intrusiva, — digo.

— Se você soubesse a resposta, perceberia que era.

Ele tem razão. Isso vai ser um desafio. Mas não acho que ele perceba o quão competitiva posso ser. Consegui uma carona para Penn State graças ao meu compromisso com a vitória.

— Sara disse que você vai para a Academia da Força Aérea?

— Sim.

— Por quê?

— É uma tradição familiar.

— Ah, — digo. — Um bocado. Então, seu pai estava na Força Aérea?

— Sim. E meu avô.

— Como sua família é tão rica? Os militares não pagam bem...

— Algumas pessoas vão para o exército por causa da estima. Não o pagamento.

— Você *quer* ir para a Força Aérea ou está fazendo isso porque é esperado de você?

— Eu quero ir.

— Isso é bom.

Não sei se é ele ou a corrente, mas ele está ainda mais perto agora. Uma das minhas pernas está entre seus joelhos e minha coxa ocasionalmente roça a dele. Posso estar fazendo de propósito, o que me surpreende. Talvez ele também esteja.

— Qual é o seu animal favorito? — Eu pergunto.

— Baleia.

— Comida favorita?

— Frutos do mar.

— Coisa favorita a fazer?

— Nadar.

Eu ri. — Estas são respostas típicas de ratos de praia. Nunca vou chegar a lugar nenhum.

— Faça perguntas melhores, — diz ele incisivamente.

Outro desafio. Olhamos um para o outro com peso enquanto penso em uma pergunta para a qual realmente quero uma resposta. — Sara disse que você não tem relacionamentos – que você só sai com garotas que estão aqui de férias. Por que isso?

Ele não responde. Outra questão que está fora dos limites, eu acho. — Ok, muito privado. Vou pensar em uma pergunta mais fácil.

— Não, vou responder a essa pergunta, — diz ele. — Estou apenas tentando descobrir como. — Ele se abaixa até que a água fique no nível de seu queixo. Eu faço o mesmo. Gosto que tudo em que podemos nos concentrar agora são os olhos um do outro. Embora os seus não sejam muito reveladores.

— Eu não confio facilmente.

Não esperava essa resposta. Esperava que ele dissesse que gosta de estar solteiro ou algo igualmente estereotipado.

— Por quê? Você teve seu coração partido?

Ele aperta os lábios enquanto pondera a questão. — Sim, — diz ele categoricamente. — Me esmagou. O nome dela era Darya.

O fato de que ele disse o nome dela em voz alta faz com que uma pontinha de ciúme inesperada me cutuque por dentro. Quero perguntar a ele o que aconteceu, mas não quero realmente a resposta.

— Como é? — Pergunto-lhe.

— Ter meu coração partido?

Eu concordo.

Ele empurra um pedaço flutuante de alga marinha para longe de nós. — Você nunca se apaixonou?

Eu ri. — Não. Nem mesmo perto. Nunca amei ninguém, nem nunca fui amada *por* ninguém.

— Sim, você foi, — diz ele. — Família conta.

Eu balancei minha cabeça novamente, porque mesmo que a família contasse, minha resposta permaneceria a mesma. Meu pai mal me conhece. Minha mãe não era capaz de me amar.

Olho para longe dele e olho para o mar aberto. — Eu não tenho esse tipo de família, — digo baixinho. — Poucas pessoas têm mães como a minha. Eu nem me lembro dela me abraçando. Nem uma vez. — Cortei meus olhos de volta para os dele. — Agora que penso nisso, nem tenho certeza se alguma vez fui *abraçada*.

— Como isso é possível?

— Quer dizer, abracei as pessoas como uma saudação. Um rápido olá ou um rápido abraço de despedida. Mas eu nunca fui ... não sei como dizer.

— Mantida?

Concordo. — Sim. Essa é uma descrição melhor, eu acho. Nunca fui *abraçada* por ninguém. Eu não sei como é isso. Eu tento evitar isso, na verdade. Parece que seria estranho.

— Acho que depende de quem está segurando você.

Minha garganta está grossa. Engulo e aceno em concordância, mas não digo nada.

— Surpreende-me que você não pense que seu pai a ama. Ele parece ser um cara legal.

— Ele não me conhece. Esta é a primeira vez que o vejo desde que tinha dezesseis anos. Eu sei mais sobre você do que sobre ele.

— Isso não é muito.

— Exatamente, — digo, encarando-o de frente novamente.

O joelho de Samson roça no alto da parte interna das minhas coxas desta vez e estou feliz que ele não possa ver nada

do meu queixo para baixo, porque meu corpo está coberto de calafrios agora.

— Achava que não havia muitas pessoas como eu no mundo, — diz ele.

— Você acha que somos iguais? — Eu quero rir dessa comparação, mas não há um pingo de humor em sua expressão.

— Acredito que temos muito mais em comum do que você pensa, Beyah.

— Você acha que está tão sozinho neste mundo quanto eu?

Ele cruza os lábios e acena com a cabeça, e é a coisa mais honesta que já vi. Nunca pensei que alguém tão rico pudesse ter uma vida tão ruim quanto a minha, mas posso ver na maneira como ele está olhando para mim. Tudo sobre ele, de repente, parece familiar para mim.

Ele tem razão. Somos parecidos, mas apenas nas formas mais tristes.

Minha voz sai em um sussurro quando digo: — Quando te conheci naquela balsa, poderia dizer que você estava danificado.

Há um lampejo de algo em seus olhos quando ele inclina a cabeça para a direita. — Você acha que estou danificado?

— Sim.

Ele se aproxima ainda mais na água, mas não havia muito espaço entre nós para começar. É deliberado, e muito de mim está tocando muito dele agora. — Você está certa, — diz ele baixinho, deslizando a mão na parte de trás do meu joelho esquerdo. — Não sobrou nada de mim além de uma porra de uma pilha de destroços. — Ele me puxa para ele, envolvendo minhas pernas ao redor dele. Isso é tudo que ele faz, no entanto. Ele não tenta me beijar. Ele apenas nos conecta como se isso fosse o suficiente enquanto nossos braços nos mantêm à tona.

Estou sucumbindo rapidamente a ele. Não sei de que maneira. Todas elas, talvez. Porque agora, preciso que ele faça outra coisa. Algo mais. Prove-me. Toque me. Arraste-me para baixo.

Nós nos olhamos por um momento e é quase como olhar para um espelho quebrado. Ele se inclina lentamente, mas não em direção à minha boca. Ele pressiona seus lábios contra meu ombro, tão gentil que parece um arranhão.

Fecho meus olhos e inalo.

Nunca senti nada tão sensual. Tão perfeito.

Uma de suas mãos desaparece sob a água e encontra minha cintura. Quando abro os olhos, seu rosto está a apenas alguns centímetros do meu.

Nós dois olhamos para a boca um do outro por um breve segundo, e então é como se fogo disparasse pela minha perna inteira.

— Porra!

Algo me picou.

Algo me picou profundamente bem quando eu estava prestes a ser beijada e se esta não for minha sorte. — Merda, merda, merda. — Eu agarro os ombros de Samson. — Algo me picou.

Ele balança a cabeça como se estivesse saindo de um transe. Ele percebe o que aconteceu. — Água-viva, — diz ele. Ele agarra minha mão e me puxa em direção à costa, mas minha perna dói tanto que é difícil andar.

— Oh meu Deus, dói.

— Sara mantém uma garrafa de vinagre no chuveiro ao ar livre. Vai ajudar na dor.

Quando ele percebe que estou lutando para acompanhar, ele se abaixa e me pega. Quero aproveitar o fato de que ele está me carregando, mas não posso desfrutar de nada.

— Onde isso te pegou? — Ele pergunta.

— Minha perna direita.

Quando a água está logo abaixo dos joelhos, ele consegue andar mais rápido. Ele me apressa passando pelo fogo, em direção ao chuveiro externo no nível de palafitas de Sara. Eu ouço Sara gritar atrás de nós. — O que aconteceu?

— Água-viva! — Ele grita por cima do ombro.

Quando chegamos ao chuveiro, mal há espaço para nós dois dentro. Ele me coloca no chão e giro e pressiono minhas mãos contra a parede do chuveiro. — Atingiu o topo da minha coxa.

Quando ele começa a borrifar o vinagre na minha perna, parece que facas minúsculas me apunhalam na parte mais carnuda da minha coxa. Eu fecho meus olhos, pressionando minha testa contra a parede de madeira do chuveiro. Eu gemo em agonia. — Oh Deus.

— Beyah, — diz Samson, sua voz tensa e profunda. — Por favor, não faça esse barulho.

Estou com muita dor para dissecar esse comentário. Tudo o que sinto é dor em cima de mais dor quando o vinagre atinge minha pele. — Samson, dói. Por favor pare.

— Ainda não, — diz ele, pulverizando minha perna para garantir que receba toda a ferroada. — Vai ficar melhor em um segundo.

Ele é um mentiroso, eu quero morrer. — Não, dói. Por favor pare.

— Estou quase terminando.

Ele para de repente depois de dizer isso, mas não por escolha própria. Samson desaparece em um flash confuso. Eu me viro e espreito minha cabeça a tempo de testemunhar meu pai socar Samson no rosto.

Samson tropeça para trás e depois cai sobre a saliência de concreto da fundação.

— Ela disse para parar, seu filho da puta! — meu pai grita com ele.

Samson se levanta e se afasta de meu pai. Ele levanta as mãos em defesa, mas meu pai vai bater nele novamente. Agarro o braço de meu pai, mas faz pouco para aliviar o impacto do segundo golpe.

— Pai, pare!

Sara aparece e olho para ela implorando por ajuda. Ela corre e tenta agarrar o outro braço de meu pai, mas agora ele está com Samson pela garganta.

— Ele estava me ajudando! — Grito. — Solte ele!

Isso faz com que meu pai libere um pouco da pressão em torno da garganta de Samson, mas ele não solta. Samson tem sangue escorrendo de seu nariz. Tenho certeza de que ele poderia revidar, mas não o faz. Ele está apenas balançando a cabeça,

olhando para meu pai com os olhos arregalados. — Eu não estava, ela foi picada por uma água-viva. Eu estava ajudando-a.

Meu pai olha por cima do ombro, procurando por mim. Quando travamos os olhos, aceno vigorosamente. — Ele está te dizendo a verdade. Ele estava borrifando vinagre na minha perna.

— Mas ouvi você dizer... — Meu pai fecha os olhos quando percebe que realmente foi um mal-entendido. Ele exala profundamente. — *Merda.* — Ele solta Samson.

Há sangue escorrendo pelo pescoço de Samson agora.

Meu pai coloca as mãos nos quadris e tenta recuperar o fôlego por alguns segundos. Em seguida, ele gesticula para que Samson o siga. — Venha para dentro, — ele murmura. — Acho que quebrei seu nariz.

DOZE

Samson está encostado no balcão do banheiro de hóspedes, segurando um pano no nariz para estancar o sangramento. Estou sentada em uma compressa quente na banheira seca. A porta do banheiro está entreaberta e, embora Alana e meu pai estejam no corredor, podemos ouvir cada palavra que estão dizendo.

— Ele vai nos processar, — diz meu pai.

Samson ri baixinho. — Eu não vou processá-lo, — ele sussurra.

— Ele não vai nos processar, — diz Alana.

— Você não sabe disso. Mal o conhecemos e quebrei seu nariz, — diz meu pai.

Samson olha para mim. — Não está quebrado. Ele não bate com tanta força.

Eu ri.

— Estou confusa, — ouço Alana dizer. — Por que você bateu nele?

— Eles estavam no chuveiro externo. Eu pensei que ele estava...

— Podemos ouvir você! — Grito. Não quero que ele termine essa frase. Isso já é muito constrangedor.

Meu pai vem até o banheiro e abre a porta totalmente. — Você está tomando contraceptivo?

Oh meu Deus.

Alana tenta puxá-lo para fora do banheiro. — Não na frente do menino, Brian.

Samson puxa o trapo do nariz e estreita os olhos para mim. — O *menino?* — Ele sussurra.

Pelo menos ele tem um bom senso de humor sobre isso.

— Talvez você deva ir, — sugiro. — Isso está ficando muito embaraçoso.

Samson acena, mas meu pai está de volta na porta. — Não estou dizendo que você não tem permissão para fazer sexo. Você é quase uma adulta. Eu só quero que você esteja segura sobre isso.

— Eu *sou* uma adulta. *Quase* não há nada sobre isso, — digo.

Samson está perto de meu pai, mas meu pai está bloqueando toda a porta enquanto fala comigo. Ele não percebe que Samson está tentando se espremer para escapar.

— Esta é a minha única saída, — Samson diz ao meu pai, apontando por cima do ombro. — Por favor, me deixe sair.

Meu pai percebe que o está bloqueando e rapidamente se afasta. — Desculpe pelo seu nariz.

Samson acena com a cabeça e depois sai. Gostaria de poder escapar, mas tenho certeza de que ainda há tentáculos embutidos em minha perna e dói me mover.

Meu pai volta sua atenção para mim. — Alana pode levá-la para pegar anticoncepcional se você ainda não estiver tomando.

— Nós não somos... Samson e eu não somos... *deixa pra* lá. — Me empurro para fora da banheira e me levanto. — Esta é uma conversa muito intensa e minha coxa parece que está derretendo do meu corpo. Podemos fazer isso mais tarde?

Ambos acenam com a cabeça, mas meu pai segue atrás de mim. — Pergunte à Sara. Somos muito abertos sobre essas coisas, se você quiser falar sobre isso.

— Estou ciente disso agora. Obrigada, — digo, subindo as escadas para o meu quarto.

Uau. Então é isso que significa ter pais envolvidos? Não tenho certeza se gosto disso.

Vou direto para a janela do meu quarto e vejo Samson entrar em sua casa. Ele acende a luz da cozinha e então se inclina

sobre o balcão e se dobra sobre si mesmo, pressionando a testa no granito. Ele está segurando a nuca com as mãos.

Não sei o que pensar disso. Isso é um sinal de arrependimento? Ou ele está apenas oprimido porque levou um soco duas vezes e se recusou a revidar? A maneira como ele está reagindo agora me enche de muitas perguntas. Perguntas que sei que ele provavelmente não responderá. Ele é um cofre e eu realmente gostaria de ter uma chave.

Ou alguns explosivos.

Quero uma desculpa para ir até lá para poder dar uma olhada nele e ver o que exatamente o está incomodando tanto. Preciso saber se é porque ele quase me beijou.

Ele tentaria de novo se desse a ele a chance?

Eu quero dar a ele uma chance. Quero aquele beijo quase tanto quanto não quero.

Tenho o cartão de memória dele. Poderia devolver para ele. Ainda não olhei as fotos. Eu realmente quero vê-las antes de devolver a ele.

Sara tem um computador em seu quarto, então eu pego o cartão de memória da minha mochila e vou para o computador de Sara.

Espero alguns minutos para que todas as imagens sejam carregadas. Existem muitas delas. As primeiras a carregar são todas fotos da natureza. Todas as coisas que ele disse que tira fotos. Incontáveis amanheceres e entardeceres. Fotos da praia. Mas não são imagens necessariamente bonitas. Elas estão profundamente tristes. A maioria delas é tirada com o foco ampliado em algo aleatório, como um pedaço de lixo flutuando na água ou algas marinhas empilhadas na areia.

É interessante. É como se ele focalizasse a parte mais triste de tudo que está à vista de suas lentes, mas a imagem como um todo ainda é linda.

As fotos que ele tirou de mim começam a carregar. Há mais do que pensei que haveria, e ele aparentemente começou a tirar fotos minhas antes mesmo de eu me mover para a frente da balsa.

A maioria das fotos é minha na lateral da balsa, vendo o pôr do sol sozinha.

Ele colocou o foco em mim em todas as fotos. Nada mais. E com base em todas as outras fotos que ele tirou, suponho que isso signifique que ele me achou a coisa mais triste em seu quadro.

Há uma imagem em particular que me impressiona. É ampliada e o foco está em um pequeno rasgo na parte de trás do meu vestido de verão que eu nem sabia que estava lá. Mesmo com seu foco em algo tão triste como meu vestido, a imagem

ainda é impressionante. Meu rosto está fora de foco, e se essa fosse uma foto de qualquer outra pessoa além de mim, diria que é uma bela obra de arte.

Em vez disso, estou envergonhada por ele ter prestado tanta atenção em mim antes mesmo de perceber que ele estava lá.

Percorro todas as fotos minhas e noto que não há uma única foto minha comendo pão. Eu me pergunto por que ele não fotografou isso.

Isso diz muito sobre ele. Lamento ter reagido como fiz quando ele tentou me oferecer dinheiro na balsa naquele dia. Samson pode realmente ser um ser humano decente e as fotos neste cartão de memória comprovam isso.

Eu o removo do computador e, embora ainda esteja com dor e com vontade de rastejar na cama e dormir, desço as escadas, saio e atravesso o quintal. Samson sempre usa sua porta dos fundos, então sigo nessa direção. Subo os degraus e bato.

Espero um pouco, mas não ouço seus passos e não consigo ver a cozinha desse ponto de vista. Eu ouço algo atrás de mim, no entanto. Quando me viro, PJ está sentado no topo da escada, observando-me. Eu sorrio um pouco. Eu gosto que ele ainda esteja por aí.

Samson finalmente abre a porta. Ele trocou de roupa no tempo que o estava observando da minha janela até o ponto de

bater em sua porta. Ele está vestindo uma das camisetas *HisPanic* de Marcos, que parecem ser as únicas camisas que ele usa, se é que está usando uma camisa. Eu gosto que ele apoia a visão de Marcos. A amizade deles é adorável.

Samson está descalço e não sei por que estou olhando para seus pés. Olho para trás em seu rosto.

— Estou apenas devolvendo o seu cartão de memória. — Entrego para ele.

— Obrigado.

— Não apaguei nada.

A boca de Samson se curva para o lado esquerdo. — Eu não pensei que você faria.

Ele dá um passo para o lado e faz um gesto para que entre. Eu me aperto entre ele e o batente da porta e entro em sua casa escura. Ele acende uma luz e tento esconder meu suspiro, mas é ainda maior por dentro do que parece por fora.

Tudo é branco e incolor. As paredes, os armários, os acabamentos. O chão é de madeira escura, quase preta. Giro em um círculo, admirando-a pelo que ela é, mas também reconhecendo o quão diferente é um lar. Não existe alma alguma.

— É meio... estéril. — Assim que disse, gostaria de não ter dito. Ele não pediu minha opinião sobre sua casa, mas é difícil não notar como ela parece deserta.

Samson dá de ombros como se minha opinião sobre sua casa não o incomodasse. — É uma casa de aluguel. Elas são todas assim. Muito genérico.

— É tão limpo.

— As pessoas às vezes alugam no último minuto. É mais fácil para mim se mantiver as casas prontas para alugar. — Samson caminha até sua geladeira e a abre, acenando com a mão para dentro. A geladeira está quase vazia, com exceção de alguns condimentos na porta. — Nada na geladeira. Nada na despensa. — Ele fecha a porta da geladeira.

— Onde você guarda sua comida?

Ele aponta para um armário perto da escada que leva ao último andar. — Nós mantemos as coisas que não queremos que os locatários tenham acesso naquele armário. Há uma pequena geladeira nele. — Ele aponta para uma mochila ao lado da porta. — Tudo o mais que possuo, guardo nessa mochila. Quanto menos tiver, mais fácil será para mim mover-me entre nossas propriedades.

Já o vi com a mochila algumas vezes, mas não pensei nisso. É meio irônico que nós dois carreguemos nossas vidas em uma mochila, apesar da vasta diferença de riqueza entre nós.

Olho para cima perto da porta, para uma foto na parede. É a única coisa na casa que tem personalidade. Eu caminho até ela. É a foto de um menino de cerca de três anos caminhando na praia. Uma mulher está atrás dele, com um vestido branco esvoaçante. Ela está sorrindo para quem está tirando a foto. — Esta é sua mãe? — Isso me lembra aquelas fotos de amostra perfeitas que eles colocam em molduras antes de serem compradas.

Samson concorda.

— Então é você? Quando era criança?

Ele acena com a cabeça novamente.

Seu cabelo é tão loiro na foto, é quase branco. Está mais escurecido desde que ele era criança, mas ainda consideraria seu cabelo loiro. Não sei se é esse loiro no inverno, no entanto. Parece ser o tipo de cabelo que muda de cor com as estações.

Eu me pergunto como o pai de Samson se parece, mas não há nenhuma foto dele. Esta é a única foto nesta seção da casa.

Eu tenho muitas outras perguntas enquanto olho para a foto. Sua mãe parece feliz. Ele parece feliz. Me pergunto o que aconteceu com ele para torná-lo tão privado e retraído? A mãe

dele morreu? Duvido que ele elaborasse algo se perguntasse a ele.

Samson acende mais luzes e se inclina contra o balcão da cozinha. Não sei como ele pode parecer tão casual quando todos os meus músculos estão tensos. — Sua perna está melhor? — Ele pergunta.

Posso dizer que ele não quer falar sobre a foto ou sua mãe ou qualquer outra coisa que pudesse ser outra camada profunda. Entro na cozinha e fico em frente a ele, encostada na grande ilha central. É a ilha da cozinha em que Cadence estava sentada algumas noites atrás quando o observei beijá-la.

Empurro esse pensamento para fora da minha cabeça. — Está um pouco melhor. Duvido que entre na água de novo.

— Você vai ficar bem, — diz ele. — Acontece raramente.

— Sim, foi o que você disse antes e então aconteceu.

Ele sorri.

Isso me faz querer nosso momento de volta. Quero sentir como me senti quando ele me puxou para ele e beijou meu ombro. Mas não sei como chegar lá. Está tão claro aqui. A atmosfera é diferente de quando estávamos na água.

Acho que talvez não goste da casa dele.

— Como está seu rosto? — Pergunto-lhe.

Ele passa a mão pelo queixo. — Minha mandíbula dói mais do que meu nariz. — Ele abaixa a mão e agarra o balcão ao lado do corpo. — Isso foi legal da parte do seu pai.

— Você acha que ele te atacando foi bom?

— Não. Achei que a maneira como ele protegeu você foi legal.

Eu realmente não tinha pensado nisso. Meu pai nem pensou duas vezes quando me ouviu pedindo que alguém parasse. Mas não tenho certeza se é especificamente porque fui eu. Ele teria protegido qualquer um nessa situação, tenho certeza.

— Para onde você vai quando esta casa for alugada? — pergunto, desviando a conversa do meu pai.

— Nós só mantemos quatro alugadas de cada vez, então sempre tenho um lugar para ficar. Esta é o mais cara, por isso é a que menos é alugada. Estou aqui setenta e cinco por cento do tempo.

Olho ao meu redor, tentando encontrar algo mais parecido com a imagem que me daria uma dica de seu passado. Não há nada. — É meio irônico, — digo. — Você tem cinco casas, mas nenhuma delas é realmente sua casa. Sua geladeira está vazia. Você vive de uma mochila. Surpreendentemente, vivemos vidas muito semelhantes.

Ele não responde a isso. Ele apenas me observa. Ele faz muito isso e eu gosto. Nem me importo com o que ele está pensando quando me encara. Eu simplesmente gosto que ele me ache intrigante o suficiente para olhar, mesmo que seus pensamentos não sejam totalmente positivos. Isso significa que ele me *vê*. Não estou acostumada a ser vista.

— Qual é o seu sobrenome? — Pergunto-lhe.

Ele parece divertido. — Você faz muitas perguntas.

— Eu disse que faria.

— Acho que agora é a minha vez.

— Mas mal cheguei a lugar nenhum. Você é péssimo em me responder.

Ele não discorda, mas também não responde à minha pergunta. Seus olhos enrugam nos cantos enquanto ele pensa em sua própria pergunta. — O que você planeja fazer da sua vida, Beyah?

— Essa é ampla. Você parece um conselheiro escolar.

Ele solta uma pequena risada e sinto no meu estômago. — O que você vai fazer depois que o *verão* acabar? — ele esclarece.

Eu medito sobre essa questão. Devo ser honesta com ele? Talvez, se for honesta com ele, ele será mais aberto comigo. — Eu vou te contar, mas você não pode contar a ninguém.

— É um segredo?

Eu concordo. — Sim.

— Não vou contar a ninguém.

Confio nele. Não sei porquê, porque não confio em ninguém. Sou uma idiota ou estou profundamente atraída por ele e nenhum dos dois está bem para mim. — Eu tenho um passeio completo para Penn State. Eu me mudo para o meu dormitório no dia 3 de agosto.

Sua sobrancelha levanta ligeiramente. — Você tem uma bolsa de estudos?

— Sim.

— Pelo quê?

— Vôlei.

Seus olhos fazem uma coisa em que rolam lentamente pelo meu corpo. Não de uma forma sedutora, mas de uma forma curiosa. — Eu posso ver isso. — Quando seus olhos encontram os meus novamente, ele diz: — Que parte disso é um segredo?

— Tudo isso. Não contei a ninguém. Nem mesmo meu pai.

— Seu próprio pai não sabe que você recebeu uma bolsa de estudos?

— Não.

— Por que você não contou a ele?

— Porque isso o faria sentir que fez algo certo. E eu tive que trabalhar para a bolsa porque ele fez tudo errado.

Ele acena com a cabeça, como se ele pudesse ter empatia com isso. Desvio o olhar por um momento porque meu corpo inteiro esquenta quando o encaro demais. Receio que seja óbvio.

— O voleibol é sua paixão?

Sua pergunta me faz parar. Ninguém nunca me perguntou isso antes. — Não. Eu não gosto muito para ser honesta.

— Por que não?

— Eu me esforcei muito porque sabia que era a minha única saída da cidade em que cresci. Mas ninguém nunca veio me ver jogar, então o esporte em si começou a me deprimir. Todos os meus outros companheiros de equipe tinham pais em todos os jogos torcendo por eles. Nunca tive ninguém e acho que isso me impediu de amá-lo tanto quanto poderia. — Suspiro, derramando mais dos meus pensamentos em voz alta. — Às vezes me pergunto se estou fazendo a coisa certa ao me sujeitar a mais quatro anos disso. Estar em uma equipe com pessoas cujas vidas são tão diferentes da minha às vezes me faz sentir ainda mais solitária do que se não fizesse parte de uma equipe.

— Você não está animada para ir?

Encolho os ombros. — Estou orgulhosa de mim mesma por ter conseguido a bolsa. E estava animada para sair de Kentucky. Mas agora que estou aqui e tive a primeira folga do vôlei que tive em anos, acho que não vou perder. Estou começando a me perguntar se devo apenas ficar aqui e conseguir um emprego. Talvez tire um ano *sabático*. — Digo essa última parte com um toque de sarcasmo, mas está começando a soar muito atraente. Passei os últimos anos trabalhando muito para sair de Kentucky. Agora que saí, sinto que preciso respirar. Reavaliar minha vida.

— Você está pensando em desistir de uma bolsa de estudos em uma grande escola só porque o esporte que a levou até lá às vezes o deixa sozinha?

— Parece mais complicado do que você faz parecer, — digo.

— Quer saber o que eu acho?

— O quê?

— Acho que você deveria usar protetores de ouvido nos jogos e apenas fingir que as pessoas estão lá fora torcendo por você.

Eu ri. — Achei que você fosse dizer algo profundo.

— Eu pensei que *era* profundo, — diz ele, sorrindo. Percebo quando ele sorri que sua mandíbula está começando a ficar roxa. Mas seu sorriso desaparece e ele inclina um pouco a cabeça. — Por que você estava chorando na sua varanda na noite em que chegou aqui?

Endurecei com sua pergunta. É um salto chocante de falar de voleibol. Não sei como responder a isso. Especialmente em uma sala tão clara. Talvez se não parecesse uma sala de interrogatório, estaria mais à vontade. — Você pode desligar algumas dessas luzes? — Pergunto-lhe.

Ele parece confuso com o meu pedido.

— Está muito claro aqui. Isso está me deixando desconfortável.

Samson vai até os interruptores de luz e os desliga, exceto um. As luzes que enfeitam os gabinetes permanecem acesas, então é significativamente mais escuro e relaxo quase imediatamente. Posso ver por que ele mantém escuro nesta casa. As luzes de assalto e toda a tinta branca fazem com que pareça uma enfermaria psiquiátrica.

Ele retorna ao seu lugar contra o balcão. — Assim é melhor?

Eu concordo.

— Por que você estava chorando?

Solto uma lufada de ar, em seguida, apenas cuspo antes de mudar de ideia e decidir mentir para ele. — Minha mãe morreu na noite antes de eu vir para cá.

Samson não reage a isso de forma alguma. Eu percebi que talvez sua falta de reação seja *como* ele reage.

— Isso também é um segredo, — digo. — Eu nem disse ao meu pai ainda.

Sua expressão é solene. — Como ela morreu?

— Overdose. Eu a encontrei quando cheguei em casa do trabalho.

— Sinto muito, — ele diz com sinceridade. — Você está bem?

Levanto um ombro em incerteza, e quando o faço, parece que alguns daqueles sentimentos que me forçaram a chorar na varanda tentam voltar. Eu não estava preparada para falar sobre isso. Não quero falar sobre isso, honestamente. Não é justo que eu não saiba deixar de responder às suas perguntas, mas ele não se abre sobre nada.

Me sinto como uma cachoeira em torno dele, simplesmente espalhando meus segredos pelo chão.

A expressão de Samson se torna empática quando ele vê meus olhos cheios de lágrimas.

Ele se afasta do balcão e começa a andar em minha direção, mas me endireito e imediatamente balanço a cabeça. Pressiono a mão contra seu peito, impedindo-o de me tocar.

— Não faça isso. Não me abrace. Vai parecer paternalista agora que você sabe que nunca fui abraçada assim.

Samson balança a cabeça suavemente enquanto me encara. — Eu não ia te abraçar, Beyah, — ele sussurra. Seu rosto está tão perto do meu, sua respiração roça minha bochecha quando ele fala. Sinto que estou prestes a escorregar para o chão, então agarro a borda do balcão atrás de mim.

Ele abaixa a cabeça até seus lábios pegarem os meus. Sua boca é macia, como um pedido de desculpas, e aceito.

Sua língua persuade minha boca a abrir e o recebo com ambas as mãos em seus cabelos, puxando-o ainda mais perto. Nossos peitos se encontram e nossas línguas deslizam uma contra a outra, úmidas, quentes e macias.

Quero esse beijo, mesmo que só esteja acontecendo porque ele é atraído por coisas tristes.

Ele me puxa para longe do balcão e para ele, e então em um movimento rápido, ele me levanta e estou sentada em sua ilha e ele está parado entre minhas pernas. Sua mão esquerda desliza pela minha perna até que seus dedos roçam a parte externa da minha coxa.

Estou cheia de coisas das quais normalmente não estou. Calor, eletricidade e luz.

Isso me assusta.

Seu beijo me assusta.

Não sou impenetrável contra sua boca. Estou vulnerável e sinto minha guarda baixando. Daria a ele todos os meus segredos agora e isso não sou eu. Seu beijo é forte o suficiente para me transformar em uma garota que não reconheço. Eu amo e odeio isso.

Por mais que tente permanecer focada no que está acontecendo entre nós, é difícil para a imagem do que aconteceu entre ele e Cadence não passar pela minha cabeça. Não quero ser apenas mais uma garota que ele beija na ilha da cozinha.

Não tenho certeza se posso lidar com ser descartada por Samson como fui com Dakota. Prefiro não ser beijada a permitir que isso aconteça de novo, apenas para olhar pela janela do meu quarto amanhã à noite e ver outra pessoa neste mesmo lugar, sentindo as mesmas coisas que ele está me fazendo sentir agora.

As mesmas coisas que Dakota me fez sentir antes dele se afastar e arruinar os próximos anos da minha vida com um gesto.

Deus, e se Samson se afastar e olhar para mim como Dakota olhou para mim naquela primeira noite em sua caminhonete?

O pensamento me deixa com náuseas.

Eu preciso de ar. Ar fresco. Não é o ar de seus pulmões ou desta casa esterilizada.

Termino o beijo abruptamente, sem aviso. Empurro Samson e deslizo para fora da ilha, deixando-o confuso. Evito seus olhos

enquanto caminho direto para sua porta. Eu saio e agarro a grade da varanda, com falta de ar.

Já passei o suficiente na minha vida e não quero que um cara mude as coisas que eu mais gosto em mim. Sempre tive orgulho da minha determinação impenetrável, mas ele, de alguma forma se infiltra em mim como se eu fosse um buraco. Dakota nunca chegou tão longe dentro de mim.

Eu ouço Samson sair. Não me viro para encará-lo. Eu simplesmente inalo outra respiração profunda e fecho os olhos. Posso senti-lo perto de mim, no entanto. Calmo, taciturno, sexy, secreto – todos os meus ingredientes favoritos em um cara, aparentemente. *Por que eu parei o beijo, então?*

Acho que talvez Dakota me arruinou.

Quando abro os olhos, as costas de Samson estão contra a grade. Ele está olhando para seus pés.

Nossos olhos se encontram e é como se pudesse ver meus próprios medos olhando para mim. Não quebramos nosso olhar. Nunca encarei alguém sem falar tanto quanto olhei para ele. Olhamos muito e não conversamos muito, mas os dois parecem igualmente produtivos. Ou improdutivos. Eu nem sei o que pensar do que está se desenvolvendo entre nós. Alguns momentos, parece algo enorme e importante, e outras vezes parece menos do que nada.

— Esse foi um momento muito ruim para escolher beijar você, — diz ele. — Eu sinto muito.

Acho que muitas pessoas podem concordar com ele, que beijar uma garota logo depois -ou *porque* – ela disse que sua mãe morreu pode ser uma hora ruim.

Talvez esteja fodida, mas achei que era o momento perfeito. Até que não foi.

— Não foi por isso que vim para fora.

— Então o que é?

Eu solto uma lufada de ar silenciosa enquanto penso em como responder a isso. Não quero falar sobre como temo que, no fundo, ele não seja melhor do que Dakota. Não quero mencionar Cadence, ou o fato de que ele só está com garotas que estão aqui no fim de semana. Ele não me deve nada. Fui eu quem apareceu em sua porta querendo que isso acontecesse.

Balancei minha cabeça. — Eu não quero responder isso.

Ele se vira até que nós dois estamos inclinados sobre o parapeito. Ele pega um pedaço de tinta lascada, puxando-o até revelar uma polegada de madeira nua. Ele joga a tinta lascada no parapeito e observamos enquanto ela cai no chão.

— Minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos, — diz ele. — Estávamos nadando à cerca de oitocentos metros daqui

quando ela foi pega por uma correnteza. Quando a tiraram da água, já era tarde demais.

Ele olha para mim, provavelmente para avaliar minha reação. Mas ele não é o único que consegue esconder bem suas emoções.

Tenho a sensação de que ele não disse isso a muitas pessoas. Um segredo para um segredo. Talvez seja assim que vai ser. Talvez seja assim que as camadas de Samson são retiradas - retirando minhas próprias camadas primeiro.

— Eu odeio isso por você, — sussurro. Eu mantenho meus braços cruzados sobre a grade, mas me inclino ligeiramente em direção a ele. Pressiono minha boca contra seu ombro. Eu o beijo ali, assim como ele me beijou na água.

Quando me afasto, ele levanta a mão para o lado do meu rosto. Seu polegar roça minha bochecha, mas então ele inclina a cabeça para tentar me beijar novamente e imediatamente me afasto dele.

Estremeço porque estou envergonhada de minha própria indecisão.

Ele se empurra para fora do corrimão e passa a mão pelo cabelo, em seguida, olha para mim em busca de orientação. Sei que estou jogando todos os tipos de sinais confusos em sua direção, mas é um reflexo do que está acontecendo dentro de

mim. Eu me sinto agitada e confusa, como se meus sentimentos atuais e experiências passadas tivessem sido jogados juntos em um liquidificador e ligado no máximo.

— Sinto muito, — digo, frustrada comigo mesma. — Não tive a melhor experiência com rapazes, então me sinto...

— Hesitante? — ele sugere.

Eu concordo. — Sim. E confusa.

Ele começa a escolher no mesmo local da madeira. — Qual tem sido sua experiência com rapazes?

Eu rio sem entusiasmo. — *Rapazes* é um exagero. Houve apenas um.

— Pensei que você disse que nunca teve seu coração partido.

— Eu não tenho. Não foi esse tipo de experiência.

Samson me lança um olhar de soslaio, esperando que dê mais detalhes. De jeito nenhum estou elaborando isso.

— Ele forçou você a fazer algo que você não queria fazer? — A mandíbula de Samson fica dura quando ele pergunta isso, como se ele já estivesse com raiva por mim.

— Não, — digo rapidamente, querendo que ele tire esse pensamento de sua cabeça. Mas então penso na minha vida em

Kentucky e nos tempos que passei com Dakota, e agora que não estou mais nessa situação, vejo de forma diferente.

Dakota nunca me forçou a fazer nada. Mas ele certamente não estava facilitando as coisas para mim. Não éramos iguais em nada quando se tratava de quem tirou vantagem.

Pensar nisso está despertando pensamentos sombrios. Sentimentos sombrios. Lágrimas começam a arder em meus olhos, e quando respiro fundo para lutar contra elas, Samson percebe. Ele se vira e pressiona as costas contra a grade para ver melhor meu rosto.

— O que aconteceu com você, Beyah?

Eu rio, porque é um absurdo eu estar pensando nisso agora. Sou boa em não pensar nisso a maior parte do tempo. Sinto uma lágrima escorrer pela minha bochecha. Eu rapidamente limpo. — Isso não é justo, — sussurro.

— O quê?

— Por que eu acabo querendo responder a cada pergunta que você me faz?

— Você não precisa me dizer o que aconteceu.

Faço contato visual com ele. — Eu quero, no entanto.

— Então me diga, — ele diz suavemente.

Meus olhos se concentram em tudo, menos nele. Olho para o telhado da varanda, então para o chão, então para o oceano sobre o ombro de Samson.

— O nome dele era Dakota, — digo. — Eu tinha quinze anos. Uma caloura. Ele era um veterano. O cara que toda garota na escola queria namorar. O cara que todo cara queria ser. Eu tinha uma queda leve por ele como todo mundo. Não foi nada sério. Mas então uma noite ele me viu voltando para casa depois de um jogo de vôlei, então ele me ofereceu uma carona. Disse não porque estava com vergonha de ele ver onde eu morava, embora todos soubessem. Ele me convenceu a entrar na caminhonete de qualquer maneira. — De alguma forma, trago meu olhar de volta para Samson. Sua mandíbula está dura de novo, como se ele esperasse que essa história fosse do jeito que ele imaginou antes. Mas isso não acontece.

Não sei por que estou contando a ele. Talvez esteja inconscientemente esperando que depois que ele ouvir isso, ele me deixe em paz pelo resto do verão e não terei essa distração intensa e constante.

Ou talvez esteja esperando que ele me diga que o que fiz foi bom.

— Ele me levou para casa e, pela meia hora seguinte, conversamos. Ele ficou na minha garagem e não me julgou. Ele me ouviu. Conversamos sobre música e vôlei e como ele odiava

ser filho do delegado. E depois ele me beijou. E foi perfeito. Por um momento, pensei que talvez as coisas que presumi que as pessoas pensassem de mim não fossem verdade.

As sobrancelhas de Samson se separaram. — Por que só por um momento? O que aconteceu depois que ele beijou você?

Eu sorrio, mas não porque seja uma boa memória. Eu sorrio porque a memória me faz sentir ignorante. Como deveria ter esperado. — Ele tirou duas notas de vinte de sua carteira e as entregou para mim. Então ele abriu o zíper da calça jeans.

A expressão de Samson está vaga. Para a maioria das pessoas, eles presumiriam que era o fim da história. Eles presumiriam que joguei o dinheiro de volta em Dakota e saí da caminhonete. Mas posso dizer pela maneira como Samson está olhando para mim que ele sabe que não é aí que a história termina.

Cruzo meus braços sobre meu peito. — Quarenta dólares era muito dinheiro, — digo enquanto outra lágrima escorre pela minha bochecha. Ela se curva no último minuto e pousa em meu lábio. Eu posso sentir o gosto salgado disso enquanto limpo. — Ele me deu uma carona para casa pelo menos uma vez por mês depois disso. Ele nunca falou comigo em público. Mas não esperava que ele fizesse. Eu não era o tipo de garota que ele poderia desfilar pela cidade. Era o tipo de garota que ele nem mesmo contaria para seus amigos mais próximos.

Gostaria que Samson dissesse algo porque, quando ele apenas me encara, continuo divagando. — Então, para responder à sua pergunta, não, ele não me forçou a fazer nada. E para ser sincera, ele nunca jogou na minha cara. Ele era realmente um cara decente em comparação com...

Samson imediatamente me interrompe. — Você tinha quinze anos quando isso aconteceu pela primeira vez, Beyah. Não chame esse cara de *decente*.

O resto da minha frase fica presa na minha garganta, então engulo.

— Um cara decente teria lhe oferecido dinheiro sem expectativas de retorno. O que ele fez foi apenas... — Samson parece estar cheio de nojo. Não tenho certeza se isso é dirigido a Dakota ou a mim. Ele passa a mão frustrado pelo cabelo. — Naquele dia na balsa quando lhe entreguei dinheiro... é por isso que você pensou...

— Sim, — digo baixinho.

— Você sabe que não era isso que eu estava fazendo, certo?

Concordo. — Eu sei disso agora. Mas mesmo sabendo disso... ainda temia quando você me beijou. É por isso que saí. Eu estava com medo de que você olhasse para mim como Dakota olhou. Prefiro não ser beijada a me arriscar a sentir que não vale mais nada.

— Eu te beijei porque gosto de você.

Eu me pergunto o quão verdadeiro isso é. Suas palavras são precisas ou convenientes? Ele já disse isso antes? — Você gosta de Cadence também? — Pergunto-lhe. — E todas as outras garotas com quem você ficou?

Não estou tentando jogar na cara dele. Estou genuinamente curiosa. O que as pessoas sentem quando beijam outras pessoas com a mesma frequência que ele?

Samson não parece que se ofendeu com a minha pergunta, mas parece que o deixei desconfortável. Sua postura endurece um pouco. — Estou atraído por elas. Mas é diferente com você. Um tipo diferente de atração.

— Melhor ou pior?

Ele pensa sobre isso por um momento e se estabelece, — Mais assustadora.

Solto uma risada rápida. Provavelmente não deveria tomar isso como um elogio, mas eu faço, porque isso significa que ele está sentindo o gosto do meu próprio medo quando estamos juntos.

— Você acha que as garotas com quem você fica gostam de estar com você? — Pergunto. — O que elas estão ganhando com apenas um caso de fim de semana?

— A mesma coisa que recebo delas.

— Que é o quê?

Ele está definitivamente desconfortável agora. Ele suspira e se inclina sobre a grade novamente. — Você não gostou quando nos beijamos antes?

— Eu gostei, — digo. — Mas também não gostei.

Encontro conforto em sua presença sem julgamentos, e é confuso, porque se estou confortável perto dele e estou atraída por ele, por que comecei a entrar em pânico quando ele estava me beijando?

— Dakota pegou algo que você deveria gostar e fez você se sentir envergonhada disso. Não é assim para todas as meninas. As garotas com quem estive - elas gostam tanto quanto eu. Se não o fizessem, não permitiria que isso acontecesse.

— Eu gostei um pouco, — admito. — Só não o tempo todo. Mas isso não é culpa sua, obviamente.

— Também não é sua, — diz ele. — E não vou te beijar novamente. A menos que você me peça.

Eu não digo nada. Não entendo por que isso parece tanto um castigo quanto um presente de cavalheirismo.

Ele sorri suavemente. — Não vou te beijar, não vou te abraçar, não vou te fazer voltar para o oceano.

— Meu Deus, sou apenas uma bola de diversão, — digo, revirando os olhos.

— Você provavelmente é. Inferno, eu também posso ser. Só temos muito sobre nós para saber como somos quando não estamos sob pressão.

Aceno em concordância completa. — Sara e Marcos são divertidos. Mas eu e você? Somos apenas... deprimentes.

Samson ri. — Não deprimentes. Somos profundos. Há uma diferença.

— Se você diz.

Não sei como possivelmente terminamos esta noite e esta conversa com nós dois sorrindo. Mas temo que, se não for embora agora, um de nós dirá algo para estragar este momento. Eu recuo um passo para longe dele. — Te vejo amanhã?

Seu sorriso vacila. — Sim. Boa noite, Beyah.

— Boa noite.

Afasto-me dele em direção às escadas. Pepper Jack Cheese se levanta e me segue para baixo. Quando alcançamos o nível de palafitas da minha casa, giro e olho para ele. Samson ainda não voltou para dentro. Ele está inclinado sobre a varanda, observando-me. Ando alguns metros para trás, até que estou embaixo da casa e não consigo mais vê-lo.

Quando ele está fora da minha linha de visão, paro de andar e me encosto em um pilar. Eu fecho meus olhos e passo minhas mãos pelo meu rosto. Não há como ficar perto dele durante todo o verão e não querer ser consumida por ele. Mas também não quero ser consumida por alguém de quem terei que me despedir eventualmente.

Posso me sentir invencível às vezes, mas não sou a Mulher Maravilha.



Alana está acordada e na cozinha quando volto para a casa. Ela está no balcão, inclinando-se sobre uma tigela de sorvete. Ela tira uma colher da boca e sorri para mim. — Se sentindo melhor?

— Sim. Obrigada.

— E quanto a Samson? Ele está bem?

Eu concordo. — Ele está bem. Ele disse que papai não bate com tanta força.

Alana ri. — Estou surpresa que seu pai tenha batido nele. Não sabia que ele tinha isso nele. — Ela aponta para seu sorvete. — Você quer uma tigela?

Sorvete realmente parece o paraíso agora. Preciso de algo para me refrescar. — Eu adoraria.

Alana puxa uma tigela do armário e me sento no bar. Ela tira o sorvete do freezer e começa a colocá-lo na tigela. — Sinto muito se a envergonhamos antes.

— Está bem.

Alana empurra a tigela de sorvete sobre o balcão. Dou uma mordida e é tão bom que tenho vontade de gemer. Mas fico quieta e como como se sorvete sempre fosse algo a que eu tivesse acesso. Na verdade, nunca tivemos em nossa casa. Aprendi a não guardar muita coisa congelada porque, quando falta energia por falta de pagamento, limpar o congelador de comida derretida e estragada nunca é divertido.

— Posso te perguntar uma coisa? — Alana diz.

Eu aceno, mas mantenho a colher na minha boca. Estou nervosa com o que ela vai me perguntar. Só espero que ela não me pergunte sobre minha mãe. Alana parece legal e não tenho certeza se posso mentir para ela, mas certamente não quero contar a verdade agora.

— Você é católica?

Não era isso que esperava que ela perguntasse. — Não. Por quê?

Ela move a mão em direção ao teto. — Vi a foto de Madre Teresa em seu quarto.

— Oh. Não. É apenas... é mais como uma lembrança.

Ela balança a cabeça e diz: — Então você não se opõe religiosamente ao controle de natalidade?

Aí está. Olho para longe dela, para o meu sorvete. — Não. Mas atualmente não estou tomando. Eu não sou... você sabe.

— Sexualmente ativa? — Ela diz isso tão casualmente.

— Sim. Não mais, de qualquer maneira.

— Bem, — ela diz. — É bom ouvir isso. Mas se você acha que pode se encontrar em uma situação neste verão em que isso pode mudar, não faria mal-estar preparada. Posso marcar uma consulta para você.

Dou outra mordida no meu sorvete para impedir minha resposta. Ela provavelmente pode ver o rubor em minhas bochechas.

— Não é nada para se envergonhar, Beyah.

— Eu sei, — digo. — Não estou acostumada a falar sobre coisas assim com as pessoas.

Alana casualmente deixa cair sua colher em sua tigela vazia e a leva até a pia. — Sua mãe nunca fala com você sobre essas coisas?

Apunhalo meu sorvete. — Não.

Ela se vira e me olha em silêncio por um momento. — Como ela é?

— Minha mãe?

Alana acena com a cabeça. — Sim. Seu pai nunca a conheceu muito bem e estou curiosa. Ela parece ter feito um bom trabalho com você.

Eu ri.

Gostaria de não ter rido, porque posso dizer que minha reação apenas encheu Alana com mais uma dúzia de perguntas. Dou uma mordida no meu sorvete e dou de ombros. — Ela não é nada como você.

Quis dizer isso como um elogio, mas Alana parece confusa com a minha resposta. Espero que ela não tenha tomado isso como um insulto, mas realmente não quero me aprofundar ainda mais ou vou acabar contando a verdade. Quero guardar as notícias sobre minha mãe para meu pai. Sinto que deveria contar a ele antes de contar a Alana.

Definitivamente deveria ter contado a ele antes de contar a Samson. Mas não consigo controlar meus segredos em torno de Samson por algum motivo.

Empurro a tigela de sorvete pela metade para longe de mim. — Eu quero começar a tomar a pílula. Não que Samson e eu sejamos... — olho para o teto e solto um suspiro. — Você sabe o que quero dizer. Eu gostaria de estar segura, apenas no caso. — *Deus, é difícil falar sobre isso. Especialmente com uma mulher que é essencialmente uma estranha para mim.*

Alana sorri. — Vou marcar uma consulta amanhã. Não é nada demais.

— Obrigada.

Alana se vira para lavar minha tigela. Eu uso o momento para escapar para a privacidade lá em cima. Estou prestes a entrar no meu quarto quando ouço Sara dizer: — Espera aí, Beyah. Preciso de um relatório detalhado.

Paro e olho para o quarto dela. A porta dela está aberta e ela e Marcos estão sentados em sua cama. Ela olha para Marcos e o afasta. — Você pode ir para casa agora.

Ele parece não estar acostumado a ser dispensado. — Está bem então. — Ele se levanta, mas se inclina e beija Sara. — Amo você, mesmo que você esteja me expulsando.

Ela sorri. — Também te amo, mas agora tenho uma irmã, então você tem que me compartilhar. — Ela dá um tapinha no colchão onde Marcos estava sentado e olha para mim. — Venha aqui.

Marcos me saúda ao sair do quarto de Sara.

— Feche a porta, — diz Sara a Marcos.

Ando até a cama e me sento nela. Ela pausa a televisão e então se reposiciona na cama para ficar de frente para mim.

— Como foi?

Eu me inclino contra a cabeceira da cama. — Sua mãe me prendeu na cozinha com sorvete e depois falou comigo sobre minha vida sexual.

Sara revira os olhos. — Nunca caia no truque do sorvete. Ela usa isso comigo o tempo todo. Mas não estou me referindo a isso e você sabe disso. Vi você caminhando para a casa de Samson mais cedo.

Discuto dizer à Sara que nos beijamos, mas isso parece algo que deveria manter privado por enquanto. Pelo menos até descobrir se quero que aconteça novamente.

— Nada aconteceu.

Ela murcha, caindo de costas. — Ugh. Eu queria detalhes suculentos.

— Não há nenhum. Desculpe.

— Você ao menos tentou flertar com ele? — Ela pergunta, sentando-se novamente. —Não é preciso muito para Samson colocar sua boca em uma garota. Se tem seios e está respirando, é bom o suficiente para ele.

Meu estômago salta para o chão com esse comentário. — Isso é para me fazer desejá-lo mais? Porque isso não está funcionando.

— Estou exagerando, — diz ela. — Ele é gostoso e rico, então as garotas tendem a se jogar em cima dele e às vezes ele as pega. Que cara não gostaria?

— Eu não me atiro nas pessoas. Eu evito as pessoas.

— Mas você foi para a casa dele.

Levanto uma sobrancelha, mas não digo nada.

Sara sorri, como se isso fosse o suficiente para ela trabalhar. — Talvez devêssemos ir em um encontro duplo amanhã à noite.

Não quero encorajá-la, mas também não tenho certeza se sou contra essa ideia.

— Eu considero o seu silêncio um sim, — diz ela.

Eu rio. Então gemo e cubro meu rosto com as mãos. — Ugh. Tudo isso é tão confuso. — Deixo cair meus braços e deslizo para

baixo até que estou olhando para o teto. — Sinto que estou pensando muito nisso. Estou tentando pensar em todas as razões pelas quais não é uma boa ideia.

— Cite algumas, — Sara sugere.

— Não sou boa em relacionamentos.

— Nem Samson.

— Estou saindo em agosto.

— Samson também.

— E se doer quando terminarmos as coisas?

— Provavelmente vai.

— Então por que eu iria querer me sujeitar a isso?

— Porque na maioria das vezes, a sua diversão tem que levar à dor para valer a pena.

— Eu não saberia. Nunca me diverti.

— Sim, eu posso dizer, — ela diz. — Sem ofensa.

— Não ofendeu.

Viro minha cabeça e olho para Sara. Ela está deitada de lado, a cabeça erguida pela mão. — Nunca tive sentimentos por ninguém antes. Se isso acontecer, o quanto vai doer quando o verão acabar?

Sara balança a cabeça. — Pare com isso. Você está pensando muito à frente. Os verões são para se pensar no hoje e apenas no hoje. Amanhã não. Ontem não. *Hoje.* Então, o que você quer *agora*?

— Agora mesmo? — Pergunto.

— Sim. O que você quer *agora?*

— Outra tigela de sorvete.

Sara se senta e sorri. — Droga, adoro ter uma irmã.

E amo que Sara nem mesmo vacilou quando mencionei sorvete. Talvez eu não seja tão ruim para ela quanto pensava. Posso não ser tão alegre e feliz como ela, mas saber que ela está começando a gostar da comida e não parece tão preocupada com seu peso como quando cheguei me faz pensar que posso realmente ter algo a oferecer nesta amizade.

Este é um sentimento novo, a ideia de que talvez valha a pena me ter por perto.

TREZE

O alarme do meu telefone toca antes mesmo do sol nascer.

Eu provavelmente deveria cancelar a maldita coisa, mas há algo emocionante em assistir o nascer do sol e ter um possível vislumbre de Samson enquanto isso acontece.

Rastejo para fora da cama vestindo a camiseta com a qual dormi noite passada. Visto um short para o caso de Samson estar acordado e em sua varanda do lado de fora.

Estou acordada há dez segundos e já pensei nele duas vezes. Negá-lo ontem à noite não parece funcionar para mim.

Destravo a porta da varanda e a abro.

Então grito.

— Shh, — diz Samson, rindo. — Sou só eu.

Ele está sentado no sofá de vime ao ar livre com as pernas apoiadas na frente dele na grade. Pressiono minha mão no meu peito e solto uma respiração calmante.

— O que você está fazendo aqui?

— Esperando por você, — diz ele casualmente.

— Como você chegou aqui?

— Eu pulei. — Ele levanta o braço, mostrando-me o cotovelo. Está manchado de sangue. — Estava mais longe do que parecia da minha grade, mas consegui.

— Você está louco?

Ele encolhe os ombros. — Não teria caído muito longe se não conseguisse. Eu acabaria pousando no telhado da varanda abaixo de nós.

Isso é verdade. Ele não teria caído no chão por causa da forma como esta casa fica, mas ainda assim. Há cerca de um metro sem nada abaixo dele quando ele está no ar entre as casas.

Eu me sento ao lado dele. O assento foi feito para duas pessoas, mas ainda é pequeno, então nossos lados se tocam. Mas acho que esse era o objetivo dele, ou ele teria escolhido qualquer uma das cadeiras individuais na varanda.

Inclino minha cabeça contra o encosto da cadeira. De alguma forma, acabo me inclinando ainda mais para ele do que pretendia, e minha cabeça agora está apoiada em seu braço, mas não parece anormal.

Nós dois estamos olhando para a água, para o pequeno raio de sol que surge no mundo.

Passamos os próximos minutos em silêncio, observando o nascer do sol juntos. Devo dizer que me sinto melhor assistindo com Samson na minha varanda do que quando ele está sozinho.

Samson apoia o queixo no topo da minha cabeça. É um movimento minúsculo, mas mesmo aquela demonstração leve e silenciosa de afeto parece de alguma forma uma explosão. Não sei como tudo dentro de mim pode parecer tão alto enquanto esta parte do mundo ainda está dormindo.

O sol está três quartos do caminho visível agora. A metade inferior ainda parece estar mergulhada no mar.

— Eu preciso sair; estou ajudando um cara a consertar uma travessia de duna na ilha. Queremos terminar antes que fique muito quente. Quais são seus planos?

— Provavelmente vou voltar para a cama e dormir até o meio-dia. Acho que Sara quer ir para a praia depois disso.

Ele move o braço do encosto da cadeira. Meus olhos percorrem seu corpo enquanto ele se levanta. Antes de ir embora, ele olha para mim e diz: — Você disse à Sara que nos beijamos?

— Não. É algo que estamos tentando esconder deles?

— Não, — ele diz. — Eu só estava curioso se você contou a ela. Não sabia se Marcos iria trazer isso à tona hoje. Queria que nossas histórias se alinhassem.

— Eu não disse a ela.

Ele acena com a cabeça e se dirige para a grade, mas depois se vira novamente. — Não me importo se você contar a ela. Não foi por isso que perguntei.

— Pare de se preocupar com meus sentimentos, Samson.

Ele afasta o cabelo da testa. — Não posso evitar. — Ele anda para trás, lentamente.

— O que você está fazendo? Você está prestes a pular de novo?

— Não é tão longe. Eu vou fazer isso.

Reviro meus olhos. — Todo mundo ainda está dormindo. Basta descer e usar a porta da frente antes de quebrar o braço.

Ele olha para o sangue cobrindo seu cotovelo. — Sim, talvez eu devesse.

Eu me levanto e entro no meu quarto com ele. Estamos indo para a porta quando ele faz uma pausa e olha para a foto de Madre Teresa na minha cômoda.

— Você é católica? — Ele pergunta.

— Não. Estranhamente sentimental.

— Eu não teria tomado você por sentimental.

— É por isso que comecei com estranhamente.

Ele ri e me segue porta afora. Quando chegamos ao fim da escada, nós dois paramos.

Meu pai está parado na cozinha em frente a uma cafeteira. Ele arrasta os olhos para a escada e me vê aqui com Samson. De repente, sinto-me como uma criança que foi pega mentindo. Eu realmente nunca tive que lidar com o castigo dos pais antes. Minha mãe não prestou atenção suficiente em mim para se importar, então não sei o que está para acontecer. Estou um pouco nervosa, considerando que meu pai não parece satisfeito. Ele olha além de mim, para Samson.

— Sim, isso não está bem, — diz meu pai.

Samson dá um passo à minha frente e levanta as mãos em defesa. — Eu não passei a noite. Por favor, não me dê um soco de novo.

Meu pai me olha em busca de uma explicação.

— Ele chegou aqui há quinze minutos. Assistimos ao nascer do sol na varanda juntos.

Meu pai concentra sua atenção em Samson agora. — Estou nesta cozinha há muito mais de quinze minutos. Se você acabou de chegar aqui há quinze minutos, como entrou?

Samson coça a nuca. — Eu uh... pulei? — Ele levanta o braço para mostrar ao meu pai seu cotovelo ensanguentado. — Mal consegui.

Meu pai o encara por um momento, depois balança a cabeça. — Você é um idiota, — ele murmura. Ele enche a xícara de café e diz: — Algum de vocês quer um café?

Hã. Ele superou isso rápido.

— Estou bem, — diz Samson, facilitando seu caminho em direção à porta. Ele me olha. — Até logo?

Aceno e Samson levanta uma sobrancelha, enviando-me um olhar. Estou sorrindo e olhando para a porta por vários segundos depois que ele sai. Meu pai limpa a garganta e isso me suga de volta ao momento. Olho para ele, esperando que essa conversa seja o fim. — Vou tomar um café, — digo, tentando desviar sua atenção para outra coisa.

Meu pai pega uma caneca do armário e me serve outra. — Você toma puro?

— Não. Tanto creme e açúcar quanto você puder por lá. — Sento-me em uma das cadeiras do balcão da cozinha enquanto meu pai prepara meu café.

Ele desliza em minha direção e diz: — Não sei como me sinto sobre o que acabou de acontecer.

Eu fico olhando para o meu café enquanto tomo um gole, só para não ter que olhar para meu pai. Quando coloco a caneca de volta no balcão, coloco minhas mãos em volta dela. — Eu não estou mentindo para você. Ele não passou a noite.

— Ainda, — diz meu pai. — Eu já fui adolescente. A varanda do quarto dele e a sua estão bem afastadas. Hoje pode ter sido apenas o nascer do sol, mas você está aqui por um verão inteiro. Alana e eu não permitimos que Sara tenha meninos passando a noite. Só é justo se as mesmas regras se aplicarem a você.

Eu concordo. — OK.

Meu pai está olhando para mim como se não tivesse certeza se estou concordando para apaziguá-lo ou se estou realmente concordando. Para ser honesta, nem eu sei.

Ele se encosta no balcão e toma um gole de café. — Você sempre acorda tão cedo? — Ele pergunta.

— Não. Samson queria que eu visse o nascer do sol, então ele colocou um alarme no meu telefone.

Meu pai acena em direção à porta pela qual Samson saiu antes. — Então ele está ... vocês dois estão namorando?

— Não. Vou me mudar para a Pensilvânia em agosto, não quero um namorado.

Meu pai estreita os olhos para mim. — Pensilvânia?

Merda.

Isso escapou.

Imediatamente olho para o meu café. Minha garganta está cheia de nervosismo. Eu solto uma respiração lenta. — Sim, — digo. Deixo por isso mesmo. Talvez ele não se intrometa.

— Por que você está se mudando para a Pensilvânia? Quando você decidiu isso? O que há na Pensilvânia?

Aperto minha caneca com ainda mais força. — Eu ia te contar. Eu só... estava esperando o momento certo. — *Estou mentindo. Não tinha intenção de contar a ele, mas estou nisso agora.* — Eu ganhei uma bolsa de vôlei na Penn State.

Meu pai me encara sem expressão. Sem surpresa, sem emoção, sem raiva. Apenas um olhar vazio e ilegível antes de dizer: — Você está falando sério?

Concordo. — Sim. Tudo incluído. Eu me mudo no dia 3 de agosto.

Ainda assim, sua expressão está em branco. — Quando você descobriu?

Engulo e tomo um gole lento do meu café, tentando decidir se devo contar a verdade. Isso pode apenas deixá-lo com raiva. — Primeiro ano, — digo baixinho.

Ele se engasga com o ar.

Ele parece muito surpreso. Ou ofendido. Eu não sei dizer.

Ele silenciosamente se empurra para fora do balcão e caminha até as janelas. Ele encara o oceano de costas para mim. Após cerca de trinta segundos de silêncio, ele se vira e me encara novamente. — Por que você não me contou?

— Eu não sei.

— Beyah, isso é enorme. — Ele está caminhando em minha direção agora. — Você deveria ter me contado. — Antes que ele me alcance, ele faz uma pausa. Posso ver a confusão se infiltrando. — Se você tinha uma bolsa completa no ano passado, por que sua mãe me disse que você precisava de aulas para a faculdade comunitária?

Solto uma respiração constante, segurando a parte de trás do meu pescoço. Eu pressiono meus cotovelos contra o balcão e me dou um momento para descobrir como responder a isso.

— Beyah? — Ele pergunta.

Balanço minha cabeça, precisando que ele fique quieto por um segundo. Aperto minha testa. — Ela mentiu para você, — digo. Me levanto e levo minha xícara até a pia. — Eu nem sabia que ela pediu o dinheiro da mensalidade. Ela também não sabia sobre a bolsa de estudos, mas posso garantir que tudo o que você a mandou como mensalidade nunca foi para mim, para começo de conversa.

Despejo meu café na pia e enxáguo a xícara. Quando me viro e o encaro, ele parece abatido. Confuso. Sua boca se abre como se estivesse prestes a dizer algo, mas então ele a fecha e balança a cabeça.

Tenho certeza de que é muito o que processar para ele. Não falamos sobre minha mãe. Esta é provavelmente a primeira vez que falo negativamente sobre ela com ele. E embora adorasse dizer a ele o quanto ela nunca foi mãe, são seis e meia da manhã e não posso ter essa conversa agora.

— Vou voltar para a cama, — digo, indo em direção às escadas.

— Beyah, espere.

Eu paro no segundo degrau e lentamente me viro para encará-lo. Ele está parado com as mãos na cintura, olhando para mim com atenção. — Estou orgulhoso de você.

Eu aceno, mas assim que me viro e subo as escadas, sinto a bola de raiva apertar dentro de mim.

Não quero que ele se orgulhe de mim.

É exatamente por isso que não contei a ele.

E mesmo que pareça que ele está tentando fazer um esforço comigo agora, não posso deixar de me sentir cheia de

ressentimento por ter passado a maior parte da minha vida sem ele.

Não vou permitir que suas palavras me façam sentir bem, nem vou permitir que desculpem sua educação de segunda categoria.

Claro que você está orgulhoso de mim, Brian. Mas você só deve se orgulhar de mim porque, milagrosamente, sobrevivi à infância sozinha.

QUATORZE

Não consegui voltar a dormir depois que Samson foi embora esta manhã, por mais que tentasse. Talvez tenha sido a conversa com meu pai que dificultou o sono.

Sara colocou espreguiçadeiras e um guarda-sol na praia depois do almoço e eu devo ter finalmente adormecido na minha espreguiçadeira em algum momento, porque acabei de acordar. Há baba no meu braço.

Estou de bruços, de costas para a espreguiçadeira de Sara quando abro os olhos. Limpo meu braço e me levanto o suficiente para rolar de costas.

Quando me sento, olho para Sara, mas não é Sara que estou olhando.

É Samson.

Ele está dormindo em sua espreguiçadeira.

Eu me sento e olho para a água. Sara e Marcos estão em pranchas de remo a uma boa saída do oceano.

Pego meu telefone e vejo a hora. São quatro horas. Dormi uma hora e meia.

Eu me deito e olho para Samson enquanto ele dorme. Ele está de bruços, a cabeça apoiada nos braços. Ele tem um boné virado para trás e está usando um par de óculos de sol. Sem camisa, mas isso não é uma coisa ruim.

Rolo para o lado e descanso minha cabeça no meu braço, e fico olhando para ele por um tempo. Sei muito pouco sobre as peças que o compõem como um todo, mas sinto que sei que tipo de pessoa todas essas peças o tornaram.

Talvez você não precise saber a história de uma pessoa para perceber quem ela é no presente. E quem eu comecei a perceber que ele é por dentro o torna ainda mais atraente por fora. Atraente o suficiente para pensar nele quase a cada segundo acordada.

Encontro-me concentrando minha atenção em sua boca. Não sei por que surtei enquanto ele estava me beijando na noite passada. Talvez porque ainda estou tentando entender o fato de que a semana passada foi real.

É muito de uma vez e parecia tudo culminar e gritar comigo durante o nosso beijo na noite passada. Isso me faz pensar se ele me beijasse novamente esta noite, eu reagiria da mesma maneira? Ou me permitiria realmente ver através e desfrutar de todo o beijo como gostei dos primeiros segundos dele?

Fico olhando para os lábios dele, convencendo-me de que vale uma segunda tentativa. E um terceiro e talvez um quarto. Talvez se eu o beijar o suficiente, acabe parecendo perfeito.

— Você percebe que meus olhos estão abertos, certo?

Merda.

Achei que ele estava dormindo. Cubro meu rosto com a mão. Não há como esconder meu constrangimento.

— Não se preocupe, — diz ele, com a voz rouca, como se estivesse arranhando o caminho até sua garganta. — Estive olhando para você o tempo todo em que você dormiu. — Ele estende a mão e toca meu cotovelo com o dedo. — Como você conseguiu essa cicatriz?

Eu me viro de lado e o encaro novamente. — Durante um jogo de vôlei. — Sua espreguiçadeira fica a apenas trinta centímetros da minha, mas parece que está a um quilômetro de distância quando ele para de tocar meu braço.

— Quão boa foi sua equipe?

— Ganhamos nosso campeonato estadual duas vezes, — digo. — Você praticava algum esporte na escola?

— Não. Eu não fui para uma escola típica.

— Que tipo de escola você frequentou?

Samson balança a cabeça, indicando que ele não vai responder a isso.

Reviro meus olhos. — Por que você faz isso? Por que você me faz perguntas e eu pergunto a mesma coisa e você se recusa a responder?

— disse a você mais do que a qualquer um. Sempre, — ele diz. — Não seja gananciosa.

— Então pare de me fazer perguntas que você não está disposto a responder de si mesmo.

Ele sorri. — Pare de responder às minhas perguntas.

— Você acha que eu saber onde você estudou é de alguma forma mais pessoal do que ter sua língua na minha boca? Ou te contando sobre Dakota? Ou você me contando sobre sua mãe? — Puxo meus braços atrás da minha cabeça e fecho meus olhos. — Sua lógica é bastante estúpida, Samson.

Realmente não adianta tentar conversar com ele se tudo o que ele vai fazer é dançar em torno de todos os tópicos como se ele fosse uma espécie de bailarina.

— Eu fui para um colégio interno em Nova York, — ele finalmente diz. — E odiei cada segundo disso.

Eu sorrio, sentindo que ganhei essa batalha de alguma forma, mas por dentro estou meio que triste com essa resposta.

O internato não parece divertido. Não admira que ele não quisesse falar sobre isso. — Obrigada.

— De nada.

Giro minha cabeça e olho para ele. Ele tirou os óculos escuros e o reflexo do sol fez seus olhos parecerem quase claros. Não parece que alguém com olhos tão transparentes quanto os dele pudesse ser tão fechado quanto ele.

Olhamos um para o outro, como sempre fazemos, mas é diferente desta vez. Agora sabemos o gosto um do outro. Ele conhece meu segredo mais sombrio, mas ainda está olhando para mim como se eu fosse a coisa mais interessante desta península.

Ele abaixa o olhar e olha para baixo entre nossas cadeiras. Ele arrasta o dedo na areia. — Como soletra o teu nome?

— Beyah.

Vejo enquanto ele escreve meu nome na areia. Quando ele termina, ele arrasta um dedo sobre ele e o tira, em seguida, passa a mão inteira nele até que meu nome desapareça.

Não sei como poderia sentir isso sob a pele, mas senti.

Samson olha para a água. — Sara e Marcos estão voltando. — Ele coloca seus óculos escuros e depois pula para cima.

Mantenho minhas mãos atrás da cabeça, fingindo estar relaxada, apesar de sentir como se tivesse acabado de ser

eletrocutada. Samson vai até Sara, que está lutando com sua prancha. Ele assume e arrasta o resto do caminho para fora da água para ela.

Sara puxa seu rabo de cavalo quando me alcança e se senta na espreguiçadeira em que Samson estava deitado. Ela espreme a água do cabelo.

— Você tirou uma boa soneca? — Sara pergunta.

— Sim. Não acredito que adormeci.

— Você ronca, — ela diz, rindo. — Você perguntou a Samson se ele quer um encontro duplo esta noite?

— Não. Não surgiu o assunto.

Marcos e Samson estão caminhando com as pranchas de remo em nossa direção. — Samson, todos nós teremos um encontro duplo, — Sara diz a ele. — Esteja pronto às seis.

Samson não perdeu o ritmo em sua resposta. — Quem é o meu par?

— Beyah. Idiota.

Samson me olha como se estivesse considerando isso. — Isso é como um encontro de amigos?

— É comida, — diz Marcos. — Não deixe Sara colocar um rótulo nisso.

— Faremos frutos do mar? — Samson pergunta a ele.

— Você nos deixaria comer mais alguma coisa?

Samson olha para mim. — Você gosta de camarão, Beyah?

— Eu não sei. Acho que nunca comi.

Samson inclina a cabeça. — Não sei dizer se você está sendo sarcástica.

— Eu sou de Kentucky. Não temos muitos restaurantes de frutos do mar a preços acessíveis.

— Você nunca foi a um Red Lobster? — Marcos me pergunta.

— Vocês todos esquecem que coisas como Red Lobster são chiques para muitas pessoas.

— Eu vou pedir para você, então, — diz Samson.

— Que chauvinismo de sua parte, — provoco.

Sara veste o traje de banho e se levanta. — Venha, vamos nos preparar.

— Agora? Não vamos sair por mais duas horas.

— Sim, mas temos muito que fazer para deixá-la pronta.

— Como o quê?

— Vou renovar você.

Balancei minha cabeça. — Não. Por favor, não.

Ela concorda. — Sim. Farei seu cabelo, suas unhas, sua maquiagem. — Ela agarra minha mão e me puxa para fora da espreguiçadeira. Ela aponta para todas as coisas que trouxemos para a praia mais cedo. — Vocês, dois homens fortes, cuidem disso, sim?

Chegamos na metade do caminho para a casa e ela diz: — Ele está a fim de você. Eu posso dizer. Ele não olha para as garotas como olha para você.

Não respondo a ela porque recebo uma mensagem no meio de seu comentário. Raramente recebo mensagens de texto. Poucas pessoas têm meu número de telefone.

Olho para o meu telefone enquanto Sara começa a subir as escadas. O texto é de Samson.

Olhe para nós indo em um encontro espontâneo. Talvez sejamos divertidos.

— Você vem? — Sara pergunta.

Eu limpo o sorriso do meu rosto e a sigo para dentro.

QUINZE

Eles estão todos olhando para mim, esperando que dê uma mordida. Até o nosso garçom.

Fale sobre pressão.

— Mergulhe primeiro no molho cocktail, — sugere Marcos.

Samson empurra o molho de coquetel para longe de mim. — Você é louco? Isso vai fazê-la vomitar. — Ele empurra o molho tártaro para mim. — Aqui, use isto.

Sara revira os olhos enquanto empilha três dos menus. Ela e Marcos acabaram de pedir, mas Samson e eu ainda não pedimos porque ele queria ter certeza de que eu gostava de camarão primeiro. O garçom achou que eu nunca tinha comido camarão, então me trouxe um pedaço para experimentar e agora está por perto para ver minha reação.

É camarão grelhado sem casca nem cauda. Não sou um grande fã de peixe, então não estou esperando muito, mas a pressão é real quando mergulho no molho tártaro.

— Vocês estão agindo como se a reação dela fosse ser de vida ou morte, — diz Sara. — Estou ficando com fome.

— Só será vida ou morte se ela for alérgica a frutos do mar, — diz o garçom.

Faço uma pausa antes de dar a mordida. — O que exatamente se enquadra na definição de frutos do mar? — Samson diz: — Lagosta. Camarão. Coisas em conchas.

— Caranguejo. Lagostins. Tartarugas, — diz Marcos.

— As tartarugas não são peixes, — diz Sara, revirando os olhos.

— Foi uma piada, — diz Marcos.

— Você já comeu lagosta ou caranguejo? — Samson me pergunta.

— Eu comi caranguejo.

— Você deve ficar bem, então.

— Pelo amor de Deus, apenas coma antes de mim, — diz Sara. — Estou faminta.

Mordo o camarão, comendo apenas metade dele. Todo mundo está me olhando mastigar, até Sara. Tem um sabor decente. Não é a melhor coisa que já tive, mas é bom. — Não é ruim. — Coloco o resto na minha boca.

Samson sorri e entrega o menu ao garçom. — Nós dois teremos o prato de camarão.

O garçom anota e vai embora. Sara torce o nariz. — Ele realmente fez o pedido para você. Não sei dizer se isso é fofo ou nojento.

— Eu tentei pedir para você uma vez e você me deu uma cotovelada na lateral do corpo, — diz Marcos.

Sara concorda. — Sim você está certo. É nojento. — Ela toma um gole de sua bebida. — Estou com vontade de fazer algo turístico neste fim de semana.

— Como o quê? — Marcos pergunta.

— O parque aquático? Ou um duck tour[1]? — Ela olha para mim e para Samson. — Vocês dois querem vir?

— Estou livre depois do almoço todos os dias. Exceto sexta-feira. Estou terminando o telhado de Marjorie.

Bem, isso derrete meu coração um pouco.

— Shawn?

Todos os quatro olhamos na direção da voz. Um cara está se aproximando de nossa mesa, olhando para Samson. O cara é alto e magro, com os braços cobertos de tatuagens. Estou olhando para uma em seu antebraço de um farol quando sinto Samson enrijecer.

[1] Passeios turísticos que acontecem em ônibus anfíbios, normalmente oferecidos em cidades portuárias, fluviais, como atração.

— Puta merda, — o cara diz. — *É* você. Como você está, cara?

— Ei, — diz Samson. Ele não parece muito animado em ver esse cara. Além disso… *por que o cara o chamou de Shawn?*

Samson bate na minha perna, querendo sair da cabine. Eu me levanto para deixá-lo sair e ele dá um abraço no cara. Me sento e nós três não estamos escondendo o fato de que estamos escutando a conversa deles.

— Cara, — o cara diz para Samson. — Quando você saiu?

Saiu?

Samson olha para nossa mesa. Há um desconforto nele agora. Ele coloca a mão nas costas do cara e o leva para longe da mesa para que não possamos ouvir o que eles estão dizendo.

Olho para Sara e Marcos para ver quais são as reações deles. Marcos está tomando um gole, mas a cabeça de Sara está inclinada em curiosidade enquanto ela olha para Samson. Ela se recostou na cabine e diz: — Isso foi estranho. Por que aquele cara o chamou de Shawn?

Marcos dá de ombros.

— Talvez Samson seja seu nome do meio, — digo, mais para mim do que para Sara ou Marcos. Me pergunto por que não exigi que ele me dissesse seu nome completo na noite passada quando

perguntei. Isso é estranho, saber que nem sabia o primeiro nome do cara. Mas acho que ele não sabe que meu sobrenome é Grim. Ou talvez saiba, já que tenho o mesmo sobrenome de meu pai.

— Por que aquele cara perguntou a ele quando ele saiu? — Sara diz. — Saiu de onde? Cadeia? Prisão?

Marcos encolhe os ombros novamente. — Poderia estar se referindo à reabilitação.

— Ele estava na *reabilitação*? — Sara pergunta.

— Não tenho ideia, conheço o cara há tanto tempo quanto você, — diz ele.

Samson reaparece em nossa mesa momentos depois, sem o amigo. Eu me levanto e ele desliza de volta para a cabine. Ele não diz nada. Não oferece nenhuma explicação. Isso não importa porque Sara não vai deixar isso passar. Posso dizer pelo jeito que ela está olhando para ele.

— Por que aquele cara chamou você de Shawn?

Samson a encara por um momento, então solta uma risada silenciosa. — O quê?

Ela acena com a mão na direção em que o cara foi. — Ele o chamou de Shawn! E então ele perguntou quando você saiu. Onde você esteve? Cadeia?

Por algum motivo, Samson olha para mim. Não digo nada porque estou esperando as mesmas respostas que Sara está esperando.

Ele olha para Sara e diz: — Esse é o meu nome. Shawn Samson. — Ele acena com a mão para Marcos. — Ele me chamou de Samson quando nos conhecemos, e ficou preso a vocês. Todo mundo me chama de Shawn.

Marcos leva o canudo à boca. — Parece vagamente familiar agora que penso nisso.

Shawn? Seu nome é *Shawn?*

Estou tão acostumada a chamá-lo de Samson que não tenho certeza se posso chamá-lo de Shawn.

— Ok, — diz Sara. — Mas de onde você *saiu?* Cadeia? Você estava na prisão?

Samson suspira e posso dizer que ele não quer falar sobre isso.

— Deixe-o em paz, — Marcos diz, também reconhecendo o desconforto de Samson.

Sara acena uma mão defensiva em minha direção. — Estou tentando arrumar minha meia-irmã com ele, acho que merecemos saber se ele é algum tipo de criminoso.

— Está tudo bem, — diz Samson. — Ele estava falando em sair da cidade. Fomos para o internato juntos e ele sabia o quanto eu odiava Nova York.

Posso ver o lento rolar de sua garganta depois que ele diz isso, como se estivesse engolindo uma mentira. Quais são as chances de ele encontrar um cara de Nova York em uma península do Texas?

Muito pequena, mas é realmente da conta de Sara? Minha? Nenhum de nós deve nosso passado um ao outro.

Não sei por que me sinto protetora com ele agora, mas sei que ele odeia falar sobre si mesmo. Talvez seja algo que Sara não saiba sobre ele.

Vou arrancar a verdade dele mais tarde. Mas agora, só quero que o constrangimento desapareça, então digo: — Nunca estive em Nova York. Texas é apenas o terceiro estado em que já estive.

— Sério? — Sara diz.

Eu concordo. — Sim. Só saí de Kentucky quando voei para Washington para ver meu pai. Eu não tinha ideia de que o Texas era tão quente. Não tenho certeza se gosto.

Marcos ri.

O garçom aparece com os aperitivos que Sara pediu. Ele pega meu copo para me dar um refil e Samson pega um pedaço de lula, colocando-o na boca. — Você já provou lula, Beyah?

Pego um pedaço dele. — Não.

Marcos vira a cabeça. — É como se você tivesse sido criada em um planeta diferente.

Sara não espera que eu comece a comer desta vez. Ela prepara um prato de aperitivos e começa a comer. Este pequeno momento pode não parecer grande coisa para ninguém na mesa, mas estou aliviada em saber que Sara não está colocando tanta pressão sobre si mesma como estava na noite em que apareci.

Sara começa a me fazer perguntas sobre o que mais nunca tentei, e a conversa muda de ser apenas sobre Samson para não ter relação com Samson.

Depois de alguns minutos, Samson estende a mão por baixo da mesa e agarra minha mão. Ele dá um aperto antes de soltá-la. Quando olho para ele, ele está *agradecendo* silenciosamente.

Eu mal conheço o cara, mas posso de alguma forma me comunicar melhor com ele não usando palavras do que jamais fui capaz de me comunicar verbalmente com qualquer outra pessoa.

Ele me lança um olhar e prova que não preciso saber mais. Não agora, de qualquer maneira.

Vou descascar suas camadas no seu tempo.

DEZESSEIS

Não havia dois assentos próximos um do outro quando chegamos à nossa fogueira noturna, então Samson está sentado na minha frente.

Infelizmente, Beau está ao meu lado.

Tenho notado Samson olhando Beau toda vez que fala comigo. Estou tentando deixar bem claro que não estou interessada, mas Beau não entende a dica. Caras como ele nunca fazem. Eles estão acostumados a conseguir o que querem, então não conseguem reconhecer quando o que querem não os quer. É um pensamento insondável para Beau, tenho certeza.

— Oh, Deus, — Sara murmura.

Olho para ela e ela aponta a mão para a duna cruzando cerca de quinze metros de nosso local.

Cadence está caminhando sobre a duna.

— Achei que ela tivesse ido embora, — digo.

— Eu também pensei assim, — diz Sara.

Vejo com um nó no estômago enquanto Cadence se aproxima de nós. Samson está de costas para ela, então ele não sabe que ela está subindo.

Quando ela o alcança, ela envolve as mãos em volta da cabeça de Samson e cobre seus olhos. Ele afasta as mãos dela e inclina a cabeça para trás, olhando para ela.

Antes que ele pudesse reagir, ela disse: — Surpresa! — Então ela se inclina e o beija na boca. — Voltamos por mais uma semana.

O sangue em meu corpo parece que acabou de virar lava.

Os olhos de Samson imediatamente encontram os meus quando ela se afasta. Não estou exibindo ciúme em meu rosto, mas com certeza está percorrendo meu corpo.

Samson se levanta e se vira para Cadence. Não consigo ouvir o que ele diz a ela, mas ele olha para mim por uma fração de segundo antes de colocar a mão na parte inferior das costas de Cadence e apontar para a água. Eles começam a andar naquela direção e tudo que posso fazer é olhar para o meu colo.

Espero que ele esteja se afastando de todos nós para que possa dispensá-la suavemente. Ou menos gentil, não me importo.

Não que ele me deva algo. Fui eu quem interrompeu o beijo na noite passada.

— Você está bem? — Sara pergunta, percebendo a mudança em meu comportamento.

Solto uma respiração estável. — O que eles estão fazendo?

— Quem? Cadence e Samson?

Eu concordo.

— Caminhando, — ela diz. Ela estreita os olhos para mim com suspeita. — O que há entre vocês dois?

Balancei minha cabeça. — Nada está acontecendo.

Sara se recosta na cadeira. — Eu sei que você é reservada sobre muitas coisas, Beyah. Posso lidar com isso, mas se Samson beijar você neste verão, você *poderia* me dar um sinal? Você nem precisa dizer em voz alta. Apenas cumprimente-me ou algo assim.

Asseguro-lhe com um aceno de cabeça, em seguida, olho para Samson e Cadence. Eles estão a pelo menos 60 centímetros de distância. Seus braços estão cruzados com força sobre o peito. Ela parece zangada.

Direciono meu olhar de volta para o fogo, mas alguns segundos depois, há um suspiro coletivo.

— Puta merda, — Marcos diz, rindo. Eu olho para ele, mas ele está olhando para Samson, que agora está voltando para o fogo. Ele está sozinho, esfregando a bochecha.

— Ela deu um tapa nele, — Sara sussurra. Quando Samson chega ao seu lugar, ela diz: — O que você disse a ela?

— Nada que ela quisesse ouvir.

— Você acabou de recusa-la? — Beau pergunta. — Por que diabos você faria isso? Ela é gostosa.

Samson olha para Beau com uma expressão inexpressiva. Ele acena na direção em que Cadence acabou de sair. — Ela é um jogo justo, Beau. Dê o seu tiro.

Beau balança a cabeça. — Nah, só estou interessado neste tiro aqui, — diz ele, apontando uma mão para mim.

— Não vai acontecer, Beau, — digo.

Beau sorri para mim, e não tenho ideia de como a minha recusa descarada dele o faz pensar que quero dizer outra coisa senão as palavras que estou falando com ele. Ele se levanta e agarra minha mão. Ele tenta me puxar para cima, mas não me movo.

— Venha nadar comigo, — diz ele.

Balancei minha cabeça. — Já disse não duas vezes.

Ele tenta me levantar, mas eu o chuto no joelho quando Samson pula de sua cadeira e vem até nós. Ele está entre nós, de frente para Beau. — Ela disse não.

Beau olha para Samson, e depois ao redor dele, para mim. Ele move um dedo entre nós. — Oh. Entendi. Vocês dois são uma coisa agora.

— Não tem nada a ver comigo, — diz Samson. — Eu a ouvi pedir para você deixá-la sozinha várias vezes. Pegue a porra da dica.

Samson está com raiva. Não sei se é por ciúme ou pelo simples fato de Beau ser um idiota.

Espero que seja o fim de tudo, mas Beau aparentemente não gosta que gritem. Ele ataca Samson, acertando-o no rosto. Então Beau levanta os dois punhos como se estivesse pronto para uma luta, mas Samson leva a mão ao queixo e encara Beau com firmeza. — Você está falando sério?

— Sim, estou falando sério, — Beau responde, ainda em sua postura de combate.

Marcos está de pé agora, pronto para defender Samson, mas Samson não parece se importar em entreter Beau.

— Vá para casa, Beau, — Marcos diz, colocando-se entre Beau e Samson.

Beau olha para Marcos. — Como se diz *idiota* em mexicano?

A única coisa que odeio mais do que um idiota é um idiota *racista*. — É espanhol, não mexicano, — digo. — E acho que *Beau* é a tradução correta para idiota.

Samson solta uma pequena risada quando digo isso. Isso irrita Beau.

— Foda-se, seu pequeno cretino rico. Todos vocês podem ir para o inferno. — O rosto de Beau está vermelho de raiva.

— Estamos no inferno toda vez que você aparece — Sara diz categoricamente.

Beau aponta para Sara. — Foda-se. — Ele aponta para mim. — E foda-se *você*.

Acho que é aí que Samson traça a linha. Ele não bate em Beau, mas se move em direção a ele rápido o suficiente para fazer Beau pular para trás. Então Beau se vira, pega suas coisas na cadeira e sai.

É uma bela vista.

Samson cai na cadeira, segurando o queixo. — Eu fui esbofeteado por uma garota e socado por dois caras desde que você apareceu.

— Então pare de ficar do meu lado.

Samson olha para mim com um pequeno sorriso, quase como se estivesse dizendo: — *Isso não vai acontecer*.

— Você está sangrando. — Pego uma toalha próxima e limpo seu queixo. Ele tem um pequeno corte na mandíbula. Beau devia estar usando um anel. — Você deveria colocar um curativo nisso.

Os olhos de Samson mudam enquanto ele me encara. — Tenho alguns em casa. — Ele se levanta da cadeira e contorna o fogo, indo para casa.

Ele nem mesmo me convida ou espera por mim, mas eu poderia dizer pela sua expressão que ele quer que eu o siga. Pressiono a palma da mão contra meu pescoço, sentindo o calor subindo para minha pele. Eu me levanto. Olho para Sara antes de ir embora.

— Lembre-se, — ela sussurra. — Um sinal. Um high-five.

Eu rio e sigo Samson até sua casa. Ele está vários metros à minha frente, mas deixa a porta aberta quando entra, então sabe que estou o seguindo.

Quando chego ao topo da escada, solto um suspiro para me acalmar. Não sei porque estou nervosa. Nós nos beijamos ontem à noite. A parte mais difícil acabou.

Fecho a porta quando entro. Samson está na pia, molhando uma toalha de papel. Entro na cozinha e percebo que ele não acendeu nenhuma das luzes. As únicas luzes da casa vêm dos eletrodomésticos e da lua brilhando pelas janelas.

Eu me inclino contra o balcão para dar uma olhada em seu corte. Ele inclina a cabeça para que possa inspecionar. — Ainda está sangrando? — Ele pergunta.

— Um pouco. — Me afasto e o observo enquanto ele pressiona o guardanapo molhado contra sua mandíbula novamente.

— Não tenho nenhum curativo, — diz ele. — Eu estava mentindo.

Concordo. — Eu sei. Você não tem merda nenhuma nesta casa.

Sua boca se contorce como se ele quisesse sorrir, mas há algo pesando em seu sorriso. O que quer que seja esse peso, oprime-me.

Ele puxa o guardanapo e o joga no balcão, então ele agarra as bordas do balcão como se estivesse tendo que se conter.

Ele não vai dar o primeiro passo desta vez, não importa o quanto pareça que ele queira. E por mais nervosa que esteja, quero experimentar um beijo inteiro com ele, do começo ao fim.

O olhar de Samson é como uma atração magnética, persuadindo-me em sua direção. Eu me aproximo, meus movimentos tímidos. Não importa o quão nervosa pareça, ele não pressiona. Ele apenas espera. Meu coração está batendo forte no

meu peito quando fica claro para nós dois que estou prestes a beijá-lo.

Parece diferente da noite passada. Parece mais significativo, uma vez que ambos passamos o último dia pensando sobre isso e obviamente chegamos à conclusão de que ambos queremos que aconteça novamente.

Mantemos contato visual enquanto fico na ponta dos pés e pressiono levemente meus lábios nos dele. Ele inala enquanto minha boca ainda está contra a dele, como se estivesse convocando uma paciência que não existe mais dentro dele.

Recuo um pouco, precisando ver sua reação. Seu olhar aguçado e lábios entreabertos são uma dica promissora para o que pode acontecer a seguir. Não sinto que vou acabar correndo para fora desta cozinha novamente, agora que passei as últimas vinte e quatro horas lamentando aquela mudança.

Samson abaixa sua testa na minha. Fecho meus olhos quando ele envolve a mão em volta do meu pescoço. Ele mantém sua testa pressionada contra a minha e imagino que seus olhos também estejam fechados. É como se ele quisesse estar perto de mim, mas ele sabe que não pode me abraçar e ele não sabe se deve me beijar.

Eu inclino minha cabeça para trás por instinto, querendo seus lábios contra os meus novamente. Ele aceita o convite silencioso beijando o canto da minha boca, então o centro dela.

Ele solta um suspiro trêmulo, como se estivesse saboreando o que está por vir.

Sua mão que está enrolada no meu cabelo inclina minha cabeça ainda mais para trás, e então ele me beija com confiança.

É lento e profundo, como se ele não sobrevivesse se não engolisse um pouco da minha alma neste beijo. Ele tem gosto de água salgada e meu sangue se parece com o mar, furioso e batendo em minhas veias.

Quero viver com esse sentimento. Dormir com isso. Acordar com isso.

Não quero que o beijo termine ainda, mas quando ele começa a desacelerar, gosto de como ele faz. Gradual, cuidadoso, difícil, como se ele estivesse parando tão devagar quanto um trem poderia.

Quando não estamos mais nos beijando, ele me solta, mas não me afasto. Ainda estou pressionada contra ele, mas ele está agarrando o balcão novamente em cada lado, em vez de me agarrar. Agradeço que ele não esteja me envolvendo em seus braços agora.

Beijos que provei que posso aguentar esta noite. Ser abraçada é algo para o qual ainda não estou pronta, e ele já sabe como me sinto a respeito.

Pressiono minha testa contra seu ombro e fecho meus olhos.

Eu posso ouvir sua respiração, difícil e profunda enquanto ele descansa sua cabeça levemente contra a minha.

Ficamos assim por um tempo e não sei o que sentir ou o que pensar. Não sei se é normal sentir-se mil quilos mais pesada depois de beijar alguém.

Sinto que estou fazendo tudo errado, mas ao mesmo tempo, parece que talvez Samson e eu sejamos as únicas pessoas que estamos fazendo isso certo no mundo inteiro.

— Beyah, — ele sussurra. Sua boca está bem perto da minha orelha, então quando ele diz meu nome, arrepios correm pelo meu pescoço e braços. Eu mantenho minha testa pressionada contra ele e meus olhos fechados.

— O quê?

Há uma pausa que parece muito mais longa do que realmente é. — Estou saindo em agosto.

Não sei o que dizer sobre isso. Eram apenas quatro palavras, mas ele traçou uma linha muito profunda na areia com essas quatro palavras. Uma linha que sabia que viria eventualmente.

— Eu também, — digo.

Levanto minha cabeça e meus olhos são atraídos para seu colar. Eu toco, passando meu dedo pela madeira. Ele está olhando para mim como se quisesse me beijar novamente. Eu levaria mais mil desses esta noite. Não senti nada negativo dessa vez. Foi tudo bom, mas arrepiante. É como se ele me beijasse de costas, de dentro para fora -- da mesma forma que acho que às vezes ele olha para mim. Como se ele visse meu interior antes de perceber o que está fora.

Ele inclina meu queixo com um dedo e pressiona seus lábios nos meus novamente, desta vez com os olhos abertos, absorvendo-me. Ele se afasta, mas não muito longe. Todas as suas palavras parecem vazar para minha boca quando ele fala. — Se fizermos isso, ficará na parte rasa.

Aceno, mas então balanço minha cabeça. Não sei se estou concordando ou discordando. — O que você quer dizer com parte rasa?

Seu olhar corresponde ao aperto em meu peito. Ele desliza a língua sobre o lábio superior como se estivesse pensando em como elaborar seus pensamentos sem ferir meus sentimentos. — Só quero dizer... se isso se tornar uma coisa. Uma coisa de verão. Isso é tudo que quero que seja. Não quero sair daqui em agosto com um relacionamento.

— Também não quero isso. Estaremos em dois lados diferentes do país.

Ele desliza as costas dos dedos pelo meu braço. Quando ele os desliza de volta, ele não para no meu ombro. Seus dedos deslizam pela minha clavícula até que ele está tocando minha bochecha.

— As pessoas às vezes ainda se afogam na parte rasa, — ele sussurra.

Esse é um pensamento sombrio. Acho que ele provavelmente pretendia manter para si mesmo. Mas aqui estou, puxando para trás essas camadas, queira ele ou não.

Muitas camadas.

Não sei explicar... beijá-lo parecia como se eu contornasse cada camada e me enterrasse direto em seu núcleo, mas aconteceu. É como se o visse de verdade, apesar de todo o desconhecido que ainda o rodeia.

— Quem era aquele cara no jantar? — Pergunto.

Ele engole em seco, desviando o olhar, e isso me faz querer correr uma mão calmante em sua garganta. — Eu não quero mentir para você, Beyah. Mas também não posso ser honesto com você.

Não tenho ideia do que isso significa, mas o problema com Samson é que ele não parece ser o tipo de pessoa que quer atenção ou cria drama. Então, ao dizer algo assim, faz-me pensar que é ainda pior do que a forma como ele está apresentando.

— Qual foi a pior coisa que você já fez? — Pergunto-lhe.

Ele traz seus olhos de volta aos meus com outra sacudida previsível de sua cabeça.

— É tão ruim assim?

— É mau.

— Pior do que o que fiz com Dakota?

Samson pressiona os lábios em uma linha fina e irritada, e então inclina a cabeça, olhando para mim com intensidade. — Existem dois tipos diferentes de erros. O errado que vem da fraqueza e o que vem da força. Você fez essa escolha porque era forte e precisava sobreviver. Você não fez essa escolha porque era fraca.

Agarro-me a cada palavra disso porque quero torná-la minha verdade.

— Você só vai responder uma pergunta para mim? — Pergunto. Ele não diz sim, mas não diz não. Ele apenas espera pela minha pergunta. — Foi um ataque de qualquer tipo?

— Não. Nada como isso.

Estou aliviada por isso. Ele pode dizer. Ele escova meu cabelo sobre meus ombros com as duas mãos e, em seguida, pressiona sua boca contra minha testa. Ele me beija ali, então

inclina sua cabeça contra a minha. — Eu vou te dizer um dia antes de você ir para a faculdade.

— Se você eventualmente vai me dizer, por que não pode simplesmente me dizer agora?

— Porque quero passar o resto do verão com você. E se te contar, eu não acho que você vai querer isso.

Não tenho certeza do que ele poderia me dizer que me faria não querer falar com ele, mas sei que se insistir nisso, vou apenas me estressar.

Vou esperar.

Do jeito que nossas conversas estão indo, vou tirar isso dele antes de agosto.

Mas, por enquanto, apenas aceno porque não é nada que ele queira me dizer esta noite. E se há uma coisa que posso fazer agora, é mostrar a ele a mesma paciência que ele me mostrou ontem à noite.

Ele me beija novamente. É um beijo rápido. Um beijo de boa noite.

Não digo nada enquanto me afasto dele e caminho em direção à porta porque todas as minhas palavras parecem grandes demais para a minha voz. É difícil simplesmente sair de casa agora. Não consigo imaginar como será o dia 3 de agosto.

PJ está esperando do lado de fora da porta quando eu a fecho. Ele me segue lealmente descendo as escadas e entrando em casa. Quando chego ao topo da escada da casa, ele caminha até a cama do cachorro e se deita.

Felizmente, ninguém está na sala quando entro na casa. Tranco a porta e subo as escadas furtivamente. Antes de abrir minha porta, olho para a porta do quarto de Sara.

Acho que quero dizer a ela que nos beijamos. É uma sensação estranha, querer me abrir com outra garota. Eu nunca disse à Natalie sobre as coisas entre Dakota e eu. Estava com vergonha de contar a ela.

Bato suavemente na porta de Sara, não querendo acordar mais ninguém na casa. Sara não diz nada. Ela provavelmente ainda está na praia.

Empurro a porta para verificar se ela está na cama, mas assim que espreito minha cabeça para dentro, fecho a porta.

Marcos estava em cima dela. Ele estava vestido, mas ainda assim. Eu não esperava isso.

Caminho para o meu quarto, mas então me lembro do que Sara disse na praia sobre apenas dar a ela um sinal de silêncio.

Volto para o quarto dela. Ela e Marcos param de se beijar e olham para mim. Eu alcanço a cama e levanto a mão para obter um high-five dela.

Ela ri e me cumprimenta. — Claro que sim! — ela sussurra quando eu saio de seu quarto.

DEZESSETE

Os últimos dias foram os menos estressantes da minha vida. É como passar um tempo com Samson liberando algum tipo de hormônio do meu cérebro que está desaparecido há dezenove anos. Me sinto mais feliz. Não me sinto à beira de quebrar o tempo todo.

Tenho certeza de que é mais do que apenas Samson. É uma combinação de todas as coisas que nunca tive antes. Abrigo decente que não apodrece por dentro por cupins. Três refeições por dia. Uma amiga constante que mora do outro lado do corredor. O oceano. O nascer do sol.

É quase bom demais acontecer de uma vez. Estou tomando uma overdose de coisas boas, o que significa apenas que terei que passar pela abstinência quando o verão terminar. Mas, como Sara disse, os verões são para se concentrar no hoje e apenas no hoje. Vou me preocupar com a parte dolorosa do verão em 3 de agosto.

Samson decidiu que uma escada seria mais segura e mais fácil de alcançar minha varanda pela manhã do que pular provou ser. Estou sentada na minha cadeira de sempre na varanda comendo uvas que acabei de tirar da geladeira quando o ouço

levantando a escada. Minha parte favorita de nossa rotina matinal é quando ele chega ao topo da escada e sorri para mim. Embora a noite passada pudesse ter sido melhor do que nossas manhãs juntos. Ele me convenceu a voltar para o oceano e nos beijamos sem que o beijo fosse interrompido por uma dor lancinante.

Beijar é o mínimo.

Nós ficamos. Tanto quanto uma pessoa pode decifrar no oceano sem colocar as mãos dentro de maiôs e sungas. Mas esse é o único tempo físico que realmente tivemos fora das manhãs nos últimos dias. Fico meio incomodada com demonstrações públicas de carinho na frente de outras pessoas, e estamos sempre com Sara e Marcos.

Samson chega ao topo da escada e nós dois sorrimos um para o outro. — Dia.

— Ei. — Coloco outra uva em minha boca. Depois de escalar o parapeito, ele se abaixa e me dá um beijo rápido, depois se senta ao meu lado.

Tiro uma uva do saco e levo aos seus lábios. Ele mal os separa com um sorriso, forçando-me a enfiar meu dedo em sua boca enquanto ele pega a uva. Ele circunda os lábios em volta do meu dedo por um segundo, depois se afasta lentamente. Ele começa a mastigar a uva. — Obrigado.

Agora quero alimentá-lo com uvas o dia todo.

Ele envolve um braço nas costas da cadeira e me inclino contra ele, mas não perto o suficiente para que ele interprete isso como um sinal para me puxar para ele. Assistimos ao nascer do sol em silêncio e penso na virada que minha vida deu desde que cheguei.

Achei que sabia quem eu era, mas não tinha ideia de que as pessoas podem se tornar versões diferentes de si mesmas em ambientes diferentes. Neste ambiente, onde tudo parece bom e perfeito, estou realmente em paz com minha vida. Não adormeço amarga todas as noites. Eu nem mesmo odeio ativamente meu pai como antes. E não sou mais uma descrente apaixonada. Não sou cética aqui porque sou capaz de ver a vida por lentes diferentes.

Isso me faz pensar que versão de mim mesma serei quando chegar à faculdade. Serei feliz lá? Vou sentir falta de Samson? Continuarei a prosperar ou voltarei ao meu antigo eu?

Eu me sinto como uma flor sendo retirada das sombras e colocada no sol. Estou florescendo pela primeira vez desde que rompi o solo da terra.

— Quais são os planos de hoje? — Samson pergunta.

Encolho os ombros. — Acho que está claro agora que não tenho absolutamente nenhum plano até 3 de agosto.

— Bom. Quer alugar um carrinho de golfe e fazer um tour pela praia esta tarde? Conheço um lugar realmente isolado.

— Certo. Parece divertido. — Especialmente porque ele disse a palavra *isolado*. Isso soa como um convite para finalmente poder passar algum tempo a sós com ele.

O sol já nasceu e é geralmente quando Samson vai embora para que eu possa voltar a dormir, mas, em vez de se levantar, ele me desliza para o seu colo, de modo que fico montada nele. Ele inclina a cabeça para trás contra a cadeira, apoiando as mãos em meus quadris. — Devemos começar a assistir o nascer do sol nesta posição.

— Isso bloquearia sua visão, — digo.

Ele leva a mão ao meu rosto e as pontas dos dedos contra meu queixo parecem pequenos fogos contra minha pele. — Você é mais bonita do que a vista, Beyah. — Ele desliza a mão atrás da minha cabeça e me puxa para sua boca.

Seus dois braços me envolvem e ele me puxa para mais perto, mas me movo um pouco para que ele seja lembrado de não fazer isso. Não gosto quando seus dois braços vão ao meu redor enquanto nos beijamos, porque me faz pensar em ser abraçada, e ser abraçada é algo mais pessoal para mim do que beijar, ou mesmo sexo.

Gosto de beijar Samson. Gosto de passar um tempo com ele. Mas não gosto da ideia de compartilhar algo tão íntimo com alguém que não quer compartilhar mais do que algumas semanas de si mesmo comigo.

Suas mãos caem para meus quadris como os treinei para fazer nos últimos dias. Ele beija meu queixo, depois o lado da minha cabeça. — Eu tenho que ir, — ele diz. — Tenho muito que fazer hoje.

Todos os dias ele está sempre fazendo algo diferente. Ajudar alguém a consertar um telhado, reconstruir uma duna. A maior parte parece trabalho pesado. Não sei se ele realmente recebe dinheiro pelo trabalho que faz.

Deslizo para fora dele e vejo como ele se dirige para a escada.

Ele não faz contato visual comigo enquanto desce a escada e desaparece. Inclino minha cabeça contra o encosto da cadeira e coloco uma uva em minha boca.

Tenho certeza de que ele quer mais do que estou lhe dando fisicamente, mas não posso dar mais se ele insiste em ficar no lado raso. Abraços e ser abraçada podem parecer coisas superficiais para ele, mas para mim, essas coisas estão enterradas em algum lugar da Fossa das Marianas[2].

[2] Fossa das Marianas está localizada no Oeste do Oceano Pacífico, é a trincheira mais profunda da Terra. Tem aproximadamente 2550km de comprimento.

Prefiro fazer sexo casual com ele do que deixá-lo me abraçar.

Provavelmente é a prova de que tenho algumas merdas profundas que precisam ser resolvidas por um terapeuta. Mas tanto faz.

A terapia oceânica tem feito maravilhas para mim até agora e é gratuita.



Isolado era um eufemismo.

Ele nos trouxe tão longe na praia que as casas não estão mais agrupadas em bairros. Elas são esparsas e dispersas. Não existem pessoas. Apenas as dunas atrás de nós e o oceano à nossa frente. Se eu fosse escolher um local para construir uma casa, seria esse.

— Por que não há muitas casas aqui? A terra alaga com muita facilidade?

— Costumava haver muitas casas aqui. O furacão Ike destruiu tudo. — Samson toma um gole d'água. Ele trouxe sanduíches, água e uma toalha. Ele está considerando este nosso primeiro encontro oficial desde que sair com Sara e Marcos

realmente não conta. Ele até parou na minha escada no carrinho de golfe para me pegar.

— Você acha que algum dia será o mesmo de antes do furacão?

Ele encolhe os ombros. — Talvez não como era antes. A península inteira foi enobrecida na reconstrução, mas está prosperando mais do que eu pensava. Ainda é um trabalho em andamento, no entanto. Levará mais do que alguns anos para chegar perto de como era antes. — Ele aponta para um ponto atrás de nós. — Foi lá que encontrei o barco de Rake. Provavelmente ainda há pedaços dele enterrados atrás da duna. Eles não fizeram muito trabalho nesta área desde o furacão.

Dou um pedaço do meu pão para PJ. Ele andou na parte de trás do carrinho de golfe até aqui. — Você acha que este cachorro pertencia a uma das pessoas cujas casas foram destruídas?

— Acho que você é a única pessoa a quem esse cachorro pertenceu.

Sorrio quando ele diz isso, mesmo sabendo que não sou a primeira pessoa que PJ amou. Ele conhece comandos, então alguém passou um tempo treinando-o no passado.

Sempre quis um cachorro, mas nunca tive comida suficiente para alimentá-lo. Eu aceitaria animais perdidos, mas eles

eventualmente me deixaram por outras famílias que os alimentavam com mais frequência.

— O que você vai fazer com ele em agosto? — Samson pergunta, inclinando-se sobre mim para coçar PJ na cabeça.

— Eu não sei. Estou tentando não pensar nisso.

Os olhos de Samson encontram os meus naquele momento, e há um flash de contemplação que passa entre nós.

O que vou fazer com o cachorro?

O que vamos fazer sobre *nós?*

Qual será a sensação de adeus?

Samson se estende na areia. Estou sentada de pernas cruzadas, então ele deita a cabeça no meu colo e me encara pensativo. Corro a mão pelo cabelo dele, tentando não pensar em nada além ou antes deste momento.

— O que as outras pessoas pensam de você? — Samson pergunta.

— Essa é uma pergunta estranha.

Samson me olha com expectativa, como se ele não se importasse que seja uma pergunta estranha. Eu rio, olhando para a água enquanto penso.

— Não sou dócil, então às vezes minha atitude pode ser mal interpretada como maldosa. Mas fui confundida com minha mãe em casa. Quando você é julgada com base na pessoa que a criou, você não pode ser neutra sobre quem você é. Ou você deixa isso te consumir e você se torna quem os outros pensam que você é, ou você luta com tudo em você. — Olho para ele. — O que você acha que as pessoas pensam de você?

— Não acho que as pessoas pensam sobre mim.

Eu balanço minha cabeça em desacordo. — Eu acho. E você sabe o que acho?

— O que você acha?

— Acho que quero voltar para o oceano com você.

Samson sorri. — Estamos muito longe do vinagre.

— Então que valha a pena, caso eu seja picada novamente.

Samson pula de pé e me puxa para cima. Tiro meu short enquanto ele tira sua camisa. Ele segura minha mão enquanto avançamos pelas ondas e nos afastamos da costa. Quando a água está chegando ao meu peito, paramos de andar e nos encaramos, abaixando até que a água chegue no pescoço.

Nós fechamos a lacuna entre nós até estarmos nos beijando.

Cada vez que nos beijamos, é como se deixássemos mais de nós mesmos dentro do outro. Gostaria de saber mais sobre

relacionamentos e amor e todas as coisas para as quais costumava pensar que era bom demais, ou talvez não bom o *suficiente*. Eu quero saber como fazer esse sentimento durar. Eu quero saber se um cara como Samson poderia se apaixonar por uma garota como eu.

Uma onda cai sobre nós, separando-nos. A água encharca completamente meu cabelo. Estou enxugando meus olhos, rindo, enquanto Samson faz o seu caminho de volta para mim. Ele envolve minhas pernas em volta de sua cintura, mas mantém as mãos nos meus quadris.

Há uma centelha de felicidade em seus olhos.

É a primeira vez que vejo.

Estou aqui há quase duas semanas e esta é a primeira vez que ele parece completamente à vontade. Faz me sentir bem que ele parece achar isso comigo, mas estou triste que não seja algo que ele sente o tempo todo.

— Que tipo de coisas te faz feliz, Samson?

— Pessoas ricas nunca estão satisfeitas, — diz ele instantaneamente. É triste que ele nem tenha pensado nisso.

— Então o ditado é verdade? Dinheiro não compra felicidade?

— Quando você é pobre, você tem coisas para buscar. Metas que te entusiasmam. Talvez seja uma casa dos sonhos ou férias ou até mesmo uma refeição em um restaurante em uma sexta-feira à noite. Mas quanto mais dinheiro você tem, mais difícil é encontrar coisas para se entusiasmar. Você já tem a casa dos seus sonhos. Você pode ir a qualquer lugar do mundo quando quiser. Você pode contratar um chef particular para preparar todos os alimentos que você desejar. Pessoas que não são ricas pensam que todas essas coisas são gratificantes, mas não são. Você pode preencher sua vida com coisas boas, mas coisas boas não preenchem os buracos em sua alma.

— O que preenche os buracos da alma?

Os olhos de Samson percorrem meu rosto por alguns segundos.

— Pedaços da alma de outra pessoa.

Ele me levanta um pouco para que menos da minha pele fique sob a água. Ele arrasta sua boca pelo meu queixo, e quando seus lábios encontram os meus, estou faminta por eles. Morrendo de fome.

Eu o sinto endurecer, embora estejamos na água. Ainda assim, tudo o que fazemos é nos beijar. Esse beijo dura vários minutos. Não é o suficiente e é mais do que suficiente.

— Beyah, — ele sussurra contra a minha boca. — Eu poderia ficar aqui para sempre, mas provavelmente devemos voltar antes de escurecer.

Eu aceno, mas então o beijo de novo porque eu realmente não me importo se escurecer. Samson ri, mas rapidamente se cala e retribui o beijo com ainda mais urgência.

Gostaria que houvesse mais partes dele que eu pudesse alcançar. Não consigo parar de correr minhas mãos sobre seu peito, ombros e costas. Eles acabam em seu cabelo enquanto sua boca desce pelo meu peito. Sinto seu hálito quente contra minha pele, bem entre meus seios. Ele levanta a mão na parte de trás do meu pescoço e eu o sinto tocar o nó na parte superior do meu maiô.

Então ele me olha nos olhos, silenciosamente pedindo permissão. Eu aceno, e ele lentamente puxa a tira até que esteja desamarrada.

As alças do meu maiô caem, e Samson se inclina para frente, beijando o topo do meu seio. Ele lentamente começa a trabalhar sua boca para baixo até que ele leva meu mamilo em sua boca.

Eu sugo uma respiração instável. A sensação de sua língua contra minha pele envia arrepios pelo meu corpo. Fecho meus olhos e pressiono minha bochecha contra o topo de sua cabeça, nunca querendo que ele pare.

Mas ele faz, graças ao som de um motor à distância.

Ele imediatamente se afasta quando nós dois ouvimos. Há uma caminhonete na praia vindo nessa direção.

Samson levanta as alças do meu biquíni e as amarra novamente em volta do meu pescoço. Eu gemo, e talvez até faça beicinho. Voltamos para a costa, embora a caminhonete tenha dado a volta e voltado na outra direção antes de chegar até nós.

Nós dois ficamos quietos enquanto colocamos nossas coisas no carrinho de golfe. O sol está começando a se pôr do outro lado da península, lançando um brilho vermelho e roxo no céu. O vento do oceano aumentou e olho para Samson por um momento. Ele está enfrentando a brisa, com os olhos fechados. Há uma calma sobre ele agora, e essa calma se espalha para mim.

Seu humor é contagioso. Estou feliz que ele parece ter apenas um ou dois. Nunca me senti tão estável como desde que comecei a passar todas as minhas horas com ele.

— Você já fechou os olhos e apenas ouviu o mar? — Ele pergunta. Ele abre os olhos e se vira para mim.

— Não.

Ele encara a água novamente e fecha os olhos. — Tente.

Fecho meus olhos e solto um suspiro. A mão de Samson encontra a minha e ficamos parados juntos, em silêncio, de frente para a água.

Escuto o que ele está ouvindo.

Gaivotas.

Ondas.

Paz.

Esperança.

Não sei quanto tempo ficamos aqui porque fico consumida pela meditação. Não sei se eu já estive em um lugar com meus olhos fechados e simplesmente deixei meus pensamentos irem.

Eu os deixei ir. Todos eles.

Eventualmente, é como se o mundo ficasse completamente silencioso.

Sou puxada para fora desse silêncio quando sinto Samson beijar a parte de trás da minha cabeça. Abro os olhos e respiro fundo.

E isso é o fim disso. Jantar, uma sessão de amassos e um alívio de stress. Que encontro.

— Onde está seu cachorro? — Ele pergunta quando começamos a subir no carrinho de golfe.

Eu olho em volta, mas não vejo Pepper Jack Cheese em lugar nenhum. Chamo por ele, mas ele não vem correndo. Meu coração bate um pouco e isso não passa despercebido.

Samson chama por ele.

Começo a ficar preocupada porque estamos muito longe de nossas casas e, se não o encontrarmos, ele não conseguirá voltar.

— Talvez ele esteja atrás das dunas, — Samson sugere. Nós dois caminhamos até as altas fileiras de areia. Samson agarra minhas mãos e me ajuda a subir a duna. Quando chegamos ao topo e olhamos do outro lado, fico imediatamente aliviada ao ver PJ

— Oh, graças a Deus, — digo, escalando o outro lado da duna.

— O que ele está fazendo? — Samson pergunta, andando atrás de mim. PJ está a cerca de três metros de distância, cavando furiosamente no chão.

— Talvez ele tenha encontrado alguns caranguejos.

Quando o alcançamos, congelo. O que quer que ele tenha encontrado, não é um caranguejo. Parece... — Samson? — Sussurro. — O que é isso?

Samson cai de joelhos e começa a limpar a poeira do que parecem ossos em forma de mão.

Afasto PJ, mas ele luta para se livrar do meu aperto. Samson está cavando, removendo areia, revelando cada vez mais o que é obviamente um braço humano.

— Oh, meu Deus, — sussurro. Cubro minha boca com a mão. PJ escorrega do meu aperto e se afasta de mim. Ele corre de volta para o lado de Samson, mas Samson o empurra. — Sente-se, — ele comanda o cachorro.

PJ se senta, mas choraminga.

Eu me abaixo de joelhos ao lado de Samson e observo enquanto ele continua a descobrir mais ossos.

— Talvez você não deva tocá-lo, — sugiro.

Samson não diz nada. Ele continua cavando até chegar à articulação do ombro do esqueleto. Ainda há uma camisa presa a ele. É uma camisa xadrez vermelha, desbotada e rasgada. Samson toca um pedaço dele e ele se desfaz em suas mãos.

— Você acha que é um corpo inteiro?

Samson ainda não me responde. Ele apenas fica de cócoras e olha para o chão.

— Vou pegar meu telefone e ligar para a polícia. — Começo a me levantar, mas Samson agarra meu pulso. Olho para ele e seus olhos estão implorando.

— Não faça isso.

— *O quê?* — Balanço minha cabeça. — Temos que relatar isso.

— Não faça isso, Beyah, — ele diz novamente. Nunca vi sua expressão tão inflexível. — Esse é o cara de quem eu estava falando. Rake. Reconheço a camisa dele. — Ele olha de volta para o que acabou de descobrir. — A polícia vai simplesmente jogá-lo em uma cova sem identificação.

— Ainda temos que relatar isso. É um corpo. Uma pessoa desaparecida.

Ele balança a cabeça novamente. — Ele não era uma pessoa desaparecida. Como disse a você, ninguém percebeu que ele se foi. — Já posso dizer pelo comportamento de Samson que não estou mudando sua ideia. — Ele gostaria de estar no oceano. É o único lugar ao qual ele pertence.

Ambos ficamos em silêncio por um tempo enquanto pensamos.

Por alguma razão, não sinto que essa decisão seja minha. Mas, com certeza, não quero ficar aqui nem mais um segundo.

Samson se levanta e desaparece sobre a duna. Não tenho intenção de ficar sozinha com restos humanos, então sigo atrás dele.

Samson caminha em direção à água e, quando está a poucos metros dela, simplesmente para. Ele cruza as mãos atrás

da cabeça. Eu paro de andar porque parece que ele precisa de um minuto para processar isso.

Ele olha para a água pelo que parece uma eternidade. Eu apenas ando atrás dele, dividida entre fazer o que sei que é certo ou deixar essa decisão completamente para Samson. Ele é quem conhecia o cara. Eu não.

Depois de um tempo, finalmente quebro o silêncio. — Samson?

Ele não me encara. Sua voz é decidida quando diz: — Preciso que você leve o carrinho de golfe de volta para casa.

— Sem você?

Ele acena, ainda olhando para a outra direção. — Eu vou me encontrar com você mais tarde esta noite.

— Não vou deixar você aqui. É muito longe para andar no escuro.

Ele se vira agora e, quando o faz, parece uma pessoa completamente diferente do que era há dez minutos. Suas feições estão endurecidas e há algo recentemente quebrado dentro dele.

Ele caminha em minha direção e pega meu rosto nas mãos. Seus olhos estão vermelhos, como se ele estivesse prestes a desabar. — *Por favor*, — diz ele. — Vá. Eu preciso fazer isso sozinho.

Há uma dor em sua voz. Uma dor com a qual não estou familiarizada.

Uma agonia que esperava sentir depois de encontrar minha mãe morta, mas em vez disso, fiquei vazia e entorpecida.

Não tenho ideia de por que ele precisa disso, mas posso ver que sua necessidade de eu deixar isso para ele é maior do que minha necessidade de discordar dele. Apenas aceno com a cabeça, e minha voz libera em um sussurro quando digo: — Ok.

Pela primeira vez na vida, sinto uma necessidade avassaladora de abraçar alguém, mas não faço. Não quero que nosso primeiro abraço seja vinculado a um momento tão estranho. Eu subo no carrinho de golfe.

— Leve PJ com você, — ele diz. Espero enquanto ele caminha de volta sobre a duna para buscá-lo. Quando ele retorna com PJ, ele o coloca no banco do passageiro do carrinho de golfe. Samson agarra o topo do carrinho de golfe e seu tom é neutro quando ele diz: — Eu vou ficar bem, Beyah. Te vejo mais tarde esta noite. — Ele se afasta do carrinho de golfe e caminha de volta para a duna.

Dirijo para casa, deixando Samson com algo que sei que ele nunca vai me explicar e provavelmente não vai falar de novo.

DEZOITO

Estou preocupada com Samson, obviamente. Mas quanto mais fico sentada aqui e espero por ele, mais me pergunto se essa preocupação deve ser misturada com raiva.

Não era justo ele me pedir para deixar essa situação, mas o olhar em seus olhos fez parecer que jogar os restos mortais de Rake no oceano era muito mais importante para ele do que relatar para mim.

Já vi algumas merdas perturbadoras na minha vida. Alguns ossos sendo movidos de uma duna para o oceano surpreendentemente não são tão chocantes para mim. Não sei o que isso diz sobre mim. Ou Samson, por falar nisso.

Embora não esteja zangada com ele, estou preocupada. Meu estômago está dando nós. Já se passaram quase quatro horas desde que cheguei em casa. Tentei passar o tempo tomando banho, jantando e conversando sem sentido com meu pai e Alana. Mas minha mente ainda está de volta com Samson do outro lado da duna.

Estou sentada perto da fogueira agora, olhando para a casa escura de Samson. Esperando.

— Onde está Samson? — Sara pergunta.

Ótima pergunta. — Ajudando alguém. Ele estará de volta em breve. — Tomo um gole d'água, lavando as mentiras da minha boca. Parte de mim quer contar a verdade à Sara, mas eu conheço melhor. Como poderia sair e dizer: *Ei, Sara, há restos humanos na praia e Samson está desenterrando-os e jogando todos os ossos no oceano.*

Sim, ela não seria capaz de lidar com algo dessa magnitude.

— Então? Como foi o beijo? — Sara pergunta.

Olho para ela e ela está olhando para mim com esperança em seus olhos.

Tenho a impressão de que ela provavelmente preferiria uma meia-irmã que fofocasse com ela à noite enquanto escovavam o cabelo uma da outra. Estou triste por ela não ter entendido. Em vez disso, ela me pegou. Beyah sem graça.

— O beijo foi meio deprimente.

— O quê? Por quê?

— Não estou dizendo que foi ruim. Ele beija bem. Ele é apenas... ele é tão sério o tempo todo. Eu também. É difícil compartilhar um beijo divertido e sexy quando não há nada divertido em nenhum de nós. — Suspiro e descanso minha

cabeça contra a cadeira. — Às vezes gostaria de ser mais como você.

Sara ri. — Se você fosse mais como eu, Samson não olharia para você do jeito que ele faz.

Isso me faz sorrir. Talvez ela esteja certa. Algumas pessoas simplesmente se encaixam. Eu não me encaixaria com Marcos e ela não se encaixaria com Samson.

Apenas desejo que nosso outono e inverno se ajustem bem como nosso verão.

Sara levanta as duas mãos no ar quando a música no Bluetooth muda para uma nova música que nunca ouvi. — Eu amo essa música! — Ela pula e começa a dançar. Marcos se levanta e dança com ela. Não é uma música lenta, então eles estão batendo os pés e girando como se suas vidas não pesassem nada.

Eu os vejo dançar até que a música acaba e Sara cai de volta em sua cadeira, sem fôlego. Ela se abaixa para pegar uma garrafa de bebida presa na areia. — Aqui, — ela diz, entregando-me. — O álcool torna todo mundo divertido.

Levo à boca e finjo tomar um gole. Prefiro ser chata a me tornar minha mãe, então não tenho vontade de engolir isso. Mas finjo pelo bem de Sara. Já fui deprimente o suficiente esta noite, não quero negar o álcool e fazê-la se sentir culpada por beber.

Devolvo a garrafa para ela, assim que algo atrás dela chama minha atenção.

Finalmente. Já se passaram quatro horas.

Samson terá que passar por nós para chegar à sua casa. Ele está coberto de areia. Ele parece cansado. Ele até parece um pouco culpado quando fazemos contato visual. Ele desvia o olhar rapidamente, mas depois se vira enquanto passa por nós. Ele levanta os olhos novamente enquanto caminha para trás. Ele empurra a cabeça em direção à sua casa e então se vira e desaparece na escuridão.

— Você está sendo convocada, — diz Sara.

Permaneço sentada por um momento, não querendo parecer muito ansiosa para segui-lo. — Eu não sou um cachorro.

— Vocês dois estão brigando?

— Não.

— Então vá. Gosto quando o Marcos me chama. Sempre significa coisas boas. — Ela olha para Marcos e diz: — Ei, Marcos. Chame-me.

Marcos acena com a cabeça uma vez, e Sara salta da cadeira e caminha até ele, caindo dramaticamente em seu colo. A cadeira cai e os espalha na areia. Marcos ainda está segurando sua cerveja no ar. Ele nem mesmo derramou uma única gota.

Eu os deixo sozinhos e começo a caminhar em direção à casa de Samson. Posso ouvir o chuveiro externo correndo quando chego perto. Caminho para a fundação de concreto do nível de palafitas de sua casa. Não passei muito tempo aqui, mas é bom. Além do chuveiro, há um bar e algumas mesas. Não sei por que nunca passamos tempo aqui em vez de na praia todas as noites. Samson tem o tipo de casa que seria boa para festas, mas ele não parece ser do tipo que gostaria de receber uma.

Não vejo o short de Samson quando me aproximo do chuveiro, o que significa que ele ainda está vestido. Não há porta para o chuveiro. As paredes são de madeira e há uma abertura e uma curva à esquerda que preciso fazer antes de vê-lo.

Ele está de costas para mim. Suas palmas estão pressionadas contra a madeira e o jato do chuveiro está caindo sobre sua nuca. Sua cabeça está pendurada entre os ombros.

— Sinto muito, — diz ele calmamente. Ele se vira e tira o cabelo molhado da testa.

— Por quê?

— Por colocar você nesta posição. Por esperar que você mantenha segredos quando não conto nenhum dos meus.

— Você nunca me pediu para não contar a ninguém. Você acabou de me pedir para não chamar a polícia.

Ele limpa a mão no rosto e se inclina de volta para o fluxo de água. — Você contou a alguém?

— Não.

— Você vai?

— Não se você não quiser.

— Prefiro que fique entre nós, — diz ele.

Eu silenciosamente concordo. Não é tão difícil para mim guardar segredos. Sou uma profissional nisso.

Eu meio que gosto que Samson é um livro fechado. Você não pode realmente não gostar de um livro que ainda não leu. Mas acho que sou capaz de ser paciente com ele porque ele me disse que acabaria me contando todas as suas verdades. Caso contrário, posso não achar que ele vale o esforço.

— Eu sinto que há mais história com Rake, — digo. — Você vai explicar todas as outras respostas que você me deve no dia 2 de agosto?

Ele concorda. — Sim. Eu vou te dizer então.

— Vou começar a manter uma lista de todas as perguntas para as quais quero respostas.

Seus lábios se contraem, como se eu o divertisse. — E eu responderei a todas no dia 2 de agosto.

Dou um passo em sua direção. — Você promete?

— Eu juro.

Levanto uma de suas mãos. Ele tem sujeira sob todas as unhas. — Você desenterrou tudo isso?

— Sim.

— E você tem certeza que era Rake?

— Positivo.

Ele parece exausto. Talvez até triste. Eu realmente acho que Rake foi uma parte maior de sua vida do que ele está demonstrando. Olho para seu colar, então olho de volta para seu rosto. Ele está olhando para mim, os pequenos riachos de água deslizando pelo seu rosto.

Minhas roupas estão começando a ficar molhadas com o spray, então tiro a camisa e a jogo sobre a parede do chuveiro. Deixo meu short e biquíni e ajudo Samson a limpar as unhas. Ele fica de pé pacientemente enquanto tiro toda a sujeira de debaixo de cada unha e, em seguida, lavo suas mãos com sabão.

Quando termino, Samson puxa minha mão e me puxa até que estou embaixo d'água com ele. Ele me beija e me movo com ele enquanto ele se encosta na parede, puxando-me para fora do fluxo de água.

É um beijo preguiçoso. Suas mãos estão descansando em meus quadris enquanto ele se inclina contra a parede do chuveiro e me deixa dirigir o momento.

Eu me inclino contra ele, pressionando meus seios contra seu peito nu, envolvendo minha mão esquerda em volta de sua nuca. *Eu não deveria ter dito à Sara que foi um beijo deprimente. Essa é uma descrição terrível do que é isso.*

Durável é uma palavra melhor.

Todos os nossos beijos parecem importantes, como se eles ficassem comigo para sempre. Não são pequenas demonstrações de afeto que acontecem de passagem. Há algo maior por trás deles do que atração. No momento, a coisa maior é a tristeza, e quero tirar isso dele, mesmo que seja apenas por alguns minutos.

Arrasto minha mão direita em seu peito até que meus dedos encontram o elástico de sua boxer. Eu mergulho minha mão dentro e, quando o faço, Samson inala profundamente. Paramos de nos beijar enquanto o toco pela primeira vez. Seus olhos estão focados nos meus, como se ele estivesse dizendo silenciosamente que não tenho que fazer isso, mas também me implorando para não parar.

Envolvo minha mão firmemente em torno dele e sua cabeça cai para trás com um suspiro. — Beyah, — ele sussurra.

Beijo seu pescoço e lentamente começo a mover minha mão para cima e para baixo em seu comprimento. Há mais nele do que em Dakota. Isso não me surpreende. Há mais em Samson em quase todos os aspectos em comparação com qualquer outra pessoa que conheço.

Eu uso minha mão esquerda para abaixar seu short o suficiente para que ele não fique confinado dentro dele. Ficamos nessa posição por alguns minutos, pelo menos. Eu o tocando. Samson respirava mais pesado e profundo, segurando meus quadris com mais força a cada estocada. Observo seu rosto o tempo todo, incapaz de desviar o olhar. Às vezes ele olha para mim e outras vezes fecha os olhos como se fosse demais.

Quando ele começa a apertar todos os músculos de seu corpo, de repente ele leva a mão ao meu cabelo e puxa suavemente, inclinando minha cabeça para trás para que sua boca se encaixe na minha. Ele dá dois passos rápidos, empurrando-me contra a parede oposta do chuveiro enquanto ele me beija com mais força do que qualquer outro beijo que veio antes deste.

Minha mão ainda está segurando-o, e é como se ele não pudesse nem respirar e me beijar ao mesmo tempo, porque ele se separa e pressiona o lado de sua cabeça ao lado da minha. Sua boca está sobre minha orelha quando ele solta um gutural — *Porra.*

Calafrios rolam pelo meu corpo quando ele começa a tremer sob meu toque. Eu continuo a acariciá-lo até sentir o calor pegajoso dele na palma da minha mão, e ele finalmente suspira, enterrando o rosto no meu pescoço.

Ele leva um momento para recuperar o fôlego e então alcança o chuveiro. Ele o puxa entre nós, lavando a si mesmo e minha mão, e então ele o deixa cair no chão antes de me beijar novamente.

Ele está respirando como se tivesse corrido uma maratona. Neste ponto, posso estar respirando assim também.

Quando ele finalmente se afasta e olha para mim, parte do peso saiu de trás de seus olhos. Isso é tudo que eu queria. Para ele se sentir melhor sobre o que quer que tenha acontecido com ele esta noite.

Beijo-o com ternura no canto da boca, preparando-me para dizer boa noite, mas ele passa os dedos pelo meu cabelo molhado e sussurra: — Quando você vai me deixar abraçar você?

Seus olhos estão implorando, como se ele precisasse de um abraço mais do que do que o que acabei de dar a ele.

Eu provavelmente o deixaria me abraçar agora, se não estivesse com tanto medo de que isso me fizesse chorar. É como se ele pudesse ver a guerra em meus olhos, então ele apenas balança a cabeça e beija o lado da minha cabeça.

— Boa noite, — sussurro.

— Boa noite, Beyah. — Ele desliga o chuveiro e pego minha camisa, coloco-a de volta e saio de casa.

DEZENOVE

Todas as cinco casas de Samson foram alugadas para o fim de semana do 4 de julho, então ele está ficando com Marcos.

Já se passou uma semana desde que ele encontrou Rake. Nós não conversamos sobre isso. Falta menos de um mês até 2 de agosto, e então receberei todas as minhas respostas. Não estou ansiosa por isso. Para mim, o segundo dia de agosto significa apenas a véspera do dia em que nos despediremos.

Estou apenas tentando me concentrar no dia de hoje.

E hoje as praias estão tão doidas que nem queremos estar lá fora. Estamos na varanda de Marcos. Fica a algumas fileiras da praia, e é por isso que estamos aqui. Há tanta música e barulho e mais pessoas bêbadas do que você poderia encontrar em qualquer bar do Texas, então nenhum de nós tem o desejo de ficar mais perto dessa multidão.

Jantamos com a família de Marcos esta noite. Ele tem duas irmãzinhas e havia muita atividade, conversa e comida. Samson parecia que estava em casa com a família de Marcos, e isso me fez imaginar como ele é quando está perto de sua própria família.

Eles fazem refeições em família juntos, como meu pai e Alana gostam de fazer? Eles me aceitariam se me conhecessem? Algo me diz que eles não fariam ou ele não faria tanto segredo sobre eles.

Eu me senti aceita esta noite, no entanto. Aceita e bem alimentada. Minha meta de ganhar peso neste verão foi esmagada. Não tenho certeza se posso caber no único par de jeans que comprei quando cheguei aqui. Eu usei principalmente shorts e meu maiô todo o verão.

O sol acabou de se pôr, mas os fogos de artifício começaram antes disso. Eles estão começando agora que finalmente escureceu, e eles estão vindo de toda a península.

— Os fogos de artifício de Galveston começarão em alguns minutos, — diz Sara. — Eu gostaria que pudéssemos vê-los daqui.

— O telhado de Marjorie teria uma boa visão, — diz Samson.

— Você acha que ela nos deixaria usá-lo? — Pergunto.

Samson encolhe os ombros. — Depende se ela está acordada ou não.

Marcos se levanta. — Ninguém consegue dormir com esse barulho.

Todos nós vamos até a casa de Marjorie, junto com PJ, que estava esperando embaixo da casa de Marcos.

Marjorie está sentada na varanda quando chegamos à sua rua, observando toda a agitação na praia. Ela nos vê nos aproximando e diz: — Achei que você estaria aqui antes disso — Ela acena com a mão em direção à porta da frente. — Seja meu convidado.

— Obrigado, Marjorie, — diz Samson.

Assim que entramos, ele espera que Sara e Marcos subam as escadas primeiro, depois eu. Quando chegamos à entrada do telhado, Sara está de joelhos enquanto rasteja para fora da abertura. Marcos tenta ajudá-la, mas ela balança a cabeça. — É muito alto. Eu não consigo me mover.

Samson ri. — Tente chegar ao centro do telhado. Você só verá o céu em vez do solo.

Sara rasteja até o centro do telhado. Todos nós a seguimos e me sento ao lado dela. Samson se senta ao meu lado.

— Como você anda por aqui? — Sara pergunta a ele.

— Eu não olho para baixo, — diz Samson.

Sara cobre o rosto por um minuto enquanto tenta diminuir a tontura. — Não fazia ideia que tinha medo de altura.

Marcos envolve um braço em volta dela. — Venha aqui, baby. — Ela se aproxima de Marcos, e vê-lo abraçá-la assim me deixa muito ciente de que Samson e eu nem estamos nos tocando. Eu olho para ele, mas ele está olhando para fogos de artifício que estão sendo disparados de algum lugar da praia.

— Marjorie é sozinha? — Pergunto-lhe.

Ele olha para mim e sorri. — Não. Ela tem um filho. Ele é advogado em Houston. Ele vem visitá-la algumas vezes por mês.

Isso me faz sentir bem.

Samson vê o alívio em meu rosto e então se inclina em minha direção e me dá um beijo rápido. — Você é um doce, — ele sussurra. Então ele agarra minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus, e assistimos aos fogos de artifício em silêncio.

Quanto mais tempo passa, mais há. Podemos vê-los à nossa volta, na baía, vindos de Galveston. De alguma forma, há até fogos de artifício sendo disparados de longe no oceano.

Marcos olha para Sara e diz: — Seria um ótimo momento de pedido de casamento com todos esses fogos de artifício gratuitos ao fundo. Que pena que acabamos de nos conhecer nas férias de primavera.

— Traga-me de volta no ano que vem, — ela diz. — Vou fingir que esqueci essa conversa.

Eles me fazem rir.

Depois de mais alguns minutos, Sara avisa Marcos que precisa descer porque está se sentindo enjoada. Eles vão embora, mas Samson e eu ficamos no telhado de Marjorie.

Eu me pego olhando para ele mais do que vendo os fogos de artifício. Ele parece apaixonado por tudo.

— Nunca vi Darya tão linda — sussurra Samson.

Espere. *O quê?* Darya é o nome da garota que ele disse que partiu seu coração.

— Veja como os fogos de artifício refletem nela, — diz ele, apontando para o oceano. Eu olho para onde ele está apontando, então de volta para ele, confusa.

— Você está chamando o *oceano de* Darya?

— Sim, — diz ele, com naturalidade. — Darya significa *o mar*. É como Rake costumava chamá-la.

— Você me disse que Darya era a ex-namorada que partiu seu coração.

Samson ri. — Eu disse que Darya partiu meu coração, mas nunca disse que era sobre uma garota.

Tento pensar naquela conversa. Esse tempo todo, ele estava falando sobre a *água?* — Como um oceano quebra um coração?

— Eu vou te contar...

— 2 de agosto, — termino revirando os olhos. Eu me ajusto e coloco a mão no bolso para pegar o telefone. — Estou tomando notas. Você me deve muitas explicações.

Samson ri. — Posso ver a lista?

Entrego a ele meu telefone depois de adicionar o último. Ele começa a ler a lista.

— *Por que você não gosta de falar sobre as casas de aluguel do seu pai? Quem foi o cara que interrompeu nosso jantar? Qual foi a pior coisa que você já fez? Por que você não gosta de falar sobre sua família? Qual é a história por trás de Rake? Com quantas garotas você já fez sexo?* — Ele faz uma pausa e olha para mim por um instante, depois volta para a lista. — *Qual é o seu nome completo? Como o oceano partiu seu coração?*

Ele olha para o meu telefone por um momento, depois o devolve para mim.

— Dez, — ele diz. — Mas eu realmente só me lembro de nove. Minha memória de uma das meninas é confusa.

Dez. Isso é muito em comparação a mim, mas não muito em comparação com o que eu presumi que era seu passado. Ele poderia ter dito cinquenta, e não sei se ficaria surpresa. — Dez não são muitas.

— Comparado com o seu, é, — ele diz provocadoramente.

— Eu apenas pensei que havia mais. Do jeito que Sara falava de você, parecia que você dormia com uma garota diferente a cada semana.

— Eu raramente dormia com elas. Não tenho ideia de quantas beijei, no entanto. Por favor, não me faça essa pergunta no dia 2 de agosto porque não poderei respondê-la.

Uma enorme explosão de fogos de artifício começa a disparar bem na nossa frente. A atenção de Samson é puxada para longe de mim, mas continuo olhando para ele.

— Às vezes me pergunto se quero todas as respostas às minhas perguntas. Acho que o mistério que o cerca pode ser uma das minhas coisas favoritas sobre você. Ao mesmo tempo, sendo uma das minhas coisas *menos* favoritas em você.

Samson não olha para mim quando diz: — Você quer saber o que é que eu mais gosto de você?

— O quê?

— Você é a única pessoa que conheci que provavelmente gostaria mais de mim se eu fosse pobre.

Essa é a verdade honesta. — Você está certo. Seu dinheiro é definitivamente o que menos gosto em você.

Samson dá um beijo no meu ombro. Então ele olha de volta para a água. — Estou feliz que você apareceu neste verão, Beyah.

— Eu também, — sussurro.

VINTE

Não gosto de controle de natalidade. Estou fazendo isso há quase uma semana e sinto que está mexendo com minhas emoções. Estou começando a sentir as coisas ainda mais do que depois de aparecer aqui. Há momentos em que sinto muita falta de minha mãe. Momentos em que me convenço de que estou me apaixonando por Samson. Momentos que fico animada para ter uma conversa com meu pai.

Não sei em quem estou me tornando, mas não tenho certeza se gosto disso. Duvido que realmente tenha algo a ver com o controle de natalidade, mas é bom ter algo para culpar.

Samson esteve ausente a maior parte do dia. Sara e eu passamos um tempo sem ele e Marcos na praia. Já passou da hora do jantar e estamos com fome, então começamos arrumar nossas coisas assim que três caras começaram a armar uma rede de vôlei na praia entre a nossa casa e a de Samson. Quando Sara e eu deixamos cair nossas cadeiras no compartimento de armazenamento no nível de palafitas, eu olho para eles.

Sinto um aperto estranho no peito, como se o vôlei fosse algo de que sinto falta.

Nunca pensei que isso fosse acontecer.

— Vou perguntar se posso brincar com eles, — digo. — Você quer jogar?

Sara balança a cabeça. — Eu quero tomar banho. Tenho areia na minha fenda. — Ela se dirige para as escadas. — Divirta-se, no entanto. Chute alguns traseiros.

Quando alcanço os caras, eles estão prestes a começar um jogo de um contra um.

Um deles está sentado na linha lateral invisível enquanto os outros dois estão em posição de começar o jogo. — Ei, — digo, interrompendo-os. Todos os três se viram e olham para mim. Agora que estou mais perto, estou um pouco intimidada. Posso fazer papel de boba agora que vi o tamanho desses caras. — Precisam de mais um?

Os três se olham. Há um sorriso no rosto do mais alto quando ele diz: — Tem certeza disso?

O sorriso me irrita. — Sim. Vou até fazer com que seja justo e me juntar ao pior de vocês três.

Eles riem. Em seguida, dois deles apontam para o cara ainda sentado. — Ele é o pior de nós três.

O cara na areia concorda: — É verdade. Eu sou péssimo.

— Ótimo. Vamos jogar. — PJ está parado ao meu lado, então o levo até um local onde ele estará fora do caminho e digo para ele se sentar.

Os caras se apresentam a mim antes de começarmos. O da minha equipe se chama Joe. O mais alto é Topher e o outro é Walker. Walker saca direto para mim e facilmente bato por cima da rede.

Walker lança a bola para Topher e ele tenta acertá-la bem em mim. Antes que ele perceba, estou na rede, bloqueando-o com sucesso.

— Impressionante — Topher murmura depois que eu fiz meu primeiro ponto.

Recebo três rebatidas antes mesmo de Joe tocar na bola.

Faz um tempo que não treino, então percebo que estou ficando sem fôlego mais rápido do que normalmente fico. Vou culpar o controle da natalidade também. E a areia. Nunca joguei na areia antes.

Eles marcam mais dois pontos antes que Joe e eu finalmente desistamos. Estou prestes a sacar quando vejo Samson de pé em sua varanda.

Ele está olhando para mim, observando-nos. Eu aceno, mas ele não acena de volta.

Ele está com ciúmes?

Ele sai da varanda e volta para dentro de sua casa.

Que diabos?

Na verdade, me irrita. Samson sabe que jogo vôlei. Eu deveria ser capaz de jogar um jogo inocente de vôlei sem ele presumir que estou flertando com qualquer um desses três caras.

Minha raiva alimenta meu saque e bato na bola com mais força do que pretendia. Felizmente, está dentro, caindo bem na linha.

É com isso que estava preocupada. Quanto mais tempo passo com Samson, pedaços dele podem vir à tona e eu não gosto disso. O ciúme é definitivamente algo de que não gosto.

Terminamos uma pequena partida antes de eu dar uma olhada em sua varanda. Ele ainda não voltou.

Coloquei toda a minha raiva e energia no jogo. Eu pulo para a bola de vôlei e caio de joelhos. Eu caio mais três vezes antes que Joe toque na bola novamente. Estarei da cor de uma berinjela no final deste jogo.

Nós marcamos um ponto sobre eles e empatamos quatro a quatro. Joe se aproxima e me cumprimenta. — Este pode ser o primeiro jogo que eu ganho — diz ele.

Eu rio dele, mas meu sorriso desaparece quando vejo Samson descendo as escadas. Se ele vier aqui e fizer uma cena, vou ficar com muita raiva.

Ele está. Ele está vindo para cá.

E ele está carregando uma... *cadeira.*

— Atenção, — Joe grita. Eu olho para cima e vejo a bola voando em mim, apenas um pouco fora de alcance. Eu vou para a escavação e recebo a boca cheia de areia quando bato no chão, acertando a bola sem querer.

— Levante-se, Beyah! — Ouço Samson gritar.

Pulo e olho em sua direção. Ele está se aproximando de nós, segurando sua cadeira. Ele a joga na areia ao lado de PJ, a cerca de um metro e meio da rede e se senta, deslizando os óculos escuros dos olhos para a cabeça. Então ele coloca as mãos em volta da boca. — Vai, Beyah! — Ele brada.

O que ele está fazendo?

A bola vai para o Joe desta vez e ele finalmente coloca a bola perfeitamente na rede para mim. Mal sabem eles, eu era a melhor rebatedora externa da minha equipe.

Coloco diretamente entre Topher e Walker. Quando atinge a areia e nós acertamos um ponto, Samson pula da cadeira.

— Sim! — ele brada. — Mais disso, Beyah!

Minha boca se abre quando me atinge. Samson se lembrou do que disse a ele – que ninguém jamais veio a nenhum dos meus jogos.

Ele veio aqui torcer por mim.

— Quem diabos é aquele cara? — Joe diz, olhando para Samson.

Samson sobe na cadeira e começa a cantar. — Beyah! Beyah!

Pode ser a coisa mais brega que já vi. Um cara, sozinho em uma plateia invisível, gritando com toda a força de seus pulmões por uma garota que ele sabe que nunca gritaram.

É a coisa mais comovente que alguém já fez por mim.

Topher lança a bola e estou chocada por ser capaz de rebatê-la através da nuvem de lágrimas em meus olhos.

Emoções do caralho. Estou culpando este momento no controle da natalidade também.

Por um longo período, Samson não se calou. Acho que ele está irritando os três caras com quem estou jogando, mas não tenho certeza se já sorri tanto na minha vida. Sorrio em meio a todas as quedas e todos os pontos e todas as vezes que perco o fôlego. Eu sorrio porque nunca gostei tanto de uma partida de vôlei. Eu sorrio, porque Samson me fez perceber o quanto sinto

falta disso. Vou comprar uma bola de vôlei hoje. Preciso começar a praticar novamente.

Não que eu seja tão terrível quanto Joe. Ele está fazendo o seu melhor, mas estou sozinha nos mantendo neste jogo. A certa altura, ele está tão sem fôlego que apenas se afasta e me deixa fazer todo o trabalho por uns bons trinta segundos.

De alguma forma, estou milagrosamente um ponto à frente quando o jogo quase chega ao ponto final. Se conseguir mais um, eu ganho.

Percebo que Samson está quieto enquanto levanto a bola para sacar. Ele está olhando fixamente para mim, como se ele realmente estivesse nisso. Tudo o que ele faz é me dar o menor dos sorrisos e um sinal de positivo para cima e respiro fundo, saco a bola e rezo para que ela atinja a areia do outro lado da rede.

É curto. Topher e Walker mergulham para pegá-la, mas sei que nenhum deles será capaz de alcançá-la. *ÁS!* Quando a bola cai na areia com um baque, Samson pula da cadeira. — Você fez isso!

Fico aqui em estado de choque.

Eu fiz isso. Eu diria *que conseguimos*, mas Joe realmente não ajudou muito. Dou um high-five para ele e recebo os apertos de mão que os outros dois me oferecem.

— Você é muito boa, — diz Topher. — Quer fazer outra rodada?

Olho para Samson e balanço minha cabeça. Eu trabalho para recuperar o fôlego e dizer: — Não esta noite. Mas estarei por perto se vocês voltarem amanhã.

Aceno para eles e depois corro para Samson. Ele me encontra com o maior sorriso no rosto. Eu jogo meus braços em volta do pescoço e ele me pega e me gira. Quando meus pés estão de volta na areia, ele não me solta.

— Você é uma porra de uma lenda, — diz ele. Ele limpa a sujeira do meu rosto. — Uma lenda imunda.

Eu rio e Samson me puxa para ele. Ele pressiona sua bochecha no topo da minha cabeça e me aperta.

Percebo ao mesmo tempo que ele o que está acontecendo entre nós. Eu posso sentir seu corpo inteiro dar uma pausa, como se ele não tivesse certeza se deveria me soltar ou me segurar com mais força.

Meu rosto está pressionado contra sua camisa.

Puxo meus braços do pescoço de Samson e os coloco em volta de sua cintura. Eu fecho meus olhos, absorta na proximidade dele.

Eu sinto seu próprio aperto em torno de mim, e ele solta um suspiro enquanto passa a mão nas minhas costas. Ele se ajusta um pouco para que eu de alguma forma me encaixe ainda melhor nele.

E então ficamos assim enquanto o mundo se move ao nosso redor. Ele me segurando. Eu permitindo.

Eu *querendo*.

Não tinha ideia de como isso seria bom. Qualquer coisa disso. Todos os momentos que passo com ele são carregados e emocionantes e os sinto bem no centro do meu peito. É como se ele acordasse uma parte de mim que está dormindo há dezenove anos. Aprecio tantas coisas que nunca pensei que seria capaz de apreciar.

Gosto de ser beijada por alguém que realmente me respeita. Eu amo que ele esteja tão orgulhoso de mim, ele me pegou e me girou. Ele saiu de seu caminho para gritar como um idiota à margem de um jogo bobo de vôlei de praia apenas para me fazer sentir bem.

Em algum momento durante esse abraço, comecei a chorar. Não é um choro perceptível, mas posso sentir a umidade escorrendo pelo meu rosto.

Sinceramente, não sinto que estamos perto o suficiente, embora não possamos chegar mais perto. Quero derreter nele.

Tornar-me um pedaço dele. Quero ver se faço o interior de seu peito parecer tão vivo quanto ele faz o meu.

É como se ele pudesse perceber que não quero que ele me solte. Ele me levanta até minhas pernas passarem em volta de sua cintura, e então ele me leva direto para sua casa, para longe da praia, para longe dos caras.

Quando alcançamos seu nível de palafitas, ele me coloca de pé. Relutantemente me afasto para olhar para ele, mas com o sol se pondo e estando sob o primeiro andar de sua casa, não posso vê-lo tão bem quanto gostaria. Resta muito pouca luz, que está lançando uma sombra sobre seus olhos. Ele pega os dois polegares e os leva às minhas bochechas, enxugando-os. Então ele me beija.

Temos gosto de uma mistura de lágrimas e grãos de areia.

Eu me afasto. — Eu preciso me lavar. Tenho areia em todo lugar.

— Use o chuveiro ao ar livre, — diz ele, apontando em sua direção.

Não solto sua mão enquanto caminhamos em direção ao chuveiro. Meu corpo inteiro está dolorido e ainda estou um pouco sem fôlego. Samson tira a camisa e a joga no chão antes de entrar no chuveiro. Ele liga a água e sai do caminho para que eu possa

ficar embaixo da ducha. Abro a boca para enxaguar um pouco da areia. Então bebo um pouco.

Eu tiro o chuveiro do suporte e lavo a areia de mim mesma. Samson se encosta na parede e me observa o tempo todo.

Gosto de como ele me observa. Mesmo que esteja escuro, especialmente neste chuveiro, ele parece estar absorvendo cada centímetro de mim.

Quando termino de enxaguar, recoloco o chuveiro. Vejo Samson se mover com o canto do meu olho. Então o sinto atrás de mim. Ele passa um braço em volta de mim, pressionando sua palma contra minha barriga.

Eu inclino minha cabeça para trás contra seu ombro e inclino meu rosto em direção a ele. Samson coloca sua boca na minha.

Permanecemos nesta posição enquanto nos beijamos -- minhas costas contra seu peito, ele enrolado em mim por trás. Sua mão desliza pela minha barriga e desaparece sob a parte superior do meu biquíni.

Ele segura meu seio e eu sugo mais de seu ar em um suspiro. Então sua outra mão começa a percorrer meu estômago. Quando ele chega à beira do meu biquíni, ele mergulha o polegar dentro, afastando-se da minha boca. Ele olha nos meus olhos e obtém sua resposta.

Não quero que ele pare.

Meus lábios estão separados enquanto antecipo o que quer que ele esteja prestes a fazer.

Ele observa meu rosto enquanto sua mão desaparece entre minhas pernas. Eu arqueio minhas costas e gemo, e esse movimento coloca ainda mais pressão por trás de seu toque.

Imaginei como seria isso desde a noite em que ele me beijou pela primeira vez. Seu toque real deixa minha imaginação com vergonha.

Não demorou muito para que todo o meu corpo reagisse. É embaraçosamente rápido antes de eu estar tremendo sob seus dedos. Alcanço suas pernas atrás de mim e agarro suas coxas. Ele cai contra a parede, puxando-me com ele, nunca parando o ritmo de sua mão. Felizmente, quando chega a ser demais, ele cobre minha boca com a sua e abafa todos os meus ruídos.

Quando acabou, ele ainda está me beijando. Ele afasta as mãos do meio das minhas pernas e me gira até que estou contra seu peito.

Estou completamente sem fôlego quando caio contra ele, meus braços moles e minhas pernas doloridas. Eu suspiro pesadamente.

— Quero fazer uma tatuagem — diz Samson.

Eu rio contra seu peito. — *É nisso* que você está pensando agora?

— Esse foi meu segundo pensamento, — diz ele. — Eu não disse o primeiro em voz alta.

— Qual foi o primeiro? — Olho para ele.

— Eu acho que é óbvio.

Balancei minha cabeça. — Não é. Receio que você terá que dizer isso em voz alta.

Ele abaixa a cabeça e leva seus lábios ao meu ouvido. — Eu mal posso esperar pela nossa primeira vez, — ele sussurra. Então ele desliga a água e sai do chuveiro como se esse pensamento nunca tivesse sido sussurrado em voz alta. — Você quer uma? — ele pergunta.

Estou meio em choque, eu acho, então levo alguns segundos para responder a ele. — Quer o quê?

— Uma tatuagem.

Nunca pensei que iria querer uma até este momento. — Sim. Eu acho que eu quero.

Samson enfia a cabeça no chuveiro e sorri. — Olhe para nós, decidindo fazer tatuagens espontâneas. Definitivamente, somos pessoas divertidas, Beyah.

VINTE E UM

— Tive uma ideia, — diz Marcos com a boca cheia de comida. — Meu amigo Jackson.

Esta noite é a noite do Jantar Batismal. Café da manhã novamente. Não falamos nada específico, então nenhum de nós sabe a que Marcos se refere. Ele se depara com olhares em branco, então ele aponta sobre a mesa para Samson. — Jackson tem cabelo loiro escuro. Olhos azuis. As estruturas do seu rosto são diferentes, mas é uma loja de tatuagem, duvido que eles realmente olhem para a sua carteira de identidade.

Oh. Isso. Samson não consegue encontrar sua carteira e já se passaram três dias desde que ele sugeriu fazer uma tatuagem.

Você não pode fazer uma tatuagem sem identificação e, embora ele tenha revirado a casa de cabeça para baixo durante quase três dias procurando por ela, ele não teve sorte. Ele acha que os últimos locatários podem ter encontrado e levado. Ele disse que está sempre na mochila, mas nós dois olhamos na mochila e não estava lá. Tudo o mais que ele possui foi embora. Eu não sei como ele carrega isso tão casualmente; a coisa pesa vinte quilos.

Samson mastiga a sugestão de Marcos, então dá de ombros. — Vale a pena experimentar.

— Loja de tatuagem? — meu pai pergunta. — Quem está fazendo tatuagens?

Sara imediatamente aponta para mim e Samson. — Aqueles dois. Eu não.

— Graças a Deus, — Alana murmura.

Não que eu seja muito mais que filha do marido, mas esse comentário magoa. Não a incomoda que eu faça, mas ela está obviamente aliviada por sua filha não fazer uma.

Meu pai olha para mim e diz: — O que você vai fazer?

Aponto para o interior do meu pulso. — Algo bem aqui. Eu não sei o que ainda.

— E quando você vai?

— Esta noite, — Marcos diz, segurando seu telefone. — Jackson acabou de dizer que poderíamos dar uma passada e pegar emprestada sua carteira de motorista.

— Legal, — diz Samson.

— Você sabe o que vai fazer, Samson?

— Ainda não, — diz ele, enfiando um garfo cheio de ovos na boca.

Meu pai balança a cabeça. — Vocês dois vão ter algo com tinta em seus corpos para o resto de suas vidas em questão de horas, e nenhum de vocês sabe o que será?

— Temos que pegar a balsa para chegar lá, — diz Samson. — É muito tempo para pensar sobre isso. — Samson puxa sua cadeira para trás e se levanta. Ele tem uma fatia de bacon na mão enquanto leva o prato para a cozinha. — Nós provavelmente deveríamos ir. A linha da balsa pode ser longa, já que é o final do fim de semana.

— Beyah, — meu pai diz, sua voz suplicante. — Talvez você deva pensar sobre isso por algumas semanas.

Que coisa paternal de se dizer. Eu acho que gosto disso. — Confie em mim, pai. Terei arrependimentos muito maiores na vida do que uma tatuagem.

Sua expressão vacila quando digo isso. Quis dizer isso como uma piada, mas ele parece genuinamente preocupado com minhas habilidades de tomada de decisão agora.

A loja de tatuagem está vazia e acho que isso funcionou a nosso favor. Quando o cara tirou a carteira de motorista falsa de Samson, ele olhou para Samson, depois de volta para a carteira de motorista. Ele balançou a cabeça, mas não disse nada. Ele simplesmente desapareceu atrás de uma porta para fazer cópias de nossa papelada.

Quando Marcus voltou para o carro mais cedo com a carteira de motorista de Jackson, eu não conseguia parar de rir. Ele é uns bons quinze quilos mais leve que Samson e pelo menos cinco centímetros mais baixo. Marcos disse a Samson que se a loja de tatuagem não acreditar que é ele, ele deveria apenas dizer que está malhando.

Eles nem mesmo questionaram. Eu ficaria ofendida se fosse Samson.

— Eles devem estar desesperados por negócios, — sussurro. — Ele nem mesmo questionou você.

Samson desliza um álbum de fotos na minha frente cheio de ideias para tatuagens. Ele pega um para si e começamos a folhear as páginas.

— Eu quero algo delicado, — digo, passando por imagens de corações e flores, mas nada me puxa.

— Eu quero o oposto de delicado, — diz Samson.

Qual é o oposto de delicado? Eu viro para o final do livro e encontro tatuagens que parecem que estariam mais no gosto de Samson do que no meu, mas nenhuma delas parece algo que ele gostaria. Quando chego à última página, fecho o livro e tento me concentrar.

Delicado para mim significa delicado, macio, frágil. Então, o oposto seria o quê? Força? Durabilidade? Talvez até ameaçador?

Eu sei imediatamente após esse pensamento o que ele deve ter. Abro meu telefone e procuro fotos de furacões. Percorro vários antes de encontrar um que acho que ele adoraria.

— Encontrei um que acho que você deveria pegar.

Samson nem mesmo tira os olhos do livro quando diz: — Tudo bem — Ele continua a rolar enquanto vira o braço esquerdo e diz: — Eu quero aqui mesmo. — Ele aponta para um ponto na parte interna superior do antebraço. — Vá mostrar ao cara para que ele comece a prepará-lo.

— Você não quer ver primeiro?

Os olhos de Samson deslizam para os meus. — Você acha que vou adorar?

Concordo. — Eu acho.

— Então é a tatuagem que eu quero. — Ele é tão prático sobre isso, como se não houvesse nenhuma dúvida de que essa

tatuagem é mais sobre mim do que qualquer outra coisa. Não posso deixar de beijá-lo.



Há dois tatuadores trabalhando hoje à noite e, embora estejamos ambos fazendo uma tatuagem, ainda não encontrei o que quero. Samson está na cadeira, a pistola de tatuagem pressionada contra seu braço. Sua cabeça está inclinada para longe dele para que ele não veja antes de terminar.

Ele está procurando em seu telefone, tentando me ajudar a encontrar algo.

— Que tal um nascer do sol? — ele pergunta.

Essa não é uma má ideia, então eu procuro alguns. Eu finalmente decido contra isso. — Parece que precisaria de muita tinta e ficaria melhor se fosse maior. Eu quero começar pequeno.

Eu folheei todos os livros que eles têm. Estou começando a achar que meu pai estava certo. Talvez tenha que pensar mais sobre isso.

— Tive uma ideia, — diz Samson. — Devemos procurar significados e ver a que tipo de símbolos eles se correlacionam.

— OK.

— O que você quer que simbolize? — Ele pergunta.

— Talvez algo que signifique sorte. Eu poderia usar um pouco mais de sorte na minha vida.

Ele começa a percorrer seu telefone enquanto vou verificar o progresso de sua tatuagem. Mesmo que tenha escolhido um furacão para ele, não é com tinta preta típica. Escolhi uma tatuagem que lembra o que ficaria em uma tela de radar, com vermelhos, amarelos, azuis e verdes. Não é necessariamente uma tatuagem em aquarela, mas todas as cores giradas juntas contra bordas pretas desbotadas meio que fazem com que pareça assim.

Está ficando ainda melhor do que eu esperava.

— Encontrei a sua, — diz Samson. Ele vai me entregar seu telefone para que eu possa ver o que ele escolheu para mim, mas não pego.

— Eu confio em você — digo. É justo.

— Você não deveria.

Sua expressão depois que ele diz isso envia um turbilhão de desconforto através de mim. Ele tem razão. Não devo confiar em alguém de quem quase não conheço. Estava apenas concordando em deixá-lo fazer o que estou fazendo – escolher sua tatuagem às

cegas. Mas sinto que entre nós dois, eu sou estranhamente a mais confiável. Eu pego seu telefone para olhar. — O que é isso?

— Um cata-vento.

Olho para a foto. É delicado. Colorido. E ele nem sabe que escolhi um furacão para ele, então nós dois teríamos tatuagens que lembram um padrão de rotação.

— Diz que os cata-ventos supostamente revertem a má sorte.

— É perfeito, — sussurro.



Sara e Marcos estão lá fora desde que preenchemos a papelada das tatuagens, o que aconteceu há umas boas duas horas e meia, mas não entraram para reclamar da espera. Tenho certeza de que encontraram algo para se manter ocupados.

Minha tatuagem acabou. Está perfeita. Ele revestiu o lado de fora com uma linha fina de tinta preta e a preencheu com cor, mas as cores vazam para fora das linhas como tinta pingando. Peguei no pulso esquerdo. Mostrei a Samson e tirei uma foto antes de deixar o cara cobrir com um curativo.

O tatuador de Samson enxuga a dele uma última vez. Samson não espiou nenhuma vez. — Tudo feito, — diz o cara.

Samson se senta na cadeira sem olhar para a tatuagem. Ele se levanta e vai até o banheiro, então me chama para segui-lo com um aceno de cabeça.

Ele quer olhar sem ninguém por perto. Não o culpo. Ele pode odiar e isso não apenas me faria sentir mal, mas faria o tatuador se sentir mal.

Entro no banheiro com ele e fecho a porta atrás de mim. É um banheiro pequeno, então estamos muito próximos um do outro. — Você está nervoso?

Ele diz: — Eu não estava. Mas agora que está feito, estou.

Eu sorrio e então começo a pular ansiosamente na ponta dos pés. — Olha só, estou morrendo.

Samson olha para sua tatuagem pela primeira vez. É mais ou menos do tamanho de um punho, logo abaixo da dobra interna do cotovelo. Estou olhando para o rosto dele, esperando sua reação.

Ele não tem reação.

Ele apenas olha para ele.

— É o furacão Ike, — explicou, passando o dedo por ele. — Usei uma foto de radar de quando estava bem sobre a Península de Bolivar e fiz com que ele a transformasse em uma tatuagem.

A única coisa que recebo de Samson é um suspiro. E não consigo nem dizer se é um bom suspiro.

Estou ansiosa agora. Estava tão convencida de que ele gostaria; não pensei sobre o que poderia significar se ele não gostasse.

Samson lentamente levanta os olhos. Não há sinal em sua expressão que daria uma dica do que ele está pensando.

Mas então ele agarra meu rosto e me beija tão repentinamente e com tanta força que caio contra a porta do banheiro. *Eu acho que isso significa que ele gosta.* Ele abaixa as mãos nas minhas coxas e desliza-me porta acima até que estou envolta em torno dele, como se ele estivesse tentando nos amarrar em um nó permanente.

Ele está me beijando com uma sensação recém-desenterrada com a qual nunca me beijou antes. Não tenho certeza se qualquer outra resposta ao ver sua tatuagem teria sido apropriada, agora que recebi *essa* resposta.

Ele se move contra mim de uma forma que me faz gemer, mas assim que eu faço, ele puxa sua boca da minha como se aquele gemido fosse um grande sinal vermelho. Ele encosta a

testa na minha e suas palavras são cheias de emoção quando diz:

— Eu a levaria aqui mesmo se você não merecesse coisa melhor.

Eu deixaria.

VINTE E DOIS

— Não. — A resposta do meu pai é absoluta.

— Por favor?

— *Não.*

— Eu tenho dezenove.

— Ela está tomando pílula, — diz Alana.

Coloco meu garfo para baixo e pressiono a mão na minha testa. Não sei por que perguntei a ele se poderia passar a noite com Samson. Eu deveria apenas ter escapado e voltado para casa antes que ele acordasse. Mas estou tentando não quebrar nenhuma de suas regras.

Sara terminou de comer antes de esta discussão começar, mas ela parece estar gostando. Ela está sentada à mesa com o joelho puxado para cima do peito, assistindo a esta conversa como se estivéssemos jogando na televisão. Ela só precisa de um saco de pipoca.

— Sua mãe deixa você passar a noite com caras? — Meu pai pergunta.

Eu rio sem entusiasmo com isso. — Minha mãe não ligava onde eu passava a noite. Eu *quero que* você se importe. Eu também apreciaria se você confiasse em mim.

Meu pai passa a mão pelo rosto como se não soubesse o que fazer. Ele olha para Alana em busca de respostas. — Você permitiria que Sara passasse a noite com Marcos?

— Sara e Marcos passam a noite juntos o tempo todo, — diz Alana.

Olho para Sara assim que ela se anima em sua cadeira. — Nós não.

Alana vira a cabeça. — Não sou ignorante, Sara.

Há uma expressão de completa surpresa no rosto de Sara. — Oh. Eu pensei que você fosse.

Eu rio disso, mas ninguém mais ri.

Com essa notícia, meu pai de alguma forma parece ainda mais dividido.

— Ouça, pai — digo o mais suavemente possível. — Eu não estava realmente pedindo a você permissão. Estava mais ou menos dizendo que vou ficar na casa de Samson esta noite como uma cortesia, porque esta é a sua casa e estou tentando ser respeitosa. Mas ficaria muito mais fácil se você apenas dissesse tudo bem.

Meu pai geme, caindo de volta na cadeira. — Estou tão feliz por ter dado um soco naquele garoto quando tive a chance, — ele murmura. Então ele acena em direção à porta da frente. — Bem. Tanto faz. Apenas... não faça disso um hábito. E esteja em casa antes de eu acordar para que eu possa fingir que esta noite nunca aconteceu.

— *Obrigada* — digo, afastando-me da mesa. Sara imediatamente me segue para fora da cozinha e sobe as escadas. Quando chegamos ao meu quarto, ela cai na cama.

— Não posso acreditar que minha mãe sabe que Marcos dorme às vezes. Achei que estávamos sendo muito sorrateiros sobre isso.

— Você pode ser sorrateira, mas certamente não é silenciosa.

Ela ri. — Não posso deixar Marcos descobrir que ela sabe. Ele gosta do aspecto proibido de tudo isso.

Mando uma mensagem para Samson para que ele saiba que definitivamente vou ficar, e então abro a porta do meu armário e olho para ela. — O que diabos devo vestir?

— Eu não acho que isso importe. O objetivo é acabar sem nada até o final da noite, certo?

Posso sentir minha pele começando a formigar de nervosismo. Já fiz sexo muitas vezes, mas nunca na cama. Nunca

totalmente nua. E definitivamente nunca com alguém de quem gosto.

Samson me responde com um emoji de fogos de artifício. Rolo meus olhos e coloco meu telefone de volta no bolso.

— Vocês ainda não fizeram sexo? — Sara pergunta.

Decido não trocar de roupa. Acabei de jogar uma camiseta limpa e uma calcinha limpa na minha mochila. — Ainda não.

— Por que não?

— Não houve muitas oportunidades para isso — digo. — Estamos sempre com você e Marcos. E quando estamos sozinhos, nós apenas... fizemos outras coisas. Só não *isso*.

— Marcos e eu fazemos sexo o tempo todo. Nós até fizemos sexo enquanto vocês faziam tatuagens na semana passada.

Olho para ela e estremeço. — No banco de trás?

— Sim. Duas vezes.

Nojento. Samson e eu tivemos que voltar para casa naquele banco de trás.

— Você vai me dar todos os detalhes amanhã? Ou estou apenas pegando mais um lance ruim?

Sara tem sido paciente comigo, considerando o quão pouco eu compartilho sobre certos aspectos da minha vida, e como sou

franca em outras áreas. — Eu vou te contar tudo, — digo, antes de sair do meu quarto. — Promessa.

— Quero cada detalhe! Faça anotações se precisar!

Felizmente, meu pai e Alana não estão mais na cozinha, então saio de casa sem ter que continuar a discutir o fato de que vou fazer sexo com meu vizinho esta noite. Definitivamente, não estou acostumada a ter uma família que discute cada coisa abertamente como eles fazem.

Samson está esperando na parte inferior da escada.

— Muito desesperado? — Provoco.

Ele me beija e pega minha mochila. — Ansioso.

Começamos a caminhar em direção à casa de Samson. PJ está nos seguindo, mas Samson não tem uma cama de cachorro para ele. — PJ, vá para casa. — Aponto para as escadas. PJ faz uma pausa por um momento. Eu repito, e então ele finalmente se vira e volta a subir nossas escadas.

Samson desliza sua mão pela minha e a segura até que estejamos em sua casa. Ele tranca a porta da frente atrás de si, define o código do alarme e tira os sapatos.

Olho em volta, perguntando-me onde isso vai acontecer. *Como* isso vai acontecer. É um pouco estranho saber o que está por vir. Eu prefiro espontaneidade a planos quando se trata de

sexo. Dakota me tratou como se eu estivesse em um cronograma estrito e rotativo.

— Você está com sede? — Samson pergunta.

Eu balancei minha cabeça. — Estou bem.

Ele joga minha mochila contra a parede ao lado de sua mochila. Ele agarra minha mão e torce meu pulso para que ele possa ver minha tatuagem. Já se passou uma semana desde que as fizemos e ambos curaram bem. Meio que me faz querer outra, mas sinto que preciso esperar até ter um motivo. Conseguir uma com Samson parecia importante. Vou esperar por outro momento importante da vida antes de ter uma segunda.

— Ficou muito bom, — diz ele, passando o dedo sobre ele.

— Você nunca disse realmente se gostou da sua.

— Disse que adorei na noite em que ganhei. Só não disse com palavras. — Ele desliza seus dedos nos meus e me leva por um lance de escadas. Quando ele abre a porta de seu quarto, ele me deixa entrar primeiro.

As portas da varanda estão abertas e há uma brisa soprando as cortinas transparentes do quarto. A cama está perfeitamente feita, e ainda não consigo entender como ele mantém tudo limpo. Samson acende uma lâmpada ao lado da cama.

— É bonito, — digo, caminhando em direção à varanda. Saio e olho para o meu quarto. Eu acidentalmente deixei a luz acesa, para ter uma visão clara da minha cama. — Você pode ver direto no meu quarto.

Samson está ao meu lado agora. — Sim, eu sei. Você não deixa a luz acesa o suficiente.

Olho para ele e ele está sorrindo. Eu o empurro de brincadeira no ombro e volto para o quarto. Faço meu caminho até a cama e me sento na beira do colchão.

Eu tiro meus sapatos e me deito em sua cama para observá-lo. Ele caminha lentamente ao redor da cama, olhando para mim de todos os ângulos.

— Eu sinto que estou sendo circundada como uma presa, — digo.

— Bem, não quero ser o tubarão neste cenário. — Samson se senta ao meu lado na cama, segurando a cabeça com a mão. — Lá. Agora sou plâncton.

— Melhor, — digo, sorrindo.

Ele passa uma mecha de cabelo na minha orelha com uma expressão pensativa no rosto. — Você está nervosa?

— Não. Eu me sinto confortável com você.

Essa frase faz com que a preocupação apareça brevemente em suas feições – quase como se ele achasse desconfortável que me sentisse confortável com ele. Mas o visual desaparece assim que apareceu.

— Eu vi esse pensamento, — digo baixinho.

— Que pensamento?

— O pensamento negativo que você acabou de ter. — Coloco um dedo no ponto entre suas sobrancelhas. — Foi bem aqui.

Ele fica quieto enquanto digere minhas palavras. — Para alguém que não sabe muito sobre mim, você com certeza sabe muito sobre mim.

— Todas as coisas que você manteve em segredo de mim não são coisas que realmente contam.

— Como você sabe se não sabe quais segredos estou escondendo de você? — Ele pergunta.

— Não preciso saber nada sobre o seu passado para saber que você é uma boa pessoa. Eu posso dizer por suas ações. Posso dizer pela maneira como você me trata. Por que importaria que tipo de família você tem, ou quão rico você é, ou o que as pessoas do seu passado significavam para você antes de eu aparecer? — Esse pensamento negativo está de volta, então pego meu dedo e aliso as rugas em sua testa. — Pare, — sussurro. — Você é muito duro consigo mesmo.

Samson cai de costas e leva as mãos ao peito. Ele olha para o teto por um momento, então chego mais perto dele e levanto minha cabeça, descansando em minha mão. Eu toco seu colar, em seguida, passo meus dedos em seu pescoço e começo a traçar seus lábios.

Ele inclina o rosto em direção ao meu. — Talvez não devêssemos fazer isso?

Suas palavras são mais uma pergunta, então imediatamente balanço minha cabeça. — Eu quero.

— Não é justo com você.

— Por quê? Porque não sei tudo sobre você?

Ele concorda. — Estou preocupado que você não diria sim agora se soubesse toda a verdade sobre mim.

Pressiono meus lábios nos dele, mas apenas brevemente. — Você está sendo dramático.

— Na verdade, não estou, — diz ele. — Acabo de viver uma vida dramática e pode não gostar.

— Mesma coisa. Ambos somos dramáticos porque temos pais dramáticos e passados dramáticos. Poderíamos estar fazendo sexo dramático agora se você parasse de se sentir tão culpado.

Ele sorri. Eu me sento e tiro minha camisa. A preocupação em seus olhos desaparece enquanto ele me desliza sobre ele de modo que estou montada nele. Ele já se sente pronto, mas ele levanta a mão e traça um dedo lentamente sobre as bordas de renda do meu sutiã como se não estivesse com pressa.

— Eu só fiz sexo na caminhonete de Dakota, — digo. — Esta será a minha primeira vez na cama.

Samson arrasta o dedo pelo meu estômago, parando no botão do meu short. — Esta será a minha primeira vez com uma garota por quem tenho sentimentos.

Tento ficar tão estoica quanto ele quando ele faz essa declaração, mas suas palavras passam por mim com tanta força que franzo a testa.

Ele leva a mão à minha boca, deslizando os dedos por ela. — Por que isso te deixou triste?

Eu debato balançar minha cabeça para evitar responder a essa pergunta, mas se há uma coisa que aprendi neste verão, é que os segredos não são tão valiosos quanto costumava pensar que eram. Eu vou com honestidade. — Quando você diz coisas assim, fico com medo quando tivermos que dizer adeus. Não esperava terminar o verão com o coração partido.

Samson inclina a cabeça, olhando para mim com franqueza completa. — Não se preocupe. Corações não têm ossos. Eles não podem realmente quebrar.

Samson me vira de costas e tira sua camisa, e isso é o suficiente para me acalmar por cerca de dois segundos, mas então meus pensamentos estão de volta onde estavam antes de ele ficar seminu.

Ele se abaixa em cima de mim, mas antes de nos beijarmos novamente, digo: — Se não há nada dentro de um coração que possa se quebrar, por que parece que o meu vai se partir ao meio quando for hora de me mudar no mês que vem? Seu coração não se sente assim?

Os olhos de Samson percorrem meu rosto por um momento. — Sim, — ele sussurra. — Sim. Talvez nós dois tenhamos crescido ossos do coração.

Assim que ele diz isso, agarro sua nuca e o puxo para minha boca. Quero pegar o máximo possível dessas palavras e prendê-las dentro de mim. Sua frase permanece em pedaços, como se suas palavras estivessem flutuando ao nosso redor, entre nós, e absorvendo em mim enquanto nos beijamos.

Ele pode estar certo. Talvez tenhamos crescido ossos no coração. Mas e se a única maneira de saber que você cresceu um osso no coração é sentindo a agonia causada pela fratura?

Tento não pensar em nosso adeus iminente, mas é difícil experimentar algo que pareça tão perfeito sem ter consciência de que está prestes a ser levado embora.

Samson fica de joelhos. Ele aperta o botão do meu short até que ele se abra. Ele mantém os olhos nos meus enquanto abaixa o zíper e começa a tirar meu short de cima de mim. Eu levanto meus quadris e, em seguida, minhas pernas para ajudá-lo a se livrar deles. Ele os joga de lado e leva um momento para absorver a minha visão. Gosto de me ver através de suas expressões. Ele me faz sentir mais bonita do que provavelmente sou.

Ele puxa as cobertas sobre nós e se deita ao meu lado enquanto tira seu próprio short. Não é desconfortável de forma alguma, então não tenho absolutamente nenhuma hesitação quando tiro meu sutiã e calcinha. Há um certo nível de facilidade com ele, como se já tivéssemos feito isso uma dúzia de vezes, mas estou tomada pela expectativa de alguém que nunca experimentou isso.

Quando estamos completamente nus sob as cobertas, ficamos de frente um para o outro, ambos de lado. Samson leva a mão ao meu rosto e a pousa suavemente. — Você ainda parece triste.

— Eu estou.

Ele passa a mão pelo meu pescoço e por cima do meu ombro. Seus olhos seguem sua mão, então ele não está olhando diretamente para mim quando diz: — Eu também.

— Então por que temos que dizer adeus? Eu posso ir para a faculdade e você pode ir para a Academia da Força Aérea, mas podemos manter contato e visitar um ao outro e...

— Não *podemos*, Beyah. — Seus olhos estão de volta nos meus quando ele diz isso, mas então eles piscam e se fixam em outra coisa. — Eu não vou para a Força Aérea. Eu nunca iria para a Força Aérea.

Suas palavras e a expressão em seu rosto fazem meu coração parecer que já está começando a quebrar. Quero perguntar a ele o que ele quis dizer, mas estou com muito medo de saber a verdade, então a pergunta nunca se forma.

Samson suspira pesadamente e se inclina para mim. Seu aperto em meu braço aumenta enquanto ele pressiona seus lábios no meu ombro. Aperto meus olhos fechados quando sinto sua respiração contra minha pele. Eu quero muito dele agora. Eu quero sua honestidade, mas também quero seu silêncio e seu toque e seu beijo. Algo me diz que não posso ter tudo isso. É este momento ou a verdade.

Ele enfia o rosto na curva do meu pescoço. — Por favor, não me pergunte o que quero dizer com isso, porque se você perguntar, serei honesto com você. Eu não posso mais mentir

para você. Mas quero esta noite com você mais do que jamais desejei qualquer coisa em minha vida.

Suas palavras rolam sobre mim como uma onda, batendo contra mim com tanta força que estremeço. Eu corro minha mão por seu cabelo e inclino meu rosto até que estejamos olhando um para o outro. — Você vai ser honesto comigo quando acordarmos amanhã?

Samson concorda. Ele nem mesmo diz sim em voz alta, mas acredito nele.

Acredito nele porque ele parece estar com medo de me perder. E ele pode. Mas ele me tem esta noite e isso é tudo o que realmente importa.

Eu o beijo para que ele saiba que a verdade pode esperar até amanhã. Agora, eu só quero sentir o que sempre mereci sentir durante o sexo – como se meu corpo fosse respeitado e meu toque tivesse mais do que apenas um valor monetário.

Samson se afasta o tempo suficiente para pegar um preservativo da gaveta da mesa de cabeceira. Ele o coloca embaixo das cobertas e depois rola para cima de mim. Ele é paciente enquanto me beija, esperando o momento certo para empurrar-se dentro de mim.

Quando finalmente acontece, ele está olhando para mim, observando a expressão no meu rosto. Eu suspiro, prendendo

todas as minhas respirações até que estejamos tão conectados quanto podemos estar. Ele suspira trêmulo. Então, quando ele começa a sair de mim tão lentamente quanto entrou em mim, ele descansa sua boca contra a minha.

Eu gemo quando ele empurra para dentro de mim novamente, espantada com o quão novo Samson faz isso para mim. Não há nem um pedaço de mim que não queira estar aqui agora, e isso faz toda a diferença no mundo.

Samson descansa sua cabeça contra a minha. — Parece bom?

Balancei minha cabeça. — É muito melhor do que bom.

Sinto sua risada contra meu pescoço. — Concordo. — Sua voz soa tensa, como se ele pudesse estar se segurando porque está com medo de que vou quebrar.

Pressiono minha boca em sua orelha, arrastando meus dedos por seus cabelos. — Você não precisa ter cuidado comigo. — Envolvo minhas pernas em volta dele e beijo seu pescoço até que sua pele arrepie em minha língua.

Minhas palavras o fazem gemer, e então é como se ele de repente ganhasse vida. Sua boca encontra a minha e ele me beija como se estivesse com fome e me toca como se suas mãos estivessem famintas.

De alguma forma, fica melhor a cada minuto que passa. Encontramos um ritmo com nossos corpos, um ritmo com nosso beijo e uma cadência em nossos gemidos coletivos. Torna-se tudo o que nunca experimentei durante o sexo.

Torna-se amor.

Seja o que for que o amanhã traga com sua verdade, já sei que não mudará o que sinto por ele, embora ele esteja convencido de que mudará. Não tenho certeza se ele sabe o quanto significa para mim. Saber que finalmente vou conhecer toda a verdade sobre ele não parece ameaçador.

Samson me faz pensar se há diferença entre um mentiroso e uma pessoa que conta mentiras para proteger alguém da verdade.

Samson não parece um mentiroso para mim. Ele parece protetor, não desonesto.

E, neste momento, Samson está sendo mais honesto do que nunca e não está pronunciando uma única palavra.

Nunca me senti mais apreciada do que agora. Não apenas apreciada, mas saboreada. Respeitada. Procurada.

Talvez até amada.

VINTE E TRÊS

— Eu sinto muito.

As palavras de Samson parecem concretas se movendo através de mim. Eu nem abri meus olhos ainda, mas sua voz soou mais arrependida do que qualquer som que eu já ouvi.

Foi um sonho?

Um pesadelo?

Pego seu travesseiro e abro os olhos, mas não encontro nada. Adormeci enrolada em torno dele, mas agora ele se foi e meus braços estão vazios. Quando rolo e olho para a porta de seu quarto, o vejo. Suas mãos estão atrás das costas. Há um policial segurando seu braço, empurrando-o para fora do quarto.

Eu me sento imediatamente. — Samson?

Só quando digo o nome dele, vejo outra policial do outro lado da cama, a mão no quadril, tocando a arma. Eu puxo as cobertas sobre meu peito. Ela pode ver o medo em meus olhos, então ela levanta a mão. — Você pode se vestir, mas vá devagar.

Minha pulsação está acelerada enquanto tento entender o que está acontecendo. A policial chega ao chão e joga minha

camisa para mim. Minhas mãos estão tremendo enquanto tento colocá-lo sob as cobertas. — O que está acontecendo?

— Preciso que você desça comigo, — diz a policial.

Oh meu Deus, o que está acontecendo? Como pode a noite passar de nós fazendo amor com Samson sendo algemado? Isso deve ser algum tipo de engano. Ou uma piada cruel. Não pode ser real.

— Não fizemos nada de errado. — Saio da cama e procuro meu short. Não consigo nem lembrar onde eles estão, mas não tenho tempo para procurá-los. Preciso impedi-los de levar Samson.

Corro para a porta e o oficial diz: — Pare!

Paro e olho para ela.

— Você precisa terminar de se vestir. Há outras pessoas lá embaixo.

Outras pessoas?

Talvez tenha havido uma invasão. Talvez estejam confundindo Samson com outra pessoa. Ou talvez alguém descobriu o que ele fez com os restos mortais de Rake.

É disso que se trata?

Esse pensamento me deixa em pânico, porque eu estava lá. Vi o que ele fez e deixei de relatar, o que me torna tão culpada quanto Samson.

A policial sai do quarto enquanto coloco meu short. Ele espera e depois caminha atrás de mim enquanto eu me dirijo às escadas. Quando saio para a sala de estar, há mais dois policiais parados na sala de Samson.

— O que está acontecendo? — Sussurro para mim mesma. Olho para fora e o sol ainda nem nasceu, o que significa que ainda é meio da noite. Samson e eu adormecemos depois da meia-noite.

Olho para o relógio na parede. Ele marca 2:30 da manhã.

— Sente-se, — diz a policial.

— Estou sendo presa?

— Não. Só temos algumas perguntas.

Eu estou assustada agora. Não sei para onde levaram Samson. — Eu quero meu pai. Vivemos na casa ao lado. Alguém pode dizer a ele o que está acontecendo?

Ela acena para um dos policiais e ele sai da casa.

— Onde está Samson? — Pergunto.

— É esse o nome que ele te deu? — O policial puxa um bloco de notas e escreve algo.

— Sim. Shawn Samson. Esta é a casa dele e você o tirou da cama no meio da noite.

A porta da frente se abre e um policial diferente entra, seguido por um homem segurando uma criança. O homem é seguido por uma mulher. Deve ser sua esposa, porque ela se agarra a ele assim que eles entram.

Por que há tantas pessoas aqui?

A mulher parece familiar, mas não consigo identificá-la. Parece que ela está chorando. O homem está me olhando com desconfiança enquanto entrega o filho à esposa.

— Há quanto tempo você está hospedada aqui? — A oficial pergunta.

Balancei minha cabeça. — Eu não moro aqui. Eu moro na casa ao lado.

— Como você e o jovem se conhecem?

Estou tonta e assustada e gostaria que meu pai se apressasse. Não gosto dessas perguntas. Quero saber onde Samson está. Eu preciso de um advogado? Samson?

— Como você entrou? — Esta pergunta vem do homem que estava segurando a criança.

— Entrei?

— Em nossa *casa*, — ele diz.

Sua casa?

Olho para sua esposa. Eu olho para a criança. Eu imediatamente olho para o porta-retratos perto da porta. Essa foto é dela. E o garotinho da foto está em seus braços.

— Esta é a sua casa? — Eu pergunto ao homem.

— Sim.

— Você é dono disso?

— Sim.

— Samson é seu filho?

O homem balança a cabeça. — Nós não o conhecemos.

Olho de volta para a foto. O que Samson disse ser dele e de sua mãe. *Ele mentiu sobre isso também?*

Estou balançando minha cabeça em confusão total e absoluta quando meu pai entra correndo pela porta. — Beyah? — Ele desliza pela sala, mas para quando um dos policiais coloca a mão em seu ombro e se coloca entre nós.

— Você pode esperar do lado de fora da porta, por favor?

— O que aconteceu? — Meu pai pergunta. — Por que eles estão sendo presos?

— Sua filha não está sendo presa. Não acreditamos que ela tenha tido parte nisso.

— Uma parte em *quê*? — pergunto.

A policial feminina respira lentamente como se não quisesse dizer o que está prestes a dizer. — Esta casa pertence a esta família, — diz ela, apontando na direção do homem, da mulher e da criança. — Seu amigo não tinha permissão para estar aqui. Ele está sendo acusado de arrombamento e invasão.

— Filho da *puta* — diz meu pai com os dentes cerrados.

Posso sentir as lágrimas queimando em meus olhos. — Isso não pode estar certo — sussurro. Esta é a casa do pai de Samson. Ele até ajustou o alarme na noite passada. Você não pode invadir uma casa quando sabe o código do alarme. — Isso deve ser algum tipo de engano.

— Não é um engano — diz a oficial. Ela coloca o bloco de notas no bolso de trás. — Você se importa em vir conosco para a estação? Precisamos apresentar um relatório e temos muitas perguntas.

Eu aceno e me levanto. Eles podem ter perguntas para mim, mas certamente não tenho respostas.

Meu pai dá um passo à frente, acenando com a mão em minha direção. — Ela não tinha ideia que esta não era a casa dele. Fui eu quem permitiu que ela ficasse aqui ontem à noite.

— É apenas uma formalidade. Você é bem-vindo para nos encontrar na estação, e se tudo estiver certo, ela estará livre para ir com você.

Meu pai concorda. — Não se preocupe, Beyah. Estarei bem atrás de você.

Não se *preocupe?*

Estou apavorada *pra* caralho.

Antes de sair de casa, pego as mochilas de Samson e minha que ainda estão perto da porta e as entrego ao meu pai. — Você pode colocar minhas coisas na casa? — Não digo a ele que uma das mochilas pertence a Samson.

Ele agarra as duas e me olha firmemente nos olhos. — Não responda a nenhuma pergunta até eu chegar lá.

VINTE E QUATRO

A sala é tão pequena que sinto que não há ar suficiente para nós quatro.

Meu pai está sentado ao meu lado nesta mesa minúscula, então estou me inclinando para a direita para tentar preservar minha própria bolha espacial. Meus cotovelos estão cravados na mesa e minha cabeça está em minhas mãos.

Estou preocupada.

Meu pai está com raiva.

— Você sabe há quanto tempo ele está naquela casa?

Descobri que o nome da policial feminina é Oficial Ferrell. Não sei o nome do homem. Ele não falou muito. Ele está apenas tomando notas e realmente não sinto vontade de olhar para ninguém.

— Não.

— Beyah acabou de se mudar para cá em junho. Mas Samson está naquela casa pelo menos desde as férias de primavera. Foi quando o conheci, de qualquer maneira.

— Você não conhece os proprietários? — o oficial pergunta ao meu pai.

— Não. Já vi pessoas lá, mas presumi que fossem locatários. Moramos em Houston a maior parte do ano, então não conheço muitos dos vizinhos em nossa área ainda.

— Você sabe como Samson contornou o alarme? — Esta pergunta é dirigida a mim.

— Ele conhece o código. Eu o vi entrar ontem à noite.

— Você sabe como ele conseguiu o código?

— Não.

— Você conhece alguma outra casa em que ele se hospedou?

— Não.

— Você sabe onde ele fica quando os donos ocupam a casa?

— Não. — Não sei de quantas maneiras diferentes posso dizer não, mas não sei as respostas para quase nenhuma de suas perguntas.

Não sei de onde Samson é. Não sei o nome do pai dele. Não sei o aniversário dele, onde ele nasceu, onde ele cresceu, se sua mãe está viva ou morta. Quanto mais perguntas eles me fazem, mais envergonhada fico.

Como posso não saber nada sobre ele, mas sentir que o conheço tão bem

Talvez nem o conheça.

Esse pensamento me obriga a colocar minha cabeça em meus braços. Estou cansada e quero respostas, mas sei que não terei nenhuma até falar com Samson. A única resposta que realmente quero saber é se ele realmente fez crescer um osso no coração ou não. Se ele fez isso, ele está quebrando agora?

Porque o meu está.

— Ela realmente não sabe de mais nada, — diz meu pai. — Está tarde. Vocês podem ligar se houver mais perguntas?

— Certo. Deixe-me verificar algo bem rápido antes de sair. Já voltamos.

Ouço os dois policiais saírem da sala, então finalmente levanto a cabeça e me recosto na cadeira.

— Você está bem? — Meu pai pergunta.

Concordo. Se disser que não estou bem, ele vai querer um diálogo aberto. Prefiro não falar.

A porta está aberta, o que me dá uma boa visão da atividade fora desta sala. Há um homem que está obviamente viciado em algo sendo detido em uma sala do outro lado do corredor. Todo o

tempo que estivemos nesta sala, podíamos ouvi-lo fazendo ruídos ininteligíveis sem motivo. Cada vez que ele fazia isso, eu recuava.

Deveria estar acostumada com esse comportamento porque era muito comum em minha casa. Minha mãe resmungava para si mesma o tempo todo. Especialmente no ano passado. Ela falava com pessoas que nem estavam lá.

Quase me esqueci de como é viver com um viciado. Fico triste em ver aquele homem aqui. A prisão não vai ajudá-lo com seu vício, assim como nunca ajudou minha mãe. No mínimo, tornou tudo pior. Ser preso e solto repetidamente é um ciclo que fica mais forte a cada prisão.

Minha mãe foi presa várias vezes. Não tenho certeza do motivo pelo qual ela foi presa, mas sempre foi por causa das drogas. Posse. Intenção de compra. Lembro-me de uma vizinha que veio me buscar no meio da noite e me levou para dormir algumas vezes na casa dela.

Minha mãe precisava de mais ajuda do que era capaz de dar a ela. Tentei em mais de uma ocasião, mas estava perdendo a cabeça. Olhando para trás agora, gostaria de ter feito mais. Talvez eu devesse ter procurado meu pai.

Não acho que ela seria uma pessoa má se não estivesse doente. E isso é o vício, certo? É uma doença. Um ao qual sou suscetível, mas estou determinada a nunca pegar.

Eu me pergunto como ela poderia ter sido se não fosse viciada em drogas. Ela era como eu de alguma forma?

Olho para meu pai. — Como era minha mãe quando você a conheceu?

Ele parece abalado com essa pergunta. Ele balança a cabeça. — Eu realmente não me lembro. Eu sinto muito.

Não sei por que esperava que ele se lembrasse. Foi um caso de uma noite quando ele não era muito mais velho do que eu. Os dois provavelmente estavam bêbados. Às vezes quero perguntar a ele como eles se conheceram, mas não tenho certeza se quero saber. Tenho certeza que foi em um bar e não há um momento romântico que ele seria capaz de se lembrar.

Eu me pergunto como meu pai acabou sendo um tanto normal enquanto minha mãe acabou sendo a pior versão de si mesma que ela poderia ser. É estritamente porque ela era uma viciada? Foi um desequilíbrio de natureza vs. criação?

— Você acha que os humanos são a única espécie que fica viciada em coisas? — Pergunto ao meu pai.

— O que você quer dizer?

— Como drogas e álcool. Você acha que os animais têm algum vício?

Os olhos do meu pai percorrem meu rosto como se ele não pudesse entender as perguntas que vêm da minha boca. — Acho que li em algum lugar que ratos de laboratório podem ficar viciados em morfina, — diz ele.

— Não é isso que quero dizer. Eu quero saber se existem coisas viciantes no ambiente natural de um animal. Ou os humanos são as únicas espécies que sabotam a si mesmos e a todos ao seu redor com seus vícios?

Meu pai coça a testa. — Sua mãe é viciada, Beyah? — Ele pergunta. — É isso que você está me dizendo?

Não posso acreditar que fiquei tanto tempo e ainda não contei a ele que ela está morta. Não acredito que ele ainda não descobriu. — Ela não é mais viciada.

Seus olhos estão estreitos de preocupação. — Eu nem sabia que ela costumava ser. — Ele me encara, sem vacilar em sua preocupação. — Você está bem?

Rolo meus olhos com sua pergunta. — Estamos sentados em uma delegacia de polícia no meio da noite. Não, não estou bem.

Ele pisca duas vezes. — Sim, eu sei. Mas suas perguntas. Elas simplesmente... realmente não fazem sentido.

Eu rio. Soa exatamente como a risada do meu pai. É a minha nova coisa menos favorita sobre mim.

Eu me levanto e estico minhas pernas. Ando até a porta e olho para fora, na esperança de ver Samson em algum lugar, mas ele não está em lugar nenhum.

É como se houvesse uma lacuna entre o momento em que me sentei no carro da polícia e o momento em que falarei com Samson novamente. Uma enorme lacuna emocional onde não sinto nada e não me importo com nada além dessa conversa em potencial.

Recuso-me a me abrir para o que quer que esteja acontecendo, e provavelmente é por isso que meus pensamentos estão confusos enquanto espero. Se me abrir para este momento agora, posso me convencer de que Samson é um completo estranho para mim. Mas na noite passada, isso parecia tão longe da verdade.

Pela segunda vez neste verão, fico surpresa com o quanto a vida pode mudar de um dia para o outro.

A oficial Ferrell retorna, segurando uma caneca de café com as duas mãos. Eu saio pela porta e me inclino contra a porta. Meu pai se levanta.

— Temos todas as suas informações. Vocês dois estão livres para ir.

— E quanto a Samson? — Pergunto.

— Ele não será solto esta noite. Provavelmente não será solto por um tempo, a menos que haja alguém para pagar sua fiança.

Suas palavras chutam seu caminho pelo meu peito. *Quanto tempo?* Pressiono a mão no meu estômago. — Posso vê-lo?

— Ele ainda está sendo processado e terá que ver o juiz em algumas horas. Ele terá visitantes a partir das nove de amanhã.

— Não vamos visitá-lo, — diz meu pai.

— Sim, nós iremos, — rebato.

— Beyah, você provavelmente nem sabe o nome verdadeiro do cara.

— Seu nome é Shawn Samson, — digo defensivamente. Mas então estremeço e olho para o oficial, perguntando-me se isso é outra coisa sobre a qual ele não foi honesto. — Não é esse o nome dele?

— O nome completo dele é Shawn Samson *Bennett*, na verdade, — corrige o oficial.

Meu pai acena com a mão para a policial enquanto olha para mim. — Viu? — Suas mãos estão nos quadris quando ele encara a Oficial Ferrell. — Eu preciso ficar preocupado? Do que exatamente ele está sendo acusado e por quanto tempo ficará na prisão?

— Duas acusações de arrombamento e invasão. Uma acusação de violação da liberdade condicional. Uma acusação de incêndio premeditado.

Esse último me faz engasgar com o ar. — *Incêndio*?

— Um incêndio destruiu parcialmente uma residência no ano passado. Ele estava na casa sem permissão quando o incêndio começou. Eles o colocaram em uma filmagem de segurança e emitiram um mandado de prisão contra ele. Ele parou de checar com seu oficial de liberdade condicional depois disso, o que nos leva a seus mandados pendentes atuais, junto com as novas acusações.

— Por que ele estava em liberdade condicional em primeiro lugar? — Meu pai pergunta.

— Roubo de carros. Ele cumpriu seis meses.

Meu pai começa a andar. — Então, este é um padrão com ele?

— Pai, tenho certeza que ele é apenas o produto de um sistema defeituoso. — Meu pai para de andar e me encara como se não entendesse como uma declaração tão ridícula pode sair da minha boca. Eu olho para a oficial. — E os pais dele?

— Ambos falecidos. Ele afirma que seu pai desapareceu após o furacão Ike e que ele está sozinho desde então.

Seu *pai* desapareceu?

Rake era seu pai? Isso explica muito sobre seu comportamento quando encontramos seus restos mortais na praia. Eu quero voltar para aquele momento em que ele parecia estar com muita dor. Eu quero voltar e abraçá-lo como deveria.

Começo a fazer as contas. Se Samson foi honesto sobre sua idade, isso significa que ele tinha apenas treze anos quando o furacão Ike o atingiu.

Ele está sozinho desde os *treze anos?* Não admira que eu pudesse dizer que ele estava danificado.

— Pare de sentir pena dele, Beyah. Posso ver no seu rosto , — diz meu pai.

— Ele era criança quando o pai morreu. Não temos ideia de que tipo de vida ele viveu depois disso. Tenho certeza que ele fez as coisas que fez porque tinha que fazer.

— Essa desculpa ainda é válida para um jovem de vinte anos? Ele poderia ter conseguido um emprego como o resto de nós.

— O que ele deveria fazer depois de ser libertado da prisão pela primeira vez se estivesse sozinho? Ele provavelmente nunca teve qualquer tipo de identificação se não tivesse pais para ajudá-lo com isso. Ele não tinha família, nem dinheiro. As pessoas

escapam pelas fendas, pai. Acontece. — *Aconteceu comigo e você nem percebeu.*

Meu pai pode pensar que o comportamento de Samson é um padrão que ele escolheu, mas me parece que era uma vida da qual ele não teria como escapar. Eu sei tudo sobre como fazer escolhas erradas por necessidade.

— Podemos obter uma ordem de restrição contra ele? Não o quero perto da minha propriedade ou da minha filha.

Não posso acreditar nele agora. Ele nem mesmo falou com Samson ou ouviu seu lado e se sente ameaçado por ele? — Ele é inofensivo, pai.

Meu pai me olha como se eu fosse o irracional.

— Certamente está dentro de seus direitos proteger sua propriedade, mas sua filha é adulta e teria que apresentar sua própria ordem de restrição para se proteger, — disse a policial Ferrell.

— Me proteger de quê? Ele é uma boa pessoa. — É como se eles não estivessem me ouvindo.

— Ele estava *fingindo* ser uma boa pessoa, Beyah. Você nem mesmo o conhece.

— Eu o conheço melhor do que eu conheço você, — murmuro.

Meu pai pressiona os lábios, mas não diz nada em resposta.

Quaisquer que sejam as coisas ruins que Samson fez em seu passado, ele não fez essas escolhas porque queria. Estou convencida disso. Samson nunca foi ameaçador. Ele tem sido a parte mais reconfortante e não ameaçadora do Texas para mim.

Meu pai já se decidiu sobre ele, no entanto. — Eu preciso de um banheiro, — digo. Preciso respirar antes de entrar no carro com meu pai.

A oficial aponta para o corredor. Eu corro para o banheiro e espero até que a porta feche antes de sugar o máximo de ar que posso colocar em meus pulmões. Eu lentamente o solto enquanto ando até o espelho.

Eu fico olhando para o meu reflexo. Antes de Samson, quando me olhava no espelho, via uma garota que não importava para ninguém. Mas sempre que me olhei no espelho desde que o conheci, vi uma garota que é importante para outra pessoa.

Eu me pergunto o que Samson vê quando se olha no espelho?

Ele tem alguma ideia do quanto é importante para mim?

Eu gostaria de ter contado a ele ontem à noite quando tive a chance.

VINTE E CINCO

São sete da manhã quando meu pai e eu estacionamos na garagem. Pepper Jack Cheese está abanando o rabo, esperando na porta do passageiro quando eu a abro.

Eu só quero estar com meu cachorro agora.

Estou cansada de responder a perguntas, e PJ será a primeira coisa viva que encontrarei nas últimas horas que não me fez perguntas.

Meu pai sobe as escadas e opto por permanecer no nível de palafitas da casa. Sento-me à mesa de piquenique e coço a cabeça de PJ enquanto olho para a água. Tenho cerca de três minutos de paz antes de ouvir passos rápidos descendo as escadas.

Sara.

— Oh meu Deus, Beyah. — Ela corre para a mesa de piquenique e se senta na minha frente. Ela estende o braço por cima da mesa e aperta minha mão, forçando um sorriso triste. — Você está bem?

Balancei minha cabeça. – Não vou ficar bem até falar com Samson.

— Eu estive tão preocupada. Seu pai saiu com muita pressa e mandou uma mensagem para minha mãe dizendo que Samson foi preso. O que aconteceu?

— Não é a casa dele.

— Ele invadiu?

— Algo parecido.

Sara passa a mão pelo rosto. — Sinto muito. Eu me sinto mal. Fui eu quem empurrou você sobre ele. — Ela se inclina para frente e agarra meu pulso, olhando para mim com sinceridade. — Nem todos os caras são como ele, Beyah. Eu prometo.

Ela tem razão, mas é um alívio que Samson não seja como os outros caras. Ele poderia ser como Dakota. Ou Gary Shelby. Prefiro me apaixonar por um cara que tem um passado sombrio e me trata tão bem quanto Samson do que me apaixonar por um cara que me trata como uma merda, embora pareça bom para o resto do mundo.

— Não estou zangada com ele, Sara.

Ela ri, mas é uma risada nervosa. Mais ou menos como ela costumava fazer quando nos conhecemos -- quando ela não sabia dizer se estava brincando ou não.

— Sei que parece que Samson é uma pessoa terrível. Mas você não o conhece como eu. Ele não estava orgulhoso de seu

passado. E ele estava planejando me contar tudo eventualmente, ele só não queria que a verdade arruinasse o resto do nosso verão.

Sara cruza os braços sobre a mesa de piquenique e se inclina para frente. — Beyah. Eu sei que você está chateada e se preocupa com ele. Mas ele mentiu para você. Ele mentiu para todos nós. Marcos e eu o conhecemos desde março. Tudo o que ele já nos disse é mentira.

— Como o quê?

Ela acena com a mão para a casa ao lado. — Que ele é o dono daquela casa, por exemplo.

— Mas o que mais?

Seus lábios se dobram em uma linha fina. Ela se mexe na cadeira enquanto pensa. — Não sei. Não consigo pensar em nada específico agora.

— Exatamente. Ele mentiu sobre onde morava e seguiu a narrativa do garoto rico que vocês o rotularam. Mas ele fez tudo o que pôde para não falar sobre si mesmo, para *não* mentir para vocês.

Ela estala os dedos. — Aquele cara no jantar! Aquele que o chamou de Shawn. Ele mentiu sobre ir para um colégio interno em Nova York com ele.

— Ele mentiu porque forçamos uma resposta dele.

— Eu o respeitaria muito mais do que respeito agora se ele simplesmente nos contasse a verdade naquele momento.

— Isso não é verdade. Ele teria sido julgado naquela época, assim como está sendo julgado agora. — Tudo é tão preto e branco com pessoas como Sara. O mundo real não funciona sob um sistema simples de certo e errado. Pessoas que nunca tiveram que trocar um pedaço de suas almas apenas para ter comida ou abrigo não conseguem entender a quantidade de decisões erradas que pessoas desesperadas são forçadas a tomar. — Não quero mais falar sobre isso, Sara.

Ela suspira como se não tivesse terminado de tentar me convencer a esquecê-lo.

Vai levar muito mais do que um passado sombrio para superar um cara que não piscou para o meu próprio passado sombrio.

Sara está obviamente de acordo com meu pai quando se trata de Samson. Tenho certeza que todo mundo está. — Eu realmente gostaria de ficar sozinha agora.

— Ok, — diz Sara. — Mas estou aqui se você quiser conversar.

Sara me deixa com meus pensamentos e sobe as escadas. Quando ela está de volta dentro de casa, coço atrás da orelha de PJ. — Acho que somos só eu e você no time Samson.

Os ouvidos de PJ se animam assim que meu telefone começa a vibrar. Eu imediatamente pulo e o puxo do bolso. Meu coração fica preso na garganta quando diz que o identificador de chamadas não está disponível. Atendo imediatamente.

— Samson?

— *Você está recebendo uma ligação de um presidiário da prisão do condado de Galveston*, — diz a gravação. — *Por favor, pressione um para aceitar ou dois para...* — Eu pressiono um e coloco meu telefone no ouvido.

— Samson? — Minha voz está cheia de pânico. Aperto minha testa e me sento.

— Beyah?

Ele parece tão distante, mas finalmente posso senti-lo novamente. Suspiro de alívio. — Você está bem?

— Sim. — Sua voz não está cheia de medo como a minha. Ele realmente parece calmo, como se estivesse esperando por este momento. — Eu não posso falar muito. Eu só...

— Quanto tempo você consegue falar?

— Dois minutos. Mas acabaram de me dizer que posso receber visitas amanhã às nove.

— Eu sei. Estarei lá. Mas o que posso fazer hoje? Existe alguém para quem eu possa ligar para você?

Há uma pausa em sua extremidade. Não tenho certeza se ele ouviu a pergunta, mas então ele suspira e diz: — Não. Não há ninguém.

Deus, odeio isso. PJ e eu realmente somos tudo o que ele tem agora. — Não acho que meu pai vai pagar sua fiança. Ele está muito chateado.

— Não é responsabilidade dele, — diz Samson. — Por favor, não peça a ele para fazer isso.

— Vou descobrir algo, no entanto.

— Vou ficar um pouco aqui, Beyah. Eu realmente estraguei tudo.

— É por isso que vou ajudar a encontrar um advogado para você.

— Terei direito a um defensor público, — diz ele. — Já passei por isso antes.

— Sim, mas eles estão sobrecarregados do jeito que estão. Não faria mal tentar encontrar um advogado que tenha mais tempo para se preparar e lutar pelo seu caso.

— Não posso pagar um advogado. Caso você ainda não tenha descoberto, não sou realmente rico.

— Bom. Você sabe que seu dinheiro era o que menos gostava em você.

Samson está quieto, embora pareça que ele tem muito a dizer.

— Vou passar o resto do dia me candidatando a empregos. Vou começar a economizar para ajudá-lo a contratar outro advogado. Você não está sozinho nisso, Samson.

— Meus erros também não são de *sua* responsabilidade. Não há nada que você possa fazer. Além disso, a data do julgamento só será daqui a várias semanas. Você estará na Pensilvânia até então.

— Não vou para a Pensilvânia. — Ele está louco se pensa que vou abandoná-lo. Ele realmente acha que vou deixá-lo sentado na prisão enquanto me movo pelo país como se não tivesse crescido um osso no coração durante o verão? — E o filho de Marjorie? Que tipo de advogado é ele?

Ele não respondeu à minha pergunta.

— Samson? — Puxo meu telefone de volta e a ligação cai. — *Merda.*

Pressiono meu telefone na minha testa. Ele provavelmente não vai conseguir me ligar de volta. Terei que esperar e falar com ele pessoalmente amanhã. Tenho muitas outras perguntas que já preciso adicionar à lista.

Mas também tenho trabalho a fazer, então atravesso a rua direto para a casa de Marjorie. Bato na porta dela até ela abrir.

Esqueci que ainda é muito cedo. Ela está de camisola, amarrando o robe quando abre a porta. Ela me olha da cabeça aos pés. — O que no mundo deixou você tão nervosa?

— É Samson. Ele está na prisão.

Um flash de preocupação inunda seus olhos, e então ela se afasta para me deixar entrar. — Pelo quê?

— A casa em que ele está hospedado não pertence a ele. Ele foi preso esta manhã porque os proprietários apareceram no meio da noite.

— Samson? Você tem certeza?

Concordo. — Eu estava lá. Ele vai precisar de um advogado, Marjorie. Alguém que pode dedicar mais tempo ao seu caso do que um defensor público.

— Sim, essa é uma boa ideia.

— Seu filho. Que tipo de advogado é ele?

— Ele é de defesa... *não*. Não, não posso pedir a Kevin para fazer isso.

— Por que não? Estou conseguindo um emprego. Eu posso pagar a ele.

Marjorie parece dividida. Não posso dizer que a culpo. Ela admitiu para mim na primeira vez que me conheceu que mal

conhecia Samson. Tenho mais coisas em jogo aqui do que ela, mas ela não pode ignorar tudo o que ele fez por ela. Um dos gatos de Marjorie sobe no balcão da cozinha ao lado dela. Ela o pega e leva ao peito.

— Quanto Samson cobrou de você por todo o trabalho que ele fez aqui?

Ela leva um minuto para entender minha pergunta. Sua postura afunda um pouco. — Nada. Ele não aceitaria nenhum dinheiro de mim.

— Exatamente. Ele não é uma pessoa má e você sabe disso, Marjorie. — Entrego a ela meu celular. — Por favor. Ligue para seu filho. Você deve este favor a Samson.

Ela coloca o gato no chão e acena com a mão petulante para o meu telefone. — Não sei como usar essas coisas. — Ela vai até a cozinha e pega um telefone fixo, depois começa a discar o número do filho.



Kevin concordou em entrar em contato com Samson, mas apenas porque sabe o quanto Samson ajudou Marjorie nos

últimos meses. Ele não concordou em aceitá-lo gratuitamente, ou mesmo o seu caso, mas estou um passo mais perto do que estava antes de entrar na casa de Marjorie.

Agora que estou saindo, ela me deu um quilo de nozes. — Vou comer amêndoas na próxima semana, — diz ela.

Eu sorrio. — Obrigada, Marjorie.

Quando volto para dentro de nossa casa, largo as nozes na mesa e pego as duas mochilas que meu pai trouxe esta manhã. Estou subindo quando ele sai para o corredor. — Beyah?

Continuo caminhando — Vou ficar no meu quarto o resto do dia. Prefiro não ser incomodada; vou para a cama.

— Beyah, espere — eu o ouço dizer.

Quando chego ao topo da escada, ouço Alana dizer: — Ela pediu para ficar sozinha, Brian. Acho que ela está falando sério.

Alana está certa. Quero dizer isso. Não quero sermões de meu pai sobre o terrível Samson humano. Estou muito triste para isso. E muito cansada.

Talvez tenha dormido duas horas no máximo na noite passada, e mesmo com a adrenalina que está bombeando em minhas veias desde que acordei, meus olhos estão começando a ficar mais pesados a cada segundo.

Deixo cair nossas mochilas ao lado da cama e caio no colchão. Deito nele, olhando pelas portas de vidro da varanda. Está tão claro lá fora. Tão quente. Tão feliz.

Eu me levanto e fecho as cortinas, então rastejo de volta para a cama. Só quero que o dia já termine e ainda não é hora do almoço.

Eu me viro, viro e fico olhando para o teto por mais de uma hora. Eu simplesmente não consigo parar de pensar no que vai acontecer. Quanto tempo ele vai ficar na prisão? Ou isso significa que ele realmente será condenado a uma pena de prisão? Se ele realmente tem tantas acusações contra ele, que tipo de tempo ele terá? Seis meses? Dez anos?

Não vou conseguir dormir sem algum tipo de ajuda. Minha mente está correndo muito. Abro a porta e espero até parecer que a cozinha está limpa. Desço as escadas e vou até a despensa. Eu sei que há uma seção aqui onde eles guardam seus remédios. Folheio os frascos, mas não encontro nada que possa me ajudar a dormir.

Talvez eles o mantenham no banheiro. Meu pai e Alana já deveriam estar indo para o trabalho, então vou ao banheiro e abro o armário de remédios. Não há nada aqui além de pasta de dente e escovas de dente sobressalentes. Uma espécie de pomada. Um recipiente com cotonetes.

Bato a porta do armário de remédios, mas me assusto quando vejo Alana parada atrás de mim no reflexo do espelho. — Desculpe. Achei que você estava no trabalho.

— Tirei o dia de folga, — diz ela. — O que você está procurando?

Eu me viro e olho para ela desesperadamente. — Só preciso de um calmante ou algo assim. Eu preciso dormir. Ainda não dormi e minha mente está disparada. — Aceno minhas mãos em meu rosto, tentando empurrar as lágrimas que foram milagrosamente contidas desde a noite passada.

— Posso fazer um chá para você.

Chá? Ela quer me fazer chá?

Ela é dentista, certamente tem uma receita de alguns tranquilizantes para cavalo em algum lugar desta casa.

— Não quero *chá*, Alana. Preciso de algo que funcione. Eu não quero estar acordada agora. — Trago minhas mãos e cubro meu rosto. — Dói muito pensar, — sussurro. — Eu nem quero sonhar com ele. Só quero dormir e não sonhar ou pensar ou sentir.

Tudo começa a bater no centro do meu peito.

Tudo o que Samson disse ao telefone bate em mim com tanta força que tenho que me apoiar na pia. Sua voz ecoa na minha cabeça. — *Vou ficar aqui um pouco, Beyah.*

Quanto tempo tenho que ir antes de ser feliz novamente?

Não quero voltar a ser quem era antes de conhecê-lo. Não tinha nada dentro de mim, exceto amargura e raiva. Sem sentimento, sem alegria, sem conforto. — E se ele ficar fora por tanto tempo, ele não quiser fazer parte da minha vida quando ele sair?

Não quis dizer isso em voz alta. Ou talvez eu tenha.

Minhas lágrimas começam a cair e Alana responde imediatamente. Ela não diz nada que me faça sentir mal por estar triste. Ela apenas envolve seus braços em volta de mim e enfia minha cabeça em seu ombro.

É um conforto completamente desconhecido, mas que preciso desesperadamente agora. O conforto de uma mãe. Eu soluço contra ela por vários minutos. É tudo que eu não sabia que precisava neste momento. Apenas um pequeno pedaço de simpatia de *alguém*.

— Queria que você pudesse ter sido minha mãe, — digo em meio às lágrimas.

Sinto seu suspiro. — Oh, querida, — ela sussurra com simpatia. Ela se afasta e me olha suavemente. — Vou te dar um leve, mas é o único que você vai receber de mim.

Concordo. — Eu prometo que nunca vou pedir novamente.

VINTE E SEIS

Eu dormi muito duro. Parece que meu cérebro está comprimido para o lado direito da minha cabeça.

Eu me sento na cama e olho para fora. Está quase escuro agora. Olho para a hora no meu telefone e vejo que já passa das sete. Meu estômago está roncando tão alto que pode ser o que me acordou.

Deixei a campainha do meu telefone ajustada para alta, mas nunca fez barulho e não tenho chamadas perdidas.

Mais catorze horas até conseguir vê-lo.

Chego ao chão e pego a mochila de Samson. Eu despejo o conteúdo na minha cama e começo a vasculhar tudo.

Literalmente, tudo o que ele possui está na minha cama agora.

São dois pares de shorts e duas camisetas da marca de Marcos. Ele estava usando o outro conjunto quando foi preso, então isso significa que ele só tem três mudas de roupa? Percebi que ele usava muito as mesmas camisetas, mas presumi que estava fazendo isso para apoiar o Marcos. Ele provavelmente as lavava regularmente na esperança de que ninguém notasse.

Há artigos de toalete em uma bolsa. Pasta de dente, desodorante, escova de dentes, corta-unhas. Mas sem carteira.

Ele realmente perdeu sua carteira antes de irmos fazer tatuagens, ou ele nunca teve uma? Se ele está sozinho desde a morte do pai, como é que ele conseguiu uma carteira de motorista?

Tenho muitas perguntas. Não há como nossa visita de amanhã ser longa o suficiente para que ele responda a todas.

No fundo de sua mochila, encontro um saco plástico Ziploc. A sacola está cheia de pedaços de papel dobrados. Eles estão todos um pouco desbotados com uma tonalidade amarela, então eles são obviamente velhos.

Abro a sacola, tiro um dos pedaços de papel e desdobro.

Garotinho

Mordido pelo frenesi como eu

Exaustão nos olhos

Ele está ficando com raiva do mar

Mais cansado do que deveria

Tão cansado de ser livre

– Rake Bennett

13/11/07

Samson mencionou que Rake costumava escrever poesia. Eu fico olhando para este poema e tento entendê-lo.

É sobre Samson? Todas essas notas são do pai dele? É datado de quando Samson tinha cerca de doze anos. Um ano antes de o furacão chegar.

Tão cansado de ser livre.

O que essa linha significa? Seu pai achava que Samson estava cansado de viver a vida no oceano com ele?

Pego o resto dos pedaços de papel, precisando ler cada um deles. Eles são todos datados de antes do furacão Ike, todos escritos por seu pai.

Ela vive

Quando você nasceu, sua mãe também nasceu.

Enquanto você viver,

ela também estará viva.

– Rake Bennett

30/08/06

Foi

Conheci sua mãe enquanto ela estava na praia,

seus pés enterrados na areia.

Lamento não ter caído de joelhos para recolher alguns dos grânulos

nas palmas das minhas mãos.

Eu me pergunto se algo do que tocamos já foi pisado pelos pés dela.

Ou cada grão de areia que ela já encontrou

já foi levado de volta para o mar?

– Rake Bennett

16/07/07

Caro Shawn,

Cada criança eventualmente anseia por um novo lugar para estar.

Decidi que sua primeira casa seria um barco, mas agora me pergunto,

Este barco é a casa da qual você fugirá?

Se então,

esse grave erro é culpa minha.

Porque quando um homem diz *vou para casa*,

ele deveria estar indo para o mar.

-Rake Bennett

03/01/08

Há pelo menos vinte poemas e cartas no saco. Apenas alguns foram escritos diretamente para Samson, mas com base em todas as folhas de papel como um todo, tenho a impressão de que o que Samson me disse sobre seu pai era verdade. Rake vivia na água, mas a parte que Samson deixou de fora foi que ele vivia na água com Rake também.

VINTE E SETE

— Beyah Grim?

Eu praticamente pulo da cadeira. Meu pai também se levanta, mas não quero que meu pai vá comigo ver Samson. — Você não tem que vir.

— Não vou permitir que você entre lá sozinha. — Sua declaração é definitiva, como se não houvesse espaço para negociação.

— Pai, *por favor*. — Não sei se Samson terá vontade de ser honesto comigo se meu pai estiver sentado em frente a ele. — Por favor.

Ele acena com firmeza. — Vou esperar no carro.

— Obrigada.

Sigo o guarda enquanto ele me leva a uma sala grande e aberta. São várias mesas e quase todas estão cheias de gente visitando outros presidiários.

É deprimente. Mas não tão deprimente quanto pensei que seria. Achei que estaria do lado de uma janela de vidro, incapaz de tocá-lo.

Meus olhos imediatamente procuram e encontram Samson sentado sozinho em uma mesa do outro lado da sala. Ele está vestindo um macacão azul escuro. Vê-lo em algo diferente de seus shorts de praia normais faz tudo parecer mais real.

Quando ele finalmente olha para cima e me vê, ele imediatamente se levanta. Não sei por que esperava que suas mãos estivessem algemadas, mas estou aliviada em ver que não estão. Corro para ele e caio direto em seus braços. Ele me puxa contra ele com os braços apertados.

— Sinto muito, — ele diz.

— Eu sei.

Ele me segura por um momento, mas não quero colocá-lo em apuros, então nos separamos e me sento de frente para ele. A mesa é pequena, então não estamos tão distantes um do outro, mas ele sente que está a um mundo de distância.

Ele pega uma das minhas mãos e a segura com as suas, pousando nossas mãos sobre a mesa. — Eu te devo tantas respostas. Por onde você quer que eu comece?

— Qualquer lugar.

Ele leva um momento para descobrir por onde começar. Trago minha outra mão para a dele até que todas as nossas quatro mãos estejam em uma pilha sobre a mesa. — Tudo que disse a você sobre minha mãe era verdade. O nome dela era

Isabel. Eu tinha apenas cinco anos quando aconteceu, mas embora não me lembrasse muito da minha vida antes de sua morte, sabia que mudou drasticamente depois que ela se foi. Rake é meu pai; eu omiti isso. Depois que minha mãe morreu, ele parecia perdido quando não estava na água. É como se ele não pudesse imaginar estar em qualquer lugar que ela não estivesse, então ele me tirou da escola e nós vivemos em seu barco por vários anos. E essa foi a minha vida, até Darya tirá-lo de mim.

— Então é isso que você quis dizer quando disse que Darya partiu seu coração?

Ele concorda.

— Onde você estava quando o furacão começou?

A mandíbula de Samson endurece, como se essa não fosse uma memória que ele quisesse reviver. Ele olha para nossas mãos enquanto fala. — Meu pai me deixou em uma igreja. É onde muitos moradores se abrigaram, mas ele se recusou a ficar comigo. Ele queria ter certeza de que seu barco estava seguro, já que era nossa vida inteira. Ele me disse que voltaria antes de escurecer, mas nunca mais o vi depois daquela noite. — Ele traz seus olhos de volta para os meus. — Eu queria ficar na península, mas não sobrou nada depois do furacão. Era difícil para um garoto de treze anos se esconder ali, ou mesmo sobreviver naquele ponto, então tive que ir embora. Sabia que se contasse a

alguém que meu pai estava desaparecido, seria jogado em um lar coletivo, então passei os próximos anos tentando ser invisível. Acabei trabalhando com um amigo em Galveston fazendo biscates, como operário de corte. Ele era o cara que você conheceu no restaurante. Éramos jovens e fazíamos algumas merdas idiotas. Ele eventualmente nos alcançou.

— E a acusação de incêndio criminoso?

— Tecnicamente não é minha culpa. O proprietário mandou fazer um trabalho elétrico de merda, mas se não tivesse invadido aquela casa naquela noite e ligado a energia, ela nunca teria pegado fogo. Então, no papel, *foi* minha culpa. — Samson enfia seus dedos nos meus. — Assim que soube que tinha outro mandado de prisão, optei por voltar aqui uma última vez antes de me entregar. Não sei se estava procurando por um fechamento ou se esperava encontrar meu pai, mas acabei encontrando ambos. Mas também te encontrei e nunca mais quis partir. — Samson passa o polegar no topo da minha mão esquerda. — Sabia que ficaria na prisão por um tempo, então estava tentando esticar meu tempo com você antes de você partir. — Ele suspira. — O que mais você quer saber?

— Como você sabia o código de alarme daquela casa?

— O proprietário usa o número da casa como código. A senha mais fácil de adivinhar.

É difícil julgá-lo quando esse julgamento seria extremamente hipócrita da minha parte. Admiro suas habilidades de sobrevivência.

— E a Academia da Força Aérea? Isso era verdade?

Ele olha para baixo, incapaz de encontrar meu olhar. Ele balança a cabeça. — Eu queria ir para a Força Aérea. Esse era o meu plano, até que estraguei tudo. Mas havia coisas sobre as quais menti, como ser uma tradição de família. Eu disse muitas coisas que não eram verdade. Mas tive que apoiar meu raciocínio por estar naquela casa com mentiras que nunca quis contar a você. É por isso que não respondi suas perguntas. Não gostei de ser desonesto com você. Ou qualquer um. Eu só...

— Você não teve escolha, — digo, terminando seu pensamento. Entendi. Eu estive lá minha vida toda. — Você é aquele que disse que as decisões erradas vêm da força ou da fraqueza. Você não estava mentindo porque era fraco, Samson.

Ele respira lentamente, como se temesse o que está por vir. Todo o seu comportamento muda quando ele me olha nos olhos. O peso desta sala começa a se fechar sobre mim com aquele olhar. — Ontem no telefone, você mencionou que não iria para a Pensilvânia.

É uma afirmação, mas ele pretende que seja seguida de uma resposta. — Eu não posso deixar você.

Ele balança a cabeça, puxando as mãos das minhas. Ele as passa pelo rosto como se estivesse frustrado comigo, então ele agarra minhas mãos com ainda mais força. — Você vai para a faculdade, Beyah. Minha bagunça não é sua para limpar.

— Sua *bagunça?* Samson, o que você fez não é tão ruim. Você era uma criança que praticamente se criou nas ruas. Como você deveria se recuperar depois de ser libertado da prisão pela primeira vez? Tenho certeza de que se você contar a eles por que o incêndio começou e por que você quebrou a condicional, eles entenderão.

— O tribunal não se importa por que infringi a lei; eles só se importam que eu tenha quebrado.

— Bem, eles *deveriam se* importar.

— Não importa o quão falho o sistema seja, Beyah. Nós dois não vamos mudar isso da noite para o dia. Estou prevendo vários anos e não há nada que qualquer um de nós possa fazer a respeito, então não há razão para você ficar no Texas.

— Você é uma razão suficiente. Como irei visitá-lo se estiver na Pensilvânia?

— Não quero que você me visite. Eu quero que você vá para a faculdade.

— Eu posso ir para a faculdade aqui.

Ele ri, mas não há sorriso em sua risada. É uma risada exasperada. — Por que você está sendo tão teimosa? Este foi o nosso plano durante todo o verão – seguir caminhos separados quando você sair para a escola.

Suas palavras estão cavando em mim, torcendo minhas entranhas. Minha voz sai em um sussurro quando digo: — Achei que as coisas mudaram. Você disse que cresceu ossos em nossos corações.

Todo o corpo de Samson sente esse comentário. Ele afunda um pouco, como se o estivesse machucando. Não quero machucá-lo, mas ele vale mais do que isso. Ele não era descartável para mim.

— Não posso estar tão longe de você, — digo baixinho. — Telefonemas e cartas não serão suficientes.

— Também não quero telefonemas ou cartas. Eu quero que você vá viver sua vida e não seja oprimida pela minha. — Ele pode ver o choque em meu rosto, mas não me dá tempo para discutir com ele. — Beyah. Estivemos sozinhos em ilhas toda a nossa vida. É por isso que nos conectamos, porque reconhecemos essa solidão um no outro. Mas esta é sua chance de sair da sua ilha, e me recuso a segurá-la por quantos anos eu estiver fora.

Eu posso sentir as lágrimas. Olho para baixo quando uma cai na mesa. — Você não pode me interromper. Eu não posso fazer isso sem você.

— Você já *fez* isso sem mim, — ele diz, sua voz determinada. Ele estende o braço por cima da mesa e levanta meu rosto de modo que sou forçada a olhar para ele. Ele parece tão quebrado quanto eu. — Não tive nada a ver com suas realizações. Não tive nada a ver com quem você se tornou. Por favor, não me faça ser a razão de você desistir de tudo.

Quanto mais ele se compromete com a ideia de que não quer que eu fique em contato com ele, mais furiosa fico.

— Isso não é justo para mim. Você espera que simplesmente vá embora e não tenha nenhum contato com você? Por que você deixou me apaixonar por você em primeiro lugar, quando você sabia que esse seria o resultado final?

Ele exala bruscamente. — Nós concordamos que isso terminaria em agosto, Beyah. Nós concordamos em mantê-lo na parte rasa.

Reviro meus olhos. — Foi você quem disse que as pessoas ainda se afogam na parte rasa. — Eu me inclino para frente até ter seu foco novamente. —Eu estou me afogando, Samson. E é você quem está me segurando debaixo d'água. — Limpo meus olhos com raiva.

Samson pega minhas mãos novamente, mas desta vez, é diferente. Há uma dor em sua voz quando ele diz: — Sinto muito. — É tudo o que ele diz, mas posso dizer que é seu adeus.

Ele se levanta como se a discussão tivesse acabado, mas ele está olhando para mim como se quisesse que eu me levante também. Cruzo os braços com força sobre o peito. — Eu não vou te dar um abraço de adeus. Você não merece mais me abraçar.

Samson acena um pouco. — Eu nunca mereci segurar você em primeiro lugar. — Ele se vira para sair, e imediatamente fico com medo de que seja a última vez que o verei. Samson não diz coisas com aquele olhar, a menos que seja sincero. Ele não vai permitir que eu o veja novamente. É isso. É aqui que terminamos.

Eu pulo quando ele começa a se afastar. — Samson, espere!

Ele se vira bem a tempo de me pegar quando jogo meus braços em volta dele. Enterro meu rosto em seu pescoço. Quando ele me envolve em seus braços, começo a chorar.

Muitas coisas estão passando por mim ao mesmo tempo. Já sinto muita falta dele, mas também estou com mais raiva do que nunca. Eu sabia que isso ia acontecer – o adeus. Mas não sabia que seria nessas circunstâncias. Eu me sinto impotente. Queria que nosso adeus fosse uma escolha da qual eu participei, mas não estou tendo escolha.

Ele beija o lado da minha cabeça. — Aceite a bolsa, Beyah. E divirta-se. *Por favor*. — Sua voz falha, por *favor*. Ele me solta e vai até um guarda parado ao lado de uma porta. Sinto-me pesada sem ele, como se tivesse perdido todo um sistema de apoio e não conseguisse mais me sustentar sozinha.

Samson é levado para fora da sala e nem mesmo olha para mim para ver a destruição que deixou para trás.

Estou chorando quando chego ao carro do meu pai. Eu bato a porta, com raiva e com o coração partido. Não consigo nem começar a absorver o que acabou de acontecer lá. Não esperava por isso. Eu esperava exatamente o oposto disso. Pensei que íamos resolver isso como uma equipe, mas em vez disso, ele me deixou completamente sozinha, como qualquer outra pessoa na minha vida.

— O que aconteceu?

Balancei minha cabeça. Não consigo nem dizer em voz alta. — Apenas dirija.

Meu pai segura o volante até que os nós dos dedos fiquem brancos. Ele liga o carro e dá ré. — Eu deveria ter batido nele na noite em que o tirei de você no chuveiro.

Nem tento explicar que ele não estava me protegendo de Samson naquela noite. Samson estava me ajudando, mas neste ponto, outra explicação seria inútil. Apenas vou com uma declaração geral. — Ele não é uma pessoa ruim, pai.

Meu pai coloca o carro de volta no estacionamento. Ele me encara, sua expressão inflexível. — Não sei onde errei como pai, mas não criei uma filha que defenderia um cara que mentiu para

ela o verão inteiro. Você acha que ele se preocupa com você? Ele não se preocupa com ninguém além de si mesmo.

Ele está falando sério?

Ele realmente teve a audácia de dizer que me *criou*?

Olho para ele, minha mão na maçaneta da porta. — Você não criou uma filha em *tudo*. Se alguém está mentindo neste cenário, é *você*. — Abro minha porta e saio de seu carro. Não quero ficar com ele de jeito nenhum até a Península Bolívar.

— Volte para o carro, Beyah.

— Não. Estou chamando Sara para vir me buscar. — Sento-me na calçada ao lado do carro. Meu pai sai do carro enquanto pego meu telefone. Ele chuta o cascalho e faz um gesto em direção ao carro.

— Entre. Vou te levar para casa.

Limpo as lágrimas dos meus olhos depois de discar o número de Sara. — Não vou entrar no seu carro. Você pode sair agora.

Meu pai não vai embora. Sara concorda em vir me buscar, mas meu pai fica sentado pacientemente no carro até ela chegar.

VINTE E OITO

Foi uma semana agonizante, sem notícias de Samson. Nada mesmo. Tentei visitá-lo duas vezes, mas ele se recusa a me ver agora.

Não tenho absolutamente nenhuma maneira de me comunicar com ele. Tudo o que tenho que agarrar são as memórias do tempo que passamos juntos, e estou preocupada que comecem a desaparecer se não conseguir ouvir sua voz.

É realmente esperado que eu siga em frente? Esqueça dele? Vá para a faculdade como se ele não me obrigasse a me tornar uma versão completamente diferente e melhor de mim mesma neste verão?

Parei de falar sobre Samson para qualquer pessoa nesta casa. Nem quero o nome dele mencionado porque isso só leva a discussões. Eu mal saí do meu quarto a semana toda. Ocupo meus dias com programas de TV estúpidos e visitas à casa de Marjorie. Ela é a única com quem vou falar sobre ele. Ela é a única do meu lado.

Tenho alternado entre as duas camisas que estavam na mochila de Samson a semana toda, mas elas não têm mais o cheiro dele. Elas cheiram como eu agora, e é por isso que estou

aninhada em sua mochila, assistindo a uma maratona de um show de panificação britânico.

Não sei o que fazer com as coisas dele. Duvido que ele se importe em guardar artigos de toalete, e não havia nada de valor em sua mochila além dos poemas que seu pai escreveu para ele. Mas não quero entregá-los à Marjorie para chegar até ele, porque sinto que são minha última ligação com ele.

Eles podem um dia ser a única desculpa que tenho para fazê-lo falar comigo.

Vou ter que seguir em frente em algum momento. Eu sei disso, mas enquanto ainda estiver aqui e ele ainda na prisão, não posso me concentrar em mais nada.

Reajusto a mochila em meus braços para usá-la como um travesseiro parcial, mas algo duro cutuca minha têmpora. Abro para ver se perdi um item, mas não vejo nada. Eu movo minha mão dentro da mochila e encontro um zíper que não peguei antes.

Eu imediatamente me sento e abro o zíper. Pego um pequeno caderno de capa dura. Tem apenas cerca de dez centímetros de comprimento. Eu o abro e está cheio de nomes e endereços, e o que parecem ser listas de compras.

Eu folheio várias páginas, sem conseguir entender nada disso. Mas então chego a uma página com o nome e endereço de Marjorie.

Marjorie Naples

Data da estadia: 02-04-15 a 02-08-15.

Comeu $ 15 em comida.

Telhado reparado. Substituídas duas peças de revestimento no lado norte da casa danificadas pelo vento.

Existem vários outros nomes e endereços que seguem o de Marjorie, mas preciso saber o significado das datas. Pego meu telefone e ligo para ela.

— Olá?

— Ei, é Beyah. Pergunta rápida. As datas de 4 a 8 de fevereiro deste ano têm algum significado para você?

Marjorie pensa nesse pensamento por um momento. — Tenho quase certeza de que esses são os dias em que estive no hospital depois do meu ataque cardíaco. Por quê?

— Apenas algo que eu encontrei na mochila de Samson. Vou trazer mais tarde para que você possa dar para Kevin.

Eu digo adeus a ela e encerro a ligação, então começo a folhear todas as outras coisas que ele escreveu. O endereço mais comum é o vizinho de David Silver. Existem várias datas listadas.

A maioria deles entre março e a semana passada. Abaixo do nome de David, há uma lista de reparos.

Apertou várias ripas soltas na grade da varanda do quarto. Substituiu um fusível quebrado na caixa do disjuntor. Vazamento selado na tubulação do chuveiro ao ar livre.

As listas continuam. Existem biscates que ele fez para as pessoas e quanto ele recebeu por cada trabalho, o que explica como às vezes ele tinha dinheiro para coisas como jantar e tatuagens. Também há listas de pessoas para quem ele trabalhou e não recebeu pagamento.

Todos os dias dos últimos sete meses são contabilizados. Todos os alimentos que ele comia da geladeira de alguém sem permissão. Cada reparo que ele fez na casa de alguém. Ele está acompanhando tudo isso.

Mas, por quê? Será que ele sentiu que consertar essas propriedades de graça estava compensando o fato de que estava hospedado nelas sem permissão?

Essa poderia ser a prova de que o tribunal precisa saber que ele não merece todas as acusações feitas contra ele?

Desço correndo e encontro meu pai e Alana no sofá da sala. Sara e Marcos estão juntos no sofá. Todos estão assistindo a *Roda da Fortuna*, mas meu pai muda o som quando vê que desci pela primeira vez hoje.

Entrego o caderno para meu pai. — Isso pertence a Samson. — Ele pega o caderno de mim e começa a folheá-lo. — É uma lista detalhada de cada lugar em que ele ficou e como ele os reembolsou.

Meu pai se levanta, ainda folheando o caderno.

— Isso pode ajudá-lo. — Minha voz está cheia de esperança pela primeira vez desde que ele foi preso. — Se pudermos provar que ele estava tentando fazer a coisa certa, isso poderia ajudar sua defesa.

Meu pai suspira antes mesmo de avançar algumas páginas do livro. Ele fecha e devolve para mim. — É uma lista detalhada de tudo que ele fez de errado. Isso vai machucá-lo, não o ajudar.

— Você não sabe disso.

— Beyah, ele só está sendo acusado por duas acusações de arrombamento e invasão. Se você levar isso para a polícia e mostrar a eles quantas casas mais ele invadiu, eles vão usar isso para *aumentar* suas acusações, não tirar delas. — Ele parece frustrado quando dá um passo para perto de mim. — *Por favor,* deixe isso. Você é muito jovem para deixar um cara que mal conhece consumir sua vida assim. Ele errou e tem que pagar as consequências por isso.

Alana está de pé agora. Ela agarra o braço de meu pai em apoio e diz: — Seu pai está certo, Beyah. Não há nada que você possa fazer a não ser seguir em frente.

Sara e Marcos ainda estão sentados na poltrona, olhando para mim de uma forma que me faz sentir patética.

Todos eles acham que sou patética.

Nenhum deles se importa com o que acontece com Samson. E nenhum deles acredita no que tínhamos. Pela primeira vez na minha vida, tive alguém que realmente se importou comigo, e todos os quatro pensam que sou incapaz de saber o que é o amor verdadeiro.

Eu sei o que é amor, porque passei minha vida inteira sabendo o que *não é*.

— A minha mãe morreu. — Parece que todo o ar da sala é sugado depois que eu digo isso.

A mão de Alana vai até a boca.

Meu pai balança a cabeça em descrença. — O quê? Quando?

— Na noite em que liguei para você e perguntei se poderia vir aqui. Ela teve uma overdose porque é viciada desde que me lembro. Não tive ninguém ao meu lado. Nem você. Nem minha mãe. *Ninguém*. Eu estive sozinha toda a minha *maldita* vida. Samson é a primeira pessoa que apareceu e torceu por mim.

Meu pai se aproxima de mim, seu rosto contorcido em confusão e simpatia. — Por que você não me diria algo assim? — Ele passa a mão pelo rosto e murmura: — *Cristo*, Beyah.

Ele tenta me puxar para um abraço, mas recuo.

Eu me viro para ir em direção às escadas, mas meu pai me chama. — Espere. Precisamos discutir isso.

Agora que minha raiva veio à tona, sinto que estou me afogando nela. Preciso tirar tudo enquanto tenho chance. Eu me viro e encaro meu pai novamente.

— Discutir o quê? Tudo o mais que escondi de você? Quer saber como menti quando te conheci no aeroporto? A companhia aérea não perdeu minha bagagem. Nunca tive nada, porque cada centavo que você mandou para Janean, ela guardou para si mesma. Eu tive que começar a transar com um cara por dinheiro quando tinha quinze anos, só para ter o que comer. Então, *vá se foder*, Brian. Você não é meu pai. Você nunca foi e nunca será!

Não me preocupo em esperar por nenhuma de suas reações. Eu subo as escadas e bato a porta do meu quarto.

Meu pai abre cerca de trinta segundos depois.

— Por favor, saia, — digo, minha voz completamente desprovida de emoção agora.

— Precisamos conversar sobre isso.

— Quero ficar sozinha.

— Beyah, — ele diz suplicante, entrando no quarto. Vou até a porta do quarto, recusando-me a deixar o olhar em seu rosto me atingir.

— Você passou dezenove anos sendo um pai não envolvido. Não estou com humor para você finalmente se envolver esta noite. Por favor, me deixe em paz.

Tantas coisas passam pelos olhos do meu pai neste momento. Tristeza. Arrependimento. Empatia. Mas não permito que nenhum de seus sentimentos afete os meus. Fico olhando para ele estoicamente até que ele finalmente balança a cabeça e sai do meu quarto.

Fecho a porta.

Eu caio na cama e puxo o caderno de Samson contra o meu peito.

Para eles, este caderno pode ser uma lista de todos nesta península que ele prejudicou, mas para mim, é mais uma prova de que suas intenções eram boas. Ele tentou fazer a coisa certa com meios inexistentes.

Folheio o caderno novamente, lendo todas as páginas, tocando as palavras com a ponta do meu dedo, traçando sua caligrafia desleixada. Eu li o endereço de todos os lugares que ele já esteve. Metade do caderno está cheia de páginas de sua

caligrafia. É irregular e difícil de ler em alguns lugares, como se ele escrevesse essas coisas com pressa e fechasse o caderno antes de ser pego.

Viro em direção ao final do caderno e paro em uma página que é diferente do resto. É diferente porque meu nome está no topo da página.

Puxo o caderno contra o peito e fecho os olhos. Tudo o que ele escreveu era curto, mas esse era o meu nome.

Eu inspiro e expiro muito lentamente várias vezes até que minha frequência cardíaca volte ao normal. Então puxo o caderno do meu peito e leio suas palavras.

Beyah,

Meu pai uma vez me disse que o amor é muito parecido com a água.

Pode ser calmo. Raivoso. Ameaçador. Calmante.

A água será muitas coisas, mas mesmo em todas as suas formas, sempre será água.

Você é minha água.

Acho que também posso ser a sua.

Se você está lendo isso, significa que evaporei.

Mas isso não significa que você deva evaporar também.

Vá inundar o maldito mundo inteiro, Beyah.

É a última coisa que ele escreveu no caderno. É como se ele estivesse com medo de ser preso antes que pudesse me dizer adeus.

Li a nota várias vezes com lágrimas caindo na página. *Este* é Samson. Não me importo com o que os outros acreditam. É a quem vou segurar até o dia em que ele for solto.

Este é também o motivo pelo qual me recuso a sair. Ele precisa da minha ajuda. Sou tudo que ele tem. Não há como simplesmente me afastar dele agora. A ideia de deixar esta cidade antes de saber seu destino é um movimento egoísta. Ele pensa que está me fazendo um favor, mas não tem ideia do que sua decisão está fazendo comigo. Se ele soubesse, me imploraria para ficar.

Há uma leve batida na minha porta. — Beyah, posso entrar? — Sara espreita a cabeça, mas não estou com vontade de discutir. Nem tenho certeza se tenho força para dizer isso em voz

alta. Apenas agarro o caderno com suas palavras no meu peito e rolo e fico de frente para a parede.

Sara rasteja para a cama comigo e envolve seu braço em volta de mim por trás.

Ela não diz nada. Ela apenas silenciosamente assume seu papel de irmã mais velha e fica comigo até eu adormecer.

VINTE E NOVE

O nascer do sol é a única coisa pacífica em minha vida neste momento.

Estou aqui esperando por isso desde as cinco da manhã. Não conseguia dormir. Como devo dormir depois da última semana que tive?

Cada vez que fecho meus olhos, vejo Samson se afastando de mim sem olhar para trás. Quero me lembrar de todas as vezes que ele olhou para mim com esperança, entusiasmo e intensidade. Mas tudo que vejo é aquele último momento em que ele me deixou chorando e sozinha.

Receio que seja assim que vou me lembrar dele, e não é assim que quero que seja o nosso adeus. Estou confiante de que posso mudar sua opinião. Estou confiante de que posso ajudá-lo.

Tenho uma entrevista de emprego na única loja de donuts na península hoje. Vou economizar cada centavo que puder para ajudá-lo. Sei que ele não quer isso, mas é o mínimo que posso fazer por tudo que ele trouxe para minha vida neste verão.

Certamente continuará sendo um ponto de discórdia entre meu pai e eu enquanto eu ficar nesta casa com ele. Ele acha que estou sendo ridícula por não me mudar para a Pensilvânia. Acho que ele está sendo ridículo por esperar que me afaste de alguém que não tem absolutamente ninguém mais. Poucas pessoas conhecem a solidão como Samson e eu.

Também não sei como meu pai espera que comece tudo de novo em um novo estado pela segunda vez neste verão. Não tenho energia para recomeçar. Eu me sinto completamente esgotada.

Não tenho energia para me mudar pelo país e, especialmente, não tenho energia para jogar vôlei a fim de me qualificar para minha bolsa.

Nem tenho certeza se terei energia para me levantar e fazer donuts todos os dias se conseguir o emprego, mas saber que cada centavo vai para ajudar Samson provavelmente fará com que valha a pena.

Minha atenção é atraída para a porta do meu quarto, assim que o sol começa a aparecer no horizonte. Meu pai enfia a cabeça para fora do meu quarto e todo o meu corpo suspira devido à sua presença.

Era muito tarde para discutir com ele ontem à noite e é muito cedo para discutir com ele esta manhã.

Ele parece aliviado por me ver sentada aqui. Ele provavelmente pensou que fugi no meio da noite quando viu que não estava na minha cama agora.

Eu já quis fugir tantas vezes, mas para onde eu iria? Sinto que não pertenço mais a lugar nenhum. Samson foi o primeiro lugar que senti que pertencia e isso foi arrancado de mim.

Meu pai se senta ao meu lado. Eu não relaxo em seu conforto como relaxava no de Samson. Estou rígida e inflexível.

Ele observa o nascer do sol comigo, mas sua presença o estraga. É difícil encontrar beleza nisso quando tenho tanta raiva dirigida ao homem sentado ao meu lado.

— Lembra-se da primeira vez que fomos à praia? — Ele pergunta.

Balancei minha cabeça. — Nunca fui à praia antes deste verão.

— Sim, você foi. Você era jovem, no entanto. Talvez você não se lembre, mas levei você para Santa Monica quando você tinha cerca de quatro ou cinco anos.

Eu finalmente faço contato visual com ele. — Já estive na Califórnia?

— Sim. Você não se lembra?

— Não.

Sua expressão é de pesar por um momento, mas então ele remove o braço do encosto da cadeira e se levanta. — Eu volto já. Tenho fotos aqui em algum lugar. Peguei o álbum em nossa casa em Houston quando descobri que você viria.

Ele tem fotos da minha infância? Supostamente em uma praia?

Vou acreditar quando ver.

Poucos minutos depois, meu pai volta com um álbum de fotos. Ele se senta na cadeira novamente e o abre, deslizando-a para mim.

Folheio as fotos e sinto que estou olhando para a vida de outra pessoa. Há tantas fotos minhas que nem me lembro de ter tirado. Dias dos quais não tenho absolutamente nenhuma lembrança.

Chego a uma seção de fotos minhas correndo na areia e não consigo conectá-las a uma lembrança. Eu provavelmente nem tinha percebido o significado por trás de uma viagem naquela idade.

— Quando foi isso? — Pergunto, apontando para uma foto comigo sentada em uma mesa em frente a um bolo de aniversário, mas há uma pequena árvore de Natal ao fundo. Meu aniversário é meses depois do Natal e normalmente só visitava meu pai no verão. — Não me lembro de ter passado o Natal com você.

— Tecnicamente, você não fez. Já que você só vinha no verão, eu transformava todos os feriados em uma grande celebração.

Lembro-me vagamente disso agora que ele menciona. Tenho memórias apagadas de estar dolorosamente cheia enquanto abro presentes. Mas isso foi há muito tempo, e essas memórias não foram carregadas comigo ao longo dos anos. Nem as tradições, aparentemente.

— Por que você parou? — Pergunto-lhe.

— Eu não sei, honestamente. Você começou a crescer e, a cada ano que vinha visitá-la, parecia menos interessada nas coisas bobas. Ou talvez eu apenas assumisse que você estava. Você era uma criança tão quieta; Era difícil arrancar alguma coisa de você.

Culpo minha mãe por isso.

Folheio o álbum e paro em uma foto minha sentada no colo do meu pai. Estamos ambos sorrindo para a câmera. Ele está com o braço em volta de mim e estou aninhada contra ele.

Todos esses anos, nunca pensei que ele fosse afetuoso comigo. Foram tantos anos ele *não* sendo carinhoso comigo, *essas* são as coisas que mais me lembro.

Corro meu dedo sobre a imagem, triste com o que quer que tenha acontecido entre nós para mudar nosso relacionamento.

— Quando você parou de me tratar como sua filha?

Meu pai suspira, e seu suspiro é cheio de tantas coisas. — Eu tinha vinte e um quando você nasceu. Nunca soube o que estava fazendo com você. Era mais fácil fingir quando você era pequena, mas conforme você crescia, eu só... me sentia culpado. Essa culpa começou a invadir nosso tempo juntos. Eu senti que suas visitas eram um inconveniente para você.

Balancei minha cabeça. — Era a única coisa que eu esperava.

— Gostaria de ter sido informado disso, — ele disse calmamente.

Estou começando a desejar ter contado a ele.

Se há uma coisa que aprendi com Samson neste verão, é que segurar tudo não leva a nada. Só faz com que a verdade doa ainda mais no final.

— Eu não tinha ideia de que tipo de mãe ela era, Beyah. Sara me contou algumas coisas ontem à noite que você disse a ela e eu só... — Sua voz soa trêmula, como se ele estivesse trabalhando para conter as lágrimas. — Eu fiz tantas coisas erradas. Não tenho desculpa. Você tem todo o direito de ficar ressentida porque está certa. Deveria ter lutado mais para te conhecer. Eu deveria ter lutado mais para ficar mais tempo com você.

Meu pai pega o álbum de fotos de mim e o coloca na cadeira ao lado dele. Ele me encara com uma expressão cheia de desconforto. — Sinto que o que você está fazendo, permitindo que o destino desse cara dite seu próprio futuro – é minha culpa, porque nunca dei um exemplo para você. Mas, apesar disso, você acabou sendo a pessoa incrível que é, e isso não é por minha causa. É por sua causa. Você é uma lutadora, então naturalmente quer ficar e lutar por Samson. Talvez seja porque você vê muito de si mesma nele. Mas e se ele não for quem você pensa que é e você tomar a decisão errada?

— Mas e se ele for exatamente quem eu penso que é?

Meu pai pega minha mão direita e a segura entre as suas. Ele parece tão sincero, olhando para mim com uma honestidade tão crua. — Se Samson é a pessoa que você pensa que ele é, o que você acha que ele desejaria para você? Você acha que ele gostaria que você desistisse de tudo pelo que trabalhou? — Olho para longe de meu pai, em direção ao nascer do sol. Estou segurando todos os meus sentimentos na minha garganta.

— Eu te amo, Beyah. O suficiente para admitir que você foi decepcionada por muitas pessoas em sua vida. Eu sendo uma delas. A única pessoa que sempre foi completamente leal a você é *você*. Você está prestando um péssimo serviço a *si mesma* por não *se* colocar em primeiro lugar agora.

Eu me inclino para frente e seguro minha cabeça em minhas mãos. Aperto meus olhos fechados. Eu sei que é isso que Samson quer, que eu me coloque antes dele. Só não *quero que* ele queira isso para mim.

Meu pai esfrega a mão nas minhas costas, e a sensação é tão calmante, me inclino para ele, envolvendo meus braços em volta dele. Ele me abraça de volta, passando a mão gentilmente pela minha cabeça.

— Eu sei que dói, — ele sussurra. — Eu gostaria de poder tirar essa dor de você.

Isso dói. É brutal *pra* caralho. Não é justo. Finalmente tenho algo bom na minha vida e agora estou sendo forçada a deixar isso para trás.

Eles estão certos, no entanto. Todo mundo está certo, menos eu. Preciso me colocar em primeiro lugar. É o que sempre fiz e funcionou para mim até agora.

Penso na carta que Samson me escreveu, e na última linha que ficou gravada em meu coração. *Vá inundar o maldito mundo inteiro, Beyah.*

Eu inalo um gole do ar salgado da manhã, sabendo que não vou conseguir muitos mais deles antes de partir para a Pensilvânia. — Você vai cuidar do Pepper Jack Cheese enquanto eu estiver fora?

Meu pai suspira de alívio. — Claro que eu vou. — Ele dá um beijo suave no meu cabelo. — Eu te amo, Beyah.

Há tanta verdade em suas palavras e, pela primeira vez, me permito acreditar nele.

Este é o momento em que eu libero tudo. Cada coisa da minha infância que deixou meu coração tão pesado.

Libero minha raiva em relação ao meu pai.

Eu até mesmo libero minha raiva contra minha mãe.

A única coisa em que vou me agarrar a partir de agora são as coisas boas.

Posso não estar terminando o verão com Samson ao meu lado, mas estou terminando com algo que não tinha quando apareci aqui.

Uma família.

TRINTA

Minha colega de quarto é uma garota de Los Angeles. O nome dela é Cierra *com C.*

Nós nos damos bem, mas estou tentando manter o foco na escola e no vôlei, então não tenho saído com ela fora do nosso dormitório. Exceto quando nós duas estamos aqui fazendo lição de casa ou dormindo, não a vejo muito. É estranho como vivi do outro lado do corredor de Sara por um verão e a vi mais do que vejo a pessoa que vive no mesmo quarto que eu agora.

Sinto falta de Sara, embora mandemos mensagens todos os dias. Eu e meu pai também.

Nenhum de nós fala sobre Samson, entretanto. Não desde aquela manhã que decidi vir para a Pensilvânia. Preciso que todos acreditem que segui em frente, mas não tenho certeza de como. Eu penso nele o tempo todo. Vejo ou ouço algo e sinto uma necessidade intensa de contar a ele sobre isso. Mas não posso, porque ele fez questão de cortar qualquer forma de comunicação que pudesse ter com ele.

Escrevi uma carta para ele e ela me foi devolvida. Chorei a tarde inteira, mas decidi não escrever para ele depois disso.

Sua audiência era esta manhã. Com base em todas as acusações, ele está pegando vários anos de potencial prisão. Fiquei esperando ao lado do meu telefone o dia todo por um telefonema de Kevin.

É tudo o que tenho feito. Olhando para o meu telefone. Esperando. Finalmente me canso e disco o número de Kevin. Sei que ele disse que me ligaria após a sentença de Samson, mas talvez ele tenha se atrasado. Olho para trás para ter certeza de que Cierra ainda está no chuveiro e, em seguida, sento na minha cama quando Kevin atende.

— Eu estava prestes a ligar para você.

— O que aconteceu?

Kevin suspira, e sinto todo o peso da frase de Samson naquele suspiro. — Boas e más notícias. Conseguimos reduzir as acusações de invasão de propriedade. Mas eles não cederam na acusação de incêndio criminoso por causa das filmagens de segurança.

Meu braço está enrolado com força em volta do meu estômago. — Quanto tempo, Kevin?

— Seis anos. Mas ele provavelmente vai sair em quatro.

Eu pressiono minha mão na minha testa e coloco minha cabeça entre meus ombros. — Por que tão demorado? Isso é tão longo.

— Poderia ter sido muito pior. Ele enfrentaria dez anos apenas pelo incêndio criminoso. Se ele já não tivesse violado a liberdade condicional no passado, provavelmente teria levado uma pulseira no pulso. Mas esta não é sua primeira ofensa, Beyah.

— Mas você explicou ao juiz *por que* ele violou a liberdade condicional? Ele não tinha dinheiro. Como eles podem esperar que as pessoas paguem taxas de liberdade condicional quando não têm dinheiro?

— Eu sei que não é a notícia que você queria, mas é melhor do que poderia ter sido.

Estou tão chateada. Sinceramente, não pensei que ele seria condenado a tanto tempo. — Os estupradores ganham menos tempo do que ele. O que há de errado com nosso sistema judicial?

— Tudo. Você está na faculdade. Talvez você devesse se tornar uma advogada e fazer algo a respeito.

Talvez eu vá. Eu ainda não declarei a graduação e nada me irrita mais do que pensar em todas as pessoas que caíram pelo buraco. — Para que prisão eles o estão enviando?

— Huntsville, Texas.

— Você tem um endereço de correspondência para ele?

Posso ouvir a hesitação de Kevin pelo telefone. — Ele não quer visitantes. Ou correio. Meu nome é o único em sua lista além de minha mãe.

Eu percebi isso. Samson vai ser teimoso sobre isso até o dia em que ele sair. — Estou ligando para você todo mês até que ele seja solto. Mas, por favor, ligue-me primeiro se houver alguma mudança ou se ele sair em liberdade condicional mais cedo. Qualquer coisa. Mesmo se ele se mudar para um local diferente.

— Posso te dar um conselho, Beyah?

Rolo meus olhos, esperando por outro sermão de outra pessoa que não conhece Samson.

— Se você fosse minha filha, lhe diria para seguir em frente. Você está colocando muito esforço nesse cara, e ninguém o conhece bem o suficiente para saber se ele vale esse tipo de energia.

— E se Samson fosse seu filho? — Pergunto-lhe. — Você gostaria que todos simplesmente desistissem dele?

Kevin suspira pesadamente antes de dizer: — Entendi. Acho que vou falar com você no próximo mês.

Ele encerra a ligação. Coloquei meu telefone sobre a cômoda, completamente desapontada. Desamparada.

— Você tem um namorado na prisão?

Eu me viro ao som da voz de Cierra. Meu primeiro instinto é mentir para ela, porque é o que sempre fiz. Esconder minha verdade de todos ao meu redor. Não acho que é quem eu quero mais ser, no entanto.

— Não, ele não é meu namorado. Apenas alguém de quem gosto.

Cierra está de frente para o espelho e segura uma camisa contra o peito. — Bom. Porque há uma festa esta noite e quero que você venha. Haverá tantos caras lá. — Ela joga a camisa de lado e levanta outra. — E meninas também, se é isso que você prefere.

Fico olhando para Cierra enquanto ela se olha no espelho. Há expectativa em seus olhos e muito pouco dano. Ela é quem eu gostaria de ser agora. Alguém animada com as partes divertidas da vida universitária e nada sobrecarregada com as coisas que ela teria que superar para chegar aqui.

Não me pareceu justo me divertir quando Samson está preso atrás das grades, então tudo que fiz desde que cheguei ao campus foi estudar e jogar vôlei e pesquisar maneiras de tirar as pessoas da prisão.

Nenhuma quantidade de lamentações vai mudar o destino de Samson. E embora ele tenha cortado a comunicação comigo, sei exatamente por que ele fez isso. Ele sabe que estarei muito

focada e preocupada com ele se mantiver contato constante com ele. Não posso ficar com raiva dele por isso.

E quando não consigo ficar com raiva dele, como vou esquecê-lo?

Ninguém vai mudar a opinião de Samson, no entanto. Eu sei disso com certeza, porque se os papéis fossem invertidos, iria querer exatamente as mesmas coisas que ele quer para mim.

Entendo suas intenções em cada parte de mim. Como ele reagiria se descobrisse que passei todo o meu tempo na faculdade tão deprimida e sozinha como no colégio?

Ele ficaria muito desapontado se eu desperdiçasse esses anos.

Posso escolher seguir uma estrada solitária de esperança que talvez nunca seja alcançada ou posso descobrir quem sou enquanto estou neste ambiente.

Que versão de mim mesma posso ser enquanto estou aqui?

Corro meus dedos indicadores sob meus olhos. Estou emocionada por vários motivos, mas principalmente porque sinto que devo realmente me libertar de Samson neste momento, ou ele vai me pesar pelos próximos anos de minha vida. Eu não quero isso. E ele também não.

— Uau, — diz Cierra, girando para olhar para mim. — Não queria te chatear. Você não precisa ir.

Eu sorrio para ela. — Não, eu quero. Quero ir a uma festa com você. Acho que posso ser uma pessoa divertida.

Cierra empurra o lábio inferior para fora como se minhas palavras a deixassem triste. — Claro *que* você é divertida, Beyah. Aqui. — Ela me joga a camisa que estava segurando. — Esta cor ficará melhor em você.

Eu me levanto e seguro a camisa para mim. Olho meu reflexo no espelho. Posso sentir a tristeza dentro de mim, mas não vejo no meu rosto. Sempre fui boa em esconder o que estou sentindo.

— Quer que faça sua maquiagem? — ela pergunta.

Concordo. — Sim. Gostaria disso.

Cierra volta para o banheiro. Olho ao lado da porta do banheiro, para a foto de Madre Teresa que pendurei na parede no dia em que cheguei.

Eu me pergunto que versão de si mesma minha mãe poderia ter sido se não fosse por seus vícios? Gostaria de ter conhecido essa versão.

Para o bem dela, essa é a versão dela que vou escolher perder. A pessoa que ela nunca teve a chance de ser.

Beijo meus dedos e os pressiono contra a imagem enquanto passo por ela e entro no banheiro.

Cierra está arrumando sua maquiagem. Prometi a mim mesma quando a conheci que não iria prejudicá-la ao rotulá-la de garota do vestiário como quase fiz com Sara. Não importa quem foi Cierra no colégio ou quem eu era, todos nós somos feitos de mais do que nossos comportamentos anteriores, bons ou ruins.

Não quero mais ser a versão de mim mesma que julgava as pessoas antes de aceitá-las. Estava projetando todos os comportamentos de que me ressentia.

Cierra olha para meu reflexo no espelho e sorri como se ela estivesse tão animada quanto Sara ficaria para me animar.

Eu sorrio de volta para ela e finjo estar animada também.

Se tiver que fingir meu caminho durante todo o ano, é o que vou fazer. Vou sorrir tanto que meu sorriso falso eventualmente se tornará real.

TRINTA E UM

Outono 2019

Hoje tem tudo para ser um dia perfeito. É outubro e o sol está alto, mas está frio o suficiente para que eu esteja sentada no capô do meu carro nas últimas duas horas e nem suei.

Mas, apesar do potencial para o dia, as coisas ainda podem terminar em grande decepção. Eu não faço ideia.

Como Samson reagirá ao passar por essas portas?

Quem será ele?

Quem ele *se tornou?*

Há um ditado de Maya Angelou que me lembra de nossa situação. *Quando alguém lhe mostra quem é, acredite na primeira vez.*

Agarrei-me a esse ditado com tanta força que parece esculpido em meus ossos. Sempre volto a pensar nisso quando começo a ter dúvidas, porque quero acreditar que o verão que passei com Samson foi o Samson real. Quero acreditar que ele espera que eu esteja esperando por ele tanto quanto espero que ele me queira aqui.

Mas mesmo que ele não esteja, acho que já passou tempo suficiente para que o osso do meu coração esteja curado. Ainda há uma rachadura nisso. Às vezes sinto doendo. Principalmente quando já é tarde da noite e não consigo dormir.

Já se passaram mais de quatro anos desde a última vez que o vi, e meus pensamentos sobre ele continuam a se separar ainda mais por trechos de pensamentos que não envolvem Samson. Mas não sei se é porque estou tentando me proteger do que poderia acontecer hoje ou se é porque Samson realmente foi apenas uma aventura de verão em uma vida cheia de outras estações.

Esse é o pior resultado que posso imaginar -- que todos os momentos que compartilhamos que deixaram um impacto tão duradouro em mim, não foram profundos para ele.

Já pensei em me poupar do constrangimento potencial. Ele pode me ver aqui esperando por ele e mal se lembrar de mim. Ou pior - ele poderia sentir pena da garota que aguentou depois de todo esse tempo.

Qualquer uma dessas opções vale o risco, porque a ideia de ele sair por aquelas portas para ninguém soa como o resultado mais triste de todos. Prefiro estar aqui e ele não me querer aqui do que não estar aqui quando ele espera que eu esteja.

Kevin ligou na semana passada e disse que Samson foi aprovado para liberdade antecipada. Eu sabia que era o que ele

ia me dizer antes mesmo de atender seu telefonema, porque Kevin nunca liga para mim. Sou eu que ligo para ele para saber se há novidades. Ligo tanto para ele que provavelmente sou mais irritante para ele do que um operador de telemarketing.

Estou sentada de pernas cruzadas no capô, comendo uma maçã que acabei de tirar da minha bolsa. Já faz quatro horas que estou aqui.

Há um homem no carro ao meu lado que também está esperando alguém ser solto. Ele sai para esticar as pernas e depois se encosta no carro. — Por quem você está aqui? — Ele pergunta.

Não sei como responder a isso, então encolho os ombros. — Um velho amigo que pode nem me querer aqui.

Ele chuta uma pedra. — Estou aqui pelo meu irmão. Terceira vez pegando-o. Esperançosamente, esta será sua última tentativa.

— Com sorte, — digo. Mas duvido. Aprendi o suficiente sobre o sistema penitenciário durante meu tempo na faculdade e tenho muito pouca fé na capacidade do sistema de reabilitar criminosos de maneira adequada.

É por isso que estou na faculdade de direito agora. Estou convencida de que Samson não estaria na posição em que está se tivesse melhor acesso aos recursos quando fosse solto pela

primeira vez. Mesmo que não termine com Samson no final disso, acabei com uma nova paixão por causa disso.

— A que horas eles costumam abrir as portas? — Pergunto ao homem.

O cara olha para o relógio. — Achei que seria antes do almoço. Eles estão atrasados hoje.

Alcanço minha bolsa que está no capô ao meu lado. — Você está com fome? Eu tenho chips.

Ele levanta as mãos, então eu as atiro para ele. — Obrigado, — ele diz, abrindo a bolsa. Ele coloca um na boca. — Boa sorte com o seu amigo.

Eu sorrio. — Boa sorte para o seu irmão.

Dou outra mordida na minha maçã e me inclino para trás no meu para-brisa. Levanto meu braço e corro meus dedos sobre minha tatuagem de cata-vento.

Odiei essa tatuagem depois que Samson foi preso. Era para me trazer boa sorte, mas em vez disso parecia que meu mundo ficou pior do que antes de me mudar para o Texas. Levei pelo menos um ano para apreciar totalmente essa tatuagem.

Além de tudo o que aconteceu com a prisão de Samson, todos os outros aspectos da minha vida melhoraram depois de fazer essa tatuagem. Aproximei-me de meu pai e de sua nova

família. Sara não é apenas minha irmã agora, mas minha melhor amiga absoluta no mundo.

Fui aceita na faculdade de direito. Nunca teria pensado, quando escolhi uma bola de vôlei pela primeira vez quando criança, que isso me levaria a me tornar uma advogada. *Eu.* A garota solitária que uma vez teve que fazer coisas impensáveis para se alimentar vai ser uma maldita advogada.

Acho que talvez essa tatuagem realmente mudou minha sorte no final. Não da maneira que esperava naquele momento, mas agora que estou neste ponto da minha vida, posso ver todas as coisas boas que vieram daquele verão. Samson sendo uma daquelas coisas boas, não importa quem ele seja hoje. Estou em um ponto da minha vida em que o resultado do meu futuro não será determinado pelo resultado de qualquer relacionamento potencial.

Quero que ele seja quem eu sempre acreditei que ele fosse? Absolutamente.

Eu vou desmoronar se ele não for? De modo nenhum.

Ainda sou feita de aço. *Venha para mim, mundo. Você não pode danificar o impermeável.*

— A porta está se abrindo, — diz o homem no carro ao meu lado.

Imediatamente me sento e coloco minha maçã na minha bolsa ao meu lado.

Pressiono minha palma contra meu peito e expiro quando alguém começa a sair do prédio. Não é Samson.

Escorregaria do carro e me levantaria, mas estou com medo de que minhas pernas estejam fracas demais para me segurar. Estou a cerca de seis metros da entrada, mas há uma chance de que ele não me veja se não estiver esperando que alguém esteja esperando por ele.

O homem que acabou de sair parece estar na casa dos cinquenta. Ele verifica o estacionamento até encontrar o carro ao lado do meu. Ele acena com a cabeça e seu irmão nem sequer sai do carro. O homem se aproxima e sobe no banco do passageiro e eles decolam como se fosse um aeroporto e essas viagens sejam normais.

Ainda estou sentada de pernas cruzadas no capô quando finalmente o vejo.

Samson emerge do prédio e protege os olhos da luz do sol enquanto olha para a calçada em direção ao ônibus.

Meu coração está batendo tão rápido. Muito mais rápido do que pensei que estaria. É como se todos os sentimentos que tive quando era uma garota de dezenove anos estivessem acordando ao mesmo tempo.

Ele parece quase o mesmo. Mais homem do que menino agora, e seu cabelo está um pouco mais escuro, mas fora isso, ele se parece exatamente com o que parecia nas minhas memórias. Ele afasta o cabelo do rosto e começa a caminhar em direção ao estacionamento do ônibus sem olhar para o estacionamento.

Não sei se devo chamar seu nome ou correr até ele. Ele está se afastando de mim, em direção ao estacionamento do ônibus. Eu pressiono minhas mãos contra o capô, preparada para deslizar para fora, quando ele para de andar.

Ele fica parado por um momento, de costas para mim enquanto prendo a respiração em antecipação. É como se quisesse olhar, mas tem medo de não encontrar ninguém.

Eventualmente, ele começa a se virar, como se pudesse sentir minha presença. Seus olhos se conectam com os meus, e ele me encara por muito tempo. Ele está tão ilegível agora quanto era naquela época, mas não preciso saber o que ele está pensando para sentir as emoções sendo liberadas entre nós.

Ele leva as mãos até a nuca e se vira como se não pudesse olhar para mim por mais um segundo. Eu vejo o movimento de seus ombros enquanto ele exala lentamente.

Ele me encara novamente, desta vez com uma expressão muito tocante. — Você foi para a faculdade, Beyah? — Ele grita do outro lado do estacionamento, como se fosse a pergunta mais

importante do mundo. Mais importante do que qualquer outro pensamento que possa estar passando por sua cabeça.

Assim que ele me pergunta isso, uma lágrima solitária e gorda rola pela minha bochecha. Eu concordo.

Quando faço isso, é como se toda a tensão em sua alma fosse liberada naquele momento. Ainda estou sentada no capô do meu carro, mas mesmo daqui posso ver o sulco de sua testa. Eu quero ir até ele e alisar e dizer a ele que finalmente está tudo bem.

Ele encara o concreto como se não soubesse o que fazer. Mas então ele descobre, porque começa a andar em minha direção com urgência. Ele corre os últimos três metros e eu suspiro quando ele encontra o carro porque ele não para por aí. Ele rasteja para o capô e imediatamente para cima de mim até que sou forçada a me encostar no para-brisa. Em seguida, sua boca está na minha e ele está se desculpando comigo com uma ferocidade silenciosa que sinto no meu íntimo.

Envolvo meus braços em volta do pescoço e é como se um único segundo nunca tivesse passado. Nós nos beijamos no capô do meu carro por vários segundos, até que Samson não consegue mais suportar. Ele se afasta e salta para fora do carro, então agarra minha cintura e me puxa para a borda, colocando meus pés no asfalto. Ele envolve seus braços em volta de mim e me abraça com mais força do que o primeiro abraço que ele me deu.

Os próximos minutos são uma combinação de lágrimas (principalmente minhas) e beijos e olhares um para o outro em descrença. Eu tinha tantas perguntas chegando, mas agora não consigo pensar em nenhuma.

Quando paramos de nos beijar por tempo suficiente para ele falar, ele diz: — Eu provavelmente deveria ter perguntado se você estava saindo com alguém antes de fazer isso.

Eu sorrio com um forte aceno de cabeça. — Estou muito solteira.

Ele me beija de novo, lentamente, e então encara minha boca como se fosse a coisa que ele mais sentia falta. — Eu sinto muito.

— Eu perdoo você.

E realmente é tão simples quanto isso.

Suas sobrancelhas se separam de alívio. Ele me puxa com força contra ele e solta um suspiro pesado em meu cabelo. — Não acredito que você está realmente aqui. — Ele me pega e me gira uma vez antes de me colocar de volta no chão. Ele encosta nossas testas e sorri. — E agora?

Eu ri. — Eu não faço ideia. O resto do meu dia dependia do resultado deste momento.

— O meu também. — Ele agarra minhas mãos e as puxa até sua boca, beijando meus dedos. Em seguida, ele aperta meus punhos contra o peito e diz: — Eu preciso ver Darya.

Suas palavras me lembram uma linha de um dos poemas de seu pai. Já os li tantas vezes, que os memorizei, então digo isso em voz alta. — Porque quando um homem diz *vou para casa*, ele deve ir para o mar.

Começo a me afastar dele para poder abrir a porta do carro, mas Samson agarra minha mão e me puxa de volta. — Meu pai escreveu isso. Você está com minha mochila?

Não é até este momento que percebo que Samson provavelmente presumiu que sua mochila se foi para sempre. — Sim. Peguei na noite em que te prenderam.

— Você guardou os poemas do meu pai para mim?

Eu concordo. — Claro que sim.

Há uma expressão de dor em seus olhos, como se ele estivesse tentando conter as lágrimas. Então ele fecha a distância entre nós e desliza seus dedos em meu cabelo, segurando minha cabeça em suas mãos. — Obrigado por acreditar em mim, Beyah.

—Você acreditou em mim primeiro, Samson. É o mínimo que posso fazer.

TRINTA E DOIS

Quando finalmente chegamos à praia, ele nem mesmo parou para apreciar. Ele saiu do carro, tirou a camisa e foi direto para ela. Estive sentada na areia observando-o nadar por um tempo. Ele é o único na água agora e sou a única na praia. Está vazio porque é outubro e Samson é louco por estar na água quando está tão frio.

Mas eu entendo. Ele precisa disso. Anos de terapia combinados com um mergulho.

Ele finalmente volta para mim, caindo na areia ao meu lado. Ele está encharcado e respirando com dificuldade, mas parece contente. Ele falou muito pouco no caminho até aqui, mas também não perguntei muito. Ele está privado de tudo o que amava há tanto tempo, quero dar-lhe tempo para absorver tudo antes de bombardeá-lo com perguntas sobre os últimos anos.

Ele olha para trás. — Ninguém mora na casa de Marjorie?

— Não.

Ele pergunta porque é óbvio que a casa não foi cuidada desde que estava vazia. Faltam telhas no telhado. A grama cresceu ao redor da fundação.

Marjorie faleceu em março, então Kevin provavelmente a colocará à venda em breve. Odiava que Samson não pudesse comparecer ao funeral dela. Eu sei que ela significou muito para ele. Ela até o visitou algumas vezes antes de morrer.

Samson se reposiciona de forma que ele está deitado na areia, com a cabeça no meu colo. Ele me encara com um olhar de conteúdo pacífico. Arrasto meus dedos por seu cabelo molhado e sorrio para ele.

— Onde está o Pepper Jack Cheese? — Ele pergunta.

Aceno minha cabeça em nossa casa. — Ele é um cachorro de dentro de casa agora. Ele e papai se uniram.

— E você e seu pai?

Eu sorrio. — Nós nos unimos também. Ele está ótimo.

Samson leva minha mão à boca e a beija. Então ele a agarra com as duas mãos e pressiona minha palma contra seu peito, segurando minha mão lá.

Tudo voltou ao lugar com ele quase assim que coloquei os olhos nele hoje. É como se um minuto nunca tivesse passado. Não tenho ideia do que o amanhã reserva, mas tudo que preciso está amarrado neste momento.

— Você está diferente, — diz ele. — Melhor. Mais feliz.

— Eu estou. — Posso sentir seu coração batendo forte contra minha palma. — Eu não vou mentir, estava tão brava com você no começo, mas você estava certo. Era o melhor. Eu nunca teria saído de outra forma.

— Foi horrível, — diz ele com um sorriso contraditório. — Tortura completa. Não sei dizer quantas vezes quase cedi e pedi seu endereço a Kevin.

Eu ri. — Fico feliz em saber que você pensou em mim.

— A cada minuto, — ele diz com confiança. Ele estende a mão e toca minha bochecha. Eu me inclino em sua palma. — Posso te fazer uma pergunta pessoal?

Concordo.

— Você namorou outros caras?

Pisco duas vezes. Esperava que ele me perguntasse isso, mas talvez não tão cedo.

Ele se levanta em seu braço até ficar cara a cara comigo. Ele estende a mão ao meu redor e pressiona uma mão reconfortante na minha nuca. — Só estou perguntando porque espero que sua resposta seja sim.

— Você está *esperando que* eu saia com outras pessoas?

Ele encolhe os ombros. — Não estou dizendo que não ficaria com ciúmes. Só espero que você realmente tenha se divertido na

faculdade e não tenha tratado seu dormitório como uma cela de prisão.

— Eu namorei, — digo. — Eu até tive um namorado por um tempo durante o primeiro ano.

— Ele foi legal?

Eu concordo. — Ele era. Mas ele não era você. — Eu me inclino para frente e o beijo brevemente. — Eu fiz amigos. Eu saí. Tirei boas notas. E até adorei meu time de vôlei. Éramos muito bons.

Samson sorri e, em seguida, retoma sua posição colocando a cabeça em minhas coxas. — Bom. Não me arrependo da minha decisão, então.

— Bom.

— Como está Sara? Ela e Marcos ainda estão juntos?

— Sim, eles se casaram ano passado. Ela está grávida de quatro meses.

— Bom para eles. Esperava que isso desse certo. E a linha de roupas dele? Alguma vez decolou?

Aponto para uma casa na praia. Samson se levanta sobre os cotovelos para que possa ver para onde estou apontando. — Essa é a casa deles. Eles acabaram de terminar a construção há seis meses.

— Aquela amarela?

— Sim.

— Droga.

— Sim, a linha de roupas está indo bem. Ele tem muitos seguidores no TikTok, então isso deu um grande impulso ao seu produto.

Samson balança a cabeça. — TikTok?

Eu ri. — Vou te mostrar mais tarde, quando você comprar um novo telefone.

— Oh, como a situação mudou, — diz Samson. Ele se move até se sentar ao meu lado novamente. Ele limpa a areia de si mesmo. — Podemos ir vê-los?

— Sara e Marcos? Agora mesmo?

— Não neste segundo, — ele diz. — Quero mais tempo para alcançar você. Eu também gostaria de ver seu pai. Devo a ele um pedido de desculpas ou dez.

— Sim, isso não vai ser fácil.

— Eu sei. Mas sou persistente. — Samson envolve um braço em volta de mim e me puxa para ele. Ele beija o topo da minha cabeça.

— Do que devo chamá-lo? Shawn ou Samson?

— Samson, — diz ele imediatamente. — Nunca me senti mais eu mesmo do que quando estive com você naquele verão. Isso é exatamente quem quero ser. Para sempre.

Envolvo meus braços em volta dos joelhos e enterro minha boca em meu cotovelo para esconder meu sorriso.

— Onde você mora agora? — Samson me pergunta.

Aceno com a cabeça na casa de praia do meu pai. — Estou com meu pai e Alana esta semana, mas tenho um apartamento em Houston. Estou na faculdade de direito.

— De jeito nenhum.

Eu ri. — Estou. Acabei de começar meu primeiro semestre em agosto.

Samson balança a cabeça com uma mistura de orgulho e descrença no rosto. — Eu não sabia o que você queria fazer.

— Eu também não sabia até você ser preso. Kevin tem sido muito útil. Na verdade, estou prestes a iniciar um estágio em seu escritório.

Samson sorri suavemente. — Estou orgulhoso de você.

— Obrigada.

— Tive algumas aulas na faculdade na prisão, — diz ele. — Vou tentar entrar na escola em algum momento, se alguém me levar.

Seus olhos se afastam depois que ele diz isso, como se ele estivesse preocupado com todos os desafios que está prestes a enfrentar.

— Como era a prisão?

Ele suspira. — Real, realmente uma merda. Eu atribuo um em dez. Não recomendo.

Eu ri. — Qual é o próximo passo? Onde você vai ficar?

Samson encolhe os ombros. — Kevin tem todas essas informações. Diz que ele armou algo temporário para mim. Eu deveria ligar para ele assim que fosse liberado, na verdade.

Minha boca se abre. — Samson! Já se passaram quatro horas. Você não ligou para ele?

— Eu não tenho telefone. Eu ia perguntar se poderia usar o seu, mas estou um pouco desviado.

Rolo meus olhos e pego meu celular. — Se você violar a liberdade condicional por algo tão estúpido, estou levando você para a prisão.

Samson tira a areia das mãos e pega o telefone depois que disco o número de Kevin. Kevin atende após o segundo toque.

— Ainda não ouvi falar dele, — diz Kevin, presumindo que seja eu ligando. — Prometi que ligaria para você assim que ligasse.

Samson sorri para mim enquanto fala no meu telefone. — Sou eu, Kevin. Estou fora.

Há uma pausa na ponta de Kevin antes que ele diga: — Este é o número de Beyah. Você está com ela?

— Sim.

— Onde você está?

— Estamos na praia.

— Beyah pode me ouvir? — Kevin pergunta.

— Sim, — digo, inclinando-me em direção ao telefone.

— Eu acho que você estava certa sobre ele.

— Claro que sim, — digo com um sorriso.

— Eu disse que você ia ser uma grande advogada com esse tipo de compromisso, — diz Kevin. —Ouça, Samson. Você está ouvindo?

— Sim.

— Vou mandar um e-mail para você com as informações do seu oficial de condicional hoje. Você tem sete dias para verificar

com ele. Você encontrará sua chave sob a rocha à direita da lata de lixo.

Samson olha para mim e levanta uma sobrancelha. — Que chave?

— A chave da casa da minha mãe.

Samson olha por cima do ombro para a casa de Marjorie. — Não sei o que você quer dizer.

— Sim, eu sei. Minha mãe me fez prometer que não contaria a você antes de você ser libertado, *por isso* o instruí a me ligar assim que saísse. Você segue as instruções terrivelmente. A escritura está no meu escritório, posso trazê-la ainda esta semana. Tentei fazer o que pude com a casa, mas a vida tem sido ocupada. Precisa de muito trabalho.

A expressão de descrença no rosto de Samson é algo que eu gostaria de poder tirar uma foto. Tenho certeza de que o mesmo olhar está estampado em meu próprio rosto.

— Isso é uma piada? — Samson pergunta.

— Não. Você cometeu alguns erros estúpidos, mas também fez muitas coisas boas para muitas pessoas naquela comunidade. Minha mãe sendo uma delas. Ela achava que você merecia chamar aquele lugar de sua casa porque sabia o quanto você o amava.

Samson solta um suspiro trêmulo e depois deixa cair o telefone na areia. Ele se levanta do chão e se afasta de sua conversa com Kevin. Ele faz uma pausa perto da água e agarra a nuca.

Pego o telefone e limpo a areia dele. — Podemos ligar de volta mais tarde, Kevin?

— Está tudo bem?

Vejo Samson enquanto ele luta para absorver tudo que Kevin acabou de dizer a ele. — Sim. Acho que ele só precisa de um tempo para processar isso.

Depois de encerrar a ligação, vou até Samson. Fico na frente dele e levanto minhas mãos, enxugando as lágrimas de seu rosto como ele fez por mim tantas vezes.

Ele balança a cabeça. — Eu não mereço essa casa, Beyah.

Pego seu rosto em minhas mãos e o inclino até que seu foco esteja no meu. — Você já foi punido o suficiente. Aceite todas as coisas boas que a vida está jogando em você hoje.

Ele solta uma respiração rápida e me puxa com força. Não o deixo me abraçar por muito tempo porque estou muito animada para encontrar a chave. Pego sua mão e o puxo para longe da praia.

— Vamos lá, quero ver sua casa.

Encontramos a chave exatamente onde Kevin disse que estaria. Quando Samson vai inseri-la na fechadura da porta, suas mãos estão tremendo. Ele tem que parar por um momento e pressionar as palmas das mãos no batente da porta. — Isso não pode ser real, — ele sussurra.

Está escuro quando entramos, mas posso ver a camada de poeira no chão antes que ele acenda a luz. Há um cheiro de mofo e salgado no local. Mas, conhecendo Samson, essas são coisas que ele terá consertado amanhã.

Ele toca tudo enquanto caminhamos pela casa. Os armários, as paredes, as maçanetas, todos os móveis de Marjorie que ainda estão aqui. Ele entra em todos os cômodos e suspira em todos eles como se não pudesse acreditar que esta é a sua vida.

Também não consigo acreditar.

Samson finalmente abre a porta para a escada que leva ao acesso ao telhado. Eu o sigo escada acima e no telhado, onde ele se senta. Ele abre as pernas e dá um tapinha na área de espaço entre elas, querendo que me sente com ele.

Eu me abaixo no telhado e, em seguida, inclino-me contra o ombro de Samson. Ele envolve seus braços em volta de mim, e por mais bonita que seja a vista daqui, aperto meus olhos porque eu sinto falta dos sentimentos que tenho por ele. Mais do que sabia.

Passei tanto tempo tentando não os sentir, estava começando a me preocupar, não sentia mais nada. Mas os sentimentos nunca foram embora. Eles nunca partiram. Eu apenas forcei tudo a dormir para não doer tanto.

De vez em quando, Samson balança a cabeça em total descrença. Eu o conheço como uma pessoa quieta desde que o conheci, mas ele nunca ficou tão sem palavras perto de mim. Eu amo sua reação. Adoro testemunhar sua mudança de vida para melhor diante dos meus olhos.

Olhe para nós. Duas crianças solitárias que escaparam por todas as fendas, mas depois subiram de volta ao topo do mundo.

Samson toca meu rosto, incitando-me a inclinar minha cabeça para trás para que eu possa vê-lo. Ele está olhando para mim do jeito que o vi olhar para mim tantas vezes naquele verão - como se eu fosse a coisa mais interessante nesta península.

Ele me beija, então abaixa a cabeça e pressiona seus lábios no meu ombro. Ele descansa sua boca contra minha pele por um tempo, como se estivesse compensando por todos os anos que não pôde me beijar ali. — Eu te amo.

Essas três palavras são um simples sussurro contra minha pele, mas fornecem pressão suficiente para que sinta o osso do meu coração curar completamente.

Inclino minha cabeça para trás em seu ombro e olho para a água. — Eu também te amo, Samson.

FIM